

# A Feiticeira de Gynfelin

Maura Seger



**Clássicos da Literatura Romântica nº 118**

Publicado originalmente em: 1992

Título original: Light on the Mountain

Copyright para a língua portuguesa: 1992

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

**Digitalização: Palas Atenéia**

**Revisão: Marcilene Chaves**

***Uma estranha atração nascida no primeiro encontro  
A coragem de uma mulher desafia a hipocrisia da sociedade!***

***País de Gales, 1857***

*Morgana Penrhys não se submetia ao destino sem lutar. Descendente das antigas sacerdotisas celtas, a corajosa professora estava disposta a acabar com as injustiças sociais que penalizavam o povo de Gynfelin.*

*O poder de mudar a realidade estava nas mãos de David Harrell, o jovem e autoritário marquês de Montfort. Apesar do abismo que a separava do senhor das terras, Morgana obstinou-se a enfrentá-lo. Com um plano audacioso, pretendia convencê-lo a iniciar importantes mudanças na pequena aldeia. Para tanto, teria de conviver com esse homem, que ameaçava sua paz de espírito, arriscando-se a tornar-se vítima de sua atração perigosa.*



# CAPÍTULO I

**País de Gales  
Primavera de 1857**

Ladeada por ciprestes esguios, a estrada estendia-se entre as colinas envoltas pela névoa e o mar revoltoso. Contornando rochedos e encostas, a estreita faixa de terra finalmente alcançava a aldeia, um povoado de encanto pitoresco, formado por um punhado de casas rústicas, de tetos baixos e paredes muito alvas, que se agrupavam em torno da praça central e da igreja.

Gynfelin era o tipo de aldeia que todos os artistas sonhavam em retratar. Quando se afastavam do local, prosseguindo suas caminhadas de verão, os pintores levavam em suas pastas inúmeras aquarelas, recordações de um recanto aprazível e perdido no interior de Gales.

Mas certamente esses artistas que buscavam o pitoresco nunca haviam se aproximado da aldeia no início da primavera, quando a terra despida de vegetação ainda lutava para se recuperar do rigor do inverno e a chuva constante formava uma impenetrável cortina cinzenta sobre toda a região.

Morgana Penrhys seria capaz de apostar que nenhum artista pintaria Gynfelin com cores tão sombrias. Na verdade, ela nem sequer pensaria em arriscar a sorte em apostas porque professoras que não se comportam com austeridade e dentro dos padrões convencionais acabam por perder o emprego.

Suspirando, ela fechou mais o casaco que já estava encharcado. Maldito tempo, maldita estrada sem-fim e, acima de tudo, maldito Thomas Trelawney, bêbado inveterado e péssimo pai!

Nada a teria tirado de casa num dia tão frio e chuvoso a não ser a descoberta enfurecedora de que seu melhor aluno não iria mais frequentar a escola.

Owen Trelawney era um garoto de doze anos, dócil e frágil, que preferia ouvir a falar. Seu silêncio, porém, ocultava uma inteligência muito superior a sua idade e uma ânsia de aprender que rivalizava com a de Morgana. Se lhe fosse dada uma oportunidade, ainda que pequena, ele seria capaz de construir uma vida além das tristes limitações de Gynfelin.

E o pai pretendia negar-lhe essa chance única!

O problema de Owen despertara a habitual cólera de Morgana contra as injustiças sociais e seu rosto estava corado apesar do vento frio que vinha do mar. Aos vinte e sete anos, ela ainda tinha a silhueta esguia de uma adolescente, e o rosto delicado, cercado por uma profusão de cachos de um ruivo dourado, revelava inocência e ousadia. Mas os olhos, do verde escuro das águas profundas do mar de Gales, refletiam uma sabedoria muito além de sua idade.

O casaco, que falhara em protegê-la contra a chuva, era simples e prático, como também o vestido de lã e as botas que agora afundavam na lama. Nenhuma de suas roupas evidenciava qualquer concessão à moda ou à graciosidade de linhas. A própria Morgana reconhecia que a palavra exata para descrevê-la seria sensatez.

Como ela se surpreenderia se soubesse quantas pessoas discordavam dessa opinião!

Através da cortina de chuva, já se podia distinguir os contornos da cabana dos Trelawney e ela sentiu a raiva aumentar. Se Thomas se esforçasse um pouco, a casa não estaria quase em ruínas! A mãe de Owen se preocupava com a boa aparência de seu lar e o testemunho de seus cuidados eram os troncos secos das roseiras que ainda lutavam para sobreviver ao abandono. A pobre mulher morrera há cinco anos e deixara também o filho sem sua proteção contra a tirania do pai.

Maldito Trelawney e maldito todo o sistema de trabalho desumano! O país sacrificava as suas crianças, abreviando seu período escolar para utilizá-las como força produtiva. Ah, como lamentava que o futuro seria tão terrível quanto o passado!

Mas essa criança em especial não seria sacrificada. Não se Morgana Penrhys pudesse evitar!

A sua batida à porta não provocou nenhum resultado. Embora a tarde chegasse ao fim, talvez Trelawney estivesse dormindo. Os horários dos bêbados e arruaceiros como ele eram sempre irregulares, trocando o dia pela noite. Se fosse esse o caso, o pai de Owen teria um despertar bastante desagradável.

Depois de bater mais uma vez, sem sucesso, Morgana abriu a porta. Para sua surpresa, o interior da cabana dos Trelawney não era tão sórdido quanto ela imaginara. Havia poucos móveis, mas o chão tinha sido varrido, a lareira fora acesa e, no canto da sala, a mesa estava posta para o chá com uma toalha remendada porém impecavelmente limpa.

Morgana não tinha a menor dúvida de que Owen era o responsável pela arrumação, não o pai. Até a alcova onde ficava a cama de Thomas Trelawney fora arrumada mas os lençóis permaneciam intocados, demonstrando que o dono da casa não dormira ali naquela noite.

Ela saiu da casa, disposta a encontrar o pai de Owen que só podia estar por perto. Determinada a não desperdiçar seu tempo e suas energias em uma longa caminhada sob a chuva fria, Morgana fora até o bar da aldeia onde a tinham informado que Thomas já havia ido embora. Ele não se relacionava com ninguém em Gynfelin, era um homem sem amigos e não costumava se aventurar pelos vilarejos mais próximos; portanto, bastaria procurá-lo nos arredores da cabana.

Uma porta batendo a distância alertou Morgana. Nos fundos do terreno havia um barracão decrépito e Thomas Trelawney curvava-se para sair pela porta excessivamente baixa. Suas roupas estavam sujas e amarrotadas, a barba era de vários dias e ele tinha nas mãos um garrafão de cerâmica rústica.

Suspirando desanimada, Morgana preparou-se para enfrentar uma situação desagradável. Uma potente e letal aguardente era fabricada em destilarias escondidas nas colinas e vales de Gales desde tempos imemoriais. A maioria dos fabricantes caseiros procurava ser discreta em relação a essa atividade clandestina, mas não era o caso de Thomas Trelawney.

E por que ele respeitaria os outros se podia intimidar e coagir quem atravessasse seu caminho? O que Thomas Trelawney não suspeitava era que Morgana Penrhys não se acovardava diante de valentões dispostos a se valer da força física.

— Gostaria de ter uma conversa com o senhor, sr. Trelawney.

Assustado com a súbita aparição, Thomas virou-se de frente para Morgana. Os efeitos da bebedeira da véspera ainda perduravam e ele custou a reconhecer a professora da aldeia.

— Gostaria mesmo? — resmungou ele com um brilho malévolo nos olhos. — Pois eu acho que está perdendo o seu tempo, dona. Não tenho nada a conversar com ninguém.

Morgana forçou-se a suportar o cheiro de álcool e de sujeira que emanava de Thomas e a não recuar. Não permitiria que nenhum obstáculo a impedisse de lutar pelo futuro de Owen.

— Mas eu tenho algo a lhe dizer, senhor. Acabei de saber que pretende tirar Owen da escola.

— Ah! Aquele língua de trapo andou se queixando? O pilantra se julga bom demais para trabalhar honestamente e é mais do que hora de aprender! Vou fazer dele um homem!

— Um homem como o senhor?

Mesmo lembrando-se das admoestações do pai, que sempre a alertara sobre os perigos de seu gênio tempestuoso, Morgana não conseguiu se controlar.

— Nunca soube que desse tanta importância ao trabalho... honesto ou não, sr. Trelawney. Entretanto, está determinado a enviar seu filho para as minas de carvão... — ela quase engasgou de raiva — só para garantir que terá dinheiro para tomar suas bebedeiras quando bem lhe aprouver!

— Ora, sua...

Trelawney deu um passo à frente, brandindo o punho cerrado, mas Morgana não se intimidou.

— O seu filho é excepcionalmente inteligente e poderá ser alguém no futuro. Por que não lhe dá essa chance?

— Que chances eu tive, dona? Fui espezinhado desde o dia em que nasci! Comparada com a minha, a vida de Owen foi boa demais. Agora chegou a hora de ele pagar por tudo que recebeu.

Embora Morgana não soubesse nada sobre a vida de Thomas Trelawney, acreditava em suas palavras porque conhecia bem demais os problemas de Gales. Podia compreender o ressentimento e a revolta daquele homem vencido pelo ambiente e pelas circunstâncias, mas não aceitava que ele, assim como qualquer ser humano, se submetesse ao destino sem luta e muito menos que se entregasse à auto-piedade.

Thomas Trelawney era um homem adulto e devia ter a capacidade de superar seus próprios ressentimentos a fim de pensar no que seria melhor para o futuro do filho!

— Saia do meu caminho, dona intrometida! — urrou Trelawney, avançando na direção de Morgana. — Owen é meu filho e eu faço com ele o que me der na cabeça. E ponto final nessa conversa idiota!

Intrépida, Morgana enfrentou o homem enfurecido que se encaminhava para ela com um brilho ameaçador nos olhos embaçados por anos de excessivo consumo de aguardente.

— Além de ser seu filho, Owen é um ser humano e tem seus direitos, sr. Trelawney.

Se Morgana estivesse falando grego ou latim, Trelawney não teria se mostrado mais perplexo nem mais furioso. A constante repetição de seu nome precedido pelo incomum tratamento de cortesia finalmente penetrou o estupor alcoólico remanescente da noite anterior e ficou claro em sua mente que aquela professorinha intrometida estava zombando dele.

Na verdade, Morgana jamais se rebaixaria a usar uma tática tão indigna para vencer qualquer discussão. Ela desprezava Trelawney e tinha certeza que, se ele desaparecesse da face da terra, não faria a menor falta para a humanidade, mas não o tratara com cortesia apenas para evidenciar um sarcasmo ofensivo.

Infelizmente, o desprezo e a certeza de Morgana não tinham o dom de provocar o desaparecimento de Trelawney e aconteceu o inevitável. Aquele homem violento e incapaz de pensar em ninguém a não ser em si mesmo não estava disposto a ouvir desaforos de uma professorinha que insistia em provocar sua raiva.

Num momento, os dois se fitavam a alguns metros de distância. Uma fração de segundo depois, Trelawney estava diante dela com os punhos erguidos.

— Sou eu que mando na minha casa e ninguém, muito menos uma dona solteirona e intrometida, vai me fazer mudar de idéia.

Apesar de jovem, Morgana não era excessivamente ingênua nem levava uma vida protegida das maldades do mundo, no entanto também nunca fora exposta à violência. Ela não poderia prever que uma discussão acalorada fosse se transformar em agressão física.

O soco atingiu-a no lado do rosto, provocando uma dor lancinante que durou até o momento da perda total da consciência. Ela não percebeu que estava caindo nem ouviu o grito angustiado muito próximo.

No caminho de volta da escola, Owen Trelawney tinha parado na casa da viúva Cardon e se oferecera para ajudá-la, como ocasionalmente fazia. Adiará o mais possível o momento de retornar à cabana sem conforto onde o esperavam apenas as habituais brutalidades do pai.

Mas não podia prolongar indefinidamente o desempenho de tarefas banais e ele acabou retomando o caminho de volta, também com deliberada lentidão. Chegou em casa no momento exato em que Morgana caía.

Owen não era um garoto agressivo. Pequeno e magro, ele não podia enfrentar os meninos maiores em lutas físicas, por isso se disciplinara a não revidar, a ignorar os insultos e a fugir dos confrontos perigosos. Naquele instante, apagaram-se de sua mente todas as lições de sobrevivência duramente aprendidas.

A srta. Penrhys era a única luz em sua vida de sombras, a única pessoa que realmente o conhecia e acreditava nele. A única que abria seus horizontes, mostrando-lhe a possibilidade de um futuro melhor. Naquela manhã, Owen tivera de comunicar a decisão do pai à professora e fingira não estar sofrendo com a morte de todas as suas esperanças.

Evidentemente, seu desempenho não a convencera e a professora tinha vindo lutar em sua defesa, enfrentando a batalha que ele não poderia vencer sozinho.

E seu pai a agredira...

Privado de raciocínio, Owen atirou-se contra o pai, agarrando-o pelo pescoço. Trelawney urrava e tentava se livrar das mãos frágeis que dificultavam sua respiração.

Mas a raiva reprimida ao longo dos anos dava forças a Owen. Ele conseguiu manter-se agarrado ao pescoço do pai por um longo tempo e então viu a foice encostada na parede do barracão.

Pai e filho estenderam a mão ao mesmo tempo em busca da arma.

— Não, Owen! — gritou Morgana que acabara de recuperar a consciência.

Ela tentou levantar-se do chão, ansiosa por alcançar o garoto antes que ocorresse uma tragédia. Sentia-se culpada por ter vindo pois não previra que a situação pudesse escapar de seu controle. Um filho erguendo a mão contra o pai era um pecado mortal...

Mas Morgana também não previra que Trelawney, finalmente livre das mãos de Owen, fosse apanhar a foice e avançar em direção ao filho.

Caído ao chão, Owen esperava pelo golpe final enquanto Morgana gritava, impotente diante da força e da fúria de Trelawney.

Então um tiro ecoou na tarde silenciosa, como o ribombar de um trovão muito próximo, e ouviu-se em seguida o galopar de um cavalo. Morgana conseguira se erguer e, diante de seus olhos incrédulos, surgiu um imenso corcel negro.

A jovem mulher que jamais se entregara a demonstrações histéricas em toda a sua vida só não gritou de pavor porque não tinha condições de emitir um único som.

O animal resfolegava, formando uma nuvem de vapor em torno de seu focinho. Por um instante, Morgana pensou estar diante de um dos mitológicos dragões que haviam vivido nas terras de Gales séculos atrás. Ela logo recuperou a lucidez habitual e teria se entusiasmado com a beleza do cavalo se não estivesse ainda assustada com o cavaleiro.

O homem alto e protegido da chuva por uma ampla capa negra que flutuava ao vento, observava a cena do alto do imenso cavalo. Suas feições duras como as de um guerreiro lendário refletiam raiva e poder.

— Levante-se!

O cavaleiro não estava se dirigindo a Morgana como ela inicialmente imaginara. Seu olhar duro permanecia pousado em Trelawney. Com um gesto preciso, o

desconhecido estalou um longo chicote de couro trançado e a ponta de fios soltos envolveu o pescoço do pai de Owen.

— Estou falando com você, canalha.

A voz clara e bastante humana do desconhecido trouxe Morgana de volta à realidade. Ela não estava vivendo nos tempos lendários, nem diante de um dragão que surgira conduzindo um deus vingador em seu socorro.

Trelawney reagiu com uma surpreendente rapidez diante do desastre iminente.

— Por favor... Foi tudo um mal-entendido. Essa mulher...

— Silêncio — disse o desconhecido com a voz perigosamente baixa.

Trelawney ainda abriu a boca para replicar mas só se fosse cego não veria que uma única palavra poderia significar a morte. Calou-se, apavorado.

— Quem é você? — perguntou o homem a Morgana.

Ela esforçou-se por não demonstrar o pânico que sentia diante de toda a situação. Nunca encontrara antes um homem de presença tão marcante nem tão alto e certamente jamais vira alguém com feições que causariam inveja a um deus da mitologia grega. Cabelos muito negros e rebeldes emolduravam um rosto másculo e os olhos cor de aço a compeliavam a responder.

— Morgana Penrhys — murmurou, sentindo que a voz se tornava pouco a pouco mais firme. — Sou professora na escola de Gynfelin e este garoto é um de meus alunos. Vim até aqui para tentar convencer o pai dele a não enviá-lo para as minas.

— Ela não tem esse direito, excelência!

Trelawney mudara de atitude e postura, curvando os ombros e tentando se mostrar humilde e incapaz de qualquer violência.

— Não é verdade que a casa de um homem, mesmo se ele for muito pobre, é seu castelo? Acho que tenho o direito de decidir o que é melhor para o meu filho, excelência.

O desconhecido desviou o olhar de Trelawney e examinou Owen que acabara de se levantar do chão e tentava, envergonhado, secar as lágrimas. Notou as roupas gastas e remendadas, o corpo magro e o rosto pálido e encovado.

— Aparentemente, seu julgamento deixa muito a desejar — declarou o homem em voz baixa, voltando a fitar Trelawney.

Sentindo as esperanças renascerem, Morgana passou o braço nos ombros de Owen e, junto com o garoto, aproximou-se mais do desconhecido.

— Embora não saiba quem é o senhor, agradeço-lhe muito a ajuda.

Os lábios do homem se curvaram num sorriso misterioso que a mãe de Morgana dizia ser o modo de rir dos magos e... dos bruxos.

— Peço-lhe perdão, senhorita — disse ele com uma inesperada solenidade. — Sou o marquês de Montfort.

A revelação da identidade do desconhecido provocou reações diferentes nas três pessoas envolvidas na situação. Trelawney gemeu e sua pele adquiriu um tom esverdeado que talvez indicasse um súbito ataque de náuseas. Owen arregalou os olhos, empalidecendo ainda mais. E Morgana, que se orgulhava de manter a calma em todo o tipo de situação, conseguiu disfarçar a perturbação, embora suas pernas tremessem.

O título de marquês de Montfort representaria poder e fortuna em qualquer parte mas, em Gynfelin, tinha um significado quase sobrenatural porque ele simplesmente era o dono de toda a aldeia. A esse homem pertencia cada casa, campo, árvore e arbusto, também a igreja, a escola, as terras comunitárias, a estrada e o ar.

Como quase todos os habitantes de Gales, Morgana passara toda a sua vida à sombra dos poderosos senhores feudais, esses seres de um mundo estranho, cujas ordens, vindas de Londres e de outros lugares distantes, afetavam a vida dos camponeses, trazendo miséria e sofrimento.

Sem dúvida alguma, o século dezenove, já chegando ao meio, estava muito distante do feudalismo, pois a indústria transformara a face do império britânico, dando ao

homem o poder de realizar grandes conquistas. Mas naquele remoto rincão do país de Gales, o marquês "de Montfort continuava sendo um senhor com o direito de vida e morte sobre seus vassalos.

E o que mais apavorava os três era a súbita aparição de um senhor até então ausente e que nenhum dos moradores de Gynfelin conseguira avistar desde sua chegada, há quinze dias.

Ele nascera e fora criado bem longe da propriedade familiar em Gales e nunca visitara suas terras antes. A sua vinda provocou tremores de apreensão em toda a aldeia cujos moradores, sempre lutando para sobreviver, previam um aumento de impostos. O assunto de todas as conversas era a chegada do marquês de Montfort e tentava-se descobrir antecipadamente quais seriam suas intenções. Entretanto ninguém o avistara nem sequer a distância, a não ser os empregados da mansão, e nenhum deles ousava abrir a boca por medo de perder o emprego.

Agora o misterioso senhor surgira diante dos olhos chocados de três cidadãos comuns como uma aparição sobrenatural e vingativa. Trelawney foi o primeiro a se recuperar. Em questão de segundos, desapareceu o valentão propenso à violência para dar lugar a um homem de abjeta servilidade que reiterava insistentemente sua lealdade ao senhor enquanto desfechava olhares do mais puro ódio em direção à mulher e à criança que o haviam colocado nessa situação de extremo perigo.

— Não sabe nem o tamanho da minha vergonha, milorde — disse Trelawney num retrato fiel de humildade. — Sua Excelência não podia ser incomodada pelos meus pequenos problemas domésticos. Resolverei tudo sozinho, juro!

— Você está mesmo ansioso por solucionar o que chama de pequeno problema doméstico, Trelawney? — perguntou o marquês com uma expressão de estranha suavidade.

— É claro que sim, milorde! Sempre fui um agricultor leal e um bom inquilino. Nunca deixei de pagar o aluguel.

— Na verdade, você está com um atraso de vários anos no pagamento de todas as suas obrigações — interrompeu o marquês, ainda sem demonstrar qualquer alteração nas feições calmas. — Até agora, não prestei muita atenção em detalhes desse tipo, mas percebo que é chegada a hora de me ocupar com minhas propriedades. Entretanto, vamos tratar em primeiro lugar do que é mais importante.

Ele voltou-se para Owen que, num esforço sobre-humano, conseguiu não desviar os olhos.

— Nenhum homem deve carregar as honras ou as culpas por feitos gloriosos ou indignos de seus pais, mas ser responsável apenas pelo que faz da própria vida. O que você pretende fazer com a sua, criança?

Trêmula, Morgana ergueu umaprece silenciosa pedindo a Deus que ajudasse Owen a encontrar as palavras certas. Mais tarde, ela tentaria compreender por que o marquês de Montfort nutria sentimentos tão incoerentes para um aristocrata sobre a insignificância do valor dos feitos de seus antepassados.

— Eu quero aprender, senhor — disse Owen com uma voz inesperadamente firme.

— Aprender o quê? — perguntou o marquês, sem dar trégua ao garoto.

Owen não escondeu sua perplexidade. Ele jamais pensara em escolher apenas um tema de aprendizado, limitando-se a conhecer um único assunto.

— Quero aprender o mais possível, senhor. Tudo.

O marquês sorriu como se estivesse gostando da situação em que o acaso o colocara.

— Você certamente não aprenderá nada nãs minas e muito menos aqui. — Ele hesitou um instante antes de prosseguir: — É melhor vir comigo.

— S-Senhor? — balbuciou Owen, atônito.



— Vamos para a mansão Montfort, garoto. Lá decidiremos que rumo dar à sua vida de aprendiz de estudante.

Sem esperar que Owen se recuperasse da surpresa, o marquês desmontou e deu alguns passos em direção a Morgana.

— A senhorita também, professora Penrhys.

Ela pretendia protestar mas não tinha condições de emitir um único som. Sem fala, sentiu as mãos dele rodearem sua cintura e, com uma facilidade surpreendente, encontrou-se sentada sobre a sela do imenso cavalo.

— Segure-se bem — avisou ele enquanto puxava o animal pelas rédeas.

Boquiaberto, Trelawney teve a sensação de que a bebida acabara por provocar estranhas alucinações delirantes em sua mente.

Ele não podia estar vendo o poderoso senhor de Montfort caminhando de mão dada com o seu filho e, com a outra mão, puxando a professora da aldeia que montava o magnífico corcel negro.

O estranho trio se afastou lentamente até desaparecer na neblina como se fosse realmente apenas um produto de sua imaginação alterada pela potente aguardente de Gales.

## CAPÍTULO II

A catacumba de pedra sob a igreja de Gynfelin fora o que restara de uma antiga abadia construída séculos atrás e destruída em uma das inúmeras batalhas pelo domínio de Gales. Em uma alcova de rocha nua, havia um enorme baú de metal embolorado, preso por velhas correias de couro, e dentro dele estava todo o passado daquela aldeia e da região que a cercava sob a forma dos registros da paróquia.

Periodicamente, falava-se em remover os documentos, fontes históricas raras e de grande importância, para um local mais seguro e de mais fácil alcance para os estudiosos do passado. A conversa sempre acabava morrendo e o baú permanecia na igreja onde sempre estivera, para grande satisfação do reverendo Jonathan Armbruster.

O reverendo se regozijava com a falta de iniciativa dos historiadores porque preferia ter os arquivos à sua disposição. Embora sua obrigação fosse aperfeiçoar seu conhecimento das Sagradas Escrituras, seu verdadeiro interesse era o estudo do passado.

Ninguém pesquisara com tanta profundidade os arquivos de Gynfelin quanto o reverendo Armbruster. Os sobrenomes nos registros de nascimento e óbito, nas certidões de batismo e casamento eram tão reais quanto o dos atuais habitantes da aldeia. Na verdade, repetiam-se sempre os mesmos nomes, que se transmitiam de geração em geração desde um passado remoto e, aparentemente, perdurariam num futuro longínquo.

Nos documentos mais antigos, em que a tinta quase desaparecera e o pergaminho tendia a se desfazer a um simples toque, o sobrenome Montfort surgia com frequência e se destacava por sua importância.

Era um sobrenome de origem normanda que evocava poderosas fortalezas de pedra e homens capazes de as manterem inexpugnáveis.

Os primeiros Montfort tinham atravessado o canal da Mancha com Guilherme, o Conquistador, para invadir a ilha britânica. Em apenas uma geração, a família se espalhara por toda a Inglaterra. Alguns haviam se estabelecido em Gales e um deles recebera Gynfelin de um soberano agradecido, em pagamento por serviços prestados.

A primeira mansão senhorial dos Montfort em Gynfelin fora uma simples torre de pedra com o intuito único de manter os inimigos afastados da região. Com o passar do tempo, o fosso passou a proteger novas construções menos rudimentares, mas o objetivo continuava a ser a defesa e não o conforto dos membros da família e seus servidores.

Só quando completou-se o domínio absoluto da Inglaterra sobre todas as regiões de Gales, a fortaleza deu lugar a uma imponente mansão em estilo Tudor, construída para celebrar a importância do nome familiar. Através de sucessivas reformas, a residência dos Montfort em Gynfelin adquiriu sua estrutura atual, a de uma fastosa moradia campestre em estilo georgiano.

Para o reverendo Armbruster, a mansão dos Montfort representava o que havia de mais requintado e gracioso na arquitetura inglesa. Morgana, porém, tinha uma visão muito diferente. Sentada sobre um cavalo imenso que a apavorava, ensopada até os ossos e com o rosto doendo, ela viu apenas uma construção mais imponente do que encantadora e sem nenhuma harmonia repousante.

Ela já vira antes a mansão dos Montfort, embora sempre a distância, pois de qualquer ponto da aldeia ou de seus arredores avistava-se a residência dos senhores de Gynfelin. Nos dias de sol, as alvas paredes externas refletiam a luz e os vidros das janelas brilhavam como diamantes. Quando o nevoeiro cobria a aldeia, o telhado de ardósia e as trabalhadas torres ornamentais flutuavam acima da bruma com a imponência de um navio singrando as ondas.

Em qualquer estação e com qualquer tempo, a mansão Montfort era magnífica, imponente e sempre intimidante para os moradores de Gynfelin. Mas, com a proximidade,

acentuava-se a sensação de ameaça e receio, provocada por um fausto irreal para os camponeses daquela região pobre.

Uma aléia de cascalho branco, ladeada por carvalhos centenários, se estendia até o pórtico de colunas onde, apesar da chuva, do vento gelado e da luz cambiante do início da noite, já estavam os criados à espera do senhor. Alertados pelo som dos cascos do cavalo sobre o pedrisco ou talvez ansiosos por saber quem ele trouxera para casa, os serviços domésticos permaneciam alinhados junto à porta mas sem demonstrar o menor indício de curiosidade.

O mordomo e um cavaleiro se adiantaram para receber o marquês de Montfort. Enquanto se encarregava das rédeas do cavalo, o jovem criado das cocheiras não conseguiu disfarçar um olhar de espanto em direção à mulher que se agarrava à crina do imenso animal com uma nítida expressão de pavor.

Morgana foi retirada da sela com a mesma facilidade com que fora acomodada sobre o cavalo. O sorriso do marquês ao colocá-la no chão sugeria que ela não teria condições de desmontar sozinha nem por todo o chá da China ou melhor, nem por toda a chuva de Gales, no momento mais abundante!

— Milorde? — murmurou o mordomo, sem demonstrar nenhuma emoção em sua fisionomia impassível.

Entretanto, uma simples palavra podia ter nuances significativas e Morgana sentiu que o mordomo a avaliava, examinando-a da cabeça aos pés.

— Mais tarde, Sebastian.

O marquês sorriu para o mordomo de cabelos grisalhos, aparentemente sem se chocar com a atitude pouco humilde do criado. Na verdade, ele reagia como se achasse normal essa intimidade incomum. Então, segurando Morgana pelo braço, conduziu-a na direção da porta.

— Entre.

Acostumada a ter um domínio quase absoluto sobre suas reações impulsivas, Morgana assustou-se por não conseguir reprimir uma exclamação de espanto diante do vestíbulo.

— É um tanto excessivo, concorda? — comentou o marquês, com um sorriso complacente. — Foi meu avô quem encomendou as últimas reformas desta casa e certamente exagerou nos detalhes. Aliás, ninguém sabe por que ele se preocupou com isso, pois nunca dormiu sob este teto uma noite sequer.

Uma súbita onda de indignação suplantou a reação inicial de perplexidade. Rodeada por paredes de madeira dourada, colunas de mármore e castiçais rebrilhando com centenas de velas, tendo sobre sua cabeça um teto que reproduzia o Olimpo e deusas envoltas em véus diáfanos, Morgana sentia-se em um mundo radicalmente diferente do seu. Entretanto, suas noções de ética e moral não haviam desaparecido quando cruzara a soleira da porta, deixando para trás o frio, a lama e a penúria.

— Ele criou um ambiente de luxo e esplendor, gastou uma fortuna incalculável e nem mesmo morou na casa?

Apesar de sentir-se realmente ultrajada por tanto desperdício, Morgana só queria largar o corpo sobre um dos tapetes orientais que cobriam o mármore rosa do vestíbulo e permanecer imóvel por um longo tempo, talvez até dormir. Estava à beira de um colapso por exaustão, desgaste emocional e por uma insistente sensação de irrealidade.

— Meu avô era um tolo — declarou o marquês, virando-se em seguida para o mordomo. — Esta é a srta. Morgana Penrhys, a professora da aldeia. Ela precisa de roupas secas e uma revigorante xícara de chá. Ah! Este garoto é Owen Treiawney e certamente também apreciará os mesmos cuidados. Ele vai ficar conosco.

Sebastian, o impassível mordomo, conseguiu reprimir sua curiosidade. Aos olhos de Morgana, aquele homem seria capaz de resistir a todas as fraquezas humanas. Alto e atlético apesar da idade, ele tinha a aparência de um guerreiro, muito mais adequado num

quartel ou no campo de batalha do que circulando nos requintados salões vitorianos. Talvez por isso soubesse aceitar com calma todo o tipo de ordens, por mais bizarras que fossem!

Com um gesto quase imperceptível, o mordomo convocou um laçaio, que imediatamente conduziu Owen em direção a um arco sob a imponente escadaria curva. O garoto lançou um olhar ansioso a Morgana que sorria para tranquilizá-lo, agindo como se ambos estivessem em uma situação absolutamente normal.

Na verdade, ela estava à beira do pânico. As antigas lendas ouvidas na infância voltavam à sua mente e ela lembrava-se dos Tylwyth Teg, seres míticos que viviam em um mundo mágico. Bastava colocar os pés sobre os de um duende para ser transportada até esse universo encantado.

O marquês de Montfort não tinha a menor semelhança com um duende ou com um ser mítico de asas e orelhas pontiagudas, mas certamente a conduziu a um mundo que estava muito além de qualquer fantasia.

Só que ele agora a colocava nas mãos de um ogro!

Morgana reconhecia a maldade e a injustiça de sua associação de idéias, mas a governanta que surgira a um sinal do mordomo era parecida demais com essas criaturas apavorantes, sempre prontas a aterrorizar os pobres mortais.

A sra. Dickinson vestia-se de preto absoluto, sem nenhum atenuante colorido, prendia os cabelos grisalhos em um coque severo que colocava em evidência o rosto duro, com uma expressão de perene descontentamento. E, naquele momento, seus olhos transmitiam desprezo e uma inconfundível repugnância diante da jovem que fora entregue a seus cuidados.

A estranha sensação de irrerealidade que envolvia Morgana se acentuou quando a intimidante sra. Dickinson a conduziu pela escadaria de mármore, através de um enorme corredor com tapetes felpudos até um quarto que, a seus olhos, só poderia pertencer a uma princesa.

— De quem é esse quarto? — perguntou ela, fascinada. Cada um dos quadros pendurados nas paredes recobertas de damasco amarelo merecia ser admirado por um longo tempo, como também a lareira em forma de cisne, a cama de dossel com babados de organdi e a vista das janelas que se abriam para os jardins ainda mais misteriosos à luz do crepúsculo.

— É apenas um dos inúmeros quartos de hóspede — respondeu a governanta sem disfarçar o desdém. — A criada virá lhe trazer água quente e eu mesma lhe encontrarei os trajes adequados e os entregarei, senhorita. O chá será servido na biblioteca... quando estiver pronta para se reunir ao marquês.

Morgana agradeceu à sra. Dickinson com um murmúrio quase dócil, uma atitude que não combinava com seu temperamento desafiante. Mas estava exausta, confusa e o rosto doía muito.

— isso... precisa de cuidados — comentou a governanta, sem descruzar os braços.

A sra. Dickinson continuava a examinar Morgana, analisando com um olhar de horror os seus trajes gastos pelo uso, descolorados pelo sabão barato e mantidos em relativa ordem através de constantes consertos que não escapavam aos olhos atentos de uma outra mulher.

— Acho que água quente será suficiente.

Era evidente que uma pomada teria resultados positivos, mas Morgana preferia ficar com o rosto inchado e roxo a pedir um favor à sra. Dickinson. Ela suspirou aliviada quando uma jovem criada entrou no quarto trazendo a água quente.

A garota aproximou-se da penteadeira, junto à janela, evitando olhar para a governanta. Ela estava nitidamente apavorada e suas mãos tremiam tanto que algumas gotas caíram sobre o tapete.

— Desastrada idiota!

Diante dos olhos incrédulos de Morgana, a governanta ergueu a mão para bater na jovem criada.

— Não! — exclamou ela, segurando o pulso da sra. Dickinson.

— Como ousa...

— Se encostar a mão nessa criança, eu descerei imediatamente as escadas e relatarei o fato ao seu patrão — declarou Morgana, com voz baixa mas firme. — Ele tem opiniões bastante definidas sobre pessoas que abusam dos mais fracos. Garanto-lhe que receberá ordens para fazer as malas em poucos minutos e sair desta casa antes do amanhecer.

Não era possível saber com certeza se o marquês despediria a governanta, mas Morgana se surpreendera com o inesperado senso de justiça daquele aristocrata que salvara Owen das mãos do pai embrutecido pela bebida a fim de dar-lhe uma oportunidade melhor. Se ele demonstrava tanta consideração por pessoas desconhecidas, certamente não permitiria que seus próprios criados sofressem castigos corporais.

A sra. Dickinson empalideceu e, por uma fração de segundo, esteve prestes a agredir Morgana. Então, ela caiu em si e saiu do quarto, lançando um olhar de ódio à criada que não escondia o pavor.

— Oh, meu Deus! — lamentou-se a jovem depois que a governanta saiu do quarto. — Eu lhe agradeço por ter me defendido, senhorita, mas agora a sra. Dickinson não vai mais me deixar em paz! Acabará encontrando um motivo para me despedir e eu não posso perder o emprego. Minha família depende de mim... todos nós vivemos com o meu salário...

Suspirando, Morgana reconheceu que, mais uma vez, sua impulsividade provocara uma situação de crise. Embora se considerasse adulta aos vinte e sete anos, continuava a se surpreender com a complexidade da vida. Ou será que ela ainda não aprendera qual a maneira certa de enfrentar as situações?

A sua tentativa de ajudar Owen apenas precipitara um verdadeiro desastre. O terrível confronto com o pai o privaria de um lar e, talvez, até teria lhe custado a vida. Agora ela acabara de colocar a jovem criada em uma posição insustentável.

Os dois problemas haviam sido realmente provocados por suas boas intenções? Ou o seu verdadeiro pecado seria a vaidade de acreditar que podia melhorar o mundo, e por isso se sentia no direito de interferir na vida das outras pessoas?

— Eu sinto muito — desculpou-se Morgana.

— Por favor, senhorita. Não tem motivos para me pedir desculpas. Eu é que deveria agradecer. Aquela velha megera — a jovem deu uma risada nervosa — não tem o direito de nos tratar dessa forma. A expressão dela quando sentiu que alguém segurava seu braço permanecerá gravada em minha mente pelo resto da vida, juro!

Certamente a pobre garota se lembraria da expressão da sra. Dickinson quando perdesse o emprego, quando faltasse dinheiro para comprar comida e...

Tomando uma decisão súbita, Morgana ergueu o queixo e endireitou as costas, novamente pronta para lutar.

— Duvido que a sra. Dickinson se lembre de me trazer as roupas secas. — Terei de ficar com as minhas que já estão quase secando. Se você me ajudar a escová-las...

— É claro que sim, senhorita. Deixe tudo por minha conta e estará pronta mais depressa do que pode imaginar.

As duas trocaram um sorriso de cumplicidade antes de se iniciarem o trabalho em conjunto.

David Harrell, marquês de Montfort, gostava mais da biblioteca do que de qualquer outro cômodo daquela casa. A lareira permanecia sempre acesa e sua luz

alaranjada coloria as lombadas dos livros enfileirados de forma impecável nas estantes que cobriam as paredes do chão ao teto.

Ele já havia lido a maioria deles antes de vir para Gynfelin, mas ainda restavam centenas de obras que ainda seriam descobertas e o manteriam ocupado por um longo tempo. Quando terminasse esses livros, encomendaria outros e depois mais outros...

Ao virar-se para admirar as estantes, David viu seu reflexo na janela que se abria para o jardim. Para o desespero dos inúmeros valetes que o haviam servido ao longo dos anos, ele não era vaidoso e pouco se importava com sua aparência física. Raramente procurava sua imagem nos espelhos e só olhava o seu próprio rosto com atenção quando se barbeava.

Agora, ao se enxergar refletido no vidro da janela, ele se surpreendia por ver que era um homem de aparência absolutamente comum.

Ninguém concordaria com essa absurda opinião do marquês de Montfort. Todos viam nele um homem de altura acima do normal, atlético e atraente como poucos. Jamais seria considerado comum.

Mas, como ele continuava a imaginar que os acontecimentos dos últimos anos de sua vida acabariam por se evidenciar em marcas visíveis a olho nu, sempre se surpreendia ao ver que sua aparência permanecia inalterada.

A surpresa, porém, não durava mais do que um segundo porque esse assunto já não tinha a menor importância para ele. David Harrell aprendera a conviver consigo mesmo e, embora seus companheiros de campos de batalha jamais pudessem concordar com esse ponto de vista, considerava essa auto-aceitação como sua maior vitória.

Ele gostaria de transmitir ao jovem Owen, que demonstrara tanta ânsia de aprender, o valor dessa lição. Ao pensar no garoto, reviu a extraordinária cena daquela tarde. A brutalidade de pais contra filhos era freqüente demais para ser considerada uma ocorrência fora do normal, mas raramente se encontrava alguém como a jovem de cabelos ruivos, disposta a lutar contra a força em favor dos oprimidos.

Extraordinária!

Subitamente, David deu-se conta de que não se utilizava essa palavra para descrever uma mulher há muito tempo. Talvez nunca a tivesse usado. E a inspiração momentânea de empregá-la agora para descrever uma professora galesa de cabelos ruivos e temperamento inflamável era... extraordinária.

David suspirou. Ele admirava a ordem, a simplicidade e a disciplina. Viera para Gynfelin em busca dessas qualidades, mas iria se entediar se ficasse sempre repetindo as mesmas idéias!

A chegada de Sebastian, que batera à porta antes de entrar acompanhado por Morgana, impediu David de continuar a se analisar.

— A srta. Penrhys, milorde.

— Ótimo. Entre e se acomode, senhorita.

Ele tentou disfarçar o choque diante da beleza de Morgana. Nos poucos minutos em que a perdera de vista, esquecera-se de como era fascinante e inconscientemente sedutora.

Seus mestres em Eton e depois em Cambridge haviam sido todos homens e, em geral, bem pouco dotados pela natureza. A srta. Penrhys era uma professora que certamente não se enquadrava nos padrões de sua profissão!

Bela, vital e corajosa, exatamente como ele a vira enfrentando o valentão Trelawney. Mas por que ela estava com o mesmo vestido? Lembrava-se de ter mencionado roupas secas e também de ter pedido que tratassem o rosto da jovem. David franziu o cenho.

Sebastian, que até poucos anos atrás fora o sargento-major Sebastian Levander do quinto regimento de fuzileiros de Sua Majestade, sentiu o estômago se contrair de apreensão. Ele sempre preferira lutar contra os infiéis e hordas de bárbaros a enfrentar a

cólera do marquês de Montfort; sabia qual dos perigos era maior! Na verdade, devia sua vida a esse guerreiro brutal e eficiente que se disfarçava de nobre inglês.

Embora não pudesse sequer imaginar os efeitos devastadores da cólera do marquês, Morgana sentiu vontade de fugir daquela sala diante da mudança de expressão do dono da casa. Inquieta, ela teve que permanecer parada à porta, ao lado de Sebastian, que não conseguia disfarçar o nervosismo.

— Caso não se lembre, eu apresentei um relatório sobre a sra.

Dickinson ontem à noite, milorde.

— E, aparentemente, sua avaliação ficou aquém da realidade, meu caro.

O tom de voz do marquês indicava que o assunto estava encerrado e Sebastian retirou-se, deixando Morgana sozinha e ainda mais desamparada.

— Peço-lhe desculpas, srta. Penrhys. A minha casa ainda não atingiu o padrão de perfeição que eu exijo.

Munindo-se de coragem, Morgana decidiu aproveitar a oportunidade.

— Não se preocupe comigo, senhor. Na verdade, uma de suas criadas... — mencionou o nome da jovem para a qual criara um problema com sua interferência — foi muito solícita.

— Não me esquecerei de sua observação oportuna, senhorita. Agora, vamos tomar o chá que lhe prometi.

Só então Morgana notou a enorme bandeja de prata que fora colocada na mesa entre as duas poltronas de couro diante da lareira.

— Sente-se, senhorita. Poderia servir?

Por que aquele homem tinha que ser tão formal e polido? Será que não percebia sua exaustão nem seu embaraço diante de um luxo ao qual não estava habituada? Com muita sorte, ela apenas derrubaria o chá para fora das xícaras e não em cima dos dois.

— Sim... é claro que posso. — Embora suas mãos não tremessem, Morgana sentia o coração bater aceleradamente. — Toma seu chá com leite e açúcar, senhor?

Depois de entregar a xícara ao marquês, Morgana serviu-se e, ao tomar o primeiro gole, sentiu as forças começarem a voltar.

— Foi muita bondade sua ajudar Owen, senhor.

— Bondade? — exclamou o marquês, repetindo a palavra como se não fizesse parte de seu vocabulário usual. — Bondade?

Morgana tentou desviar o olhar do homem que se inclinava em sua direção. Os olhos verdes, que seu pai comparava às águas do mar profundo e distante da terra, refletiam sua inquietação. O que estaria acontecendo com ela? Não costumava se perturbar com pernas masculinas e certamente não era o momento ideal para descobrir a sua fraqueza diante de detalhes físicos de um homem!

— O garoto vive em minha propriedade e eu não poderia permitir que um de meus dependentes fosse maltratado, senhorita.

Se seguisse seus impulsos, Morgana teria dito que era um abuso permitir que crianças como Owen vivessem em casas quase em ruínas, sendo obrigadas a abandonar a escola para trabalhar nas minas, sem qualquer esperança no futuro. Mas, pela primeira vez na vida, conseguiu controlar seu temperamento inflamável.

— Seja qual for o seu motivo, o senhor foi bondoso com Owen.

Ela não entendia por que o marquês insistia em negar que era capaz de atos caridosos. A maioria das pessoas sentia-se satisfeita quando era elogiada por uma qualidade tão nobre como a compaixão, mas aquele homem parecia considerar a bondade um defeito e não uma virtude.

— Tenho certeza de que não se arrependerá — prosseguiu ela, teimosa. — Owen é um garoto de inteligência excepcional e será capaz de desempenhar qualquer tipo de tarefa que lhe seja entregue pelo senhor.

A capacidade do marquês em encará-la sem demonstrar nenhuma emoção perturbava Morgana. Os olhos de um cinza prateado adquiriam a frieza do aço e ela precisava esforçar-se para não se encolher na cadeira como uma criança apavorada.

Finalmente ele levantou-se, caminhando até a lareira com um sorriso nos lábios. Embora não atinasse com o motivo dessa súbita alegria, Morgana sentiu-se aliviada com a mudança de estado de espírito.

— Só um idiota não perceberia a sua predileção pela franqueza, srta. Penrhys. Certamente compreenderá a minha relutância em fingir que gosto de chá quando prefiro tomar um uísque. Me acompanha ou...

Cruzando as mãos sobre o colo para disfarçar seu tremor, Morgana ergueu o queixo e enfrentou o olhar zombeteiro do marquês.

— Também prefiro um uísque.

A única reação do marquês foi um eloqüente erguer de sobrancelhas. Impassível, ele serviu Morgana e voltou a sentar-se diante dela.

— Não sei bem por que mas sinto que há algo de muito errado em tomar um uísque depois de ter enfrentado Thomas Trelawney. Afinal, a raiz de todos os problemas dele está na bebida e... — Morgana tomou um gole e sentiu um calor agradável espalhar-se por seu corpo. — Bem, acho que acabarei decifrando essa contradição mais tarde.

— Sem dúvida, decifrá-la todos os enigmas possíveis, senhorita — murmurou o marquês, encantado com a jovem sentada à sua frente.

O colorido começava a voltar às faces de Morgana e a pele aveludada adquiria a tonalidade suave de uma rosa silvestre. Os lábios, inesperadamente sensuais em um rosto quase angelical, pareciam à espera de beijos apaixonados. E, no entanto, o queixo firme indicava o temperamento voluntarioso das ruivas.

Com um gesto rápido e imprevisível, ele tocou o rosto de Morgana que recuou, assustada com a intimidade que se criara entre os dois.

— Senhor... eu...

Perturbada, ela tentou, sem muito sucesso, prender os cachos rebeldes ao redor do rosto e recuperar uma aparência professoral. Uma mecha mais longa deslizava ao longo de seu pescoço esguio e tocava suavemente o seio.

David lutou contra o desejo de apoderar-se da mecha sedosa e de tomar nos braços aquela mulher inconsciente do poder de seu encanto. Ele conseguiu vencer a tentação com a força de vontade que era um traço marcante dos Montfort.

Ao longo de muitas gerações, os senhores feudais que reclamavam para si o direito de posse sobre todas as mulheres de seu feudo, tinham aprendido a disciplinar seus desejos. Mas a selvageria e a inclinação autoritária permaneciam apenas adormecidas.

— Srta. Penrhys, acho que vou me interessar muito pelos problemas escolares das crianças de Gynfelin.

— Eu lhe agradeço. É muita...

— Há um detalhe que quero deixar bem claro, senhorita — interrompeu ele com um sorriso inesperado. — Eu jamais sou bondoso, jamais! Ajo sempre em interesse próprio e tendo em vista apenas a satisfação dos meus desejos, compreende?

— Não — respondeu Morgana com sua habitual honestidade.

Ela sempre se recusara a obedecer as regras hipócritas da sociedade. Não considerava virtude alguma a diplomacia de não insistir em um assunto delicado para manter a aparência de harmonia.

— Certamente terei muita dificuldade em compreender e ainda mais em aceitar essa atitude sua, senhor.

David Harrell, marquês de Montfort, não se recordava de ter se sentido tão perplexo em toda a sua vida. Aprendera muito cedo a reconhecer uma gama variada de reações femininas como o desejo, a cobiça, uma deferência respeitosa e ocasionalmente



o medo. Nunca encontrara uma mulher sincera e não sabia lidar com essa qualidade que só encontrara nos personagens dos livros.

Gynfelin estava sendo uma verdadeira caixa de surpresas! Ele previa que não sentiria mais tédio e, diante dessa certeza, não conteve uma inesperada vontade de rir.

Do lado de fora da biblioteca, Sebastian assustou-se ao ouvir a gargalhada alegre do marquês. Conhecia aquele homem há anos e nunca ouvira o som de sua risada. Sem saber como reagir a esse evento de excepcional importância, ele foi para a cozinha a fim de informar que seriam dois para o jantar.

## CAPÍTULO III

A expressão e a postura do marquês de Montfort retratavam um homem que antecipava uma noite agradável e considerava um direito seu ser entretido por uma convidada jovem. Sentado em uma confortável poltrona diante da lareira, com um copo de uísque nas mãos, ele refletia uma profunda satisfação com o momento presente.

— Fale-me sobre sua vida, senhorita.

Morgana conseguiu manter uma expressão de calma enquanto controlava a fúria despertada pela insolência desse homem irritante. Ele ajudara Owen apenas porque o considerava propriedade sua, pois insistia em afirmar que desconhecia o significado da bondade. E, como se não bastasse essa atitude repreensível, fitava-a com uma insolência deliberada.

Nenhum homem a encarara de forma tão provocadora e muito menos despertara reações tão perturbadoras em Morgana. Tinham bastado apenas alguns minutos na companhia inquietante do marquês de Montfort para que ela se sentisse embaraçada e nervosa, um fato incomum na vida calma de uma professora competente e pouco dada a sonhos românticos.

Ela não estava disposta a suportar aquela situação constrangedora por mais tempo. Admitia o perigo de hostilizar o homem que detinha o poder absoluto em Gynfelin, mas sempre enfrentara riscos sem recuar. Colocando o copo de cristal sobre a mesa, Morgana o encarou com uma— expressão determinada.

— Meu nome é Morgana Penrhys, como já sabe. Dou aulas na escola de Gynfelin há três anos. Antes lecionei em Cardiff. Como fui contratada para esse cargo por seu administrador, é o senhor quem paga o meu salário o que me coloca, oficialmente, na condição de sua empregada. Tenho de agradecer sua ajuda e sua hospitalidade, porém não considero correto continuar em sua casa. Não sou uma convidada de seu nível social.

Ignorando a dor no rosto que aumentava sensivelmente, Morgana levantou-se, dirigindo-se para a porta da sala.

O marquês, que não se dignara a interromper o monólogo exaltado de Morgana, também não fez nenhum gesto para impedir que ela se preparasse para sair da biblioteca.

— Oficialmente? — perguntou ele como se aquele detalhe não tivesse a menor importância.

Morgana parou junto à porta, sem se enganar com o tom pretensamente suave do marquês. A aparência de quem se diverte com a situação apenas encobria a autoridade cruel de um homem que não admite ser contrariado.

O marquês de Montfort era um homem perigoso demais para ser desafiado e quem tivesse um pinga de sensatez não despertaria sua cólera.

Aos vinte e sete anos, Morgana se conhecia a fundo e bem melhor do que a maioria dos jovens de sua idade. Era honesta, justa e determinada. Embora admitisse sua extrema sensibilidade também acreditava que essa característica era uma virtude apenas relativa. *L'audace, toujours l'audace*, dissera Napoleão Bonaparte que usara da audácia para conquistar o mundo. Por que não seguir o conselho desse homem que se orgulhava de ignorar o significado da palavra derrota e arriscava tudo?

Com um sorriso nos lábios, ela virou-se para o marquês. Sabia que o mundo a veria como uma pobre maltrapilha enfrentando um príncipe, mas a razão lhe daria as forças necessárias para lutar.

— Sim, milorde. Oficialmente sou sua empregada e reconheço que sem o seu dinheiro não existiria sequer uma escola em Gynfelin. Por esse motivo, devo-lhe uma profunda gratidão, mas a minha verdadeira responsabilidade são os meus alunos porque essas crianças precisam de mim.

O marquês a encarava, fascinado. Em sua vida movimentada, ele deparara com visões sedutoras, bizarras e, algumas vezes, terrificantes. Nunca porém encontrara ninguém como Morgana Penrhys. Será que aquela jovem fazia idéia do poder de sedução de sua própria imagem?

Iluminada pelas chamas da lareira, Morgana Penrhys o enfrentava com destemor. Talvez ela nem sequer desconfiasse que sua atitude desafiante representava um convite explícito a um confronto perigosamente pessoal. A grande dúvida de David Harrell consistia em saber se a inocência dela era real ou apenas um artifício feminino. Os olhos verdes como o mar refletiam a cólera indomada das antigas sacerdotisas celtas, mas essa reação seria genuína ou apenas mais um truque da natureza dissimulada das mulheres?

O vestido mal cortado e já sem forma não escondia a beleza esguia de sua figura. Ele sempre preferira mulheres voluptuosas e de curvas sensuais mas certamente seu gosto estava sofrendo uma transformação radical. O rosto dela tinha a perfeição mágica de uma rosa prestes a desabrochar e os cabelos... os cabelos de Morgana Penrhys eram uma coroa de glória, formada de cachos rebeldes que brilhavam como labaredas e caíam sobre seus ombros em selvagem abandono.

Ele ergueu a mão num gesto lânguido que contrastava com sua aparência de força. Não era a mão de um delicado e indolente aristocrata mas a de um guerreiro acostumado a ser obedecido sem questionamentos.

— Sente-se.

A voz sem inflexão e a rispidez da ordem apavoraram Morgana. Aparentemente, sua atitude direta de enfrentar as pessoas não estava tendo resultados positivos. Não dera certo com Trelaw-ney e também não estava funcionando agora, mas Morgana possuía poucos recursos à sua disposição para enfrentar o poder dos homens e não pretendia recuar.

— Não posso — disse ela, recorrendo, como sempre, à franqueza absoluta.

— O que disse?

Apesar do medo, Morgana admirou as sobrancelhas muito negras do marquês que se arquearam, transformando a expressão dele em uma máscara interrogativa.

— Eu disse que não posso me sentar — repetiu ela, sentindo a boca seca de pavor. — Já lhe expliquei antes, não seria correto nem socialmente aceitável.

— Por Deus, srta. Penrhys! Está sugerindo que eu tenho intenções de seduzi-la?

Morgana enrubescou, mortificada. Há muito tempo seu pai declarara que apenas os burgueses de classe média se preocupavam em agir como cavalheiros. A aristocracia, que inventara o termo e a quem ele era geralmente aplicado, nunca perdia tempo pensando no assunto. Viviam de acordo com seu próprio código, formado pelas leis que eles criavam visando seu benefício pessoal.

Mais uma vez, surgia a oportunidade de comprovar a sabedoria paterna; o marquês era uma prova viva dessa teoria.

— Eu não estou sugerindo nada, senhor. Apenas reafirmo o que nós dois sabemos muito bem. Não é correto que uma jovem solteira fique sozinha na companhia de um homem também jovem, especialmente se depende dele através de um cargo pelo qual recebe salário. A sua posição lhe permite ignorar e até afrontar as convenções sociais, eu não posso me dar a esse luxo.

David Harrell a ouvia sem se impacientar. Por que perder a paciência se não se divertia tanto há muito tempo? A professorinha de Gynfelin não tinha apenas uma aparência atraente mas era também inteligente e capaz de conduzir uma argumentação com segurança, coerência e, sobretudo, com idéias muito claras e sucintas.

Mas a argumentação de Morgana Penrhys não o interessava e muito menos lhe provocava qualquer reação. Ele estava decidido a ignorar palavras que não queria ouvir.

O marquês de Montfort levantou-se e caminhou na direção de Morgana. Reconheceu, com uma admiração relutante, que ela não recuou embora estivesse nitidamente assustada.

— Sou o senhor aqui e isso quer dizer que minha palavra é lei. Eu mando e você obedece. Não vejo a menor necessidade de complicar um fato tão simples.

Mas Morgana continuava a fitá-lo com uma expressão de surpresa, como se estivesse diante de uma aparição vinda de um mundo já perdido nas brumas do passado.

— Agora, sente-se, srta. Penrhys — ordenou ele. — O seu rosto continua inchando e é preciso que se tome alguma providência a esse respeito. Já está escuro e a chuva piorou muito, portanto, passará a noite em minha casa. Se precisa sentir-se mais segura, a jovem que a ajudou a se arrumar lhe fará companhia, dormindo em seu quarto e... posso colocar um de meus cães de guarda tomando conta de sua porta.

Ele sorriu ao imaginar uma jovem donzela em sua alta torre de pedra defendida por ferozes guardiões caninos! A evocação era totalmente absurda pois seus cães costumavam ser afetuosos e dóceis... como as mulheres que encontrara até então.

O marquês tocou a campainha com um gesto indolente. Morgana concluiu, com uma mescla de fascinação e repulsa, que esse homem nunca precisava esforçar-se para nada pois seus desejos sempre seriam imediatamente satisfeitos.

— E como passará a noite em minha casa, jantará comigo. Tenho muitos pontos a esclarecer sobre Gynfelin e você será uma excelente fonte de informações.

Antes que Morgana pudesse replicar, ouviu-se uma batida à porta. Era Sebastian que viera atender ao chamado do marquês.

— Milorde?

— A srta. Penrhys ficará para dormir. Uma das criadas de quarto que se chama Lenore deve permanecer à disposição dela. Ah! Também preciso de meu estojo de primeiros socorros.

— Às suas ordens, milorde.

O mordomo curvou rapidamente a cabeça para disfarçar um sorriso irreprimível.

— Você ouviu Sebastian, não? — perguntou o marquês quando ficou novamente sozinho com Morgana. — É essa a resposta certa. Acha que conseguirá se adequar aos meus padrões?

— Nem por todo o fogo do inferno — declarou Morgana, impulsivamente.

Talvez ela estivesse sentindo os efeitos da ilusória coragem provocada pelo uísque que não costumava beber. Talvez sua insensata ousadia fosse mais uma das inesperadas emoções que a envolviam quando olhava para aquele homem perturbador. Ou, quem sabe, poderia culpar a lua cheia? Por um desses motivos obscuros, Morgana tinha a sensação de plena liberdade para perder o bom senso e dar a resposta que vinha de seu íntimo.

Desta vez, o espanto de David Harrell ultrapassou os limites anteriores e ele não conteve uma gargalhada diante de sua própria reação.

— Por Deus, mulher! Ou é muito corajosa ou imensamente tola!

Fitou-a com um interesse quase ofensivo. Seu olhar pousou na boca trêmula e convidativa, nos seios altos e rijos, na cintura muito fina e nas pernas longas.

A fúria de Morgana diante dessa ousadia desrespeitosa se transformou em uma embaraçosa sensação de fraqueza. Tinha a impressão de que suas pernas não mais a sustentariam e ela cairia...

— Não. Talvez não seja nenhuma dessas duas hipóteses — disse ele, conduzindo-a de volta à poltrona. — Não sei se existe algum termo moderno para descrever o que os antigos celtas chamavam de loucura divina. Mas os seus ancestrais também usavam a mesma palavra para se referir a feiticeiras. O seu nome, Morgana, pertencia a uma dessas mulheres com estranhos poderes, não é verdade? Pode me esclarecer se o significado era o mesmo nos tempos antigos, professora Penrhys?

Morgana sentia-se flutuando em direção à poltrona com o rosto do marquês perigosamente perto do seu. Os olhos cinzentos a lembravam do mar sob a tormenta, e a boca, bem desenhada mas cruel, movia-se sem que as palavras chegassem aos seus ouvidos com clareza.

— Muitos acreditam que, em suas origens primitivas, esse nome significasse condenada pelos deuses. Trata-se de um erro de interpretação — murmurou ela, tentando recuperar a lucidez. — A palavra antiga significava fé, pois Morgana era uma sacerdotisa e, talvez por seus poderes especiais, minha ancestral tenha sido chamada de feiticeira.

— Como sabe tanto sobre antigas lendas pagãs? Jovens cristãs bem-educadas costumam ignorar esses mitos primitivos.

A raiva que envolveu Morgana diante da crítica do marquês de Montfort ajudou-a a superar a perturbação. As inquietantes emoções despertadas pela proximidade de um homem atraente cediam lugar a seu habitual espírito combativo. Ela jamais conseguira resistir a uma boa discussão!

— Meu pai era um homem de mente muito esclarecida para sua época. Ele acreditava que as pessoas deviam ser educadas de acordo com sua capacidade de aprendizado. Eu tinha sede de saber e papai ensinou-me tudo o que podia.

— Ele nunca parou para pensar que estava dificultando sua vida? O excesso de conhecimentos acaba por destruir a capacidade da mulher se adaptar a seu lugar no universo.

— Graças a Deus ele não pensou em algo tão absurdo! Meu pai julgava estar me preparando para enfrentar a vida e seu raciocínio demonstrou ser absolutamente correto.

David Harrell sorriu. Aquela mulher era um desafio delicioso.

— Por acaso está insinuando que a condição de esposa e mãe é de importância secundária ou até mesmo uma situação de in-significância, professora Penrhys?

— É claro que não. Tenho certeza de que não existe nada tão difícil quanto ser mãe e esposa. As crianças estão sempre precisando de atenção, de amor e os homens... bem, prefiro não falar sobre suas exigências irracionais.

— E por que não? Demonstrou grande admiração por seu pai.

— Ele era meu professor e meu amigo, mas foi mamãe quem me criou junto com meus seis irmãos e irmãs. Ela nos alimentava e vestia com muito pouco dinheiro, sentava-se em nossa cama quando estávamos doentes e conseguiu nos convencer que éramos afortunados por pertencer a uma família tão cheia de amor.

— Entendo — murmurou o marquês, perplexo.

Na verdade, ele jamais poderia compreender as palavras de Morgana. A noção de sobrevivência lhe era completamente estranha; nunca precisara pensar em dinheiro nem desejara algo que não pudesse alcançar. Sua família sempre fora excepcionalmente rica e David crescera ignorando que existiam pessoas diferentes, lutando para alimentar e educar os filhos.

Também a imagem de uma figura materna, amorosa e capaz de sentar-se na cama do filho lhe era estranha mas, inexplicavelmente, despertava-lhe uma profunda melancolia. Ele sempre se assustava quando, por algum capricho de sua mente, lembrava-se da mãe, uma desconhecida distante que, após ter desempenhado a terrível e mortificante obrigação de perpetuar o nome do marido, se ausentara por completo das desagradáveis complicações da vida de uma criança.

Felizmente, a chegada de Sebastian com a caixa de primeiros socorros o impediu de continuar pensando no assunto.

— O que é isso? — perguntou Morgana sem disfarçar a desconfiança diante da maleta tão profissional que poderia pertencer a um médico.

— Não é capaz de adivinhar? — zombou ele, assim que o mordomo saiu da sala.

— O senhor não é médico.

— Graças a Deus não sou mesmo! Meu cérebro funciona perfeitamente e não me interessa apenas por dinheiro.

— Existem muitos médicos bem intencionados e inteligentes, que se dedicam a salvar vidas.

— Pois não encontrei nenhum desse tipo na Criméia. Havia algumas enfermeiras eficientes e uma delas era Florence Nightingale, de quem já deve ter ouvido falar. Mas de um modo geral, os que estavam sãos precisavam cuidar dos doentes porque nunca se encontravam os médicos. Aprendi muito nessa época.

Morgana surpreendeu-se ao descobrir que o marquês de Montfort estivera na trágica guerra da Criméia. Os nobres tinham tentado tudo para evitar que seus filhos fossem enviados para as batalhas sangrentas e a maioria conseguira.

— Eu sinto muito — murmurou ela, horrorizada.

— Por quê? Acha uma pena que eu tenha aprendido muito?

— Não. Só sinto que seu aprendizado tenha sido em um lugar tão trágico.

Os olhos do marquês de Montfort ficaram ainda mais frios. Com uma expressão distante e gestos bruscos, ele abriu a caixa de primeiros socorros.

— Fique quieta.

Os dedos tocando o rosto de Morgana eram surpreendentemente gentis. O choque do contato inesperado provocou um tremor que ele interpretou como sendo uma reação de dor.

— Está doendo muito?

— Não... quase nada — disse ela, consciente da contradição entre sua resposta e a evidência de sua reação física.

— Maldito Trelawney! — resmungou ele, enquanto colocava uma pomada sobre o hematoma provocado pelo golpe do pai de Owen. — Animal!

— Ele é um bêbado e um valentão que já não controla mais seus instintos grosseiros — declarou Morgana, novamente enfurecida. — Se o senhor não tivesse chegado em tempo, ele mataria Owen.

— Animal! — repetiu o marquês, com a voz fria. — Matar uma criança indefesa! O próprio filho...

— Talvez...

Morgana arrependeu-se antes mesmo de terminar de falar. Não tinha dúvida de que o marquês, alerta e esperto demais, percebera seu embaraço diante da indiscrição involuntária.

— Talvez?

— Esqueça. Eu não tinha o direito de abrir a boca na hora errada.

— Não seja tola. Esse tipo de comentário, que pode ser ouvido no bar da aldeia, não é um boato maldoso e de graves consequências. Além do mais, eu costumo ser muito discreto.

— É que... Owen não tem nenhum traço que lembre o pai. A mãe dele morreu antes de minha chegada a Gynfelin, mas vi um retrato dela. Era uma mulher bonita, com olhos belíssimos e muito românticos, mas também não se parece com o filho.

— O garoto pode ter herdado os traços de um dos avós.

— Sem dúvida. Deve ser isso...

— Mas você não acredita nessa possibilidade, não é?

— Não porque... Owen adora música e tem o dom da melodia. Em tempos medievais, um garoto com dotes tão excepcionais seria acolhido no castelo do senhor onde o treinariam para ser o menestrel da corte. Hoje, ele pode aspirar, no máximo, a um cargo de professor em alguma escola de aldeia ou, com muita sorte, ser um advogado provinciano.

— Advogado? Pobre do garoto! — brincou o marquês. — Deus o ajude a escapar dessa profissão entediante. Acho que nós conseguiremos algo melhor para ele. Fique tranqüila, professora. O seu aluno está salvo.

A arrogância do marquês de Montfort deixava Morgana sem reação mas era seu próprio comportamento fora do normal que a preocupava mais. Ele lhe pedira para se tranqüilizar no momento exato em que realmente começava a se esquecer de todos os problemas.

Envolvida pela serenidade e pelo conforto aconchegante da biblioteca, ela começara a não se importar com o efeito devastador provocado pelo toque dos dedos em seu rosto e pela proximidade inquietante do corpo másculo. Passara a não prestar atenção na tempestade violenta que desabara e até se esquecera do mundo sem esperanças de Gynfelin.

Com algumas palavras, o marquês a induzira a se esquecer das crianças encantadoras que tinham apenas alguns anos de infância e logo eram destruídas por um sistema social desumano. Ele realmente acreditava que bastava um gesto seu para apagar a realidade?

Se ao menos pudesse ser assim! Se ao menos seu mundo não fosse tão brutalmente diferente!

— Mais uma vez agradeço sua bondade em nome de Owen, senhor.

David Harrell ia negar novamente a existência dessa virtude quando percebeu a palidez excessiva de Morgana.

— Está se sentindo bem?

— Sinto-me apenas cansada. Foi um dia muito difícil.

— Você sempre se envolve dessa forma nos problemas de seus alunos? — perguntou ele, movido por uma raiva irracional.

— Felizmente não é necessário porque a maioria deles não tem pais brutais como Thomas Trelawney.

— Nem são tão inteligentes e bem dotados como Owen.

— Todos têm suas aptidões especiais e sofro só em pensar que estão condenados a trabalhar nas minas.

— Condenados? Sem dúvida você coloca o problema de uma forma exageradamente dramática — protestou o marquês, irritado. — Os trabalhadores das minas têm um emprego garantido e salários bastante razoáveis.

Os olhos de Morgana brilharam de raiva. Tanta ignorância era imperdoável! A família Montfort não explorava nenhuma mina e talvez por isso o marquês não tivesse vivenciado o problema.

No entanto, ele tinha olhos, ouvidos e um cérebro que, de acordo com sua própria opinião, funcionava muito bem. Pois era hora de usá-lo para encarar a realidade.

— Os salários são ínfimos, senhor. Qual é o preço de uma vida? Quanto se deveria pagar para um homem, uma mulher ou uma criança para que se arrisquem dia após dia nas piores condições possíveis? E o trabalho não é garantido porque, quando a tuberculose inevitavelmente os consome, perdem o emprego sem receber um único centavo que os ajude a sobreviver!

David surpreendeu-se ao perceber que a palidez de Morgana dera lugar a um rubor fascinante e seus olhos de um verde profundo brilhavam como esmeraldas. Não estava acostumado a despertar raiva nas mulheres e o impacto dessa emoção o deixava perplexo.

— Céus... você é uma reformista!

Subitamente David conseguira definir Morgana Penrhys! Ele já havia encontrado inúmeras pessoas cujo objetivo na vida consistia em reformar a sociedade e lutar contra as injustiças. Mas em geral eram homens.

— E também é uma intelectual — prosseguiu ele, sabendo que a maioria das mulheres considerava esse termo ofensivo.

— Pode me chamar do que quiser, senhor. Não me arrependo nem pedirei desculpas por importar-me com o futuro das crianças que são minha responsabilidade. Todos os seres humanos têm o dever de apontar os erros e lutar para que sejam sanados.

— É mesmo essa a sua opinião, professora? Então deveria aproveitar a oportunidade de jantar comigo. Prometo-lhe que terá uma audiência cativa.

Morgana desviou o olhar, esforçando-se para manter a calma.

— Não tenho a pretensão de abusar de sua hospitalidade. Como já lhe disse antes, acho altamente impróprio permanecer em sua casa.

— Já decidimos esse assunto.

— Não — declarou Morgana com firmeza. — Foi o senhor que resolveu, não eu.

— Tem razão! — O marquês sorriu satisfeito. — E, já que eu decidi tudo, não há mais motivos para discutir o assunto. Como está seu rosto?

— Bem melhor. — A custo, Morgana conseguiu lembrar-se de sua boa educação. — Muito obrigada.

David Harrell não poderia dizer que a gratidão de Morgana o irritava profundamente. Ela vivia em sua propriedade, era sua empregada e, portanto, estava sob sua proteção. A atitude de Trelawney indicava que havia uma grande necessidade de reformas.

Sem a menor dúvida, essas reformas não seriam as que a reformista Morgana Penrhys desejava. O domínio dos Montfort sobre Gynfelin estava sendo suave demais e era hora de mudar.

Felizmente, antes de se preocupar com os problemas futuros, David pretendia aproveitar aquela noite. Sebastian acabara de avisar que o jantar seria servido e ele colocou-se ao lado de Morgana para conduzi-la até a sala de refeições.

Ela não precisava de nenhum espelho para saber que seu vestido velho e gasto não combinava com aquele ambiente de fausto e riqueza. Mas, embora não estivesse trajada como uma fina dama da sociedade, chamava-se Morgana Penrhys, pertencia a uma das mais antigas famílias de Gales e crescera consciente de que um sobrenome honrado e uma vida honesta eram motivos de orgulho.

Morgana cruzou os salões da mansão Montfort com a cabeça erguida e os ombros eretos como se tivesse nascido em berço de ouro e sempre houvesse convivido com a mais alta nobreza britânica.

Mas as boas intenções e a determinação de Morgana não resistiram ao impacto provocado pela ostentação de riqueza do salão de jantar. Sobre a imensa mesa que acomodaria mais de sessenta pessoas, brilhavam cristais, porcelanas e o faqueiro... de ouro! Nos dois lustres e inúmeros candelabros, as velas de cera de abelha espalhavam sua luz oscilante, acentuando o tom intenso da seda bordada que revestia as paredes e a textura preciosa das madeiras e das estátuas de mármore italiano junto às janelas.

Algumas famílias da nobreza e a maioria dos ricos burgueses da Inglaterra já haviam desprezado a vacilante mas misteriosa luz das velas em favor da moderna iluminação a gás. Na mansão dos Montfort, as tradições continuavam a ser mantidas embora fossem, por vezes, pouco econômicas, trabalhosas e inconvenientes.

Como por um passe de mágica, Sebastian surgiu junto à cadeira para ajudar Morgana.

— Você janta com tanto luxo e formalidade mesmo estando sozinho? — perguntou ela, sentando-se.

Inevitavelmente, Morgana pensava no gasto excessivo de alimentos, trabalho e dinheiro, um desperdício obsceno numa região tão pobre. Entretanto, também não podia



ignorar o efeito gratificante de tanta beleza. Ela nunca vira nada tão lindo em toda sua vida, a não ser as colinas de Gynfelin cobertas de cravos no início da primavera.

— Não — respondeu o marquês, sentando-se à cabeceira da mesa. — Há uma sala de jantar menor e bem mais íntima, mas talvez Sebastian tenha se esquecido de como chegar até lá.

— Surgiram duas manchas de umidade na parede da saleta, milorde — explicou o mordomo. — Serão eliminadas amanhã cedo e, enquanto isso, julguei que sua excelência fosse preferir o salão tradicional.

David sorriu, adivinhando as intenções de seu bem-intencionado mordomo. Não tinha dúvidas de que a parede da pequena sala de refeições estivesse realmente com manchas de umidade, mas não fora por esse motivo que Sebastian escolhera aquele imponente salão para servir-lhes o jantar.

Desde que assumira a responsabilidade de cuidar de um futuro marquês, então um jovem imaturo e ainda idealista demais, Sebastian não se cansara de forçá-lo a encarar os deveres e os privilégios de sua posição acima da maioria dos mortais.

No esplêndido salão de banquetes, digno do palácio de um rei, com as paredes recobertas por brasões e escudos que demonstravam a nobre ascendência da família Montfort, ficava mais evidente o abismo que separava David Harrell e a professora de vestido gasto e sapatos remendados.

Nem o homem nem a mulher que partilhavam aquela refeição ousaria sequer tentar transpor esse abismo entre mundos irreconciliáveis.

A mensagem de Sebastian destinava-se aos dois, não apenas a Morgana Penrhys, e atingira seu alvo.

David suspirou ao perceber que Morgana estava novamente pálida. A culpa fora toda sua por colocá-la em uma posição muito difícil.

Ele raramente se arrependia de seus atos, portanto não foi por esse motivo que demonstrou uma inesperada gentileza durante o jantar, incentivando Morgana a falar sobre os moradores de Gynfelin. A conversa durou toda a refeição e, por girar em torno de fatos banais e corriqueiros, criou um clima de normalidade terrena naquele ambiente de luxo excessivo.

O comportamento do marquês foi impecável. Ele lembrou-se da donzela defendida por ferozes cães de guarda e sentiu vontade de colocar toda uma matilha à porta do quarto em que Morgana dormiria.

Aquela jovem de cabelos de fogo e que usava o mesmo nome de uma perigosa sacerdotisa lendária era atraente demais. O pai de Morgana seria um visionário louco que não percebera o perigo de dar armas letais e masculinas à filha? A culpa caberia a esse intelectual insensato ou à mãe, serena e misteriosa, que se sentava na cama dos filhos e lhes ensinava sua sabedoria antiga e mágica?

Ele teria todo o tempo do mundo para decifrar esse enigma. A srta. Penrhys só permaneceria sob seu teto por uma noite, mas vivia em Gynfelin e não poderia fugir sem que notasse.

David tinha certeza de que seu interesse pela bela Morgana, inesperado e certamente inexplicável, desapareceria com o passar dos dias; talvez durasse algumas semanas a mais do que de costume. No momento, ele se satisfaria em esperar pela misteriosa magia de cada novo encontro.

Encantada com a surpreendente ternura do senhor de Gynfelin, mais bem alimentada do que jamais estivera em toda a vida e ligeiramente inebriada pelo vinho que nunca bebia. Morgana encontrou-se no quarto sem saber como chegara até lá.

Lenore ajudou-a a se despir e a vestir uma delicada camisola de cambraia. Ela lembrava-se apenas do prazer de sentir os lençóis de cetim roçarem seu corpo e do som abafado da criada fechando a porta do quarto. A enorme mansão estava em silêncio e apenas os ruídos corriqueiros das velhas casas embalaram seu sono.

## CAPÍTULO IV

O marquês já havia partido quando Morgana saiu do quarto na manhã seguinte. Sebastian a informou da ausência do senhor de Montfort enquanto a esperava para conduzi-la ao salão de refeições. Diante da insistência dela em tomar o desjejum na cozinha, acabou cedendo.

Ela não podia sequer pensar em ser abandonada no imenso e suntuoso salão. Havia sentido a opressão do luxo na noite anterior e estivera na companhia do marquês. Sozinha, a sensação intimidante seria intolerável!

— Há algo errado, senhorita? — perguntou Sebastian, percebendo a expressão contrariada de Morgana.

— Oh, não! Está tudo bem.

Como dizer ao mordomo que já se pilhara pensando no marquês pela centésima vez desde que acordara, há menos de uma hora? Como explicar que quase admitira estar sentindo falta dele?

O pior, porém, era reconhecer a sensação de segurança e proteção provocada pela simples proximidade daquele homem que pertencia a um outro universo, mesmo ciente do perigo de qualquer contato mais íntimo.

Se não tentasse pensar em outros assuntos e afastar a imagem desse homem de sua mente, iria sofrer muito!

A cozinha da mansão Montfort pertencia a uma época mais antiga, em que dezenas de criados trabalhavam no imenso aposento de pedra, preparando lautos banquetes para a nobreza do reino.

Em uma das paredes ficava a enorme lareira, cujas labaredas crepitantes afugentavam a umidade e afastavam as sombras. Ainda existiam os espetos onde, no passado, bois inteiros eram assados, e os ganchos de onde pendiam gigantescos caldeirões de cobre polido.

Agora todos os pratos eram feitos em um fogão a lenha de metal reluzente e ferro trabalhado, tão moderno que provocou a admiração de Morgana. E a comida preparada nessa maravilha do progresso tinha um aroma irresistível.

— Eu agradeço muito — disse Morgana, ao avistar que a mesa fora posta para ela. — Não queria dar tanto trabalho.

— Não foi trabalho algum, senhorita — declarou Sebastian, sorrindo. — Não concorda comigo, sra. Mulroon?

— Sem dúvida alguma, sr. Levander.

A guardiã do magnífico fogão e senhora absoluta da acolhedora cozinha era uma mulher de meia-idade, alta e vestida com a simplicidade austera de uma freira. Mas, quando a sra. Mulroon sorria, suas feições se transformavam e ela demonstrava ser a criatura terrena que cuidava da sobrevivência e do prazer de todos naquela casa.

— É um prazer cozinhar para a senhorita. O filho da sra. Fergus, que nos fornece ovos, é seu aluno e ela não se cansa de lhe fazer elogios.

Wynne Fergus vivia a dois quilômetros de Gynfelin e sustentava suas quatro crianças com a venda de galinhas e ovos. Apenas o menino mais velho tinha idade para freqüentar a escola, mas os demais logo o seguiriam. Ela perdera o marido e um irmão em um desabamento nas minas e o outro já estava com a saúde seriamente afetada, por isso devotava todas as suas energias na luta para que seus filhos escapassem desse destino trágico.

— Willy é um garoto muito... cheio de vida — comentou Morgana, diplomaticamente.

— A mãe dá um outro nome para a vivacidade dele, senhorita — brincou a sra. Mulroon, enquanto preparava o prato de Morgana.

Depois do farto jantar da noite anterior, Morgana achou que só conseguiria tomar uma xícara de chá. No entanto, o café da manhã preparado pela sra. Mulroon estava saboroso demais. Fatias rosadas de presunto, pão muito branco recém-tirado do forno, geléia feita em casa e um mel com perfume de macieiras despertaram seu apetite e ela devorou até dois ovos fornecidos por Wynne Fergus e fritos em manteiga caseira.

Embora com relutância, ela admitiu que não seria nada difícil acostumar-se com uma vida tão perfeita. Encontrar a comida pronta e apenas sentar-se à mesa para comer era ainda mais maravilhoso do que não pensar no preço dos alimentos.

Como seria ter todos os desejos realizados, todas as necessidades atendidas sem despender nenhum esforço? Jamais sentir frio, fome ou medo? Nunca olhar para uma linda criança e sofrer pensando em seu futuro?

A imaginação de Morgana, sempre fértil, não atingia esse limite. Ela não conseguia conceber uma vida tão rica de privilégios e desprovida de preocupações básicas. Teria de se contentar em satisfazer sua curiosidade em aspectos mais banais da existência dos moradores da mansão Montfort.

— A senhora é uma cozinheira excepcional — disse Morgana, procurando um modo de entrar no assunto. — O marquês tem muita sorte de poder contar com sua ajuda.

— É gentileza sua, senhorita — a sra. Mulroon enrubesceu de prazer.

— Há quanto tempo trabalha aqui?

— Vou completar dez anos. Aliás, toda a criadagem da mansão Montfort começou junto comigo, menos a sra. Dickinson. Ela foi contratada em Londres, quando o marquês decidiu que viria para Gynfelin. — A sra. Mulroon fez uma pausa significativa. — E está voltando para lá.

— Oh... ela vai embora?

A sra. Mulroon gostava de falar e Morgana não via motivos para desencorajá-la, mas talvez Sebastian não aprovasse esse tipo de conversa. Com o canto dos olhos, percebeu que ele estava junto à lareira, lendo o jornal e aparentemente alheio às duas mulheres.

— Mas é claro, senhorita — prosseguiu a cozinheira. — Ela falhou no cumprimento do dever e sua excelência, o marquês, não tolera nenhum deslize.

Morgana não tinha a menor dúvida de que o marquês era um patrão com níveis muito baixos de tolerância e muito altos de exigência. Que Deus ajudasse a quem cometesse um erro!

— Então ele irá precisar de uma nova governanta?

— Creio que sim — respondeu Sebastian, antecipando-se. — Seria muito difícil cuidar de uma casa como esta sem o auxílio de uma governanta.

A hesitação de Morgana durou alguns segundos. Embora sem intenção, ela praticamente forçara a entrada de Owen naquela casa. Seria presunção de sua parte e até um abuso de confiança sugerir que mais alguém fosse aceito a pedido seu mas...

— Há uma senhora na aldeia... seu nome é Elizabeth Gareth. Ela veio para Gynfelin a fim de tratar da mãe que morreu logo após sua chegada a Gynfelin. Ela era governanta de uma família que morava em Bath, e me parece ser uma mulher de grande capacidade.

— Acha que ela se interessaria pelo cargo, senhorita? — perguntou Sebastian.

— Não tenho dúvidas. A sra. Gareth sempre trabalhou e não está acostumada a ficar ociosa.

Na verdade, Elizabeth Gareth confessara que, embora adorasse viver em Gynfelin, teria de voltar para a Inglaterra para procurar um emprego. A doença da mãe consumira todas suas economias e ela não poderia sobreviver sem um salário fixo. Se conseguisse encontrar trabalho perto da aldeia, seria um verdadeiro presente divino.

— Transmitirei essas informações ao marquês — declarou Sebastian com um brilho malicioso no olhar.

Morgana terminou depressa seu café, certa de que a reação de Sebastian fora fruto de sua imaginação.

— Será que eu poderia me despedir de Owen? — perguntou ela, abotoando o casaco.

As suas roupas pareciam novas depois de terem passado pelas mãos hábeis de Lenore, que as escovara e limpava com uma eficiência de causar inveja a Morgana. Ela nunca conseguiria um resultado tão perfeito pois até seus sapatos gastos haviam recuperado o brilho após inúmeras camadas de polimento.

— É claro que sim, senhorita! — exclamou Sebastian. — Ele acordou com o nascer do sol, ansioso por começar o trabalho. Como sua excelência não me disse quais seriam suas funções, achei melhor entrevistá-lo antes de decidir onde Owen deveria gastar suas energias de maneira mais proveitosa.

Foi impossível conter um sorriso. Morgana suspeitava que o marquês não tinha sequer a mais vaga idéia de quais deveriam ser as funções de Owen. Sebastian, apesar da aparência marcial, era o mordomo perfeito e se encarregara do assunto, banal demais para preocupar a mente de seu senhor. —? Posso saber o que decidiu?

— Devo confessar que fiquei impressionado com o conhecimento do garoto, em especial a respeito da cultura grega e latina. Ele é fluente em latim! Owen informou-me que aprendeu tudo consigo, senhorita.

Muito alto, o mordomo teve de curvar-se para encarar Morgana.

— Espero que não considere ofensiva a minha curiosidade mas... onde adquiriu tantos conhecimentos profundos? As mulheres raramente têm uma educação tão aprimorada e clássica.

— Através de meu pai. Ele adorava os grandes mestres da antigüidade e queria que eu também pudesse usufruir esse prazer único.

Na noite anterior, Morgana relatara esse mesmo fato ao marquês e o resultado fora uma discussão acalorada sobre o verdadeiro papel da mulher na sociedade. Felizmente, Sebastian era mais compreensivo ou talvez menos arrogante.

— Seu pai devia ser um homem excepcional, senhorita. Mas, voltando ao garoto, achei que o melhor lugar para ele seria a biblioteca. O catálogo de referências está completamente desatualizado. Sua excelência já havia mencionado a necessidade de uma nova classificação...

— Tenho certeza de que Owen se sairá muito bem nessa tarefa. Na verdade, Morgana não podia imaginar um lugar mais adequado a Owen. Rodeado de livros, ele se sentiria no paraíso!

Mas não esperava uma modificação tão radical em tão pouco tempo. A criança magra, maltrapilha e derrotada da noite anterior tinha desaparecido e em seu lugar surgira um garoto esbelto, de ombros eretos e cujo rosto corado irradiava contentamento.

— Oh, senhorita! — exclamou ele, ao vê-la entrar na biblioteca. — Pode existir um lugar mais maravilhoso do que este? Livros do chão ao teto, em todas as paredes e sobre todos os assuntos imagináveis! O sr. Levander contou-me que o marquês começou a comprar todo o tipo de publicações quando tinha a minha idade e ainda não parou. Trouxe-os para esta casa porque aqui encontrará, finalmente, tempo para estudar.

— Maravilhoso — repetiu Morgana, desconfiada.

Por mais que tentasse, ela não conseguia conciliar a imagem do guerreiro montado em um corcel negro que dominara Trelawney sem nenhum esforço com a figura de um intelectual em busca de sossego para se dedicar aos estudos.

— Você está bem, Owen? Quer mesmo ficar aqui? — Ela abraçou-o carinhosamente. — Tudo aconteceu depressa demais e não tivemos tempo para

conversar sobre esse assunto. Parece que o marquês está determinado a mudar sua vida mas...

— Não parece apenas, senhorita. Ele realmente pretende mudar o meu futuro. Hoje cedo, antes de sair para cavalgar, o marquês veio conversar comigo e foi muito gentil. Disse-me que posso ficar trabalhando em sua casa enquanto continuo a estudar. Não é um milagre? Um emprego e a possibilidade de ter uma educação? Ah! Também me ofereceu uma harpa, que está na sala de música e só precisa ser afinada. Ele é fantástico! Entende de tudo... livros, música, tudo mesmo!

A satisfação de Morgana diante da euforia do menino não conseguia abafar uma inquietação indefinida. Era evidente que o marquês conquistara um seguidor fiel e devotado. Owen encontrara alguém que admirava suas qualidades e o aceitava como o pai nunca fizera.

A sua inquietação poderia ser uma ponta de ciúme diante do entusiasmo de Owen pelo novo protetor? Estaria ressentida por ter perdido abruptamente seu melhor aluno que a substituíra com tanta rapidez por um novo mentor?

Ela nunca tivera sentimentos tão indignos, mas sem dúvida o marquês trazia à tona tudo o que havia de pior em seu temperamento.

— Fico contente por você, Owen — disse ela, beijando a testa do garoto. — Se precisar de algo é só me avisar e farei o possível para ajudá-lo em qualquer situação.

Os dois se despediram com lágrimas nos olhos e Morgana saiu rapidamente da biblioteca para não demonstrar a intensidade de sua emoção. Ela partiu da mansão Montfort pela porta lateral e iniciou sua caminhada em direção a aldeia. Tinha se recusado a retornar em uma carruagem, apesar da insistência de Sebastian que não se conformava em deixá-la ir a pé, porque não queria se tornar o assunto de todas as conversas de Gynfelin. Quanto mais cedo retomasse sua vida de sempre, melhor seria.

Mas Morgana não resistiu à tentação de olhar ainda uma vez para a fascinante mansão sobre a colina, alva e imponente, sob a luz dourada do sol da manhã. Ela sempre se lembraria dos momentos passados naquela casa como parte de um sonho irreal. A sua vida ficava no fim da estrada estreita e de pedras, ali ficava o mundo ao qual pertencia.

Resoluta, Morgana virou a cabeça e começou o caminho de volta sem olhar para trás.

Entre as árvores do alto da colina, David refreou o cavalo e observou a figura esguia que se afastava de sua casa com passos firmes. Só quando a perdeu de vista soltou as rédeas, permitindo que o animal seguisse em direção à campina.

Tinha saído para cavalgar ao raiar do sol. Precisava dar vazão à energia que o mantivera acordado durante toda a noite mas não atingira seu objetivo. Ainda continuava tenso e nem mesmo a velocidade vertiginosa do galope o ajudara a fugir de pensamentos perturbadores.

Ele desejava Morgana Penrhys. Queria a professora de cabelos rubros e espírito combativo. Mulher alguma, por mais bela e sedutora, o atraía como aquela jovem idealista e franca ao ponto de ser rude.

David se conhecia bem demais e sabia que a desejava de uma forma diferente. Já não bastavam rostos belos e anônimos nem corpos perfeitos mas fáceis de esquecer. Não queria apenas mais uma conquista em uma longa lista de mulheres, sempre iguais, previsíveis e substituíveis.

Não. Agora ele queria a mulher que despertara um desejo até então desconhecido. Ansiava pelo espírito rebelde, pela vontade indômita além do corpo que sugeria uma sensualidade intensa ainda por vir à tona.

E esse seu desejo o transformava num canalha!

Se alguém lhe tivesse dito que, algum dia, ele acabaria por se considerar um canalha, sua reação seria explosiva. Mas o tempo lhe roubara o idealismo da juventude e quase todas as suas aspirações haviam se transformado em pó.

Entretanto, seus relacionamentos com as mulheres tinham sempre sido honestos e diretos. A maioria delas se ressentira com os limites que ele impunha, algumas haviam tentado mudá-los, mas nenhuma podia reclamar que fora deliberadamente enganada.

Estaria enganando Morgana? Zombara de suas noções de propriedade apesar de saber que eram corretas. Ela suspeitara, e com razão, de sua intenção de seduzi-la. Fora muito difícil resistir à tentação de deitá-la sobre o aveludado tapete persa diante da lareira para depois despi-la lentamente e então se saciar com a beleza de um corpo jamais visto por outros olhos.

Entretanto, nenhum homem poderia agir dessa forma e reclamar o direito de ser chamado de cavalheiro.

Na verdade, perdera esse direito na lama sangrenta da Criméia. O código moral que norteava sua vida não mais seguia as regras da sociedade porque fora criado apenas por ele e para ele. Morgana estava indefesa em suas mãos porque era inexperiente e em virtude de sua posição social. E essas fraquezas representavam sua única proteção.

David Harrell desprezava os homens que abusavam dos mais fracos, embora não pudesse considerar Morgana como uma criatura frágil e sem forças. Apesar de inexperiente e da posição subalterna, ela possuía firmeza, coragem e determinação, o que a tornava uma oponente à sua altura.

Ele suspirou, desanimado com a impossibilidade de ordenar seus pensamentos. O sol da manhã refletia em seus cabelos negros e revoltos pelo vento da cavalgada. A barba estava por fazer e a camisa amassada. David Harrell, marquês de Montfort, parecia mais um perigoso corsário do que um polido e maneiroso cavalheiro inglês.

Subitamente, a beleza da manhã afastou Morgana de sua mente. O sol dourava a relva das colinas e transformava os riachos em correntes brilhantes, o perfume das flores silvestres se mesclava ao aroma dos pinheiros agitados pela brisa da primavera e, ao longe, ouvia-se o clamor surdo do mar. A natureza em pleno vigor o lembrava de sua infinita sorte em estar vivo.

Apesar de tudo e contrariando todas as previsões, ele estava vivo. Talvez tivesse chegado o momento de recomeçar realmente a viver.

Em uma curva da estrada, Morgana deteve sua rápida caminhada, sem saber por que parara. Uma sensação de alegria e prazer a invadiu como se a beleza da manhã despertasse suas emoções mais profundas. Ela nunca se sentira dessa forma, tão livre e viva.

Em questão de segundos, Morgana voltou à normalidade e forçou-se a recomeçar a caminhada. A estrada agora descia em direção à aldeia. Ela sentia as pedras sob a sola dos sapatos, chamando-a de volta à realidade. Da sensação de prazer restou apenas uma lembrança agradável.

Com passos rápidos, ela iniciou a descida e seu casaco amplo flutuava ao vento. Subitamente, Morgana acreditou ter ouvido o galope de um cavalo e virou-se para trás.

Os campos dourados pelo sol da manhã estavam desertos e ouvia-se apenas o cantar dos pássaros e o rumor das ondas contra os rochedos. À sua frente, avistava-se Gynfelin, com suas casas muito alvas aninhadas num vale verde entre duas colinas.

A casa de Morgana ficava atrás da igreja e não era distante da escola. Segurando as saias, ela correu ao encontro de seu mundo.

## CAPÍTULO V

Os momentos de reflexão solitária antes de as crianças chegarem à escola haviam se tornado um hábito agradável e necessário na vida de Morgana. Ela preparava a aula do dia, pensava nos problemas particulares de cada um de seus alunos e tentava encontrar soluções para suas vidas sem esperança.

Naquela manhã, ela chegou ainda mais cedo mas encontrou uma visita indesejável embora não inesperada que a impediria de usufruir seus preciosos momentos de solidão.

Winnifred Armbruster invadira a sala de aula e, sentada na cadeira da professora, remexia nas gavetas da mesa. Ela ergueu os olhos à entrada de Morgana, mas não tentou disfarçar sua intromissão nem demonstrou qualquer arrependimento, ou embaraço.

A única concessão à irregularidade de sua atitude foi lançar um olhar acusador a Morgana como se a jovem professora fosse a culpada.

— Você chegou cedo demais.

Controlando com esforço a raiva despertada por uma indesculpável invasão de sua privacidade, Morgana fechou a porta da sala às suas costas. Por sorte, nenhuma das crianças costumava chegar tão cedo e ainda demorariam uma hora, o que as pouparia de presenciarem uma cena desagradável.

— Infelizmente não cheguei em tempo para recebê-la na escola.

Morgana aproximou-se da mesa, à espera que a indesejável visitante lhe cedesse o lugar. Winnifred Armbruster não se moveu, nitidamente propensa a permanecer na cadeira da professora.

— Decidi verificar seu livro de chamada, srta. Penrhys. Está dando aula para trinta e sete alunos quando apenas trinta e dois foram matriculados. Esse tipo de irregularidade já ocorreu antes e, caso não se lembre, foi chamada para se justificar. Crianças cujos pais se recusam a pagar a mensalidade não têm o direito de frequentar a escola.

— Nenhum pai se "recusa" a pagar, sra. Armbruster — replicou Morgana, sabendo que a perda de controle seria prejudicial à ela e aos alunos. — Todos pagam quando podem mas existem famílias muito pobres nesta aldeia.

Embora a tentação fosse quase irresistível, ela evitou salientar que a esposa do pastor de Gynfelin não poderia ignorar o fato pois consistia seu dever cuidar dessas famílias desamparadas. Aliás, de nada adiantaria falar. Mas, se a sra. Armbruster não escondia seu desprezo pelos pobres, Morgana não se sentia obrigada a aceitar essa falta de caridade.

— Certamente não acredita que eles mereçam menos do que os ricos, não é? Até as sagradas escrituras ensinam que são abençoados os pobres. Nosso Senhor viveu, pregou e amou os que não tinham posses. Imitá-lo não seria nosso dever cristão?

O rosto redondo da sra. Armbruster ficou rubro de cólera, não de vergonha. A esposa do pastor de Gynfelin, rechonchuda e saudável, queixava-se de inúmeras debilidades físicas mas certamente a falta de apetite não era um de seus problemas.

— Eu acredito principalmente na sua insistência em quebrar regras que foram criadas por motivos muito válidos!

A sra. Armbruster não conseguia controlar a cólera. Não podia admitir que uma professorinha qualquer pusesse em dúvida as suas noções de amor ao próximo. Mas, francamente, já estava cansada de ouvir falar tanto nos pobres do mundo. Se as pessoas sérias perdessem tempo se preocupando com a miséria alheia não haveria tempo para pensar em progresso.

— Se aceitar alunos que não pagam, a escola logo não terá mais condições de funcionar — prosseguiu Winnifred, exaltada. — Viriam crianças até de Glamorgan, que é bem longe! Uma verdadeira multidão bateria em sua porta pedindo para assistir às aulas.

— E não seria trágico, sra. Armbruster?

Morgana podia tolerar inúmeras fraquezas humanas, mas considerava um crime que se negasse a uma criança o direito à educação escolar. Naquela região pobre, muito poucos conseguiam terminar o curso primário, e eram raros os que escapavam da miséria e da desesperança para viver uma vida mais digna.

— É um crime que o desejo desesperado de estudar obrigue essas crianças a implorarem por uma escola gratuita. Que futuro aguarda um país em que se permite tal vergonha? Se existissem escolas suficientes, em muito pouco tempo teríamos uma população mais culta e mais consciente, mas talvez seja este o problema. O conhecimento os faria perguntar por que alguns vivem tão melhor com muito menos esforço.

— Basta! — declarou a sra. Armbruster, levantando-se da cadeira de Morgana. — Como sempre, a sua insolência ultrapassa os limites da educação e da minha tolerância! Apesar disso, sinto-me na obrigação de aconselhá-la, srta. Penrhys. Não esgote a paciência que as pessoas decentes desta aldeia estão dispostas a demonstrar em seu favor. O nosso querido fazendeiro e madame Kennard são almas piedosas, mas eles também acabarão por se cansar. Ou você aprende a se comportar ou pode ficar sem emprego da noite para o dia.

Morgana resistiu ao desejo de apontar à sra. Armbruster que apenas o marquês de Montfort, o dono da escola e de Gynfe-lin, poderia despedi-la. Controlou-se; não tinha a menor vontade de falar sobre esse assunto com aquela mulher insuportável. Precisava afastá-la de sua sala de aula o mais depressa possível.

— As crianças começarão a chegar dentro de alguns minutos — declarou secamente. — Acho melhor adiarmos esta discussão para um momento mais apropriado, sra. Armbruster.

— Nós não temos nada a discutir. Lembre-se bem de meu conselho, senhorita. Essa teimosia obstinada acabará provocando sua ruína — disse Winnifred Armbruster, dirigindo-se para a porta da sala de aula. — Quando você se candidatou a este emprego, eu fui contra e agora tenho certeza absoluta de que não errei ao julgá-la arrogante e com manias de grandeza. Mude de atitude, Morgana Penrhys, ou diga adeus a Gynfelin!

O mal-estar causado pela sra. Armbruster não se dissipou após sua partida. Morgana ainda estava contrafeita e irritada quando o primeiro de seus alunos chegou, trazendo-lhe um buquê de flores silvestres, apanhados à beira da estrada.

As flores estavam cheias de barro e gotejavam pelo chão da escola, mas para Morgana eram tão belas quanto o mais luxuoso dos buquês. Ela foi à procura de um balde para colocá-las e, quando retornou à sala de aula, todos os alunos já haviam chegado.

As horas passaram com a rapidez de costume. Morgana não tinha tempo de pensar em seus problemas e nem mesmo lembrava de voltar a sua mesa depois de percorrer os bancos, explicando os pontos mais difíceis ou encorajando os alunos a executarem as tarefas com o máximo de perfeição possível.

Ela se encantava com o entusiasmo das crianças que absorviam avidamente todos os conhecimentos e sempre se surpreendia com o aproveitamento dos alunos, apesar das circunstâncias precárias. O prédio da escola estava em péssimas condições, o teto tinha goteiras, não havia livros suficientes e até o giz precisava ser usado com parcimônia.

A despeito de todas as dificuldades, as crianças aprendiam muito. Quando o longo dia chegava ao fim, os alunos rodeavam Morgana, ansiosos por prolongarem



aquelas horas de encantamento e só iam embora ao ouvirem sua promessa de que voltariam a se encontrar na manhã seguinte.

Depois que todos partiam, ela ainda permanecia na escola, limpando e arrumando tudo para a próxima aula. Esses momentos também eram preciosos para Morgana que aproveitava o silêncio e a solidão para avaliar seu dia e anotar detalhes que deveriam ser lembrados no futuro.

Como já acontecera pela manhã, um visitante voltou a privá-la de seus momentos de agradável isolamento. Decididamente, ela ainda não se livrara da família Armbruster!

O reverendo Armbruster era um homem magro e de ombros curvados cuja aparência frágil contrastava com a excessiva robustez de sua esposa. A palidez e os olhos ligeiramente avermelhados indicavam longas noites de pesquisas intelectuais. Ele passara a maior parte de seus dias estudando genealogias medievais e não conseguia esconder sua perplexidade diante dos problemas da vida moderna. A "querida Winnifred" o rodeava de cuidados, insistindo que o marido tinha a incapacidade de uma criança para sobreviver num mundo complexo demais.

Na verdade, o pastor de Gynfelin era dotado de um bom senso excepcional mas nunca tinha a menor oportunidade de demonstrar essa qualidade.

Sua igreja era freqüentada pela sociedade local, com exceção do marquês que ainda não dera o ar de sua graça na pequena capela de pedra cinzenta junto à praça da aldeia. Na verdade, o reverendo não esperava que esse personagem importante fosse se dignar a comparecer ao serviço dominical.

Apenas os aldeãos mais idosos se aproximavam do reverendo que mal via os demais moradores de Gynfelin. No seminário, ele imaginara uma pequena multidão de camponeses em trajes domingueiros acompanhando suas orações. Acreditara que os bem-intencionados paroquianos, dedicados ao cultivo da terra, eram o verdadeiro esteio e a alma do país, e que permaneciam fiéis à igreja.

A realidade fora muito diferente. Os moradores de Gynfelin atestavam sua lealdade à igreja mas não tinham intenção de freqüentá-la. Logo ao chegar à aldeia, ele tentara atraí-los para os serviços dominicais, mas seus esforços nesse sentido haviam falhado fragorosamente, talvez por inépcia de sua parte.

O reverendo Armbruster acabara por desistir de aumentar o número de freqüentadores de sua igreja e fora dedicando mais tempo ao seu verdadeiro amor, a pesquisa genealógica. Entretanto, após a chegada da srta. Penrhys, ele começara a se sentir culpado por não ter objetivos espirituais mais elevados. Com o incentivo discreto da dedicada professora de Gynfelin, ele tentara superar sua timidez para se envolver com os moradores da aldeia que não eram seus paroquianos.

— Ainda bem que não foi embora, srta. Penrhys — declarou ele, entrando, ofegante, na sala de aula. — Apressei-me porque precisava encontrá-la antes que fosse para casa. Pensei muito sobre o problema de Owen Trelawney e acho que seria bom se eu falasse com o pai dele. Nunca tive esse tipo de experiência mas não custa tentar, não é? Algo precisa ser feito.

— Agradeço sua preocupação com o assunto mas o problema já foi resolvido, reverendo. — Morgana fechou o caderno que pretendia corrigir. — Owen foi contratado para trabalhar na residência do marquês de Montfort.

— Por todos os anjos do céu! Tem certeza do que está falando, srta. Penrhys?

— Absoluta!

A reação de incredulidade do reverendo Armbruster provocou uma inesperada sensação de vitória em Morgana. Afinal, o problema fora resolvido por ela e de uma forma extraordinariamente rara!

Armbruster deixou o corpo cair sobre o banco de madeira em frente à mesa da professora. No canto da sala, ficava um pequeno fogão à lenha que servia de aquecedor e onde Morgana esquentava o chá que oferecia aos alunos no meio da tarde. Ela fornecia

um lanche, pagando os alimentos de seu próprio salário, e esforçava por torná-lo substancial pois sabia que provavelmente seria a única refeição decente das crianças durante todo o dia.

Além dos bancos, da escrivaninha e do fogão de ferro, o único outro móvel da sala era uma estante improvisada, onde Morgana guardava os raros livros e os cadernos das crianças. Nos dias escuros de inverno, não se poderia dar aula sem acender os três lampiões de querosene presos na viga do teto. Mas, tão logo chegava a primavera, bastava abrir as janelas para que entrasse a luz do sol.

O fim dos dias frios diminuía os afazeres de Morgana, que não precisava limpar os lampiões nem cortar lenha para o fogão. Não era de se admirar que ela esperasse tão ansiosamente pela chegada da primavera.

— O marquês... — murmurou Armbruster, incrédulo — O marquês... como a senhorita conseguiu... Céus! Eu não consigo acreditar!

Morgana sorriu. Seu encontro com o marquês provocara sensações tão perturbadoras que ela não tivera o desejo e muito menos o tempo de apreciar a importância de sua participação em um fato excepcional. O pobre Owen, filho de um bêbado violento e prestes a ser condenado ao trabalho nas minas de carvão, passara a fazer parte, de um momento para o outro, do restrito e invejado grupo que trabalhava na mansão de sua excelência, o marquês de Montfort.

O reverendo merecia ser desculpado por sua reação de incredulidade e pasmo porque o fato realmente se comparava a um terremoto naquela pacífica aldeia onde quase nada acontecia durante décadas.

— Eu decidi ir falar com Trelawney, ontem à tarde — explicou ela.

— Que temeridade, criança! Não sabe que ele é um homem violento e perigoso? Podia ter sido agredida.

— Na verdade, eu fui — admitiu Morgana, tocando o rosto. A dor e o inchaço já haviam desaparecido, mas a mancha, ligeiramente arroxeadada, demoraria a desaparecer.

— Mal posso acreditar! — O reverendo estava horrorizado. — Desta vez Trelawney ultrapassou todos os limites! Ele terá de ser denunciado ao juiz porque homem algum deve agredir uma mulher.

— Sua Excelência já se encarregou de tudo — Morgana apressou-se em explicar, antes que o reverendo perdesse o controle. — O marquês chegou no momento exato para descobrir que Trelawney não é um pai responsável por seus atos. Também ficou bem impressionado com Owen e lhe ofereceu a oportunidade rara de trabalhar na mansão Montfort.

— É surpreendente. Às vezes temos a possibilidade única de ver, com nossos próprios olhos, uma obra divina sendo realizada. Talvez eu aproveite esse fato como tema de meu sermão de domingo — declarou o reverendo, pensativo. — Bem, o importante é saber que Owen está seguro e com o futuro garantido.

Tentando disfarçar a curiosidade, o reverendo Armbruster aproximou-se de Morgana.

— Você realmente encontrou Sua Excelência? Sabe que ninguém, até agora, conseguiu nem sequer avistá-lo de longe, apesar de multiplicarem seus esforços? O fazendeiro Kennard está prestes a ter uma crise de nervos porque não foi recebido pelo senhor de Montfort em nenhuma de suas várias visitas. Os convites que madame Kennard enviou voltaram com um pedido de desculpas pela impossibilidade de comparecer às reuniões em

Trockmorton. Não entendo desse assunto mas a querida Win-nifred disse que foi uma grosseria da parte de nosso ilustre marquês.

— Talvez ele valorize muito a sua privacidade, reverendo.

Na verdade, levando-se em conta a família Kennard, o marquês estava apenas demonstrando muita sabedoria em fugir dos convites.

— Infelizmente, essa reticência do marquês esconde um problema bem mais sério. A senhorita está sempre tão ocupada com os seus alunos que não tem tempo de prestar atenção nos comentários sobre Sua Excelência, um hábito louvável de sua parte.

Morgana hesitou, sem saber como reagir diante da informação do reverendo. Não podia demonstrar curiosidade excessiva nem fingir um desinteresse total.

— Comentários? — repetiu ela, sem muita ênfase.

— Madame Kennard ouviu a história de sua irmã, que mora em Dorset. Essa senhora é esposa de um oficial dos Fuzileiros Reais e seu marido esteve de visita a Londres onde foi informado de tudo por um antigo companheiro de vida militar, durante uma recepção.

Aparentemente, o reverendo não se interessava apenas pela genealogia do período medieval. A julgar pelo brilho satisfeito de seus olhos sempre distraídos, ele também adorava mexericos.

— Quando a história passa de boca em boca, acaba sendo distorcida, reverendo. Não concorda comigo?

— Sem a menor dúvida, senhorita. Bem, agora tenho de ir cuidar de meus afazeres. Foi um alívio saber que Owen está a salvo da violência do pai e... a sua participação nesse caso me deixa estupefato!

— Espere! — exclamou Morgana, percebendo que fora rude demais. — O senhor não me disse... o marquês...

— Ele recusou-se a cumprir uma ordem — contou o reverendo, sem perda de tempo. — Creio que o fato aconteceu em Ba-laklava. A punição para esse tipo de delito de guerra geralmente é o afastamento desonroso do exército, mas o marquês tem padrinhos influentes e o assunto foi abafado. Apesar disso, ele não é recebido pela sociedade londrina. Dizem que se retirou para Gales por esse motivo.

— Mas ele não se interessa em ser recebido pela sociedade de Gynfelin — salientou Morgana que, apesar de chocada com a revelação do reverendo, continuava a manter uma linha de pensamento lúcida e racional.

A recusa em cumprir uma ordem seria, em qualquer circunstância, um delito grave mas, se ocorresse em campo de batalha, equivalia à traição.

Morgana passara apenas algumas horas na companhia do marquês, muito pouco tempo para avaliar com segurança o caráter de qualquer homem. Entretanto, percebera a arrogância, a vontade implacável e exigente, aliada ao egoísmo de sua classe social. Por que não confiar em sua sensibilidade, acreditando que ele realmente possuía qualidades positivas como bondade e compaixão?

Fechando os olhos por um instante, lembrou-se da expressão do marquês quando se referira à Criméia. Não fora o medo que transformara suas feições másculas e sim o horror diante do absurdo da guerra. Morgana ainda não conseguia acreditar no fato revelado pelo reverendo, que mais lhe parecia uma distorção da realidade. No entanto, se aquele homem se recusara a cumprir uma ordem, não tinha sido por covardia.

Na verdade, o comportamento e o passado do marquês de Montfort não tinham a menor importância para nenhum dos curiosos que vibrava com mexericos escandalosos. Ele era e continuaria a ser o senhor de Gynfelin. Todos, inclusive o reverendo Armbruster e o fazendeiro Kennard, demonstrariam prudência e sabedoria se não perdessem de vista esse fato.

Morgana conhecera poucos homens e certamente nunca convivera com ninguém de uma classe tão alta quanto o marquês mas, apesar de sua reconhecida inexperiência, tinha certeza absoluta de que o senhor de Montfort não reagiria bem se fosse desafiado. Seria até estimulante acompanhar o conflito, caso o insistente fazendeiro Kennard tentasse forçar a sua vontade.

Depois que o reverendo partiu, Morgana terminou de corrigir os cadernos dos alunos e preparou-se para percorrer a pequena distância que separava a escola de sua casa.

A humilde construção de pedra com um vacilante telhado de ardósia fora, num passado bastante recente, um abrigo onde os pastores se refugiavam com seus rebanhos durante as nevascas de inverno. Em uma das paredes, havia um antigo fogão à lenha em torno do qual se erguera uma cozinha rudimentar. No outro extremo do único aposento, ficava uma pequena alcova, ocupada totalmente pela estreita cama de solteiro.

A mesa com duas cadeiras, uma estante para seus numerosos livros e um armário pesado tinham vindo da casa dos pais de Morgana. Mas as pequenas peças que davam ao ambiente rústico uma agradável aura de aconchego haviam sido reunidas através dos anos em que ela vivera sozinha, dedicando sua vida ao ensino.

No centro do aposento destacava-se um tapete de colorido vivo que lhe fora dado pelos ciganos em agradecimento pelas aulas dadas às crianças da tribo. Sempre que as romarias os levavam até Gynfelin, Morgana desafiava as convenções e provocava o descontentamento da população local dedicando suas horas livres a ensinar todos que se interessassem em aprender.

Flores e ervas secas davam ao ambiente um colorido outonal que contrastava com as cortinas azuis que Morgana fizera para lembrar-se de seu quarto na casa paterna. Entretanto, nem todos os seus esforços disfarçavam a pobreza e a falta de conforto daquele lugar destinado a ser apenas um refúgio temporário contra a fúria da natureza.

De acordo com a tradição e os costumes locais, Morgana deveria ter sido recebida por uma família de posses da aldeia que, em geral, seria a do maior proprietário de terras da região. Mas bastara um olhar e Rosalind Kennard ignorara a obrigação de convidar aquela professora de rebelde cabeleira ruiva para viver em sua casa.

Recusando-se a respeitar as tradições, madame Kennard se lembrara do abrigo de pastores quase em ruínas e fora de uso há alguns anos e não tivera dúvidas de que encontrara a solução ideal. Ela não tomou conhecimento da rusticidade e do desconforto da cabana afastada da aldeia e o oferecera como se fosse um presente valioso.

Após três anos de cuidados e muito trabalho, Morgana conseguira transformar o abrigo temporário em um verdadeiro lar. Ao cruzar a soleira da porta, depois de ter passado mais de vinte e quatro horas fora de casa, sentiu-se protegida pela segurança e pelo aconchego de seu refúgio contra a hostilidade do mundo.

Preparou sua refeição da noite, sempre muito frugal, e foi sentar-se diante do fogão. Um vento frio entrava pelas frestas da janela e, inevitavelmente, Morgana lembrou-se do conforto e dos cuidados que recebera da amável e eficiente criada de quarto.

Enquanto se despia, pensou mais uma vez que, por sorte, era uma mulher independente e acostumada a construir sua própria vida, caso contrário, sentiria muita falta do luxo e da fartura descobertas na noite anterior por um capricho do destino.

O sono que atormentara Morgana enquanto se preparava para dormir, desapareceu como por encanto no momento em que apagou o lampião. O costumeiro silêncio dos campos ao redor da casa agora parecia-lhe opressivo e uma inesperada sensação de isolamento a envolveu. Encolheu-se debaixo das cobertas, tentando afastar a súbita sensação de desamparo.

A solidão não era um sentimento completamente estranho a Morgana. Ela sentira muita falta da convivência com seus irmãos e irmãs ao deixar a casa da família para trabalhar em vilarejos distantes. Logo se envolvera com os alunos e não lhe restava muito tempo para pensar que vivia isolada, sem amigos e sem afeto. Pelo menos, até então...

O jantar que partilhara com o marquês tivera um preço inesperadamente alto. De um instante para o outro, descobrira que não era auto-suficiente em seu mundo restrito à escola e ao isolamento do lar. Faltava-lhe algo muito importante e, se fosse honesta consigo mesma, admitiria que precisava de alguém.

Sem dúvida, estava perdendo o juízo! Angustiado, Morgana se esforçava por dormir, rezando para que o sono viesse logo, trazendo um abençoado período de sossego, sem pensamentos inquietantes e perturbadores.

Já quase de madrugada, o sono finalmente chegou mas sem trazer o alívio que Morgana precisava. Em seus sonhos agitados, um magnífico corcel negro percorria as pradarias ao redor de Gynfelin, escavando a terra úmida com seus cascos de aço puro. O vento soprava incessantemente, murmurando antigos sortilégios e trazendo em suas asas a voz misteriosa das sacerdotisas pagãs.

Os dias passavam com uma lentidão exasperante. Morgana ficara resfriada e atribuída a sensação de desalento e a incapacidade de ordenar as idéias ao mal-estar físico decorrente da doença. Ela tomava, de manhã à noite, um chá especial enquanto assegurava às crianças de que estava se sentindo bem-disposta. Talvez a repetição incessante acabasse por convencê-la de que não havia nada de errado em sua vida.

No final da semana, ela já se recuperara o suficiente para se alegrar com uma visita de Owen. O garoto surgiu inesperadamente à porta da escola, logo depois do término das aulas, com um sorriso tímido e uma cesta de petiscos apetitosos enviados pela sra. Mulroon.

— Sinto muito por não ter vindo antes, senhorita — desculpou-se ele, enquanto se afastavam juntos da escola.

Morgana não se cansava de olhar para Owen, que se transformara muito em tão pouco tempo. Ele ainda era pequeno para sua idade e de estrutura frágil, pois alguns dias de tratamento decente e boa alimentação não poderiam ter um efeito imediato. Mas a postura física, de ombros retos e cabeça erguida, aumentava sua estatura além de refletir uma mudança significativa em seu estado de espírito. O rosto corado indicava saúde, os olhos brilhavam e o sorriso, outrora raro, surgia com encantadora frequência em seus lábios.

As roupas bem cortadas e de tecido de qualidade davam-lhe a aparência de um garoto de posses. Quando Morgana comentou sua recém-adquirida elegância, Owen enrubescou, envergonhado.

— O sr. Levander disse que eu precisava me vestir melhor. Estas roupas são parte do enxoval que os valetes recebem ao começar o trabalho na residência do marquês, mas a costureira reformou-os para mim.

— Está gostando de seu trabalho? — perguntou Morgana com doçura.

— Oh! É simplesmente maravilhoso! A senhorita nem imagina que livros Sua Excelência tem naquela enorme biblioteca! Há dezenas só de botânica e esse é apenas um dos muitos assuntos. Já encontrei obras em mais de seis idiomas diferentes. O marquês lê alemão, francês e italiano, além de grego e latim.

Owen parou por um instante para recuperar o fôlego.

— Sua Excelência se interessa principalmente por mapas atuais e antigos. Tem centenas de livros relatando as aventuras de exploradores e viajantes da antigüidade. Ele me contou que, quando era menino, pegou um barquinho em Bath, onde estava passando as férias com sua família, e começou a remar para o mar alto porque queria redescobrir as Américas. Afastou-se quase quinze quilômetros da costa até ser encontrado por um pescador que o trouxe de volta, a contragosto!

— É mesmo? — perguntou Morgana, preocupada com o entusiasmo excessivo do garoto.

Os poucos dias na residência do senhor de Montfort não tinham provocado apenas mudanças físicas em Owen. O garoto que preferia ouvir a falar estava descobrindo o prazer de se comunicar. Também era evidente que sua admiração pelo marquês crescia a olhos vistos. Morgana só rezava para que ele não tivesse uma triste decepção, idolatrando um homem sem tantas qualidades.

— Você o vê com muita frequência? — perguntou Morgana quando os dois entraram em casa.

— Não muita — respondeu Owen, aproximando-se da mesa para retirar da cesta os petiscos preparados pela sra. Mulroon. — O marquês está sempre ocupado, cuidando de suas propriedades. Ele cavalga todas as manhãs e ontem foi até Cardovan para falar com os pastores de ovelhas. No dia anterior, tinha ido a Flynneyn para conversar com os pescadores.

Essas duas aldeias ficavam dentro das extensas propriedades do senhor de Montfort e estavam sob sua jurisdição direta mas, embora fossem importantes fontes de renda, eram bem menores do que Gynfelin.

— Por que ele não começou pela nossa aldeia?

— O sr. Levander me contou que Sua Excelência já conhece Gynfelin muito bem por causa dos livros de contabilidade. Ele leu todos os relatórios para se familiarizar com todos os aspectos de nossa aldeia antes mesmo de vir para cá.

— Livros de contabilidade? — exclamou Morgana, irritada. — Certamente não é esse o melhor modo de conhecer lugar algum. Ele precisa ter contato com as pessoas que moram aqui e não com estatísticas frias.

— Talvez seja justamente isso que ele quer evitar, senhorita. Sei que não deveria repetir esses comentários mas... não tenho medo de lhe contar nada porque jamais trairia a minha confiança. O fazendeiro Kennard está se tornando um constante aborrecimento na vida do marquês. Já foi visitá-lo mais de dez vezes e, quando percebeu que não seria recebido, enviou-lhe um convite para a festa da primavera.

Dando uma risada maliciosa, Owen começou a desembulhar os pacotes que retirara da cesta.

— O sr. Levander sabe que madame Kennard tem duas filhas pouco atraentes e Sua Excelência também não deve ignorar esse fato. O sr. Levander também me contou que o marquês é um perito em evitar armadilhas desse tipo.

— Não diga!

Ela nunca simpatizara com a família do fazendeiro Kennard e pouco se importava com suas filhas desprovidas de atrativos. De qualquer forma, eles representavam Gynfelin e tinham de ser tratados com respeito e consideração. A determinação do marquês em fugir de qualquer contato com os moradores da aldeia começava a se tornar ofensiva.

Mas, à medida que Owen revelava um novo prato apetitoso, Morgana deixou de pensar no relacionamento do marquês com os habitantes de Gynfelin. Ela sentiu o apetite crescer diante de um rico bolo de frutas, dos pãezinhos de leite ainda quentes, da manteiga e da geléia caseiras.

— A sra. Mulroon foi muito gentil em mandar tantos petiscos deliciosos.

— Ela quer que a senhorita a visite tão logo seja possível.

— Eu tentarei encontrar um momento livre na próxima semana.

Morgana pretendia esperar até ter certeza de que não encontraria o marquês durante sua visita à cozinha da mansão.

— E a sra. Gareth? Já está acostumada em seu novo trabalho?

Elizabeth Gareth viera visitar Morgana, há três dias, sem conter a excitação. Fora chamada para uma entrevista na mansão Montfort e sabia que a jovem professora a indicara ao sr. Levander. Ela não pudera voltar para comunicar o resultado porque, como ambas as partes haviam ficado satisfeitas, começara a trabalhar de imediato.

— Ela está se desempenhando muito bem de suas funções, pelo menos foi isso que o sr. Levander comentou com a sra. Mulroon e eu ouvi. Também me pediu para lhe dizer que vá visitá-la porque não terá tempo de vir à aldeia nas próximas semanas. A sra. Dickinson deixou a casa de pernas para o ar!

— Tenho certeza de que a nossa eficiente sra. Gareth colocará tudo nos lugares certos num piscar de olhos — comentou Morgana, colocando mais um pedaço de bolo no prato de Owen.

A julgar pelo apetite insaciável do garoto, logo a sua fragilidade pertenceria ao passado. Infelizmente, outras marcas de sua vida ao lado do pai não desapareceriam com tanta rapidez.

— Teve notícias de seu pai, Owen?

— Soube, por intermédio do sr. Levander, que ele deixou Gynfelin com destino ignorado. O sr. Levander também se ofereceu para investigar seu paradeiro, se eu quisesse. Mas não há realmente necessidade porque nós dois nunca fomos muito unidos.

— Tem razão, Owen — disse Morgana, colocando a mão sobre o ombro do garoto. — Todos nós levamos conosco o nosso passado, mas isso não quer dizer que precisemos nos culpar e sofrer pelo que aconteceu. Você é forte e conseguirá vencer. Garanto-lhe que raramente digo essas palavras a alguém, meu amigo.

— Eu sei, srta. Penrhys. E... muito obrigado por sua ajuda. — Comovido, Owen deu um sorriso tímido. — Se a senhorita não lutasse por mim, a minha vida estaria terminada.

Morgana não tinha dúvida de que sua intervenção desastrada quase provocara a morte de Owen. Lembrava-se, com inquietante nitidez, de Thomas Trelawney curvado sobre o filho e com a foice erguida, pronto para desfechar o golpe fatal. Se o marquês não surgisse subitamente, agindo com implacável firmeza, uma vida promissora e muito jovem seria desperdiçada.

Pelo menos, ela conseguira aprender uma lição através dessa experiência que por pouco não havia se transformado em uma tragédia. Não bastava estar cheia de boas intenções quando não existia a força para transformá-las em fatos reais. Morgana não tinha nenhum poder, mas o marquês o possuía em abundância!

Owen já havia ido embora há mais de duas horas e Morgana continuava sentada à mesa, pensando. Quando a noite caiu, ela acendeu o lampião mas não procurou, como sempre fazia, um bordado ou livro para se ocupar até que o sono viesse.

Morgana Penrhys estava se forçando a encarar a realidade.

As crianças de Gynfelin precisavam de tudo e ela nunca teria condições de suprir essas necessidades desesperadoras. Morgana não era tola nem falsamente modesta e reconhecia que sua dedicação ao trabalho estava muito acima do normal, contudo, continuava longe de satisfazê-la. Existiam outros alunos brilhantes na escola e mesmo os menos dotados mereciam ao menos uma chance de lutar por uma vida sem pobreza e desesperança.

O marquês de Montfort tinha os meios e o poder para transformar essa realidade. Certamente faltava-lhe a compreensão do problema e talvez a vontade de alterar o sistema vigente, mas Morgana poderia suprir amplamente essas deficiências.

A única falha em seu plano era a necessidade de se expor à presença marcante de um homem perigoso demais para a sua paz de espírito. Teria de se aproximar do marquês, conversar com ele e convencê-lo a se interessar pelos problemas da escola de Gynfelin.

Em outras palavras, Morgana teria de se colocar no caminho dele, arriscando-se a ser uma vítima de sua atração.

Depois de analisar seu plano sob os mais diversos pontos de vista, ela admitiu que não havia nenhuma outra possibilidade. Estava diante de uma oportunidade única e, se recuasse por medo de se magoar, jamais se perdoaria. Teria de encontrar forças e lutar pelo futuro das suas crianças. Só era preciso escolher o momento propício para dar o primeiro passo.

Dois dias depois, foi colhida pelo momento propício.

## CAPÍTULO VI

Ao sair da igreja no domingo de manhã, após o serviço, Morgana surpreendeu-se com o inesperado comportamento de Rosalind Kennard que acenava, chamando-a.

A esposa do maior proprietário de terras da região, sem se levar em conta o marquês de Montfort, era a autoridade máxima da alta sociedade rural que se esmerava em imitar os hábitos requintados da nobreza. Rosalind Kennard costumava ignorar deliberadamente a professora da escola de Gynfelin mas, se forçada pelas circunstâncias, falava com Morgana com o olhar dirigido para algum ponto indefinido sobre a cabeleira ruiva.

Quando Morgana chegara a Gynfelin para se candidatar ao posto, madame Kennard havia viajado para visitar a irmã em Dorset e perdera a oportunidade de fazer valer seu costumeiro despotismo. Ela nunca se conformara com aquela contratação que continuava a considerar inaceitável.

A decisão fora tomada em conjunto pelo fazendeiro Kennard, que não resistia a uma mulher jovem e atraente, e pelo reverendo Armbruster que, pela primeira e talvez última vez na vida, não dera ouvidos aos conselhos autoritários da querida Winnifred.

Rosalind Kennard tinha um comportamento previsível em relação às outras mulheres, antipatizando e desconfiando de toda a representante de seu sexo com mais juventude ou beleza, com mais inteligência ou encanto do que ela ou suas filhas desprovidas de atrativos físicos e intelectuais.

Como essas qualificações englobavam a maioria das mulheres sobre a face da terra, madame Kennard tinha uma ampla galeria de vítimas em quem descarregar sua maldade. Mas a jovem professora que se apossara da escola da sua aldeia sem o seu consentimento continuava sendo o alvo favorito de seus comentários venenosos. Aos seus olhos, o principal e o mais insuportável dos defeitos de Morgana Penrhys era a recusa em demonstrar deferência e respeito servil a ela, a rainha da sociedade de Gynfelin.

À semelhança de Winnifred Armbruster, que exigia de todos o reconhecimento de uma bondade inexistente, madame Kennard acreditava ser uma grande estudiosa de mente privilegiada. Claro que não se considerava uma intelectual, pois esse termo se tornava ofensivo quando aplicado às mulheres, mas certamente possuía uma inteligência bastante superior à média, uma sensibilidade incomum e um talento raro e expressivo que ainda a levaria a publicar um livro.

Por uma inspiração maldosa do destino, Rosalind dera a Morgana uma seleção de suas poesias para que a jovem professora se maravilhasse com seu talento e a cobrisse de elogios, como haviam feito todos até então.

Forçada a se definir, Morgana não abdicara de sua costumeira honestidade e criticara os poemas por serem prolixos e de um sentimentalismo exagerado. A partir desse dia, a guerra fora declarada e as duas mulheres mal se cumprimentavam.

E agora, na porta da igreja, a imponente Rosalind Kennard acenava para Morgana. Com um vestido enfeitado por uma quantidade excessiva de babados de tafetá branco, mais adaptado a uma mulher mais esguia e bem mais jovem, a esposa do homem mais rico da região, sem contar o senhor de Montfort, saboreava a admiração da sociedade por sua elegância enquanto esperava que a jovem professora viesse a seu encontro.

— Como está, srta. Penrhys?

Ao ouvir o tom nasal que madame Kennard julgava ser uma característica da maneira de falar dos aristocratas, Morgana agarrou mais firmemente o seu missal, tentando absorver das páginas sagradas um pouco mais de tolerância.

— Muito bem, madame Kennard. E a senhora?



— Ah! Eu apenas sobrevivo... Como você sabe, a minha constituição frágil não se adapta à vida em lugares assim tão rústicos. Enfim, tento suportar as dificuldades insuperáveis de Gynfelin.

Na verdade, Rosalind Kennard tinha a constituição robusta de um saudável animal doméstico. Ela teria sido uma mulher realizada e certamente seria muito mais feliz se vivesse em uma fazenda, trabalhando em contato com a natureza e cuidando de uma ninhada de filhos travessos. Mas o destino e a fortuna do marido a haviam colocado em uma posição social em que as mulheres cultivam a ociosidade.

Com muito tempo livre nas mãos sempre ocupadas com o mesmo bordado por terminar e sem dar vazão a uma energia transbordante, ela se transformara em uma verdadeira déspota da sociedade. Seu trono era a poltrona mais confortável da sala de visitas de onde se utilizava de seu imenso arsenal de calúnia e maledicência.

Naquela manhã de domingo, a esposa do fazendeiro Kennard estava se comportando com uma inesperada cortesia. Ela conseguiu até sorrir para Morgana, um fato digno de nota e admiração geral em virtude de sua raridade.

— Espero-a amanhã à noite, srta. Penrhys.

— Amanhã? — repetiu Morgana, perplexa.

— Mas é claro! Recebeu o meu convite para a festa de primavera, não?

Morgana não recebera convite algum. Já estava em Gynfelin há três anos e nunca fora convidada para as festas de primavera oferecidas por madame Kennard nem para qualquer outro evento social.

De acordo com a tradição, as professoras rurais eram acolhidas pela elite local que, além de hospedá-las, as incluía em todas as festas e comemorações. Desde sua chegada, Morgana fora afastada desse convívio pelas duas déspotas da sociedade local, as formidáveis madames Kennard e Armbruster, unidas em sua determinação de manter a jovem em seu devido lugar.

— Ah, aquela garota desmiolada acabará por me enlouquecer! Não sei por que a conservo como minha secretária! Bem... esses detalhes não importam porque eu estou convidando-a agora. Espero-a às oito horas em meu solar e não há necessidade de um traje especial. Ninguém espera que você nos deslumbre com sua elegância. — Rosalind Kennard examinou Morgana da cabeça aos pés, com um olhar desdenhoso. — Aliás, a roupa que está usando é perfeitamente adequada.

O vestido de Morgana era cinzento e sem o menor enfeite. Com os cabelos presos num coque, colocara um chapéu de feltro preto para cobrir os cachos brilhantes. Mas a roupa discreta e severa, adequada para ir à igreja, apenas amenizava seu encanto exuberante.

— Agradeço-lhe por me acalmar a respeito da roupa — disse Morgana, forçando-se a ignorar a insinuação maldosa de madame Kennard.

Na verdade, ela preferia morrer a usar aquele vestido sem encanto para ir à festa. Felizmente, não só o problema seria evitado como também provocaria reações de surpresa e raiva.

Anos atrás, Faye Penrhys, com a melhor das intenções, tentara encontrar um marido para a filha. A dedicada senhora acabara por desistir dessa ingrata tarefa diante do total desinteresse de Morgana pelo casamento e pelos pretendentes. Mas haviam restado lembranças concretas dessa época. Uma delas era o vestido de seda que continuava envolto em papel de seda numa gaveta do armário.

Ao chegar em casa, Morgana desembulhou o vestido, colocou-o sobre a cama e passou um longo tempo sem saber se teria coragem de usá-lo. Não havia nada de ousado nas linhas clássicas do corpete e da saia sem babados ou recortes rebuscados. Um fecho de renda delicada orlava o decote, os punhos e a faixa de cetim em torno da cintura.

Era um vestido de noite, o traje mais feminino e gracioso que Morgana possuía em seu limitado guarda-roupa. Ela sabia que, ao usá-lo, se transformaria em uma mulher diferente.

Na segunda-feira, durante a manhã e a tarde, Morgana pensou no vestido encantador que passara e pendurara junto à janela. Ela sabia que as déspotas sociais de Gynfelin não aprovariam sua nova imagem. Madame Kennard e madame Armbruster teriam um argumento a mais para reforçar sua teoria de que a professorinha rebelde se julgava superior a todos na aldeia.

Morgana tinha plena consciência de sua posição social e nunca aspirara pertencer a uma classe diferente da sua. iria à casa dos Kennard com um vestido adequado para uma festa, sem tomar conhecimento dos comentários venenosos que sua inesperada elegância certamente provocaria. Não se considerava arrogante mas recusava-se a fingir que era subserviente!

Entretanto, à medida que a hora da festa se aproximava, a autoconfiança de Morgana dava lugar a um nervosismo crescente. Empurrando a banheira de madeira bem perto da lareira, ela começou a esquentar água no fogão à lenha.

Os banhos eram o único luxo na vida de Morgana, que não se importava com o trabalho de carregar balde após balde de água do fogão para a banheira. Ela colocava ramos de lavanda que secara durante o verão e esperava que o perfume intenso das flores se espalhasse pelo ambiente e só então se despia.

Ela suspirou de prazer quando seu corpo mergulhou na água quente e sentiu que os músculos começavam a relaxar. Aos poucos, todas as tensões dos últimos dias se dissolviam e Morgana foi envolvida por uma sensação de liberdade absoluta.

A água começara a esfriar, lembrando-a de que o tempo passava. Com relutância, Morgana saiu do banho e, depois de enxugar-se, colocou as roupas de baixo. O espelho ao lado da cama só lhe permitia ver-se até a altura dos ombros e, pela primeira vez, ela sentiu-se satisfeita com essa limitação. Seu nervosismo só aumentaria se constatasse com seus próprios olhos o resultado final de sua ousadia.

Seus cabelos, como sempre, eram um problema sem esperanças de solução. Os cachos rebeldes escapavam dos grampos e recusavam-se a permanecer num coque bem comportado. Talvez Lenore, a criada de quarto que cuidara tão bem de suas roupas, conseguisse arrumá-los, porém Morgana nunca tivera esse talento. Sem outra opção de penteado, prendeu os cabelos com uma fita de veludo negro, que contrastava com o brilho rubro das mechas sedosas.

Finalmente ela colocou o vestido e, ao sentir o contato da seda sobre sua pele, teve uma nova crise de dúvidas e quase desistiu de ir a festa. Mas a tradicional coragem dos Penrhys de enfrentar os obstáculos venceu todos os temores. Erguendo o queixo voluntarioso, Morgana apanhou um gracioso xale, também remanescente de um período já quase esquecido, e saiu de casa.

Os sapatos de pelica muito fina, encomendados para combinar com o vestido, não eram adequados para longas caminhadas e muito menos em estradas de terra. Por sorte, a residência do fazendeiro Kennard não ficava muito distante da casa de Morgana.

Bastava cruzar um campo para avistar a construção de tijolos vermelhos, sem requinte ou encanto, que surgia por detrás de estranhas formas verdes.

Através de um conhecido que vivia em Londres, Rosalind Kennard ficara sabendo que a última moda nos jardins da nobreza eram cercas vivas podadas em forma de animais. Em tempo recorde, ursos, girafas e cisnes surgiram em torno da casa, como se as portas de um zoológico tivessem sido abertas por descuido.

Morgana passou entre um gigantesco esquilo e uma garça para alcançar a aléia de cascalho que levava ao pórtico da residência dos Kennard. As carruagens paravam diante da escada para que os passageiros descessem e, enquanto cumprimentava as

pessoas conhecidas, ela tentou não ver os olhares de surpresa nem ouvir o súbito murmurar às suas costas.

Com o queixo erguido, Morgana avançou em direção às portas com brasões incrustados em metal dourado que permaneciam abertas. O vestíbulo, de um luxo mais apropriado a um solar da nobreza, retratava a predileção de madame Kennard pelo excesso de enfeites. Cadeiras de brocado se alternavam com mesinhas de mármore, a ponto de dificultar a passagem pelo aposento e, das paredes forradas de papel dourado, pendiam os quadros que certamente retratavam os ancestrais das duas famílias.

Depois de entregar o xale a um mordomo contratado para a festa, ela atravessou o corredor que levava à parte posterior da casa, onde ficava o salão de baile, de acordo com a opinião pretensiosa de madame Kennard. A sala, pequena demais para essa função grandiosa, era grande o suficiente para acomodar os sessenta convidados que se reuniam em grupos espalhados esperando a música começar.

Ela havia decidido chegar um pouco depois da hora marcada por madame Kennard para chamar o mínimo de atenção possível, imaginando que os convidados já estariam entretidos em conversas com os amigos. Realmente, a festa já começara mas, mal Morgana pisou no salão, todos os olhares se fixaram nela.

Recusando-se a perder a calma, ela esperou que todos satisfizessem a curiosidade. Não se deixaria afetar pelas expressões carrancudas e desdenhosas das mulheres nem pelos súbitos sorrisos deliciados dos homens. Estava adequadamente vestida, sem ousadia ou vulgaridade, sabia comportar-se tão bem e até melhor do que qualquer dos presentes, e fora convidada pela anfitriã.

Só então, Morgana lembrou-se de imaginar que motivos teriam provocado aquele convite inesperado. O que despertara o súbito desejo de Rosalind Kennard em recebê-la em sua casa? Pressentiu que muito em breve saberia a resposta e a revelação não seria nada agradável.

Felizmente, a bondade do reverendo Armbruster superava seus defeitos. Vendo-a sozinha e desamparada à porta da sala, ele se aproximou, oferecendo-lhe o braço.

— A sua presença na festa só nos trará mais alegria, srta. Penrhys. Permita que eu a leve até nossa anfitriã.

Sentindo uma profunda gratidão pela cavalheiresca intervenção do reverendo, Morgana deixou-se conduzir ao grupo que se formara em torno de madame Kennard. Ao notar a expressão de surpresa e choque da anfitriã, soube que a batalha estava apenas começando e a noite seria muito longa.

— Estou decididamente impressionada, srta. Penrhys — declarou Rosalind, num tom venenoso. — Seu vestido é bastante fino e não muito velho... um modelo de dois ou três anos atrás, certo? Não imaginava que você possuísse esse tipo de roupa.

— E não possuo mesmo, madame — respondeu Morgana, lutando contra uma inesperada vontade de chorar.

Ela não costumava ser tão sensível aos comentários maldosos, mas não estava preparada para ocupar o centro de todas as atenções. Seu único desejo era sair imediatamente e se refugiar em sua casa.

— Entretanto — prosseguiu Morgana, recuperando a firmeza na voz —, eu detestaria ofendê-la, vindo com um vestido pouco adequado por sua simplicidade. Afinal, a senhora caprichou tanto...

Com um olhar igualmente insolente, ela encarou a corpulenta senhora coberta de jóias, laços de cetim e um espartilho tão apertado que lhe provocava um inusitado rubor. E madame Kennard fixou os olhos na turbulenta cabeleira ruiva que tanto a incomodava.

— Por favor, sente-se, srta. Penrhys. — Rosalind conseguiu dar um sorriso glacial. — Não creio que conheça...

A anfitriã recitou uma ladainha de nomes que Morgana mal pôde acompanhar. Ela conhecia algumas das famílias das redondezas, mas apenas de vista, porque nunca

fora aceita pela sociedade local que se curvava aos caprichos de madame Kennard. Os outros convidados, cópias perfeitas da anfitriã, a examinaram com igual desdém e hostilidade gratuita.

— Nós estávamos falando sobre o marquês — informou Rosalind Kennard. — Ele insiste em criar um verdadeiro mistério em torno de si, não é verdade? Até agora não recebeu nenhum dos visitantes que foi à mansão nem se dignou a visitar ninguém desde sua chegada. Mas... esperem! Acho que cometi um pequeno engano.

Ela virou-se para Morgana tentando, sem nenhum sucesso, parecer espontânea.

— Você já encontrou o marquês, não é mesmo? Conte-nos tudo sobre ele.

Morgana sentiu uma raiva profunda de si mesma. Devia ter desconfiado das segundas intenções daquele convite inédito! Talvez agora aprendesse a não ser tão imprudente no futuro. Madame Kennard conseguiria matar dois coelhos com uma só cajadada: obter todas as informações possíveis sobre o marquês e destruir a reputação da professora que nunca aceitara.

— Não há nada a contar — disse Morgana, fingindo não perceber que todos se curvavam para ouvir sua voz baixa. Nem mesmo o bem-intencionado reverendo disfarçava sua curiosidade.

— Não diga bobagens! — exclamou Rosalind, ríspida. — Afinal, você passou a noite na casa dele.

Um murmúrio de surpresa horrorizada demonstrou a Morgana qual seria a reação da sociedade local diante de comentários maliciosos a seu respeito. A noite de festa ficaria ainda mais excitante se os convidados tivessem um pequeno escândalo para animar as discussões.

O reverendo não disfarçava o choque provocado pela revelação de madame Kennard, mas sua esposa sorria satisfeita. Ela sempre desconfiara que a srta. Penrhys não era de boa índole!

— Não posso crer — declarou a sra. Armbruster, deixando bem claro que acreditaria em qualquer atitude indecente de Morgana Penrhys.

Winnifred Armbruster não se surpreendera com a súbita revelação de que a professora de Gynfelin não passava de uma criatura sem moral ou decência. Como podiam ter entregado as almas puras das crianças da aldeia nas mãos de uma mulher perdida? O demônio estava, decididamente, tomando conta do mundo!

— Era muito tarde e estava caindo um verdadeiro temporal — disse Morgana com firmeza e determinação. — Sua Excelência convidou-me a passar a noite na mansão e eu aceitei.

— Pois eu nunca pensei que uma jovem solteira aceitasse esse tipo de convite, não importa quais fossem as circunstâncias! Mas... quem sou eu para julgar?

A expressão de madame Kennard indicava que ela se encontrava perfeitamente à vontade no papel de juiz, júri e executor da sentença capital. Também não escondia o prazer diante do sucesso de sua festa, provocado por um providencial escândalo.

— Ouvi dizer que o marquês trouxe consigo apenas alguns criados, todos muito leais e eficientes. É verdade, senhorita?

— Não exatamente. Sua Excelência teve problemas com a governanta — respondeu Morgana, sem perceber que estava sendo atraída para uma cilada.

— Mas é claro! Ela foi substituída pela sra. Gareth, certo? E, pelo que soube, o marquês a contratou por sua recomendação.

Rosalind Kennard calou-se para dar maior efeito às suas palavras e tempo para que seus convidados se conscientizassem da ambigüidade desse acontecimento picante. A insolente professora de cabelos ruivos conseguira adquirir uma posição de invejável influência após passar apenas uma noite com o marquês. O significado desse fato poderia ter interpretações divergentes, mas todos preferiam acreditar na mais excitante das hipóteses: Morgana Penrhys era uma cortesã.

— Francamente! — opinou a sra. Armbruster com uma expressão de piedosa censura. — Na época em que eu era jovem, esse tipo de situação jamais aconteceria!

— Sejam mais compreensivos com a nossa pobre srta. Penrhys! — pediu Rosalind com um sorriso infinitamente maldoso. — Não temos direito de exigir muito dela porque todos sabíamos de seu passado quando aceitamos sua contratação. Esta jovem não vem de um meio como o nosso e...

Até aquele momento, Morgana conseguira controlar seu temperamento, mas o esforço esgotara suas energias. Sua paciência chegou ao fim.

— Tenho um passado limpo, minha senhora. Não há nada de errado com o meio de onde vim. Sinto muito se pensam de modo diferente mas garanto-lhes que não perderei o sono por causa disso!

Morgana levantou-se da cadeira e começou a caminhar em direção à porta. O embaraço e a timidez do início da noite tinham se transformado em orgulho e desafio.

— Se me derem licença... eu vou embora — disse, os olhos brilhando no rosto corado de raiva.

— Por favor, senhorita... — interveio o reverendo, mortificado com a situação.

— Eu realmente não entendo essa atitude ofendida — exclamou madame Kennard.

— Com efeito — resmungou a sra. Armbruster, sem conter a alegria. Como ela sempre suspeitara, aquela jovem não prestava e estava recebendo exatamente o que merecia.

Os outros rostos, familiares ou desconhecidos, refletiam apenas uma curiosidade mórbida que provocava comentários sussurrados em voz baixa e excitada. Morgana Penrhys era apenas um assunto picante que os divertia. Sua reputação, sua vida e seu futuro simplesmente não existiam e poderiam ser destruídos pela maldade de madame Kennard enquanto todos se distraíam com o escândalo que haviam ajudado a criar.

Lutando contra as lágrimas, Morgana deu mais um passo em direção à porta e foi obrigada a se deter. Os convidados, completamente pasmos, abriam caminho diante da súbita aparição de um homem no alto da escada.

Ele estava vestido de preto e os botões de sua casaca refletiam o mesmo brilho frio de seus olhos cinzentos. O rosto expressava a obstinação de um guerreiro prestes a vencer uma batalha.

David Harrell percorreu o salão como se não existisse mais ninguém à sua volta a não ser Morgana.

Só nesse momento, comparando-o com os outros homens presentes, Morgana percebia como ele era alto e perigosamente atraente. Os ombros muito largos, as pernas musculosas e o andar gracioso de um felino o transformavam em um lutador que não duvidava de sua vitória sobre qualquer adversário. Faltava-lhe apenas uma espada com a empunhadura recoberta de jóias para completar a imagem de um aventureiro do passado que volta ao presente, disposto a conquistar todas as glórias.

— Por Deus... — sussurrou Rosalind Kennard, dócil e submissa como um cãozinho de estimação.

Morgana permaneceu quieta, paralisada. Perdera a chance de escapar daquela sala e de uma situação mortificante. Imóvel, viu a distância entre ela e David Harrell diminuir com uma rapidez assustadora.

— Srta. Penrhys...

Sorrindo, o marquês parou diante de Morgana. Os olhos a examinavam de um modo que a inquietava e, ao mesmo tempo, a seduzia. Embora fosse inexperiente demais para reconhecer o desejo de posse no olhar de David Harrell, pressentia que ele a desafiava a enfrentá-lo numa batalha de paixões da qual nenhum dos dois sairia vencedor.

Ele apoderou-se da mão de Morgana e beijou-a. O toque foi muito leve, quase um roçar dos lábios, mas provocou sensações tão intensas que ela perdeu ainda mais a capacidade de raciocinar e descobrir um modo de fugir daquela situação perturbadora.

Finalmente o marquês de Montfort desviou a atenção de Morgana Penrhys e se dignou a tomar conhecimento da existência de outras pessoas na festa e a lembrar-se da anfitriã.

— Madame Kennard.

Ele aceitou a mão que Rosalind Kennard lhe entregava para ser beijada mas apenas curvou a cabeça, evitando que seus lábios tocassem os dedos da anfitriã.

— Que surpresa deliciosa, milorde! — balbuciou ela, reconhecendo que se comportava como uma adolescente imatura. — Não sabíamos que Sua Excelência nos daria a honra de comparecer à nossa singela festa de primavera mas... seja bem-vindo. Não é verdade, querido?

Convocado pela esposa para desempenhar seu papel de anfitrião cortês, o fazendeiro Kennard esforçou-se ao máximo. Estufando o peito e abrindo os braços, ele aproximou-se do marquês com a expressão solene de quem pretende fazer uma declaração de importância fundamental.

— Seja bem-vindo... é uma grande honra, milorde. Que surpresa... deliciosa. Seja bem-vindo.

— Conceda-me a honra de apresentá-lo a meus amigos, milorde.

Afastando o marido do seu caminho, Rosalind Kennard segurou o braço do marquês. Era seu momento de glória e só ela iria decidir quem merecia ou não ser apresentado ao senhor de Gynfelin.

— Mais tarde, madame — declarou ele, com um sorriso distante. — Na verdade, vim para falar com a srta. Penrhys e, se nos der licença...

Sem esperar pela permissão de madame Kennard, ele segurou o braço de Morgana com inesperada possessividade.

— Acho que gostaria de experimentar o ponche, senhorita — declarou ele, afastando-a do grupo que os fitava sem disfarçar a curiosidade.

Morgana nem tentou ouvir os comentários sussurrados às suas costas; não tinha dúvidas sobre o que todos estariam falando. Sua Excelência, o marquês de Montfort, acabara de fornecer à sociedade abastada de Gynfelin mais munição para ser usada contra ela. Não faltaria assunto para os mexeriqueiros por muito tempo, graças a ele!

Enfurecida, Morgana tentou se livrar da mão que segurava seu braço mas, a cada movimento seu, os dedos do marquês a prendiam com mais força. Embora a pressão não fosse suficiente para machucá-la, era forte o bastante para demonstrar que não se livraria sem chamar a atenção de todos. Certamente ela queria tudo menos um escândalo na frente daquele grupo que não hesitaria em destruir os últimos vestígios de sua reputação.

— O que pretende com isso? — sussurrou ela, indignada.

— Pensei que a minha intenção fosse tão clara! — respondeu ele, fingindo surpresa. — Quero apenas oferecer-lhe um copo de ponche. A julgar por sua aparência, você está precisando urgentemente de uma bebida forte.

— Não acho a menor graça.

Morgana lutava para ignorar o encanto sedutor daquele homem que surgia mais uma vez em seu caminho. Como pudera pensar em usá-lo para atingir seus objetivos? Precisaria de forças sobre-humanas para resistir ao fascínio do marquês de Montfort e de toda a sua lucidez para sobreviver a cada encontro ocasional.

— Você deu, deliberadamente, uma impressão errada a todos os presentes — declarou ela, furiosa. — Não gosto de me tornar o tema do mexerico mais palpitante de Gynfelin.

— É claro que não gosta, srta. Penrhys. Entretanto, pelo que eu soube, essa situação já vem acontecendo, independente de sua vontade.

Surpresa, Morgana parou junto à mesa onde estava sendo servido o ponche e o encarou.

— Como? O que quer dizer?

— Então o mexerico não chegou aos seus ouvidos... — disse ele, preocupado. — Sebastian avisou-me que certos comentários estavam se espalhando por Gynfelin e soube disso através da sra. Gareth, que se preocupa muito com você. Madame Kennard e a sra. Armbruster tem-se dedicado a arruinar a sua reputação.

Não seria possível refutar as palavras dele depois dos comentários da anfitriã, momentos atrás. Entretanto, Morgana se chocou profundamente ao ser informada sobre essa situação que vinha acontecendo há dias sem que ela soubesse.

— Eu nunca prestei muita atenção em mexericos — disse ela, arrependida por não ter se envolvido mais com os habitantes da aldeia.

— É óbvio que não, senhorita.

David Harrell soltou o braço de Morgana, num gesto que demonstrava uma extrema confiança e certeza de que ela não pretendia mais ir embora da festa. Com um sorriso sereno, ofereceu-lhe uma taça de ponche.

— Venha comigo. — Segurou-a novamente pelo braço, com delicadeza, afastando-a da mesa.

Embora estivesse de costas para o grupo de madame Kennard, Morgana sentia que todos acompanhavam cada um de seus movimentos com uma atenção obsessiva e precisava se esforçar até para andar com naturalidade. O marquês, porém, agia como se não houvesse mais ninguém na sala.

Se Morgana pudesse ler os pensamentos de David Harrell descobriria que estava muito longe da verdade. Ele gostaria e muito de esquecer-se da presença dos outros convidados porque desejava, mais que tudo, ficar a sós com a encantadora srta. Penrhys. Ela o surpreendera, uma ocorrência tão rara que a transformava em uma exceção digna de nota entre as belas mas entediadas mulheres de sua vida.

E Morgana Penrhys tinha uma beleza especial que aumentava com o passar dos dias em vez de se vulgarizar. Desde o primeiro encontro, ele percebera a vitalidade fascinante que os trajes mal cortados e sem elegância não conseguiam disfarçar. Agora dava-se conta de que o encanto daquela mulher era ainda mais potente do que imaginara.

Esguia e graciosa, Morgana caminhava a seu lado com a cabeça erguida, como as antigas sacerdotisas daquela terra misteriosa. Subitamente, David se conscientizou de que a comparava com um magnífico lírio do vale. Não costumava ter pensamentos tão poéticos sobre mulher alguma. Na verdade, nunca perdia muito tempo lendo poesias e detestava literatura romântica.

Entretanto, David Harrell tinha plena consciência de que estava sendo envolvido por emoções novas. Sentia-se arrastado por correntes poderosas que o conduziam em direção ao desconhecido e contra as quais não podia e nem queria lutar.

Junto às portas que se abriam para o jardim havia um pequeno sofá, colocado ali para enriquecer a decoração da sala e não para o conforto dos convidados, mas Morgana precisava sentar-se. O marquês permaneceu de pé, obrigando-a a erguer a cabeça para fitá-lo. Determinada a não se mostrar deferente e também a fugir do encanto perigoso daquele homem, ela manteve os olhos voltados para o terraço.

— Eu queria conversar com você sobre a escola — disse David, procurando um assunto para iniciar a conversa.

Ele precisava oferecer alguma explicação que justificasse sua atitude. Embora jamais tivesse se importado e raras vezes respeitado as convenções sociais, David reconhecia que as violara de uma forma reprovável. Desejara reencontrar Morgana para se convencer de que ela não era tão extraordinária quanto imaginara. A mulher que se

apossara de seus pensamentos não podia ser completamente diferente de todas as outras!

Agora reconhecia seu engano. O segundo encontro só aumentara seu fascínio por Morgana Penrhys, só o deixara mais preso aos encantos da bela e rebelde professora.

Morgana erguera a cabeça, surpresa com as palavras dele. Inexplicavelmente, tinha a sensação de que aquele homem estava, e sempre estaria, muitos passos à sua frente.

— Sobre a escola?

David sorriu, disfarçando uma intensa sensação de vitória. A geniosa srta. Penrhys queria manter uma prudente distância entre eles mas não conseguiria! Apesar de conhecê-la tão pouco, sabia que sua maior força, o amor pelas crianças de Gynfelin, era também sua grande fraqueza e talvez o único ponto fraco em sua armadura.

— Exatamente — prosseguiu ele. — Estive falando com Owen sobre esse assunto. Aliás, ele é um garoto brilhante e a adora.

— Owen é meu amigo...

Os olhos de David não revelavam as emoções conflitantes que as palavras de Morgana haviam provocado. Nunca sentira inveja de ninguém e assustava-se ao perceber que tinha ciúmes de Owen Trelawney. Admirava a amizade leal entre o garoto e a professora mas queria ser ele o verdadeiro amigo daquela mulher capaz de sentimentos tão intensos.

— Eu gostaria de visitar a escola.

Morgana lutou para esconder sua perplexidade. Personalidades importantes e do nível do marquês jamais se dignavam a pisar nas humildes escolas onde pessoas como ela se esforçavam para educar as crianças, lutando contra todo o tipo de dificuldades. Ele destoaria naquele ambiente de pobreza como uma águia real entre pardais cinzentos, mas talvez essa experiência lhe fizesse bem.

— Se realmente é o que deseja... — murmurou Morgana, sem disfarçar sua incredulidade.

Ele imaginara que Morgana fosse demonstrar mais entusiasmo e até uma certa gratidão por seu interesse. Enganara-se redondamente. Não esperara essa reação contida e distante, como a de uma rainha concedendo um favor muito especial a um súdito.

— Então me espere amanhã — declarou David, tentando convencê-la que era ele quem concedia favores.

— Quando quiser — disse Morgana, colocando a taça de ponche intocada sobre uma mesinha lateral. — Agora que já conversou comigo como desejava, eu irei embora. Já estava de partida no momento em que chegou à festa.

— Mas ainda é tão cedo.

David ouvia sua própria voz vindo de muito longe. Estava fascinado com o brilho dos cabelos de Morgana e lutava contra a irresistível tentação de tocá-los. Seriam realmente finos e macios como fios de seda?

— Foi um erro ter vindo.

Mais uma vez, David se surpreendia com a honestidade dessa mulher, talvez a única em todo o universo capaz de falar a verdade. Diante da franqueza desconcertante, ele não controlou uma gargalhada.

— Desculpe a minha reação sem sentido. Não esperava tanta sinceridade.

— Mas já sabia que eu estava tendo certos problemas, não é verdade?

— Aquela megera tirou até a última gota do seu sangue? — perguntou ele, perdendo subitamente o bom humor.

— É claro que não. Madame Kennard foi apenas rude, como costuma ser sempre — disse ela, erguendo a cabeça num gesto de desafio.



Agora ele tinha certeza de que Morgana descendia de uma linhagem milenar de belas e altivas princesas de sangue celta que dançavam ao luar em festas pagãs. A expressão de orgulhoso desdém em suas feições delicadas poderia pertencer a uma antiga sacerdotisa que demonstrava seu desprezo pelos meros mortais.

Incapaz de se conter, David começou a rir novamente. A pobre madame Kennard ainda não se dera conta de que escolhera a pessoa errada para provocar. Talvez ele também se encontrasse na mesma situação.

— Permita-me que eu a leve até sua casa, srta. Penrhys. Morgana hesitou embora reconhecesse que devia recusar. Por algum motivo sobre o qual ainda não queria pensar, desejava aceitar a oferta e caminhar pela estrada deserta ao lado desse homem.

— Não é necessário — declarou com excessiva rispidez. — Tenho certeza que prefere continuar na festa por mais algum tempo.

— Eu farei esse sacrifício.

A risada cristalina de Morgana se assemelhava ao som de um riacho correndo entre as pedras num dia de primavera. A imagem lírica surgiu inesperadamente na mente de David que não lia poesias e detestava romances! Sem dúvida, ele teria de se analisar com maior seriedade pois não era tão racional quanto sempre se julgara.

— Não se sacrifique por minha causa — declarou Morgana. — Tenho certeza absoluta de que não dará nenhum resultado produtivo.

Dando de ombros, o marquês recuou e Morgana pôde se encaminhar para a porta. A surpresa diante de uma vitória tão fácil deu lugar a um inexplicável desapontamento e ela admitiu que estava perdendo a capacidade de raciocinar com clareza. Por alguns instantes, se permitira acreditar em algo impossível, um sonho improvável que jamais poderia se realizar.

A boa educação exigia que Morgana se despedisse ao menos da anfitriã mas, diante de tudo que acontecera, ela decidiu desrespeitar todas as regras de etiqueta. Recebendo o xale das mãos do mordomo, afastou-se da residência de madame Kennard sem olhar para trás.

A lua surgira no céu e sua claridade prateada iluminava os prados ondulantes. A brisa noturna trazia o perfume do mar e da natureza adormecida, cobrindo o mundo de paz e serenidade. Caminhando sozinha, Morgana sentiu a calma retornar aos poucos. Quando chegou ao alojamento rústico que era seu lar, tinha conseguido superar a inquietação provocada pelos problemas daquela noite.

À luz das brasas da lareira, Morgana despiu-se para dormir. Estava protegida pelas grossas paredes de pedra de seu refúgio e tinha certeza de que ninguém se lembraria de sua existência nesse momento.

Do lado de fora, à sombra dos pinheiros que cercavam a casa, uma chama brilhou por um instante e se apagou. O marquês permanecera encostado em um dos troncos rugosos, fumando um charuto, até que a luz que vinha da janela de Morgana se apagasse. Só então se afastou, caminhando sem pressa para sua casa.

## CAPÍTULO VII

Morgana não contou aos alunos que o marquês de Montfort viria visitar a escola porque realmente não acreditava que ele tivesse falado sério. À luz clara da manhã, o encontro da noite anterior se transformava em algo irreal, mais próximo a um sonho fantasioso. Mesmo que ele pretendesse cumprir o que dissesse, não seria tão cedo nem tão em breve.

Embora as experiências de Morgana com a aristocracia fossem muito limitadas, ela pressentia que as promessas dos nobres eram sempre casuais e raramente cumpridas, principalmente quando feitas a alguém que não pertencia à sua classe social.

Meia hora após o início da aula, ela surpreendeu-se ao erguer a cabeça e avistar o marquês parado à porta da escola. Os dois haviam se separado há muitas horas mas Morgana tinha a exata sensação de que o vira minutos atrás. Também não ignorava o motivo, muito simples, dessa sensação absurda. Sonhara com o homem que jamais poderia ter durante toda a noite.

— Milorde... — murmurou ela, apoiando-se à mesa.

Ao olhar para os alunos, Morgana sentiu que seu espírito combativo vinha à tona. As crianças sempre se comportavam impecavelmente bem porque reconheciam que sua chance de frequentar a escola era um raro e precioso privilégio mas, naquele momento, o silêncio e a imobilidade haviam sido provocadas pela surpresa e pelo medo. Vendo os rostinhos pálidos e os olhares atemorizados que se voltavam para o marquês, ela agiu levada pelo instinto e se colocou diante do primeiro banco, formando uma barreira entre eles e o homem que tinha nas mãos o poder de vida e morte sobre todos os habitantes de Gynfelin.

— Seja bem-vindo, milorde — disse ela com uma voz respeitosa embora sua expressão revelasse que não hesitaria em mandá-lo embora se julgasse necessário.

David disfarçou um sorriso diante da surpreendente ousadia de Morgana Penrhys e da diferença existente entre a jovem elegante que ele encontrara num salão de baile e a eficiente professora em sua escola. Os gloriosos cabelos tinham sido aprisionados num coque severo e as roupas, embora bem cuidadas e limpas, eram velhas e de uma simplicidade espartana. Ele franziu a testa ao notar os punhos desfiados da camisa branca e o brilho gasto da saia de lã preta.

Ao constatar a simplicidade de Morgana, sentiu-se obrigado a examinar a escola com mais atenção. Havia cerca de quarenta crianças, de idades que iam de cinco a treze anos, todas magras e pálidas, com roupas iguais ou em piores condições que as da professora. Estavam sentados em bancos rudimentares pois não existiam carteiras tradicionais e seguravam nas mãos as pequenas lousas de ardósia.

Uma estante primitiva, feita de tábuas apoiadas sobre tijolos, servia para guardar os poucos livros disponíveis. O fogão de ferro, desligado por estarem na primavera, seria insuficiente para aquecer a sala num dia mais frio. O cheiro de querosene dos três lampiões pendurados na viga central se mesclava a um odor que David Harrell conhecia muito bem... o do medo.

Ele estreitou os olhos e, pela primeira vez, realmente olhou para os rostos das crianças e se chocou com o que viu. Todos sentiam medo dele!

Por quê?, perguntou-se atônito. Certamente não lhes fizera mal algum. E todos deviam saber que seu companheiro Owen Trelawney estava com o futuro assegurado sob a proteção do marquês de Montfort. Esse fato talvez não significasse nada para as outras crianças porque se julgavam menos dotadas do que o melhor aluno da escola.

— Agradeço-lhe por ter permitido que eu visitasse sua escola, srta. Penrhys.

A presença de espírito do marquês surpreendeu Morgana mas teve o resultado desejado nas crianças. Elas arregalaram os olhos ao ver que o poderoso senhor de

Gynfelin estava agradecendo à sua professora, a protetora que lhes abria uma janela para o mundo. Alguns sorrisos tímidos transformaram as feições contraídas pelo medo e o ambiente ficou menos tenso.

— Não há necessidade de me agradecer, milorde — replicou Morgana com idêntica formalidade. — Nós todos temos prazer em recebê-lo na escola.

Embora sua voz revelasse confiança e calma, Morgana tentava organizar seus pensamentos tumultuados. O que deveria fazer agora? As crianças ainda estavam nervosas demais para ler algum trecho do livro ou de suas lições e seria crueldade pedir-lhes que recitassem uma das poesias que lhes ensinara. Entretanto, não podiam permanecer imóveis, olhando para o marquês.

— É hora de contar uma história — disse Morgana, fechando os olhos por um instante para se inspirar.

Os semblantes das crianças se transformaram diante dos olhos admirados de David Harrell.

— Na aurora dos tempos, Bran, o grande corvo, estava voando sobre as terras de Cymru quando viu um garotinho pescando em um riacho. Ao avistar o corvo, o menino ficou apavorado porque, como todas as pessoas, sabia o que significava aquele animal de penas negras.

Morgana demonstrava o talento de uma atriz ao representar a história para os alunos que a fitavam, hipnotizados.

— Você veio me matar?, perguntou o garotinho ao corvo e Bran se surpreendeu pois, embora soubesse que as pessoas o associavam com a morte, não se considerava um sinal de mau agouro. Para ele, apenas uma barreira frágil, tênue como uma teia de aranha, separava a vida e a morte. Ele nunca havia compreendido porque os seres humanos se inquietavam tanto com a passagem de um mundo para o outro.

Até David estava preso à história de Morgana.

— Bran contou ao garotinho o que pensava sobre a vida e a morte e deu-lhe um magnífico salmão que retirou do riacho com a ponta de seu bico pontiagudo. Os pais do menino não queriam comer o peixe, achando que seria melhor sacrificá-lo aos antigos deuses, mas acabaram cedendo à insistência do filho. Ele jamais se esqueceu do maior presente do grande corvo, as suas palavras sábias. Contou aos seus filhos que contaram aos seus filhos e assim nasceu a coragem na terra de Cymru. O povo de Gales aprendeu a não ter medo da morte porque tudo o que tememos nunca é tão terrível quanto imaginamos ser.

— Quem era o menino? — perguntou uma das crianças.

— Deve ter sido o rei Arthur — respondeu outra. — Bran foi ao encontro dele porque Merlin o enviou com uma mensagem sobre a coragem.

— Se fosse Arthur, os livros de história contariam esse episódio — acrescentou um terceiro.

— O garoto era Llywelyn Olaf — disse um dos alunos mais velhos, referindo-se ao último dos reis galeses, vítima do poderio inglês mas que continuava vivo na memória do povo e ainda inspirava a todos os que desejavam um país de Gales livre.

— É isso que você ensina às crianças? — perguntou o marquês, encarando Morgana. — Lendas primitivas, magia e rebelião?

A julgar pelo tom de voz, o senhor de Montfort aparentava estar se divertindo com o assunto, mas Morgana não se iludia. Aquele inglês de roupas sempre escuras, sorriso sardônico e olhar implacável chegara ao fundo do problema. Só que o interpretara de forma errada.

Não era rebelião que Morgana Penrhys ensinava a seus alunos e sim orgulho. Orgulho da herança legada por seus ancestrais e não da cultura imposta pelos conquistadores que pretendiam apagar a memória do passado. Orgulho que precisava se

enraizar cedo na alma dos jovens para lhes dar força para lutar contra um destino sem esperanças. E esse orgulho jamais existiria enquanto houvesse medo.

— A minha maior ambição é ensiná-los a se conhecerem a si mesmos — disse Morgana com suavidade.

David a encarou por alguns instantes, tentando conciliar a opinião veemente de Morgana com o pouco que ele conhecia sobre ensino.

Sua educação seguira os padrões tradicionais de todos os jovens da aristocracia inglesa. Tivera professores particulares até completar oito anos e então fora enviado para Eton, onde todos os homens de incontáveis gerações da família Harrell haviam estudado. David detestara o colégio mas, depois de tentar de todas as formas ser expulso e voltar para casa, acabara descobrindo um lado positivo subjacente à violência e à mediocridade reinantes.

Em Eton, David Harrell aprendera a se conhecer e, muito mais tarde, nos campos sangrentos da Criméia, esse autoconhecimento fora de um valor incalculável para ele e para os homens sob seu comando. Infelizmente, de toda uma geração de gloriosos etonianos, apenas ele parecia ter aprendido essa lição de uma simplicidade cristalina mas essencial para a vida.

A mesma lição que essa jovem corajosa tentava transmitir aos filhos de camponeses em uma escola primitiva e quase em ruínas nos campos perdidos no interior de Gales. A primeira vista, a ambição daquela professora sem recursos poderia ser absurda. Ele, no entanto, conhecera Owen Trelawney e conversara com Morgana Penrhys tempo suficiente para saber que não estava diante de uma idealista romântica nem de uma ingênua que se iludia com mitos heróicos. Ela era simplesmente bem-intencionada e disposta a lutar para oferecer a seus alunos a esperança de uma vida melhor.

— O seu objetivo é digno de todo o respeito, srta. Penrhys. Entretanto, não acha que o atingiria com mais facilidade em um lugar com mais recursos?

O semblante de Morgana retratava todas as suas emoções. Será que o marquês estava zombando dela, forçando-a a encarar uma verdade óbvia? Dia após dia, ela se frustrava e sofria com medo de fracassar em sua missão junto às crianças de Gynfelin.

Mas o olhar do senhor de Montfort não revelava ironia ou sarcasmo. A expressão dura e distante, que Morgana começava a conhecer muito bem, desaparecera de seu rosto e ele se tornara mais acessível.

— É evidente que seria muito mais fácil se eu tivesse recursos. — Decidida a ousar, Morgana prosseguiu: — Infelizmente, a escola de Gynfelin conta com pouco dinheiro.

— Foi o que eu deduzi. Temos que discutir esse assunto com mais calma, srta. Penrhys. Talvez pudéssemos fazê-lo hoje à tarde, se me concedesse a honra de vir tomar chá comigo.

Morgana respirou fundo, tentando se acalmar e encontrar o caminho certo. Quando finalmente soltou o ar dos pulmões, sentiu-se livre também das dúvidas, da prudência e de todas as repressões que uma sociedade hipócrita insistia em impor sobre as mulheres. Ela mandaria para o inferno as convenções sociais em troca da chance preciosa de melhorar as condições da escola.

— Aceito seu convite, milorde. Com todo o prazer.

A sra. Mulroon expressou sua alegria diante da visita de Morgana preparando um chá excepcional naquela tarde. Quando o marquês viu a quantidade de sanduíches, bolos e biscoitos que o mordomo colocava sobre a mesa na biblioteca, não conteve uma gargalhada. Sebastian voltou-se para seu senhor com uma expressão de nítida desaprovação.

— A cozinheira ficou muito bem impressionada com a srta. Penrhys, milorde.

— Foi o que eu deduzi — declarou David, ainda sorrindo. — Ela nunca se esmerou tanto.

— Como todos nós, a sra. Mulroon precisa de estímulo.

— E ela considera a srta. Penrhys uma fonte de inspiração?

— Acho que essa é uma descrição bastante adequada para definir a professora de Gynfelin, milorde.

David não respondeu, mais preocupado em olhar o relógio. Acomodando-se em uma das confortáveis poltronas de couro, preparou-se para esperar.

Morgana chegou na hora marcada e foi conduzida por Sebastian até a biblioteca.

As portas abertas permitiam que a brisa trouxesse o perfume agreste do jardim. Os raios de sol acentuavam o brilho das preciosas encadernações dos livros e iluminavam o homem alto e de inquietante virilidade que se ergueu à sua entrada.

— Milorde... — ela murmurou, subitamente embaraçada.

— Srta. Penrhys... — ele balbuciou sem demonstrar a habitual e fria polidez.

Embora Morgana vestisse os mesmos trajes daquela manhã, deselegantes e pouco graciosos, a caminhada até a mansão enrubescera sua pele muito alva e soltara alguns cachos sedosos que tocavam seu rosto. Morgana Penrhys era uma imagem de vibrante feminilidade, a essência da beleza sem artifícios e uma mulher infinitamente desejável.

— Por favor, sente-se, senhorita.

Morgana permaneceu sem reação, como se não tivesse ouvido as palavras do marquês. Na verdade, os dois estavam embaraçados e incapazes de agir com naturalidade. Mas depois de alguns segundos, ela sentou-se, sem forças para fugir do olhar de David Harrell.

Percebendo que nenhum dos dois sequer se lembrava do chá, Sebastian começou a servir. Colocou nos pratos os petiscos da sra. Mulroon e saiu da sala, fechando a porta sem fazer ruído.

Colocando o prato na mesinha ao lado da poltrona e ignorando a xícara de chá, David continuou a olhar para Morgana. Tinha vontade de ficar horas a admirá-la mas não queria embaraçá-la ainda mais.

O senhor de Montfort, sempre tão lúcido e decidido, ainda não havia conseguido definir seus sentimentos a respeito de Morgana Penrhys, mas tinha certeza de que precisava deixá-la à vontade em sua presença e o rubor do rosto dela indicava um profundo constrangimento.

— Falemos sobre a escola, srta. Penrhys.

— Sim... a escola... — Aliviada, Morgana recuperou em parte o sangue frio. — Tem realmente intenção de ajudar, milorde?

— Eu não costumo prometer nada que não pretenda cumprir, professora. Por acaso duvida de minhas intenções?

— Acho difícil de acreditar — admitiu Morgana, com a costumeira franqueza. — Pessoas de sua classe social raramente se interessam em educar os mais humildes.

— De minha classe social? — repetiu ele, intrigado. David Harrell nunca pensara em distinções de classe porque esses problemas não existiam em seu universo de privilégios. Morgana obrigava-o a refletir sobre a realidade que havia ignorado durante a vida inteira.

— Certamente as oportunidades são muito reduzidas para o povo que é ensinado a aceitar a falta de expectativas e esperanças. Se for dito a uma criança, com bastante frequência, que lhe falta inteligência e capacidade para construir um futuro decente, ela acabará por acreditar, mesmo não sendo verdade. Tenho alunos tão brilhantes e capazes quanto os de qualquer escola particular para filhos de famílias ricas.

— E eu tenho uma total falta de experiência com crianças de qualquer idade ou classe social, srta. Penrhys. Se afirma que seus alunos são inteligentes, eu acredito piamente.

Morgana o encarou, sem saber como continuar a conversa. Tinha se preparado para enfrentar uma discussão acalorada, imaginando que o marquês de Montfort fosse se opor à sua idéia subversiva de que os filhos dos camponeses não eram diferentes dos filhos dos nobres.

— Mais um pouco de chá? — perguntou ele, com um sorriso malicioso.

Como ela não tomara ainda um único gole de chá, era evidente que a pergunta só podia ser uma ironia. Entretanto, Morgana não se ofendeu; ele estava se comportando com uma gentileza tal que sentiu-se encorajada a ser mais ousada.

— A escola precisa de tudo. Como pode ver, não temos carteiras, apenas bancos bastante rústicos e insuficientes para acomodar todos os alunos que, no final do dia, acabam se sentando no chão. O prédio está em péssimas condições, com janelas quebradas e goteiras. Prefiro nem mencionar o estado dos banheiros, milorde. Faltam livros, cadernos, lápis e canetas, além do material necessário para ensinar-lhes algo sobre o mundo além de Gynfelin.

— Quando voltei para casa, hoje de manhã, fui verificar os livros de contabilidade. Reconheço que a quantia destinada à escola não é exatamente generosa mas seria suficiente para algumas reformas. A situação não deveria ser tão precária.

Respirando fundo, Morgana criou coragem para dar o último passo. Se não ousasse falar a verdade naquele momento, nunca mais teria chances de voltar ao assunto.

— Talvez fosse suficiente se o fazendeiro Kennard não tivesse tomado para si a responsabilidade de distribuir essa quantia. Ele rejeitou repetidamente os meus pedidos e, ao mesmo tempo, exigiu que os pais dos alunos pagassem mensalidades mais elevadas. Em consequência dessas duas medidas, várias crianças em idade escolar não puderam mais freqüentar as aulas e a escola está a cada dia mais perto da ruína total.

— Acho que eu e o fazendeiro Kennard precisamos ter uma boa conversa — declarou o marquês sem alterar o tom de voz.

Morgana não se iludiu com a expressão calma de David. Seus olhos refletiam uma raiva tão intensa que ela estremeceu.

— A atitude do fazendeiro Kennard não é incomum. A maioria das pessoas agiria da mesma forma.

— Talvez isso seja verdade, porém não justifica os fatos. Ele se comportou mal com os meus dependentes e terá de responder por suas ações.

Quando Morgana tentou dizer algo, ele ergueu a mão pedindo que silenciasse.

— Faça uma lista de tudo o que for necessário, srta. Penrhys. E, por favor, esqueça-se de suas noções de economia. Se lhe ocorrer um detalhe banal ou até insignificante mas que possa ser útil e benéfico para os alunos e para o seu desempenho como professora, não hesite em anotá-lo. E não perca seu tempo relatando as deficiências do prédio da escola porque, a julgar pelo que pude constatar hoje de manhã, uma reforma seria um total desperdício de dinheiro. Decidi construir novas acomodações e pretendo iniciar o projeto imediatamente.

Seria apenas um sonho? Morgana resistiu ao desejo de perguntar em voz alta se estaria acordada ou dormindo. Sabia que sua reação deveria ser de intensa felicidade mas, no momento, só conseguia pensar nas vantagens do dinheiro e do poder. Enfurecida, ela reconheceu, mais uma vez, que a vida era cruelmente injusta!

— Algo a perturba, srta. Penrhys?

— Não... não estou perturbada.

— Mas a sua expressão é de quem se sente profundamente aborrecida ou... com raiva. Vamos dar uma volta pelos jardins. Quem sabe a natureza a ajudará a falar sobre o problema que roubou o sorriso de seu rosto.

— Eu não posso. Tenho uma lista muito importante a fazer.

— Um trabalho que certamente pode ser adiado por alguns minutos. Além disso, eu me sentiria um péssimo anfitrião se deixasse uma convidada ir embora de minha casa tão contrariada.

— Já lhe disse que não estou perturbada e muito menos contrariada, milorde — insistiu Morgana, decidida a evitar uma perigosa situação de intimidade.

Mas não conseguia desviar os olhos do homem que se erguera da poltrona e estendia-lhe a mão. Que desejos misteriosos se escondiam nos recessos de sua mente? Incapaz de se controlar, Morgana colocou os dedos sobre os dele permitindo que ele a ajudasse a se levantar.

Permitir era uma palavra forte demais. Morgana tinha a impressão de que o marquês de Montfort nunca pedira permissão a ninguém! Felizmente, ele soltou-lhe a mão quando saíram para o jardim e voltou a reinar uma aparente normalidade entre os dois.

O jardim da mansão fora criado, muito tempo atrás, por algum paisagista que buscava a beleza e a harmonia. Canteiros de flores eram cortados por aléias de cascalho branco e, de quando em quando, havia uma fonte de mármore ou um pequeno lago.

Durante os anos em que os senhores de Montfort não tinham usado a residência em Gales, o jardim não recebera cuidados mas já eram visíveis os sinais dos esforços que estavam sendo feitos para recuperar a antiga beleza. Alguns velhos, que Morgana vira na praça da aldeia sem trabalho, ocupavam-se dos canteiros. Aqueles homens de mãos calejadas conheciam a terra e, muito em breve, as flores se abririam para enfeitar a mansão.

— Pretende realmente permanecer nesta região, milorde? Morgana reconhecia a insolência de sua pergunta. Os planos do marquês não eram de sua conta mas não conseguia controlar sua curiosidade.

Encolhendo os ombros, ele manteve o olhar fixo em algum ponto distante.

— Todos os lugares são iguais.

— Não é verdade — replicou Morgana, prontamente. — Tenho certeza de que existem muitos lugares piores do que Gynfelin. Londres, por exemplo. É uma cidade suja, com gente demais e ar de menos para respirar. Sem se falar no barulho.

— Já estive em Londres, senhorita?

— Não, mas li e ouvi muitas conversas sobre essa cidade enlouquecedora.

— Então esqueceram-se de lhe contar que Londres tem uma vibração única.

Ela o fitou com um olhar desconfiado. Sempre preferira o campo a qualquer cidade e Londres certamente não tinha nenhum encanto bucólico.

— Talvez seja assim mas...

— Garanto-lhe que adoraria Londres, se conseguisse superar esse preconceito, senhorita.

— Pois acho quase impossível que isso aconteça. Qual é a sua opinião sobre Gynfelin? Considera a vida nas cidades pequenas sem interesse e talvez banal demais?

David era honesto o bastante para reconhecer que a vida em Gynfelin não o sufocava porque poderia ir embora dali a qualquer momento. Se fosse obrigado a permanecer para sempre naquela aldeia sonolenta, sem condições de fugir de uma possível crise de tédio, ele teria uma opinião bem mais radical e menos lisonjeira.

— A vida no campo não me desagrade. E qual é a sua opinião a esse respeito?

— Às vezes sinto-me confinada e distante de tudo que é vital — confessou Morgana. — É muito fácil esquecer que existe um mundo onde se faz a história e por isso eventos insignificantes se tornam importantes demais.

— Como a sua experiência de ontem à noite?

— Sem dúvida. Foi um exemplo de mesquinha que prefiro esquecer.

— Se lhe permitirem esquecer, srta. Penrhys. Conheci algumas mulheres do tipo de madame Kennard e elas costumam dedicar a vida à maledicência. Tomam todos os cuidados para que as calúnias se alastrem e com tanto zelo quanto esses velhos jardineiros cuidam dos canteiros.

— Madame Kennard não me assusta — replicou Morgana. — Não me importo de ser excluída do convívio social da cidade porque meu único interesse são as crianças daqui. Ela não pode me roubar a escola!

O marquês não fez nenhum comentário. Morgana estava certa... até um certo ponto. Embora fosse ele quem sustentava a escola de Gynfelin, e portanto tomava as decisões finais, não poderia defender aquela jovem inexperiente que não sabia avaliar bem a própria vulnerabilidade. Madame Kennard tinha todas as armas necessárias para transformar a vida dessa professora num verdadeiro inferno e não hesitaria em fazê-lo. Sem dúvida, chegara a hora de ter uma conversa séria com o fazendeiro Kennard!

Mas, antes desse desagradável compromisso, David pretendia saborear cada segundo ao lado de Morgana Penrhys em seu jardim banhado pelo sol de primavera. Apesar de ser impetuosa e combativa, ela também transmitia uma sensação de profunda paz.

O canto de uma cotovia rompeu o silêncio e Morgana ergueu a cabeça a fim de contemplar o pássaro pousado num galho próximo. Um raio de sol deslizou pelo rosto delicado até pousar sobre o pescoço esguio.

Com muito esforço, David resistiu ao desejo de percorrer o mesmo caminho com os lábios. Já não cedia à insensatez de negar que se sentia irresistivelmente atraído pela rebelde professora de Gynfelin mas continuava preso a um código de honra muito rígido. Aprendera a não usar o poder para manipular as pessoas que dependiam dele e Morgana Penrhys estava sob sua proteção.

David pensou, não pela primeira vez nos últimos anos de sua vida, que o destino tinha um senso de humor diabólico. Se realmente existia um deus, devia estar rindo da peça que ele pregara nos pobres homens, sempre presos a dilemas insolúveis.

As mulheres eram um caso totalmente diferente. O deus que as criara tinha se esmerado em seu trabalho e talvez por esse motivo elas pareciam ter todas as vantagens e nenhuma fraqueza.

Mas havia um ponto, talvez o único, em que todos os homens concordavam. Não deviam nunca deixar que as mulheres percebessem o quanto se sentiam confusos e desconcertados diante delas. Forçando-se a demonstrar segurança, David iniciou uma conversa sobre a restauração do jardim que perdurou até o sol se esconder entre as copas das árvores.

Com a chegada da noite, Morgana se despediu e iniciou sua caminhada de volta ao lar. Embora lhe custasse admitir, sentira-se relutante em interromper a conversa com o marquês que parecia disposto a prolongar indefinidamente aqueles momentos no jardim.

Ao chegar em casa, Morgana preparou um chá de rosmaninho, uma bebida que sempre a ajudara a ordenar seus pensamentos... até então.

A xícara de chá permaneceu sobre a mesa, esfriando lentamente sem ter sido tocada. Toda a atenção de Morgana estava concentrada na lista para a escola que crescia a olhos vistos. Mas, entre cada item anotado, seu pensamento se voltava para o homem que podia tomar nas mãos uma delicada papoula com tanta ternura e, ao mesmo tempo, demonstrar uma atemorizante violência para subjugar um oponente como Thomas Trelawney.

O marquês de Montfort era um homem cheio de contradições! Morgana se conhecia bem demais para não admitir que também era uma pessoa difícil de ser compreendida, mas não estava disposta a pensar nesse assunto incômodo. Precisava completar aquela lista, isso sim.



Já passava da meia noite quando Morgana finalmente parou de escrever e examinou, surpresa, a quantidade de folhas de papel cobertas com sua letra firme. Como pudera se lembrar de tantos detalhes?

Se o marquês concordasse com metade de seus pedidos, a escola de Gynfelin seria a melhor de todo o país de Gales!

E porque não sonhar? Com um sorriso nos lábios, Morgana deitou-se para dormir, exausta mas exultante. Com a ajuda de um homem como o marquês de Montfort, tudo parecia ser possível.

Esse pensamento perturbador acompanhou-a mesmo durante o sono e transformou seus sonhos em uma fantasia deliciosa.

## CAPÍTULO VIII

Além de Morgana, havia alguém mais na aldeia de Gynfelin com uma pressa compulsiva de levar adiante suas tarefas: madame Kennard. Enquanto Morgana se empenhava em melhorar as condições das crianças da escola, a maldosa fofoqueira bateu seu próprio recorde em destruir reputações.

No dia seguinte à festa de primavera, ela recebeu suas amigas, reclinada em um divã porque precisava recuperar-se da excitação da noite anterior. As senhoras da alta sociedade de Gynfelin, como um grupo de aves de mau agouro, rodeavam a anfitriã, atentas a todos os comentários ferinos que madame Kennard fazia, com um ar de extrema circunspeção.

— Eles saíram juntos da festa. Ou quase... — corrigiu madame Kennard. — Eu realmente não me conformo com a desfaçatez desses jovens! Será que a decência e o respeito pelos bons costumes desapareceram da face da terra?

Um murmúrio excitado ecoou na sala, demonstrando a madame Kennard que conseguira a atenção incondicional da sua audiência.

— É chocante demais! — declarou a sra. Armbruster, indignada.

A piedosa esposa do reverendo estava sentada no lugar de honra, uma enorme poltrona colocada entre o divã da anfitriã e uma mesinha onde ficava um fumegante bule de chocolate quente e vários bolos apetitosos. O rosto corado e os olhos brilhantes de satisfação atestavam ao mundo a sua posição no escândalo que abalava Gynfelin. Ela nunca suportara a insolente srta. Penrhys e ressentira-se ao constatar que seu marido simpatizava com aquela criatura imoral.

A decidida sra. Armbruster faria tudo o que estivesse a seu alcance para ajudar e apoiar madame Kennard, e não apenas por dever a uma amiga. Ela sentiria um prazer ilimitado em afastar aquela professorinha arrogante para sempre de Gynfelin.

— É evidente que não se pode culpar o marquês — continuou madame Kennard, com doçura. — Apesar de pertencer à mais alta nobreza do reinado, ele é apenas um homem.

As mulheres se entreolhavam, revelando sua cumplicidade. Todas conheciam muito bem as fraquezas e os condenáveis apetites dos homens. Mas o marquês só podia ser uma exceção porque era tão atraente e... tão rico! Sem qualquer sombra de dúvida, ele não merecia censuras nem críticas.

Toda a culpa cabia àquela ruiva altiva e impertinente que insistia em defender os direitos dos pobres como se alguém pudesse se interessar por esse assunto tedioso.

Pertencer à boa sociedade significava viver rodeado de bem-estar e segurança, sabendo que nada poderia ameaçar a tranquilidade idílica de seu pequeno mundo divorciado da realidade. A insuportável Morgana Penrhys os privava dessa fantasia reconfortante, forçando-os a admitir a existência de injustiças que todos preferiam ignorar. A jovem professora de Gynfelin cometera um pecado capital ao falar a verdade e chegara a hora de pagar por seu crime.

— Nossa obrigação é tomar todas as providências necessárias — declarou a sra. Armbruster. — Não podemos esperar que as classes inferiores compreendam o que está acontecendo. E como poderiam se a moral deles deixa muito a desejar?

Madame Kennard serviu-se pela terceira vez de chocolate quente e de mais um pedaço de bolo.

— Nós teremos de guiá-los na direção certa, orientando-os para a compreensão do problema — prosseguiu ela, com firmeza. — Obviamente, não podem permitir que seus filhos continuem nas mãos dessa mulher imoral.

— Sem dúvida! — repetiu a sra. Armbruster, exaltada.

— Sem dúvida! — ecoaram todas as outras mulheres numa só voz.

Recostando-se nas almofadas de renda e babados, madame Kennard não ocultava sua intensa satisfação. A situação estava se desenvolvendo exatamente de acordo com seus planos e ela não se lembrava de ter se divertido tanto em toda a sua vida!

Na tarde desse mesmo dia, Morgana dirigiu-se à mansão Mont-fort a fim de entregar a lista ao marquês, esperando não encontrá-lo. Quando Sebastian assegurou-lhe que não só Sua Excelência estava em casa como apreciaria a visita, ela precisou resistir ao impulso de colocar os papéis na mão do mordomo, dar uma desculpa qualquer e sair correndo para longe dali.

Então ela se conscientizou do ridículo de sua atitude. Era uma mulher madura e uma solteirona convicta, além de ser uma professora consciente e determinada a cumprir sua missão junto aos alunos. Se fosse preciso romper as barreiras das convenções sociais para atingir seus objetivos, não permitiria que nada bloqueasse seu caminho.

Morgana logo descobriu que Sebastian costumava adaptar a verdade a seu gosto. O marquês de Montfort não estava propriamente em casa e sim nos estábulos, cuidando do magnífico gara-nhão negro que surgira por entre as brumas para aterrorizar Thomas Trelawney.

O cavalo relinchou no momento em que Morgana entrou nas cocheiras, mas ela permaneceu junto a porta, tentando não prestar atenção na perfeição física do homem e do animal à sua frente. Ambos eram altos, com músculos bem desenvolvidos e não disfarçavam a virilidade à flor da pele. Os dois também possuíam um temperamento forte e independente.

Ao ouvir o relincho do animal, David virou-se para trás e viu Morgana parada à porta.

— Boa tarde, srta. Penrhys.

— Eu não queria perturbá-lo, milorde — explicou ela, rapidamente. — O sr. Levander orientou-me para vir até aqui mas esqueceu-se de dizer que o senhor estava ocupado.

— Pois não estou mesmo, senhorita — replicou David, conduzindo o cavalo para uma das baias e caminhando na direção de Morgana. — Pela quantidade de papéis em sua mão, deduzo que tenha trabalhado a noite toda para completar a lista.

— Fiquei com medo que mudasse de idéia. — Ela franziu a testa, subitamente alarmada. — Isso não aconteceu, não é?

— Lógico que não.

A pele translúcida de Morgana sempre o levava a pensar em pérolas, com o brilho róseo da primeira claridade matinal. E os lábios, macios e extremamente delicados, evocavam a visão de pétalas de rosa de um botão recém-aberto. Ela conseguira prender os cabelos que tanto o fascinavam, mas os cachos em torno do rosto começavam a se soltar. David controlou o desejo compulsivo de tocar a mecha que se movia à brisa da tarde e estendeu a mão para pegar a lista de suprimentos para a escola.

— É um relatório bastante... abrangente — disse ele, surpreso.

— Eu não me envergonho de ser perfeccionista, milorde. — Ela ergueu a cabeça, numa atitude orgulhosa. — Sempre procurei fazer o meu trabalho da melhor forma possível.

— Ótimo. Tem uma idéia aproximada dos custos?

— Infelizmente, não sei sequer o preço do giz — admitiu ela, contrafeita. — Nunca tive a oportunidade de comprar os suprimentos para a escola e ignoro se são caros ou baratos. Admito que devia ter pensado nisso ou me informado a respeito.

— De forma alguma, senhorita. Irei a Glamorgan no sábado e posso fazer uma pesquisa de preços. Por que não me acompanha?

David fizera o convite movido por um impulso mas agora reconhecia que sua intuição o levava a tomar uma atitude correta. Tinha outros negócios a tratar em

Glamorgan, além dos suprimentos da escola, e Morgana poderia visitar as livrarias e as papelarias dessa cidade, a maior da região nas proximidades de Gynfelin. Os dois ganhariam tempo se ela se encarregasse das encomendas.

— É muito gentil de sua parte — declarou Morgana depois que o marquês explicou por que ela deveria ir a Glamorgan. — Eu dou aula no período da manhã e estarei livre à tarde.

A conversa teria continuado se Sebastian não surgisse repentinamente para avisar o marquês que o fazendeiro Kennard havia chegado. Ele não disfarçou uma inesperada careta de desagrado mas despediu-se de Morgana com um sorriso.

— Então até sábado, srta. Penrhys.

Ela permaneceu na porta da cocheira, vendo-o caminhar para a mansão. Piscando-lhe como se ambos fossem conspiradores, Sebastian correu atrás do marquês, que se afastava a passos largos.

Morgana também afastou-se da mansão rapidamente pelo caminho mais longo para não passar perto das janelas da biblioteca. Preferia não ouvir nada da conversa com o fazendeiro Kennard que iria descobrir, naquela tarde, a intensidade da cólera do marquês de Montfort. Involuntariamente, ela provocara aquela situação desagradável mas necessária para o melhor andamento da escola. Por sorte, nunca saberia o que fora falado pelos dois homens.

Contrariando suas expectativas, Elizabeth Gareth forneceu-lhe informações sobre o assunto. A nova governanta da mansão Montfort a esperava na tarde seguinte, logo após o término das aulas, ansiosa por conversar com a amiga.

O dia de Morgana fora calmo demais pois muitos alunos não haviam comparecido à aula. Um grande número de ausências era bastante raro, principalmente na primavera quando as crianças quase não ficavam doentes. Se o problema perdurasse, ela teria de visitar as famílias dos ausentes e verificar se não estaria ocorrendo uma epidemia qualquer. No momento, porém, pretendia apenas usufruir a companhia da amiga que viera visitá-la.

— Por favor, entre — disse Morgana, abrindo a porta.

Elizabeth era uma mulher magra que seria bonita se não houvesse envelhecido precocemente. Chamavam-na de senhora por causa dos cabelos grisalhos e não por ter sido casada. Dispensava-se esse tratamento a qualquer mulher depois de ultrapassar uma certa idade e Morgana suspeitava que, muito em breve, receberia essa mesma distinção duvidosa e seria a sra. Penrhys.

A sra. Mulroon não se esquecera de enviar uma outra cesta repleta de petiscos e Morgana sentiu o estômago se contrair de fome ao sentir o cheiro das iguarias.

— Deus do céu! — brincou ela, sorrindo. — Acabarei ficando muito mimada!

— Não seria possível — declarou Elizabeth com ternura. — Sente-se e deixe que eu prepare o chá. Você está cansada, trabalhou o dia inteiro.

Embora não lhe agradasse admitir a verdade, Morgana sentia-se realmente exausta. Nos últimos dias, tinha dormido muito pouco e as raras horas de sono não haviam sido serenas nem repousantes. Ela enrubescera ao lembrar-se de seus sonhos ousados e virou o rosto para evitar que Elizabeth notasse seu súbito rubor. Quando a amiga aproximou-se, trazendo o chá, Morgana já conseguira se recuperar. Com a eficiência de uma verdadeira governanta, Elizabeth cortou o bolo de frutas em fatias finas e abriu várias caixas com biscoitos.

— Tem visto o fazendeiro Kennard ultimamente, Morgana? — perguntou Elizabeth depois que as duas se acomodaram à mesa.

— Não o encontro desde a festa de primavera. E posso lhe garantir que não o vi muito nem nessa noite. Ele estava, como sempre, à sombra da esposa.

— Quando encontrar com ele de novo, talvez tenha que procurar bem perto do chão. Pelo que eu soube, o marido de madame Kennard está ainda mais encolhido depois de seu encontro com o marquês.

— O que quer dizer, Elizabeth?

— Apenas que Sua Excelência o encostou contra a parede durante a conversa de ontem.

Por uma fração de segundo, Morgana sentiu-se culpada mas logo a curiosidade falou mais alto. Ela sabia que uma professora não devia dar ouvidos a mexericos, mas aquela era uma situação muito especial e... irresistível.

— O que aconteceu entre os dois?

— Eu ignoro a maioria dos detalhes da conversa. Estava no andar de cima, organizando a rouparia e os dois se fecharam na biblioteca para tratar de negócios. Mas depois Owen me contou tudo pois viu o fazendeiro Kennard sair da sala, branco como um lençol. Também viu Sua Excelência. Tinha a mesma aparência de sempre, embora estivesse bravo e dissesse ao fazendeiro que esperava uma completa restituição. Sabe sobre o que ele estava falando?

— Sei — respondeu Morgana, sem hesitar. — O marquês quer a restituição do dinheiro que o fazendeiro Kennard devia ter gasto com a escola e não o fez.

— Então é isso? — A surpresa estampada na fisionomia de Elizabeth foi suplantada pela preocupação. — A nossa querida madame não vai gostar nem um pouco dessa história! Céus... ela vai enlouquecer de raiva!

— É lógico que ela ficará furiosa, mas de nada adiantará sua raiva. O fazendeiro não tem outra escolha a não ser obedecer e restituir o dinheiro do qual se apoderou sem ter nenhum direito.

— Aparentemente, a escola está se tornando o foco de todas as atenções. É verdade que o marquês pretende reformar o prédio e comprar material escolar?

— Como soube? — perguntou Morgana, dando risada. — Nada escapa aos seus olhos atentos?

— Aos meus ouvidos sensíveis, Morgana. No meu trabalho, aprende-se a prestar atenção em todas as conversas e... — Eliza-beth hesitou antes de prosseguir com maior suavidade — madame Kennard já tem muita raiva de você. Esse problema com o marido só irá piorar a situação.

— Não há nada que eu possa fazer a esse respeito, Elizabeth. Como todas as pessoas, Morgana desejava a aceitação de seu grupo social mas já aprendera que, na maioria das vezes, isso não acontecia. Principalmente quando se tinha o hábito de falar a verdade.

— Sei que não há, mas você poderia prestar atenção em seus comentários e ser menos impulsiva, Morgana. Tente não provocar mais animosidade.

Morgana não podia ignorar um bom conselho vindo de uma amiga verdadeira, mas outros problemas desviaram sua atenção.

Na sexta-feira, um terço dos alunos não compareceu à aula. A preocupação de Morgana aumentou depois de ter ido visitar os pais das crianças ausentes que se mostraram frios e pouco comunicativos. Embora nenhum tivesse fechado a porta em sua cara, também não a haviam convidado a entrar como de costume.

As outras crianças estavam estranhamente silenciosas. Até Willy Fergus, que geralmente a deixava exausta, permaneceu calado e sem disposição para as travessuras habituais. Ele manteve os olhos baixos e pulava de susto sempre que a professora o chamava.

O comportamento incompreensível de Willy foi a última gota. Ao terminar a aula, Morgana encaminhou-se para a casa da mãe do garoto e a encontrou alimentando as galinhas no quintal.

Wynne Fergus tinha um rosto de traços fortes e decididos. Depois de ficar viúva, ela passara a sustentar a família vendendo ovos e toda a sua postura refletia determinação e força.

— Achei que viria me visitar — disse ela, sorrindo para Morgana enquanto limpava as mãos no avental branco.

Apanhando um dos baldes cheios de farelo de milho, Morgana começou a alimentar as galinhas ao lado de Wynne. Depois de terminarem o trabalho, as duas mulheres caminharam até o pequeno bosque ao lado da cabana e sentaram-se sobre uma grande rocha à sombra dos carvalhos. No passado, toda a aldeia de Gynfelin fora cercada por enormes pedras cerimoniais que agora tinham ruído e serviam para os mais diversos propósitos.

— Estou preocupada com Willy, Wynne.

— O que o meu diabinho estará aprontando agora? — perguntou ela, com indisfarçável ternura na voz.

— É justamente esse o problema. Ele está quieto demais e hoje parecia até triste. Sabe o que pode ter acontecido para provocar esse comportamento estranho?

Wynne encarou Morgana com seriedade, decidindo se devia ou não falar. A honestidade acabou vencendo.

— Ele deve ter ouvido a sra. Armbruster me avisar que eu não deveria deixá-lo mais ir à escola. Pelo menos enquanto você continuasse sendo professora.

— O quê? — exclamou Morgana horrorizada. — Por que ela diria algo tão absurdo?

— Não faço a menor idéia da intenção dela, só sei o que me foi dito. A "bondosa" esposa do reverendo falou que você era uma mulher sem moral a quem não devíamos entregar nossos filhos. — Wynne fez uma careta de raiva. — Como se aquela em-proada alguma vez tivesse se importado com as nossas crianças! Como não ignora, não engulo desaforos e a coloquei para fora da minha casa. A sra. Armbruster não voltará a pôr os pés aqui nem ousará espalhar calúnias na minha frente, mas já me contaram que tem conseguido melhor sorte em outros lugares.

— Oh, meu Deus! Não acredito que isso esteja acontecendo!

— Pois acho melhor acreditar, minha querida. Madame Kennard está liderando as senhoras de Gynfelin e ela não desistirá enquanto não a expulsar da aldeia. Winnifred Armbruster é uma megera e sente-se exultante em ajudar a amiga.

— Mas... por quê? Eu não fiz nada!

— Isso não tem a menor importância para elas. Todas as pessoas de bom senso sabem que você é uma professora excelente como jamais tivemos outra por aqui. Entretanto, a maioria da aldeia depende do fazendeiro Kennard para sobreviver e não ousam enfrentá-lo nem desobedecer os caprichos de sua mulher.

Morgana permaneceu imóvel, sem saber como reagir diante daquela situação chocante. Nunca teria imaginado que tanto ódio e tanta maldade pudessem ser dirigidos contra a sua pessoa. Talvez por ingenuidade ou inexperiência, não previra uma reação tão violenta.

— O que eu vou fazer? — murmurou ela, abalada. Wynne segurou as mãos de Morgana num gesto de solidariedade.

— O que for necessário, querida. A vida é assim mesmo. — Wynne hesitou antes de prosseguir: — É o fazendeiro Kennard que as pessoas da aldeia conhecem. É ele que tem ligações com os donos das minas, conseguindo empregos para os homens quando a situação fica desesperadora. Ninguém ignora que os destinos de todos nós são decididos pelo marquês, mas existe uma enorme distância entre pobres camponeses e um nobre que até agora permaneceu ausente. Quando o senhor de Montfort fizer realmente parte de nossas vidas, o povo não sentirá tanto medo do fazendeiro Kennard.

— Eu devo ir a Glamorgan com o marquês no próximo sábado — disse Morgana.

— Verdade? — Os olhos de Wynne brilharam. — É fantástico! Você pode deixar escapar uma palavrinha ou outra sobre esse assunto.

A idéia de colocar o marquês de Montfort a par da atitude das mulheres de Gynfelin era positivamente tentadora. Ele resolveria o problema com rapidez e eficiência mas... por que essa inegável relutância em envolvê-lo?

No fundo, Morgana admitia que existia uma certa verdade nas acusações das mulheres. Logicamente não havia nenhum fato concreto que justificasse o ódio ou as atitudes de madame Kennard e da sra. Armbruster, mas a sua sensação de culpa dificultava a sua defesa.

E, acima de tudo, Morgana não queria ficar sob a proteção do marquês. Já havia se colocado em uma situação bastante delicada ao se envolver nas reformas da escola e estaria se arriscando demais se lhe pedisse para acabar com a maldosa campanha das mulheres de Gynfelin. Suspeitava que ele tomaria o seu partido mas... a que preço?

Morgana passava os dias tentando se decidir. Apenas metade dos alunos continuava a freqüentar a escola e as visitas aos pais das crianças ausentes não produziam nenhum resultado positivo. Na sexta-feira à tarde, ao sair do armazém, avistou o reverendo Armbruster do outro lado da rua e pensou em abordá-lo. Contudo ele, que também a vira, desapareceu com uma rapidez surpreendente. Certamente fora se esconder entre seus livros antigos, onde se sentia bem mais seguro.

Suspirando de desânimo, Morgana começou a voltar para casa. Algumas pessoas que encontrou ao cruzar a praça da aldeia a fitavam com um olhar de simpatia e até sorriam timidamente. Outras não escondiam a má vontade ou desviavam o olhar.

A pacífica aldeia de Gynfelin se dividira em dois partidos por causa de sua professora. Uma parte dos moradores acreditara, com profunda satisfação, em todas as calúnias e não haviam perdido tempo em acusá-la de imoralidade. A outra facção, lembrando-se de sua dedicação às crianças, tinha uma opinião diferente mas, infelizmente, era menos numerosa. Também faltava-lhes a ousadia necessária para mudar o rumo dos acontecimentos.

Ela dormiu muito mal naquela sexta-feira. Na manhã seguinte, exausta e tensa, levou as crianças para um passeio nos campos sob o pretexto de dar-lhes uma aula de botânica e dispensou-os mais cedo. Precisava preparar-se psicologicamente para a sua viagem até Glamorgan mas, momentos depois de ter chegado em casa, ouviu o ruído de uma carruagem se aproximando.

Ainda não era meio dia quando o marquês de Montfort parou sua carruagem aberta diante da cabana de Morgana. O dia estava bonito e valeria a pena sair mais cedo para aproveitar os cálidos raios de sol da primavera.

Morgana nunca vira uma carruagem tão luxuosa nem cavalos tão perfeitos e de um idêntico tom de cinzento que combinava com o veludo dos bancos. Era certamente mais adequada às ruas luxuosas de Londres do que aos campos acidentados e estradas de terra do interior do país de Gales. Na remota Gynfelin e diante do rústico barracão da professora da aldeia, tinha-se a impressão de que aquele meio de transporte saíra das páginas de um conto de fadas.

Sentindo-se uma verdadeira Cinderela, com botas de amarrar em vez de sapatinhos de cristal, Morgana permitiu que o marquês a ajudasse a subir na carruagem para depois sentar-se ao lado dela.

— Por que essa expressão de espanto? — perguntou ele ao notar a perplexidade de Morgana diante da carruagem. — Achou que eu viria buscá-la com uma carroça de carregar feno?

— Que idéia absurda! — disse Morgana, já pensando no que as más línguas de Gynfelin iriam dizer depois de vê-la passar em uma carruagem tão luxuosa.

David deu rédeas livres aos cavalos, sentindo-se como uma criança prestes a embarcar em uma maravilhosa aventura. O prazer de Morgana diante do requinte de sua carruagem aumentava sua sensação de que aquele dia seria perfeito.

Eles cruzaram Gynfelin entre nuvens de poeira e olhares excepcionalmente atentos. A ida da professora Penrhys a Glamorgan acabara de se transformar no assunto mais excitante da aldeia.



## CAPÍTULO IX

Glamorgan ficava no centro de um vale que, no passado, fora coberto por verdes plantações. Incontáveis gerações de homens e mulheres de Gales haviam cultivado aqueles campos com amor e dedicação até o sinistro início das explorações das minas de carvão. Então a ganância dos proprietários rasgara o solo fértil para arrancar o tesouro escondido nas profundezas da terra, deixando longas cicatrizes brancas espalhadas por toda a região devastada.

Essas cicatrizes eram a única parte de Glamorgan que permanecia branca. O resto da cidade fora coberto pela fina poeira de carvão que permeava o ar e se infiltrava em todos os cantos e reentrâncias. Até a roupa lavada que pendia nos varais das precárias casas dos operários das minas tinha uma tonalidade acinzentada que produzia uma sensação de sujeira.

— Agora estou me lembrando por que sempre evitei vir a esta cidade — comentou Morgana.

O marquês também não disfarçava sua reação de desagrado. Apesar de possuir uma enorme extensão de terras muito próximas de Glamorgan, não conhecia nada da região e sentia-se em um lugar desconhecido. Em sua ignorância, imaginara encontrar uma versão reduzida das inúmeras cidades industriais que visitara no sul da Inglaterra. Essa semelhança seria verdadeira se o carvão não tivesse deformado a paisagem com sua realidade brutal.

— Meu Deus, como é suja! — disse ele em voz baixa como se falasse consigo mesmo.

— Consegue imaginar como deve ser horrível viver aqui, dia após dia? — perguntou Morgana, pronta para iniciar uma discussão. — Nunca avistar o sol, a não ser através de uma nuvem de carvão? Nunca sentir-se realmente limpo?

— Não. Não consigo — interrompeu ele secamente. Não se sentia disposto a enfrentar uma discussão política, ainda que bem-intencionada. — Vamos parar aqui.

David escolhera a estalagem de aparência mais respeitável para deixar a carruagem enquanto ambos percorriam a cidade para tratar de seus afazeres. Um garoto saiu correndo da cocheira, fascinado com os magníficos cavalos cinzentos, e estendeu as mãos para segurar as rédeas.

— Se você cuidar bem deles, receberá mais uma — disse o marquês, jogando uma libra para o garoto que a apanhou com os olhos arregalados diante de tanto dinheiro.

— Não se preocupe com nada, milorde. O meu nome é Tad e cuidarei muito bem de seus cavalos. Muito bem mesmo! — o garotinho sorriu, entusiasmado com o cliente de aparência aristocrática. — Se estiver procurando uma boa estalagem posso lhe garantir que a melhor delas é a Bluebird. Nunca misturam água na cerveja, a comida não costuma provocar dores de barriga e as camas são razoavelmente limpas.

— E as pessoas dizem que a civilização ainda não chegou às terras do Oeste — comentou o marquês depois que o garoto se afastou com os cavalos. — Quem poderia desejar uma recomendação mais completa?

Morgana permaneceu em silêncio, convicta de que o marquês não esperava uma resposta para a sua pergunta retórica. Ela começava a reconhecer as vantagens de falar o mínimo possível a fim de evitar discussões desnecessárias. Além disso, a idéia de que os dois estivessem procurando um quarto numa hospedaria a perturbara profundamente.

Ela decidira que nada a impediria de levar adiante sua missão, mesmo sabendo que suas atitudes seriam consideradas impróprias e indecorosas pelas senhoras de Gynfelin. Entretanto, só agora percebia de que forma as pessoas interpretavam sua presença ao lado de um homem jovem e atraente.

— Eu trouxe uma lista com nomes das livrarias de Glamorgan. — disse Morgana quando os dois alcançaram a rua em frente da estalagem. — Acho melhor nos separarmos agora para que cada um possa levar a cabo seus afazeres. A que horas devo retornar para que nos encontremos?

O marquês entregou-lhe um cartão com um endereço escrito à mão.

— Esteja neste endereço dentro de três horas. Acha que terá tempo suficiente para terminar as suas compras?

— Sem dúvida. — Ela olhou para o nome do cartão com curiosidade. — Quem é essa pessoa?

— Trata-se do arquiteto que pretendo contratar para construir o prédio da escola. Achei que você deveria estar presente para tomarmos todas as decisões em conjunto.

— É... muita consideração de sua parte, milorde.

— Não demonstre tanta surpresa, por favor. Assim você fere a minha vaidade. — Ele deu uma risada bem-humorada. — E, antes que eu me esqueça...

Morgana não se moveu para pegar a carteira de couro que o marquês lhe estendia.

— O que é isso?

— Dinheiro, srta. Penrhys. Sem isso não poderá fazer compra alguma, certo? Não se esqueça de avisar os comerciantes que eles serão responsáveis pela entrega da encomenda em Gynfelin. Não quero ter de procurá-la debaixo de uma montanha de pacotes, compreendeu?

— Perfeitamente — respondeu Morgana entre os dentes, aceitando a carteira.

— E não fique mostrando-a ou será roubada.

— Não sou nenhuma criança. — A paciência de Morgana estava bem perto do fim. — Sei tomar conta de mim mesma.

Ele a fitou com uma expressão de dúvida.

— Também não perca o cartão com o endereço. Voltarei a encontrá-la dentro de três horas.

A irritação de Morgana diante do tom autoritário do marquês não durou muito. Afinal, esse detalhe perdia a importância em face da extrema generosidade desse homem. Ele decidira cooperar com a escola e colocara em suas mãos uma verdadeira fortuna que lhe daria meios de ajudar seus alunos.

— Mais uma vez, muito obrigada por sua...

— Por favor, não perca tempo com agradecimentos — interrompeu ele, desconfortável. — Garanto-lhe que três horas não serão suficientes para tantas compras, por isso comece a trabalhar, professora.

Morgana hesitou, esperando que o marquês se afastasse primeiro. Contudo, ele permaneceu imóvel e de braços cruzados. — Até mais tarde... — disse ele, sorrindo maliciosamente.

Sem outra opção a não ser tomar a iniciativa, Morgana começou a se afastar, com a incômoda certeza de que o marquês não desviava os olhos dela. Também percebeu, pela primeira vez na vida, que movia os quadris com uma sensualidade inconsciente. Por que nunca notara isso antes?

Enrubescendo, ela procurou controlar sua maneira provocante de andar mas a tentativa apenas acentuou o movimento sinuoso que fazia parte de sua maneira de ser. Ao virar a esquina, Morgana sentiu o rosto queimando de vergonha.

David suspirou, desanimado. Quanto mais tempo passava ao lado da combativa srta. Penrhys, mais se conscientizava da gravidade do problema que ela representava. Com muito esforço, conseguira analisar suas emoções tumultuadas desde o primeiro encontro com aquela jovem fascinante. Admitia um desejo surpreendentemente intenso que entrava em conflito com suas noções de honra e, no momento, esses dois sentimentos eram irreconciliáveis.

Apelando para o bom senso que também era um traço marcante de sua personalidade e até então nunca o desertara, ele decidiu não pensar nesse problema aparentemente insolúvel. Seu primeiro compromisso em Glamorgan seria a pesquisa de novos equipamentos agrícolas e não pretendia retornar a Gynfelin sem comprar tudo o que fosse necessário para modernizar o plantio e a colheita em seus campos.

Ele notara que a maioria dos camponeses arrendatários de suas terras ainda usava equipamentos ultrapassados e provavelmente pertencentes aos pais e avós também dedicados ao cuidado da terra. Talvez esses homens, de tradições arraigadas, não estivessem acostumados a mudanças súbitas, mas pretendia convencê-los a aceitar o futuro.

A loja de equipamentos agrícolas não foi difícil de achar e David logo se envolveu em uma discussão sobre os méritos dos diversos tipos de arados e colhedoras com um vendedor experiente.

Há seis meses, ele teria fugido às carreiras de uma conversa tão entediante, mas o assunto que lhe parecia inconcebível no passado agora estava lhe provocando um genuíno interesse.

Morgana se desincumbiu igualmente bem de sua tarefa nas livrarias que visitou. Quando os proprietários percebiam que ela não estava apenas fazendo pesquisa de preços mas pretendia comprar e em grande quantidade, desdobravam-se para atendê-la com presteza e cortesia. Alguns itens de sua lista teriam de ser encomendados de outra cidade, mas a maioria encontrava-se disponível e poderia ser entregue em Gynfelin sem perda de tempo. Ainda lhe restavam quarenta minutos de tempo livre antes do encontro com o marquês e ela já terminara as compras. Exausta, Morgana decidiu entrar na pequena casa de chá que vira na esquina da rua principal e já estava quase chegando a seu destino quando um homem surgiu repentinamente à sua frente.

O desconhecido, pouco alto e bastante magro, tinha traços que seriam atraentes se não estivessem marcados pelo fino pó de carvão sempre presente no ar de Glamorgan. Suas roupas eram velhas e exalavam o cheiro sulfuroso que se sente nas proximidades das minas.

Ela recuou, tentando disfarçar a súbita reação de medo, mas o desconhecido estendeu-lhe a mão.

— É a srta. Penrhys, certo?

Perplexa, Morgana concordou com um gesto de cabeça. Tinha certeza absoluta de que nunca vira aquele homem antes. Como ele pudera reconhecê-la?

— Meu nome é Hugh Dawkins e sou irmão de Wynne Fergus, de Gynfelin — ele apresentou-se rapidamente ao perceber o receio de Morgana. — Ela avisou-me de sua vinda à cidade hoje e disse-me que talvez eu conseguisse encontrá-la perto de alguma livraria.

— Sim, é claro. Perdoe-me mas pensei...

— Sei o que pensou mas garanto-lhe que não sou um malfeitor, senhorita.

O sorriso de Hugh Dawkins transformou suas feições cansadas. Subitamente Morgana percebeu que ele era muito mais jovem do que imaginara à primeira vista.

— Preciso falar consigo, senhorita. É muito importante.

— Está bem — concordou ela, penalizada. — Eu pretendia gastar meus últimos momentos de tempo livre para tomar um chá. Não quer me acompanhar?

Vendo que Morgana apontava para a modesta casa de chá a poucos passos de onde estavam, Hugh riu. Logo, no entanto, o riso se transformou em uma tosse convulsiva. Ele virou-se de costas para controlar o acesso e quando voltou a fitá-la seu rosto refletia revolta e amargura.

— Não posso entrar em um estabelecimento tão fino por que eles não me serviriam, senhorita. Sei que estou pedindo muito, mas conheço um lugar simples e

decente bem perto daqui. É um bar para trabalhadores honestos e certamente lhe fariam uma xícara de chá.

— Perfeito. Vamos até esse lugar.

Hugh ficou sem reação diante da rápida aceitação de seu convite.

— Minha irmã disse que você era mesmo diferente!

— Sinto-me lisonjeada pelas palavras dela.

— Wynne sempre teve uma surpreendente sensibilidade para julgar o caráter das pessoas. — Ele riu novamente. — E ela nunca se engana.

Os dois caminharam até o bar que realmente não ficava longe e, como Dawkins dissera, era simples e limpo. Entre a saleta principal onde também entravam mulheres e o local em que se serviam as bebidas havia um biombo de madeira separando os ambientes. Atrás do balcão estava uma garçonete muito gorda e sorridente que fitou Morgana com um olhar atônito.

— Pode trazer um bule de chá para esta senhorita, Winnona? — Hugh sorriu, maliciosamente. — E, para mim, o de sempre.

— Um... bule de chá? — repetiu Winnona, como se jamais tivesse ouvido falar dessa bebida. Continuou a encarar Morgana até cair em si. — Mas... é claro que posso. Por favor, sente-se, senhorita. Eu a servirei num minuto.

A garçonete os conduziu até uma mesa em uma alcova que lhes garantiria a privacidade e depois desapareceu atrás da cortina da cozinha.

— Winnona é uma pessoa discreta e sem maldade. Não dirá a ninguém que você esteve num bar.

Morgana suspirou aliviada. Embora estivesse se acostumando, dia a dia, a romper as convenções sociais, não podia fingir que aquela situação era um fato normal em sua vida.

— Não posso ficar muito tempo — disse, depois de se sentar. — Tenho um encontro com...

— Com o marquês de Montfort?

— Por que concluiu que é com o marquês que vou me encontrar?

— Wynne me contou que você viria a Glamorgan com ele. Disse que o marquês está empenhado em melhorar as condições da escola. É verdade?

— Sim, é verdade.

— E por que ele agiria assim?

— Suponho que seja por bondade, embora ele negue possuir essa qualidade.

— Pois pode acreditar nele, minha cara! — declarou Hugh com veemência. — Não existe nenhum nobre bondoso. Eles só agem em proveito próprio e com segundas intenções. Acho que não será preciso lhe dizer para se precaver, não é?

— Não, sr. Dawkins. Não é preciso mesmo!

— Não se ofenda, senhorita. — Ele fez uma careta de pretense arrependimento. — Se o marquês quer ajudar, por que não aproveitar? Eu só gostaria de me certificar de um detalhe muito importante. Acha que ele realmente merece confiança?

— Sim.

Morgana surpreendeu-se com a rapidez com que respondera à pergunta de Hugh Dawkins. Inexplicavelmente, não precisara nem pensar sobre o assunto!

— Sim, eu tenho confiança nele.

— Posso perguntar por quê?

— Bem... não sei muito bem o motivo, mas tenho. Como colocar em palavras a gentileza com que ele cuidara de seu rosto ferido ou a excitação que acelerara as batidas de seu coração quando o avistara na festa? Como explicar que, ao lado dele, tinha a sensação de haver finalmente encontrado algo que faltara sempre em sua vida?

— O marquês acolheu em sua casa um garoto que eu estava tentando ajudar — disse Morgana, decidindo-se por um fato concreto.

— Owen Trelawney era um de meus alunos mais brilhantes e o pai havia decidido enviá-lo pára trabalhar nas minas de carvão.

— O pai? Por acaso ele se chama Thomas Trelawney?

— Sim. Por que me pergunta? Você o conhece?

— Já ouvi falar de. Trelawney. Ele está trabalhando para lorde Westerley.

— O dono das minas? E que préstimo poderia Trelawney ter para esse homem?

— Ele foi contratado para o que os donos do poder chamam de segurança e nós, os operários, consideramos opressão. Jack Farr é quem contrata esses homens e sua função é cuidar da ordem e garantir que os trabalhadores se mantenham na linha. Nada deve interferir na missão sagrada de lorde Westerley, que pretende sugar a riqueza destas terras e o sangue destes homens até a última gota.

Morgana já ouvira falar de lorde Westerley, o maior proprietário de terras na região de Glamorgan e que nunca se dignara a pôr os pés em sua propriedade. Diziam que ele vivia em um verdadeiro palácio nas proximidades de Londres de onde só saía para ir até sua igualmente luxuosa mansão em um dos bairros mais aristocráticos da cidade. '

Jack Farr era seu capataz, o cão de guarda encarregado de manter tudo sob controle e sem interferências que pudessem afetar os prodigiosos lucros. Sua missão consistia em garantir o contínuo fluxo de dinheiro que chegava às mãos gananciosas de lorde Westerley.

— Não posso dizer que essa contratação me surpreenda — declarou Morgana com desprezo. — Trelawney foi feito sob medida para esse tipo de trabalho vil!

A chegada de Winnona com o bule de chá para Morgana e um uísque puro para Dawkins interrompeu momentaneamente a conversa. Os dois só voltaram a falar depois que a sorridente garçonne afastou-se para servir um outro cliente.

— A dias melhores — brindou Hugh.

Pela tristeza refletida nos olhos de Dawkins, Morgana pressentiu que ele não tinha mais esperanças no futuro. Mas, escondida sob a tristeza diante de um presente de luta pela sobrevivência, havia a força de um batalhador incansável que morreria antes de desistir de sua meta.

— Você me disse que tinha algo importante para conversar comigo — insistiu Morgana, com medo de se atrasar para o encontro com o marquês.

— Ah, infelizmente é verdade! Nós temos problemas... problemas muito graves por aqui, senhorita. Nunca foi fácil nem agradável trabalhar nas minas, e nos últimos tempos a situação se deteriorou a um limite assustador. Jack Farr está apertando a corda em nosso pescoço! As cotas de cada homem foram aumentadas e espera-se que aceleremos nossa velocidade para extrair mais carvão. Enquanto isso, a segurança das galerias continua descuidada e deficiente. É só uma questão de tempo para que aconteça uma verdadeira tragédia com centenas de mortos. Precisamos de uma drástica mudança se quisermos evitar um acidente desastroso, um desabamento fatal.

— Meu Deus... — murmurou Morgana estarrecida.

Ela sempre soubera das trágicas condições de trabalho nas minas e por esse motivo lutara para manter Owen afastado desse terrível pesadelo. Agora compreendia que era essencial ampliar a sua participação nessa batalha.

— Sabe por que Farr tomou essas medidas extremas?

— Não exatamente. Ouvimos alguns rumores a esse respeito. Dizem que as dívidas de jogo de lorde Westerley crescem sempre mais e ele precisa de fundos para pagá-las. O único modo de financiar seu vício é explorando os seus operários, matando-nos de tanto trabalhar em minas mal cuidadas e sem qualquer dispositivo que garanta a nossa segurança.

— Acredito e concordo com o que está falando, sr. Dawkins. Só não entendo por que me julga capaz de ajudar. Eu bem que gostaria. Mas como?

— Pode falar a nosso respeito com o marquês. Se ele foi esperto o bastante para perceber que o povo necessita de uma educação melhor, talvez acabe também por admitir as vantagens, em termos de dinheiro, de tratar os trabalhadores com decência. Homens vencidos, espancados em brigas nas portas das minas e já sem esperanças, perdem o estímulo e produzem menos do que homens ainda capazes de acreditar num futuro para si mesmos e para suas famílias. Alguém precisa conversar com lorde Westerley para convencê-lo a não esticar tanto a corda ou ela arrebentará. Nós não temos a possibilidade de chegar sequer até a porta da casa de um nobre. O marquês é a pessoa certa para isso.

Morgana o encarou sem disfarçar a perplexidade. Hugh Dawkins agia com extrema seriedade, como se realmente acreditasse em sua possibilidade de ajudar. Talvez estivesse tão sem esperanças que se agarrava à tênue possibilidade de que ela conseguiria levar o marquês a se interessar pela situação dramática dos mineiros.

Mas Morgana mereceria essa confiança? Persuadiria David Harrell a melhorar as condições da escola, porém não dava muito valor a essa vitória. Dawkins estava lhe pedindo algo extremamente grave, que implicava num posicionamento difícil por parte do marquês. Lorde Westerley e ele pertenciam à mesma classe social. Morgana pressentia que essa realidade suplantaria todos os outros aspectos do problema.

— Eu não sei — respondeu, hesitante. — Posso tentar mas duvido que o marquês concorde...

— Peça-lhe apenas que aceite encontrar-se comigo para uma conversa sem compromissos — interrompeu Hugh, ansioso. — Só estou pedindo alguns minutos de atenção para transmitir-lhe a nossa visão do problema. Se não conseguir convencê-lo, não pensarei mais no assunto.

— Tem certeza de que conseguirá esquecer-se de Farr? Não pensará mais no que ele está fazendo com seus companheiros?

— Não foi isso que eu quis dizer, senhorita — admitiu Hugh com relutância. — Esquecerei apenas da possibilidade de resolver este assunto pacificamente.

— Existe uma outra alternativa? — perguntou ela, com medo do que poderia ouvir.

Hugh Dawkins inclinou-se sobre a mesa e Morgana viu em seus olhos o brilho da determinação.

— Sempre nos resta o recurso de uma greve, srta. Penrhys.

— Pelo amor de Deus! Greves são ilegais e sempre que alguém tentou começar uma, acabou sendo massacrado, junto com seus companheiros, pela polícia e pelo exército!

— Sei muito bem disso e não ignoro que o mesmo pode acontecer conosco. Entretanto, chega um momento na vida em que os homens não têm outra escolha, a não ser arriscar tudo. Nós alcançamos esse limite do desespero e muito possivelmente morreremos se o marquês não nos indicar um outro caminho.

— Acho que é esperar demais de alguém sem um envolvimento direto no problema, sr. Dawkins. Não concorda comigo?

— Provavelmente você tem razão, mas preciso tentar. É nosso último recurso.

Morgana também se sentia compelida a tentar aquela missão impossível. Jamais se perdoaria se deixasse Dawkins e os mineiros que ele representava enveredarem por uma estrada sangrenta e fatal sem esforçar-se ao máximo para impedi-los de irem ao encontro da morte certa.

— Prometo falar com ele hoje mesmo.

— Agradeço-lhe muito, senhorita. Assim que tiver uma resposta, fale com Wynne. Ela encontrará um modo de se comunicar comigo.

Os dois saíram juntos do bar. Antes de chegarem à rua principal de Glamorgan, Dawkins parou.

— Gostaria de acompanhá-la até o local do encontro com o marquês, mas já a comprometi demais, srta. Penrhys.

— Fico feliz por ter me envolvido em seu problema, sr. Dawkins — declarou Morgana com toda a honestidade. Preferia enfrentar os problemas a ignorá-los. — Agora preciso mesmo ir embora. Adeus.

— Adeus, srta. Penrhys — disse ele, segundos antes de desaparecer em uma porta escondida atrás de uma pilha de caixotes.

Só ao presenciar a rapidez surpreendente de Dawkins, Morgana deu-se conta de que ele corria perigo de vida. Se Farr suspeitasse de suas intenções, não hesitaria em assassiná-lo em uma viela escura.

Ela tentou se acalmar enquanto corria para o endereço marcado no cartão. A casa em estilo georgiano ficava em uma esquina da rua principal e demonstrava que o arquiteto era um profissional bem-sucedido. Mas a pedra do revestimento, originalmente cor de creme, adquirira a sinistra tonalidade cinzenta de todas as construções de Glamorgan.

O marquês já havia chegado e levantou-se quando Morgana entrou na sala.

— Está atrasada, srta. Penrhys.

— Por favor, me desculpem. Perdi completamente a noção de tempo.

David não acreditou na aparente descontração que Morgana tentava transmitir. Ela estava com a respiração ofegante como se tivesse corrido ou pelo menos andado muito depressa. O rosto corado e os cabelos em desalinho indicavam um descaso por sua aparência que poderia ser causado por algum imprevisto desagradável.

— Houve algum problema, srta. Penrhys? — perguntou ele, disfarçando a própria preocupação.

A surpresa quase levou Morgana a contar toda a verdade. Controlou-se em tempo. Como o marquês poderia adivinhar o que havia acontecido?

— Que tolice! Que problema poderia ter havido?

Disposta a demonstrar que ele estava tecendo conjecturas absurdas, Morgana sorriu para o homem que se levantara da escrivaninha e vinha em sua direção.

— Mil perdões, cavalheiros. — Ela continuava com um sorriso nos lábios. — Não visito Glamorgan há muito tempo mas confesso que essa ausência prolongada não me serve de desculpa pelo indesculpável atraso. Espero não ter causado nenhum problema com minha demora.

O dono da casa a fitava com uma expressão de profundo deleite. Inconsciente de suas reações, ele demonstrava estar fascinado com a jovem que surgira em sua casa, uma visão de inesperada beleza e sedução.

— Não causou problema algum, senhorita — declarou ele, estendendo-lhe a mão.

Ele era alto, de proporções harmoniosas e traços perfeitos. Só lhe faltava a irresistível atração do marquês de Montfort. Se não se estabelecesse uma comparação, Morgana talvez o considerasse bonito mas, no momento, ela não estava prestando atenção em nada a não ser na presença dominante ao seu lado.

— Prazer em conhecê-la, srta. Penrhys. Meu nome é Charles Whitcomb e estou encantado por recebê-la em minha casa — prosseguiu ele, sem perceber a tensão reinante. — Sua excelência me comunicou que você nos ajudaria a planejar a nova escola.

— Não me recordo de ter usado exatamente essas palavras — interferiu o marquês, num tom de voz assustadoramente frio. — O edifício da escola será muito simples e não exige grandes planejamentos.

Charles finalmente notou que acontecia algo de estranho pelo tom de voz do marquês. Se sua vida tivesse sido diferente, talvez conseguisse compreender o perigo oculto pelas palavras banais e então agiria com maior prudência. Ele era o filho caçula de uma família amorosa e fora adorado e mimado desde o dia em que nascera. Recebera

uma excelente educação e todos os privilégios que o dinheiro pode dar, mas essa soma de benefícios não o transformara em um parasita da sociedade. Possuía um genuíno talento criador e as pessoas o consideravam simpático e agradável. Entretanto, todas essas qualidades não o ajudariam se fosse preciso enfrentar um homem de personalidade complexa e potencialmente perigosa como o que fitava os dois outros ocupantes da sala com os olhos semicerrados.

Morgana, por sua vez, compreendeu perfeitamente bem a situação, apesar de ser muito menos experiente do que Charles Whitcomb. Sua vida não fora fácil e refinara uma sabedoria que fazia parte de sua herança celta. Com um gesto delicado, ela soltou sua mão da dele e sorriu.

— Agradeço a sua confiança mas o marquês tem toda razão. O edifício da escola será muito simples e, mesmo assim, como eu não entendo do assunto, não poderia contribuir com nada.

Com o canto dos olhos, Morgana viu um sorriso de satisfação transformar as feições duras do marquês, apagando a tensão. Que homem insuportável! Será que ele esperava ser adulado e obedecido o tempo todo? Se por uma fração de segundo não tivesse sentido medo que Charles Whitcomb fosse agredido por sua imprudência, ela não se conformaria em recuar com tanta facilidade. Sem dúvida ela perdera o controle de sua fértil imaginação. O marquês de Montfort não era tão violento nem permitiria que suas emoções suplantasse uma fria lucidez. Também não conseguia acreditar que tivesse, em muito pouco tempo, assumido um papel de tal importância na vida dele. Afinal, que tragédia poderia ocorrer no escritório de um arquiteto de uma pacata cidade galesa em uma tarde ensolarada de primavera?

Morgana continuou tentando analisar o motivo de seu medo inexplicável enquanto os três sentaram-se à mesa de reuniões onde Charles Whitcomb colocou inúmeros projetos, mostrando ângulos variados de um edifício simples e elegante.

— Tomei a liberdade de colocar algumas de minhas idéias no papel desde o dia em que entrou em contato comigo, milorde — explicou Charles Whitcomb. — Como ainda não conheço o lugar onde a escola será construída, prevejo que vários detalhes deverão ser alterados. Entretanto, creio que o projeto está bem adaptado às funções do edifício.

— Fantástico, sr. Whitcomb!

O humor do marquês melhorara milagrosamente nos últimos minutos e ele sorria para o arquiteto e para Morgana.

— São muito raros os arquitetos que levam em conta a função operacional de um edifício. Temos fábricas que se assemelham a palácios barrocos, igualmente incômodas e sem praticidade, igrejas com aparência de minaretes, tal o tamanho de suas torres desproporcionais, e casas em plena cidade que parecem mausoléus fúnebres e não uma moradia onde as pessoas possam viver com conforto.

— Concordo plenamente, milorde — exclamou Charles Whitcomb, com sinceridade. — Essa visão sobre a necessidade de ser funcional quase me impediu de terminar o curso de arquitetura. Eu não conseguia aceitar a idéia de que o objetivo prático de um prédio não tinha a menor importância. A maioria dos edifícios pretende apenas transformar-se em um monumento em louvor da pessoa que pagou pela construção.

— Mas alguém tem de pagar, certo? — salientou o marquês, descontraído. — Não se esqueça que eu lhe disse para não economizar no material nem nos salários dos operários. Quero um edifício que dure por muitas gerações.

— Uma decisão louvável, milorde. Posso lhe recomendar vários empreiteiros de bom nível. E, se for possível iniciar a obra nos próximos dias, a estrutura ficará pronta antes do fim do verão.

— Esse prazo lhe é conveniente, srta. Penrhys?

— É simplesmente perfeito, milorde — respondeu ela. Tinha a sensação de que estava sonhando.



Morgana foi obrigada a admitir que o poder, tão abominado por ela, podia operar milagres. As suas crianças teriam uma oportunidade única mas... Hugh Dawkins e os mineiros que liderava teriam a mesma sorte?

## CAPÍTULO X

Os dois percorreram a rua principal de Glamorgan em direção à estalagem sem trocar uma só palavra. Morgana manteve-se calada durante o breve percurso e o marquês também preferiu o silêncio. Talvez, à primeira vista, eles parecessem bons amigos que se sentem à vontade caminhando juntos sem necessidade de conversar. No entanto, essa impressão estava muito longe de ser verdadeira.

Pelo menos Morgana não conseguia agir com espontaneidade ao lado do marquês embora soubesse que precisava superar essa reação de autodefesa. Os acontecimentos exigiam que pusesse de lado suas preocupações pessoais.

— Mais uma vez, tenho de lhe agradecer — disse Morgana com formalidade. — Minha visita às livrarias foi um sucesso e o material escolar começará a chegar dentro de poucos dias. Quanto ao novo prédio para a escola... é muito mais do que eu ousaria sonhar!

A gratidão de Morgana provocava um profundo constrangimento em David. Ele quase parou de andar para encará-la.

— As decisões já foram tomadas e não há necessidade de continuar me agradecendo.

— Pois eu não vejo nada de errado em agradecer muitas vezes. Se as pessoas soubessem apreciar o que têm, a vida seria bem melhor.

— É isso que você ensina aos seus alunos? Ou será que os encoraja a querer sempre mais?

— Tento lhes mostrar as vantagens desses dois pontos de vista. Recuso-me a lhes dizer para aceitarem seu destino quando sei que podem melhorar de vida. Com muito esforço, claro.

— E em relação à sua própria vida? — perguntou ele, pensativo. — Considera válida essa mesma opinião?

Surpresa com a pergunta, Morgana hesitou em responder. As atitudes dele eram sempre inesperadas e a forçavam a buscar explicações em seu íntimo.

Não se tratava de uma pergunta complexa nem demonstrava um interesse mais profundo. Era o tipo de questão que revelava apenas uma curiosidade superficial. Por que então essa sensação de que sua resposta teria um significado especial?

Ela estava verdadeiramente contente com sua vida? Há uma semana sua resposta teria sido afirmativa; ocupava-se com o trabalho que amava e considerava de vital importância. Apesar das inevitáveis frustrações, conseguira vencer algumas pequenas batalhas em número suficiente para convencê-la que suas esperanças em relação às crianças não eram totalmente fora da realidade. E, acima de tudo, Morgana conseguira vencer a pressão implacável da sociedade que condenava as mulheres de sua época a permanecerem do nascimento à morte sob a autoridade de algum homem: pai, marido ou irmão. Ela alcançara um prêmio inatingível, a independência de trabalhar e viver sozinha, tomando suas próprias decisões.

Mas essa satisfação com o rumo tomado e as vitórias obtidas pertencia ao passado. Em apenas uma semana, mudanças significativas estavam alterando sua pacífica existência. Momento a momento, ela se dava conta de um enorme vazio. Os acontecimentos a haviam forçado a reconhecer que faltava muito em sua vida.

Faltava o amor, por exemplo. Não a ternura maternal pelas crianças mas o amor absorvente e duradouro entre um homem e uma mulher. Ela preferia não pensar na paixão dos sentidos porque seus sonhos eram uma prova perturbadora de que não seria fácil resistir a essa emoção intensa.

— Será que alguma pessoa realmente aceita a própria vida? — perguntou Morgana, evitando dar uma resposta. — A sua, por exemplo. Não existe nenhum aspecto que desejaria mudar?

— Eu mudaria muitos.

Morgana esperou que ele continuasse a falar, mas o marquês fechou-se em si mesmo.

Percorreram a última parte do caminho em silêncio. O garotinho que cuidava dos cavalos recebeu mais uma libra pelo trabalho e eles partiram de Glamorgan sem trocar uma só palavra. Quando chegaram à estrada secundária, o desvio que levava a Gynfelin, Morgana criou coragem para tocar no assunto que a preocupava.

— Preciso falar com o senhor.

Ela passara todo o tempo pensando em um modo de abordar o problema de Dawkins e acabara decidindo que o melhor caminho era sempre a honestidade e a franqueza. O mais difícil seria encontrar o momento ideal pois, em menos de uma hora, chegariam a Gynfelin e seguiriam caminhos separados. Estaria cometendo uma verdadeira afronta às convenções se o convidasse a entrar em sua casa e, se aceitasse a hospitalidade dele mais uma vez e em uma hora tão imprópria.

— Fique a vontade, srta. Penrhys. — Pelo canto dos olhos, David percebeu a súbita palidez de Morgana. — Eu estava certo, não é verdade?

— Como? — perguntou ela, perplexa.

— Estava certo quando lhe perguntei se havia algo errado, assim que chegou à casa daquele... não me lembro o nome dele...

— O nome é Charles Whitcomb e duvido que tenha realmente esquecido tão depressa — replicou Morgana num tom de censura. — Odeio ter de admitir... Sim, o senhor estava certo.

— Por que é tão difícil admitir?

— Se permite que eu seja franca, a sua arrogância já é excessiva e não precisa de nenhum reforço.

David não conteve uma gargalhada e seus olhos refletiam surpresa e satisfação.

— Nunca faça cerimônia comigo, srta. Penrhys. Adoro a sua franqueza contundente. É uma atitude rara demais em minha vida e a considero profundamente estimulante. Agora me diga sobre o que precisava tanto falar?

— Bem, quando terminei de visitar a última livraria, um homem se aproximou de mim. Tratava-se de Hugh Dawkins, o irmão de uma viúva de Gynfelin a quem considero uma boa amiga. O sr. Dawkins queria que eu intercedesse em seu favor, pedindo que o senhor concordasse em encontrar-se com ele.

Morgana cruzou as mãos sobre o colo, tentando, em vão, mostrar-se calma e descontraída.

— Eu não queria tomar essa atitude que julgo atrevida e sem grandes chances de sucesso. Então soube que a minha tentativa era a última esperança do sr. Dawkins e não pude mais recusar.

Refreando os cavalos, David parou a carruagem no meio da estrada para poder encarar Morgana.

— Por acaso tem o desagradável hábito de ser abordada por homens desconhecidos?

— É claro que não! A sua afirmação é ofensiva, senhor.

— Eu não afirmei, apenas perguntei e só o fiz em virtude das intrigantes coincidências que presenciei. Um dia, fui inspecionar minha propriedade e, diante da tempestade que caía, decidi voltar para casa e ficar sentado em frente à lareira, como faria qualquer pessoa com um pinga de bom senso, mas o acaso me levou a socorrê-la. Hoje, o sr. Whitcomb, que tinha me dado a impressão de ser um homem sensato e equilibrado, passa a se comportar como um adolescente tolo, incapaz de raciocinar

porque prefere fitá-la com um olhar fascinado. Agora você menciona esse tal de sr. Dawkins. Entende a linha do meu raciocínio, srta. Penrhys?

— Não, não entendo mesmo! — explodiu Morgana, enfurecida. — A sua acusação é absurda e altamente ofensiva. Sinto-me como se fosse uma garota desmiolada que se diverte atraindo os homens! Sou uma professora e uma solteirona, senhor. Meu comportamento foi sempre acima de qualquer censura e não ouse sugerir...

— Chega de falar, Morgana — disse ele com um sorriso misterioso.

David sabia que estava prestes a cometer um grave erro. O cavalheirismo aristocrático que lhe fora inculcado desde o berço alertava-o a não ceder à tentação. Mas em suas veias também corria o sangue de guerreiros implacáveis que, por gerações, haviam tomado para si tudo o que lhes despertasse interesse. E ele desejava a geniosa srta. Morgana Penrhys, uma professora dedicada e uma adorável solteirona. Desejava-a mais do que jamais desejara alguém em toda a sua vida!

Ele moveu-se com inesperada rapidez e apoderou-se dos lábios de Morgana. David ainda não perdera o controle de suas emoções e o beijo foi apenas uma carícia que prometia a paixão e a volúpia que ambos tentavam refrear.

O contato foi breve e David recuou para olhar o rosto de Morgana que, para sua surpresa, não tentara lutar contra sua ousadia e nem mesmo protestar. Ela o fitava quase com frieza.

— Não há motivo para ter medo, Morgana — tranqüilizou-a, certo de que a reação fora provocada por algum tipo de pânico.

— Não seja tolo! — a voz dela era muito clara e controlada. — Talvez não haja para você mas para mim... o perigo é bastante real. Sejam ao menos honestos diante da verdade.

O marquês de Montfort já havia enfrentado a violência das batalhas e conduzira seus homens através de um verdadeiro inferno de morte e horror. Já encontrara o pavor, a devastação e a fúria sem limites. Mas apesar dos rumores que corriam a seu respeito, nunca sentira vergonha de seus atos e essa experiência era a mais angustiante de todas.

Morgana estava certa e ambos sabiam muito bem. Ela tinha tudo a perder e o fato de não haver recuado, demonstrando o quanto se ofendera com sua ousadia, revelava uma personalidade ainda mais admirável.

Mais tarde, David chegaria à conclusão de que aquele momento fora o mais significativo para suas decisões sobre o futuro. Embora não se desse conta, havia abandonado para sempre a idéia de ter um relacionamento superficial com a srta. Morgana Penrhys. Ela não era uma mulher que se envolvia com mais de um homem, e quando se entregasse, seu amor duraria para sempre.

Esse tipo de dilema certamente surgira no caminho de muitos homens. Se eles haviam conseguido encontrar uma solução, David também descobriria uma forma de contornar os obstáculos ou desistir da caçada.

— Eu sinto muito — disse ele em voz baixa —, mas não posso mudar o mundo.

Quando seus olhos se encontraram, David teve certeza de que Morgana procurava algo em sua alma, mas ela desviou logo o olhar sem revelar se a rápida visão de seu íntimo a satisfizera.

— Tenho de insistir no assunto referente ao sr. Dawkins. Eu lhe prometi que falaria com o senhor.

— Reconheço que fui muito rude — admitiu o marquês, nitidamente contrafeito.

Ele não conseguia pedir desculpas, ainda não se convencera de que estava errado. Morgana era uma mulher excepcionalmente atraente, talvez por não se dar conta de sua sedução.

Morgana percebeu a relutância do marquês mas não estava em condições de insistir. Ainda continuava sem acreditar que sua aparência fosse de relativa calma; em seu íntimo, perdera toda a noção da realidade.

Seu mundo sofrera uma drástica transformação com um único beijo. E, no momento, Dawkins era o único elo que a ligava a uma realidade já ultrapassada porém conhecida. Assim, agarrou-se a ele desesperadamente, temendo perder o controle.

— O sr. Dawkins trabalha nas minas. A julgar pelas aparências, é um dos líderes espontâneos que sempre surgem entre os mineiros. Ele precisa falar com o senhor porque está profundamente preocupado com as condições de trabalho que, embora nunca tenham sido boas, pioraram demais nos últimos tempos.

— Morgana respirou fundo, criando coragem para prosseguir:

— Ele disse que não será possível evitar uma greve se não houver uma mudança rápida.

— Uma greve? Esse homem é louco! Ele não se dá conta de que esse é o pior caminho?

— Acho que Dawkins sabe muito bem disso. Mas está desesperado, todos eles estão!

David balançou a cabeça, desorientado. Já ouvira essa história antes, sobre homens desesperados buscando soluções desesperadas que só provocavam mais dor e mais sofrimento. O governo britânico, desde a alta nobreza até os pequenos comerciantes, se unira em um bloco que protegia apenas os direitos dos ricos e dos poderosos. Considerava-se um crime intolerável qualquer sinal de agitação social e todos os recursos eram mobilizados para esmagar essas manifestações, mesmo as mais insignificantes.

— O seu sr. Dawkins está se envolvendo em uma situação extremamente perigosa e acabará provocando um desastre.

— Em primeiro lugar, ele não é o meu sr. Dawkins e, em segundo, o desastre irá acontecer de qualquer forma por causa das péssimas condições de trabalho e não por sua interferência.

O marquês soltou as rédeas para que os cavalos recomeçassem a andar. Depois de alguns instantes de silêncio, voltou ao assunto.

— O que ele imagina que eu possa fazer para evitar essa tragédia?

— Não tenho a menor idéia — confessou Morgana. — Aparentemente, ele ouviu comentários sobre sua decisão de melhorar as condições da escola e chegou à conclusão de que essa atitude poderia indicar uma preocupação mais ampla sobre a situação das classes menos favorecidas. Mas, mesmo se fosse esse o caso, eu reconheço que a sua influência seria muito limitada em problemas de âmbito nacional como o das minas de carvão.

David a olhou de soslaio. Embora lhe custasse admitir, as discussões com Morgana Penrhys eram tão excitantes quanto certamente seriam todos os outros passatempos partilhados com ela. Em poucas palavras, ela o desafiara a demonstrar que se importava com o destino dos seres humanos em geral e também a provar que sua influência se estendia além dos limites provincianos de Gynfelin.

Uma jogada perfeita! Sem dúvida, Morgana Penrhys jogava xadrez e devia ser uma oponente à sua altura.

— Talvez a sua opinião seja mesmo verdadeira — prosseguiu ele, sem se ofender. — Disse isso ao sr. Dawkins?

— Não, eu apenas me comprometi a me esforçar ao máximo para convencê-lo a aceitar esse encontro.

Morgana calou-se, à espera da inevitável recusa do marquês. Aristocratas como ele jamais se relacionavam com trabalhadores do nível de Hugh Dawkins. E, em especial, eles não se aliavam a homens desse tipo para irem contra as poderosas forças da sociedade britânica. O abismo entre as classes seria sempre profundo demais.

— Está bem. Eu me encontrarei com o sr. Dawkins.

— Verdade? — exclamou Morgana, incrédula. — Por quê?

— Talvez eu não seja tão insensível quanto você imagina. Já ouvi falar muito de lorde Philip Westerley, o dono das minas de Glamorgan. Esse homem é um péssimo jogador e um bêbado inveterado. A julgar pelos comentários, alguém precisa forçá-lo a se corrigir.

— Eu nunca disse que você era insensível — declarou Morgana mais animada. O marquês conhecia e não simpatizava com lorde Westerley. Talvez ainda houvesse uma esperança para Hugh Dawkins e para os mineiros de Glamorgan.

— Tem razão. Você nunca disse mesmo.

Um sorriso de satisfação permaneceu nos lábios de David Harrell durante o restante do percurso de volta a Gynfelin.

Wynne Fergus pediu a Morgana que repetisse três vezes seu relato antes de conseguir acreditar. Quando finalmente aceitou a verdade, sentou-se em um tronco caído, sem forças nas pernas.

— Não sei o que dizer — disse ela, preocupada. — Hugh está se arriscando muito.

— Eu sei.

Morgana viera procurar Wynne logo após o serviço dominical e, embora tentasse não pensar no assunto, a cena na igreja continuava a perturbá-la profundamente.

Ela fora ignorada de uma forma acintosa. Ninguém, nem sequer uma única pessoa da congregação lhe dirigira um aceno de cabeça. Até o reverendo Armbruster, de pé no púlpito, se disciplinara para não desviar os olhos em sua direção. O pastor gaguejara ainda mais durante o sermão e não conseguira disfarçar o alívio quando viu Morgana se afastar sem ter se juntado ao grupo dos paroquianos que o rodeava após o término da cerimônia.

Esse problema, vital para o seu futuro, devia ser analisado mais tarde. No momento, a situação dos mineiros era mais importante.

— O sr. Dawkins está tomando a atitude correta e a única que lhe resta, Wynne. Confesso que fiquei muito surpresa quando o marquês concordou em falar com ele, mas talvez seja um passo na direção certa.

— Espero que seja mesmo. Quem sabe Sua Excelência consegue colocar um pouco de bom senso naquele cabeça dura. — Wynne levantou-se, incapaz de permanecer sentada. — Enviarei um recado para Hugh hoje mesmo. E mais uma vez obrigada, Morgana. Por favor, leve uma dúzia de ovos...

Morgana conhecia bem o orgulho dos galeses e aceitou o presente. Wynne se sentia devedora de um favor que exigia uma retribuição e, se recusasse, iria ofender uma amiga leal.

Ao voltar para casa, Morgana preparou um jantar simples que comeu sem pressa enquanto tentava não pensar em seu problema. Só depois de terminar e sentar-se diante da lareira, forçou-se a encarar uma dura realidade.

O seu período de permanência em Gynfelin estava se esgotando. Já não era possível ignorar os comentários das pessoas a seu respeito e, se a pressão aumentasse, ela não teria condições de ser útil a seus alunos. A nova escola, os livros e o maravilhoso material escolar seriam utilizados por uma outra professora.

Lutando contra as lágrimas, Morgana censurou-se por ceder ao desânimo. Não havia como alterar a situação e era melhor enfrentá-la sem medo do que se lamentar desejando o impossível. A cena na carruagem continuava muito nítida em sua mente, provocando uma sensação de irrealidade. Embora o beijo a tivesse perturbado profundamente, a sua própria reação diante da carícia ousada fora mais preocupante. Ela não sentira a menor necessidade de resistir ou de protestar. Nem mesmo demonstrara surpresa!

O marquês, experiente e vivido, só podia ter percebido que ela não quisera lutar contra a atração. Mas por que se limitara a um único beijo se sabia que não encontraria nenhuma resistência às suas carícias?

Na verdade, ele a tratara com mais respeito do que teria direito de esperar. Reconhecia que o forçara a ajudar Dawkins e se surpreendera quando o marquês aceitara o encontro sem reagir contra sua insolência em desafiá-lo.

Agora era ela quem devia um grande favor ao marquês de Montfort e, como Wynne, teria que retribuir. Ela estava perdendo rapidamente o controle dos acontecimentos que poderiam determinar seu futuro. A cada momento que passava, envolvia-se mais com um homem ameaçador e, ao mesmo tempo, aumentava o perigo de perder tudo que, durante anos, fora a essência e a motivação de sua vida. Por mais que tentasse encontrar um caminho, só via o desastre se aproximando a passos largos.

Uma acha tombou sobre as cinzas da lareira, aumentando as chamas. Morgana permaneceu um longo tempo olhando para o fogo, como fazia quando era criança ao sentir-se ameaçada por alguma situação difícil.

Seu pai sempre zombara de sua supersticiosa fascinação pelo fogo, mas Faye Penrhys nunca a criticara. Apenas uma única vez sua mãe mencionara os antigos mitos celtas sobre o poder das chamas que abriam novos caminhos para as criaturas dotadas pelos deuses e com coragem suficiente para enfrentar o poder da magia.

— O fogo é mágico e nos mostra o outro lado da vida. Muitos não podem ver mas alguns receberam o dom e sabem compreender o que não é igual nem diferente.

A parte de Morgana que fora treinada pelo pai para o pensamento intelectual rejeitava essas idéias místicas. Mas, uma parte ainda mais forte e intuitiva reconhecia a verdade das palavras maternas.

Existiam inúmeros aspectos da existência que não podiam ser explicados ou descritos com a precisão dos processos da mente. O outro lado da vida, a existência anterior e posterior ao momento presente. Tudo sempre recomeçava porque não havia um fim. A natureza jamais desperdiçava nada e por isso tudo se transformava sem nunca deixar de ser.

Até a madeira que se consumia em chamas brilhantes se transmutava em calor e fumaça. E em luz, uma luz que dançava, seduzia e hipnotizava.

— Alguns têm muito medo do que existe além dos nossos poucos conhecimentos — dissera a mãe de Morgana. — Eu não posso censurá-los, talvez essas pessoas tenham a sensatez de não se afastar do momento presente porque sentem medo de não encontrar o caminho de volta. Mas você é diferente, filha.

Faye acariciara as mechas sedosas de Morgana, da cor do fogo que brilhava na lareira de pedra da aconchegante casa da família Penrhys.

— Você nasceu com a sabedoria das anciãs e sacerdotisas de nossa tribo celta. E, como elas, acabará encontrando seu lugar no universo. Mas não será nunca pelo caminho mais fácil. Seu espírito tem a inquietação fluida das chamas e você seguirá seu caminho por estradas árduas e pedregosas.

Morgana lembrava-se do suave perfume de lavanda da mãe e, com os olhos semicerrados, reconheceu a presença materna na penumbra de sua casa iluminada apenas pelas chamas da lareira. Sentiu o toque muito leve da mão carinhosa sobre seus cabelos e foi invadida pela certeza de que era plenamente amada.

Sua mãe estava muito perto, rodeando-a com a força poderosa do amor. Bastaria estender a mão para tocá-la...

Quando Morgana abriu os olhos, viu a luz rubra das chamas iluminando sua mão estendida na direção do fogo. Ela recuou, assustada, e o mundo retornou ao lugar de sempre. Mas a lembrança da força do amor de sua mãe permaneceu muito vívida, impelindo-a a continuar procurando um caminho além das adversidades.

Ela não se lembrava de ter chegado até a cama ou de se despir, mas certamente o fizera pois acordou em sua pequena alcova, usando a velha camisola de flanela.

Pela janela, Morgana avistou o céu azul sem nuvens, um maravilhoso dia de primavera. Perfeito para a tomada de decisões!

Vestindo-se com gestos firmes, Morgana Penrhys preparou-se para enfrentar o dia e o mundo.



## CAPÍTULO XI

Naquela manhã dourada de primavera, os primeiros caixotes com o material escolar começaram a ser entregues na escola. Posteriormente, tudo seria levado para o novo prédio mas, enquanto isso não acontecia, as crianças que continuavam a assistir às aulas poderiam aprender em seus próprios livros e se sentariam em carteiras de verdade.

Durante toda a tarde, Morgana permaneceu na escola, guardando os novos materiais. Ainda estava removendo os caixotes da sala de aulas quando Owen abriu bruscamente a porta.

— Oh! Ainda bem que a encontrei! — exclamou ele, tentando recuperar o fôlego. — Fui procurá-la em sua casa.

— O que houve, Owen?

Ela correu para junto do garoto, preocupada com sua excessiva palidez. Apesar da boa alimentação dos últimos dias, Owen ainda era uma criança frágil e tinha nitidamente esgotado todas as suas energias correndo até a escola.

— Sente-se. — Empurrou o menino na direção de um dos bancos. — E agora me conte o que aconteceu. Algo errado com você?

— Não, é o marquês...

Morgana parou de respirar e, por uma fração de segundo, sentiu uma dor tão intensa que perdeu a noção do mundo ao seu redor. Quando recuperou a lucidez, estava com as pernas trêmulas e uma sensação de profundo esgotamento.

— Fale comigo, Owen. — Ela se sentou ao lado do garoto, sem forças para manter-se em pé. — Conte-me tudo.

— Aquele homem, o sr. Dawkins, veio hoje bem cedinho. Ele e o marquês se fecharam na biblioteca durante horas para conversar. Depois de sua partida, tudo estava bem mas, um pouco antes do almoço, uma pessoa se aproximou da mansão, galopando

desesperadamente num pangaré, quase caindo de exaustão. O recém-chegado trazia um recado muito importante da parte de Dawkins para o senhor de Montfort e a mensagem dizia que Farr tinha matado um trabalhador e os outros mineiros haviam abandonado a mina. Sua Excelência pediu, aos gritos, que Sebastian... que o sr. Levander lhe preparasse um cavalo para ele partir imediatamente.

— Abandonaram as minas... — repetiu Morgana, estarrecida. — Por acaso... é a greve?

— Sim, srta. Penrhys. É a greve — disse ele, com o medo refletido no olhar. — Uma greve nas minas de Glamorgan. Eu nunca pensei que essa desgraça fosse acontecer.

— Eu também não, Owen.

Tomada pelo desespero, Morgana ainda rezava para que tudo não passasse de um engano. Eles tinham chegado tão perto de uma solução pacífica! David concordara em receber Dawkins para conversar...

David? A partir de que momento ela passara a pensar no marquês com tanta familiaridade? E o que estaria acontecendo com ele agora?

Ele fora para Glamorgan, convulsionada pelo tumulto provocado pela greve. Sem dúvida David era forte, capaz e demonstrara sua capacidade de sobrevivência nos campos de batalha. No entanto, não deixava de ser apenas um homem. E bastaria um segundo de descuido, um golpe à traição.

— Eu também vou para lá — declarou Morgana, levantando-se de um salto.

— Senhorita? — Owen estava completamente desorientado.

— Ouviu o que eu disse. Nós dois iremos juntos para a mansão Montfort onde você me arrumará um cavalo. Não sei montar muito bem, mas darei um jeito. Tenho de chegar a Glamorgan de qualquer forma!

— Não pode ir, senhorita! Terá de enfrentar combates nas ruas. A milícia já deve estar chegando e será tão perigoso quanto uma guerra de verdade!

— Pare de tagarelar, Owen. — Agarrou-o pelos ombros, forçando-o a levantar-se da cadeira. — Eu fui a responsável pelo envolvimento de Sua Excelência e não pretendo ficar de braços cruzados e em perfeita segurança enquanto ele corre perigo. Me julga do tipo que prefere esperar sentada pelo resultado dos acontecimentos sem tomar nenhuma providência nem participar?

Talvez tenha sido sua voz, seu modo de falar ou quem sabe a firmeza que transformara suas feições suaves em uma máscara de fria determinação. Convencido, Owen parou de argumentar e se dirigiu para a porta da escola.

— Eu também tinha de chegar aqui e vim a cavalo.

— Que maravilha! — exclamou Morgana, eufórica. — Sempre achei que você era um garoto muito criativo, Owen Trelawney!

Apanhando o xale que deixara junto à porta, Morgana correu para fora da escola. Por sorte, Owen também não sabia montar e tinha escolhido um cavalo plácido, forte e incansável mas de temperamento visivelmente dócil.

— Ajude-me — pediu Morgana, agarrando-se à sela. Owen juntou as mãos formando um apoio para que Morgana pudesse subir e alcançar a garupa do cavalo. Ela conseguiu acomodar-se sobre a sela masculina e prendeu a saia junto das pernas para evitar que o vento a levantasse.

—; Por favor, pense bem sobre o que vai fazer, senhorita — pediu Owen, aflito. — Quando Sua Excelência souber disso, só Deus sabe como irá reagir!

— Pois eu me arrisco a enfrentar Sua Excelência. Deixe tudo por minha conta, Owen Trelawney.

Apertando os calcanhares nos flancos do cavalo, Morgana afastou-se da escola, certa de que chegaria a Glamorgan com a velocidade do vento. Ela não contava com o temperamento do cavalo que talvez fosse muito persistente mas era excepcionalmente lerdo. Depois de muita insistência, o animal trotava, mas jamais se dispunha a galopar.

Ela tentou sentir-se agradecida pela falta de velocidade de sua montaria porque, se dependesse de sua vontade, teria forçado o animal a galopar e certamente acabaria se matando. Morgana precisava agarrar-se à crina do cavalo para não cair durante o trote lento e bastava uma alteração no passo regular para que ela começasse a deslizar sobre a sela.

Finalmente Morgana e sua plácida montaria alcançaram as colinas que protegem o vale de Glamorgan. Ela deteve o animal, horrorizada com a visão do que acontecia atrás das encostas.

A cidade estaria em chamas? Era quase impossível ter certeza pois uma espessa cortina de fumaça se espalhara pelo vale, envolvendo o centro de Glamorgan. Ela estremeceu, pressentindo que a tragédia já se abatera sobre a região. Ela saía de Gynfelin sabendo que um homem morreria, a greve começara e um terrível perigo ameaçava os mineiros. Mas não esperava essa sensação de impotência diante de um desastre irremediável.

O cavalo também pressentiu o perigo e só continuou a se mover porque Morgana o encorajava, forçando-o a prosseguir.

Há apenas dois dias, Morgana caminhara pela rua principal de Glamorgan, em busca de livros e cadernos para seus alunos. Agora ela percorria o mesmo caminho, tentando encontrar alguém que lhe desse alguma informação. Só se deparava com portas e janelas fechadas e ninguém para lhe dizer onde deveria procurar o homem que pretendia salvar. Não havia uma única pessoa fora de casa.

Desesperada, Morgana decidiu ir até o bar onde tomara chá com Hugh Dawkins. Como acontecera desde que entrara na cidade, as portas e as janelas estavam fechadas.

Contudo, não pretendia ser derrotada por mais um obstáculo. Bateu até chamar atenção de alguém.

A porta se entreabriu ligeiramente e um rosto surgiu na fresta muito estreita.

— Por favor! — a voz de Morgana refletia sua urgência. — Preciso encontrar uma pessoa... o nome é Dawkins, Hugh Dawkins.

Ela decidiu perguntar sobre Dawkins porque as pessoas de Glamorgan seguramente saberiam de seu paradeiro, enquanto o marquês de Montfort era um desconhecido na cidade. Sua tática teve o resultado desejado.

A porta se abriu um pouco mais e Morgana viu-se diante da alegre e gorda Winnona, que a fitava com um olhar de surpresa.

— Ora! Você é a moça que acompanhava com Hugh, a que só tomava chá!

— Exatamente. Vim para Glamorgan tão logo recebi notícias do que estava acontecendo. A greve foi declarada? Ainda continua?

Winnona deu de ombros, subitamente desinteressada. Não abriu mais a porta nem convidou Morgana a entrar, mas viu o cavalo parado em frente ao bar.

— Veio sozinha?

— Sim, dirigi-me para cá tão logo recebi a notícia — repetiu Morgana, pacientemente. — Preciso encontrar o sr. Dawkins. Sabe onde ele está?

— No céu ou no inferno — disse Winnona, com um sorriso inexpressivo. — Quem pode saber? Talvez ainda esteja vivo mas eu não apostaria nessa possibilidade. Farr não é nenhum idiota e sua primeira providência em uma ameaça de greve deve ter sido a prisão de Hugh.

Ela lutou contra uma sensação de derrota. Lembrou-se do homem desesperado mas ainda orgulhoso e disposto a lutar com quem tomara chá numa tarde que já pertencia ao passado. Lembrou-se de Wynne, sempre tão forte e capaz de enfrentar uma vida de adversidades, mas que certamente choraria muito pelo irmão. Por respeito a essas duas pessoas admiráveis, Morgana se sentia obrigada a continuar tentando.

— Mas você não tem certeza absoluta de que Dawkins morreu, não é?

— Não — admitiu Winnona —, mas dizem que mais de dez homens perderam a vida. As lutas começaram de manhã bem cedinho. Os incêndios só se iniciaram há cerca de uma hora.

— De onde vem o fogo?

— Das aberturas das minas. Alguns dizem que os responsáveis são os grevistas, outros afirmam que foram os homens de lorde Westerley, liderados por Farr. Quem pode saber? Quanto a Hugh... ainda há uma multidão lutando perto da entrada principal da mina, a oeste da cidade. Talvez ele continue por lá mas, se você tiver um pinga de juízo, não irá procurá-lo. Volte para o lugar de onde veio e agradeça aos céus por não estar envolvida nessa maldita confusão.

— Sinto muito, não posso.

Morgana voltou a montar, com muita dificuldade, já que não contava com o apoio de Owen.

— Você é quem sabe de sua vida, moça — declarou Winnona, fechando e trancando a porta.

Os únicos sons na rua deserta eram o dos cascos do cavalo sobre as pedras. Morgana se dirigiu para oeste e, a cada passo, a fumaça ficava mais espessa e sufocante. Ela colocou um lenço sobre o rosto, mas logo se esqueceu desse problema. A distância, ouvia-se um barulho surdo que se assemelhava ao estourar das ondas contra os rochedos num dia de tempestade. Mas os sons se avolumavam, modulados como se pertencessem a algum monstro mitológico como o legendário dragão de Gales.

O cavalo estremeceu e empacou. Morgana percebeu que o animal não daria mais um passo e, depois de olhar ao redor, decidiu conduzi-lo até um telheiro protegido por um muro lateral.

— -Venha comigo — repetia ela, forçando o animal a se mover. — Aqui você ficará seguro até que eu volte para buscá-lo. Se Deus quiser, será muito em breve.

Agora Morgana prosseguia muito mais lentamente. Aos poucos, começou a ouvir vozes se sobrepondo ao rumor sinistro que ela não conseguia identificar. Os gritos humanos porém, de medo e dor, se aproximavam a cada passo.

Um vulto surgiu subitamente da cortina de fumaça e Morgana parou, paralisada pelo choque. Era uma mulher, com o rosto coberto de sangue. Um dos braços pendia sem movimento como se tivesse sido quebrado.

— Espere! — gritou Morgana, sem saber por que a chamava.

A mulher a fitou apavorada e correu. Por uma fração de segundo, Morgana sentiu-se tentada a segui-la, fugindo de uma situação assustadora e muito mais grave do que ela poderia ter imaginado. Mas era justamente a seriedade do problema que a obrigava a não recuar. Reunindo toda a sua coragem, ela cruzou o limite da cidade.

A cena oculta pela cortina de fumaça era estarrecedora. Da última esquina da rua principal, avistava-se a entrada da mina e a visão do tumulto se assemelhava a uma cena criada por Dante em um de seus dias mais negros. Certamente os círculos do inferno, descritos por ele com tanto realismo, não podiam ser muito piores do que acontecia naquela tarde em Glamorgan.

Por toda a parte, homens e mulheres corriam, gritavam, lutavam e caíam. Alguns usavam o uniforme da polícia local, que, formando um círculo, avançavam com os cassinetes erguidos e batendo em quem tentava cruzar o seu caminho. Outros tinham a aparência de malfeitores e valentões contratados apenas para ajudar os que reprimiam a greve e com permissão para dar rédeas livres à sua selvageria.

Morgana pensou ter visto Thomas Trelawney usando seus punhos para esmurrar um homem bem mais fraco. Mas não era possível reconhecer ninguém naquela massa de seres humanos em contínuo movimento.

Ela também se movia independente de sua vontade. Percebeu que estava sendo arrastada como uma folha ao vento e acabaria caindo, vítima de uma agressão dirigida contra uma outra pessoa. Morgana começava a se convencer de que, como sempre, agira impulsivamente e cometera um grande erro em vir quando sua suspeita foi confirmada. Seu pé escorregou, ela perdeu o equilíbrio e, antes mesmo de poder emitir um único som, tombou ao chão.

O mundo se transformou em uma massa de pés e pernas que a pressionavam, impedindo-a de se levantar. De nada adiantavam seus esforços desesperados. Ocasionalmente, um joelho atingia suas costelas, provocando dor e falta de ar. Pela primeira vez na vida, Morgana teve certeza de que estava no limite entre os dois mundos e afundando na escuridão total.

Um círculo de ferro envolveu-a pela cintura, trazendo-a de volta à luz e ao ar que faltava em seus pulmões.

Mas o ferro era sempre muito frio e algo aquecia seu corpo. As pragas bem próximas aos seus ouvidos também lhe pareciam familiares. Morgana não perdera totalmente a consciência e abriu os olhos, certa de que fora salva.

Ela não esperava encontrar tanta fúria no olhar do marquês de Montfort. Os olhos cinzentos refletiam tanta censura que Morgana sentiu-se afundar numa terrível sensação de desamparo.

— Você é a mulher mais intrometida que eu tive o desprazer de encontrar, Morgana Penrhys.

No fundo, ela sabia que precisava se defender dessa acusação injusta mas as palavras não saíam. Essa súbita e pouco comum incapacidade de se comunicar não fora provocada pela certeza de que estivera muito perto da morte nem pela gravidade da situação ao seu redor. Morgana perdera a fala porque fora invadida por uma onda de felicidade.

David estava vivo! Embora enfurecido e prestes a explodir de raiva, continuava muito próximo, transmitindo-lhe seu calor.

Fechando novamente os olhos, ela se censurou por uma imperdoável falta de juízo. Estava enlouquecendo e precisava lutar contra essa insensatez!

— Por favor, me desculpe — sussurrou Morgana, quase sem voz.

— E por quê? — Ele afastou o rosto para encará-la. — Eu devo estar perdendo o juízo, mas pretendo saber a resposta. Qual das suas inumeráveis loucuras provocou esse súbito arrependimento que a levou a pedir desculpas?

— Não entendo o que quis dizer! Inumeráveis loucuras? Só lhe pedi desculpas por envolvê-lo nessa situação terrível, por nada mais!

— Então eu desisto!

Morgana sentiu-se levantada no ar e sendo levada em uma direção que ainda não conseguira definir.

— Desiste do quê?

— De convencê-la a ser mais racional. Tem coragem de pedir desculpas por ter me envolvido? Não se deu conta de que cometeu uma loucura vindo até aqui? Quase morreu esmagada pelos pés da multidão que fugia. Se eu não conseguisse agarrá-la antes...

— Eu sei, fui muito impulsiva...

A angústia na voz de David surpreendeu Morgana. Ela compreendia a raiva que ainda não fora controlada mas... por que uma emoção mais profunda? Por que o indistigável alívio que transformava as feições másculas?

Sem dúvida, o susto lhe provocara estranhas alucinações. Ele não podia estar sofrendo da mesma loucura que a impedia de voltar à realidade.

Mas a possibilidade de que David também estivesse sentindo a mesma felicidade permanecia em sua mente com uma nitidez perturbadora. Morgana não conseguia pensar em mais nada, apenas na aura de encantamento que os envolvia, isolando-os do mundo.

— Para onde está me levando? — perguntou ela, apenas para romper o silêncio.

Apesar de toda a euforia, Morgana ainda conservara um pouco de bom senso. Sabia que precisava voltar à realidade. Se não fosse um sonho impossível, permaneceria calada, deixando que David a carregasse nos braços por toda a eternidade!

— Não é capaz de imaginar? — resmungou ele, ainda furioso.

— Já sei! Paris!

David parou de andar, o rosto refletindo preocupação e espanto.

— Deus do céu! Você respirou muita fumaça?

— Claro que não. Sou uma pessoa previdente e cobri a boca e o nariz com um lenço.

Morgana o fitou com um olhar desafiante. Precisava demonstrar àquele homem que não era tão tola ou irresponsável quanto ele imaginava.

— O mesmo lenço que escorregou muito antes de você cair? Quando ainda estava sendo arrastada pela multidão? Se pudesse ver seu rosto, perceberia a absoluta ineficácia de seu gesto.

— O que há de errado com meu rosto?

— Está imundo. Aliás, está inteirinha num estado lamentável.

— Oh! Não é possível! — Só então Morgana notou o estado de suas roupas. — Este é meu melhor vestido!

— E pode estar certa de que não conseguirá limpar essa sujeira de carvão.

— Como sabe disso? Tenho certeza absoluta de que você nunca precisou limpar uma única peça de roupa em toda a sua vida.

— Não conseguirá porque eu não permitirei que tente. Detesto esse vestido!

As palavras de David tiveram o surpreendente efeito de calar Morgana. Ela estava atônita diante daquela revelação inesperada. Então o marquês de Montfort tinha opiniões

bastante definidas sobre seu modo de vestir? E, a julgar pelo seu tom de voz, eram pontos de vista muito radicais.

— Espere! — exclamou Morgana, voltando subitamente à realidade. — Meu cavalo!

— Seu cavalo? Desde quando você tem um?

— Bem, ele realmente é seu. — Ela sorriu, embaraçada. — Um animal muito dócil que me trouxe até aqui com toda a segurança. Está sob um telheiro, na última quadra da rua principal.

— O meu cavalo? — resmungou o marquês, perplexo. — Você veio até aqui montando um de meus cavalos? E como conseguiu essa proeza?

— Eu precisava de uma montaria para chegar mais depressa e, como não tenho nenhum cavalo...

— Não se repita, Morgana. É lógico que você não tem nenhum cavalo! Tentarei adivinhar, está bem? Foi até minha casa e convenceu Sebastian a lhe emprestar uma montaria. Aquele idiota cedeu, mesmo sabendo qual era a sua intenção? Será que ele também perdeu o juízo?

— Não culpe Sebastian.

Morgana hesitou com medo de falar a verdade enquanto o marquês continuava enfurecido.

— Então, Morgana Penrhys? Quanto tempo vai me deixar esperando por uma explicação?

— Owen procurou-me na escola para avisar que você tinha vindo para Glamorgan. Por favor, não o culpe. Ele é apenas uma criança e o considera um verdadeiro ídolo.

David Harrell suspirou.

— Não culpo Owen — disse ele, quando finalmente chegaram ao abrigo onde Morgana deixara o cavalo. — E também não teria realmente censurado o pobre Sebastian se ele houvesse caído nas suas garras. Não consigo nem mesmo ficar com raiva de Dawkins que é um homem despreparado e frágil.

Ele a colocou no chão sem muita delicadeza e abriu a porta do abrigo. Pelo menos Morgana tivera um lampejo de sensatez e cuidara do pobre cavalo. Se aquela desmiolada se lembrasse também de se proteger, a vida de ambos seria bem mais fácil.

— Você quer mesmo ir a Paris? — perguntou David, enquanto conduzia o cavalo para a rua.

Mais uma vez Morgana sentiu-se flutuando no ar. Ele a colocava sobre o cavalo sem demonstrar o menor esforço! Infelizmente, fora acomodada como se estivesse em uma sela feminina, com as pernas de lado e cobertas pelo seu vestido imundo de fuligem e carvão.

— Eu... não posso ficar assim — declarou embaraçada.

— E por que não?

— Em primeiro lugar, não é uma sela feminina e, em segundo... nunca aprendi a montar como uma dama. — Ela desviou o olhar, enrubescendo. — Vire-se de costas.

Finalmente a raiva de David desaparecera e um sorriso se formou em seus lábios.

— Por quê?

— Você só sabe repetir essa pergunta tola? — exclamou ela, exasperada. — Deve se virar de costas porque eu lhe pedi e porque acredito que seja um cavalheiro.

— Prefiro não entrar em discussões sobre esse ponto, minha cara professora.

O marquês permaneceu de costas enquanto Morgana se acomodava melhor sobre o cavalo. A situação, porém, continuava embaraçosa porque, depois de tentar de todas as formas, ela desistira de cobrir as pernas com a saia que só chegava até os joelhos.

— Quanto a Paris? — insistiu ele, tentando manter os olhos baixos.

David não queria embaraçar Morgana ainda mais. Porém, vira a forma perfeita dos tornozelos esguios que atestavam a sensual fragilidade de sua compleição. Ela era um delicado bibelô de porcelana, mas certamente moveria céus e terra para demonstrar sua força de espírito.

— Não existe Paris — disse ela com um sorriso meigo. — Só existe o momento presente em nosso pequeno universo convul-sionado.

Morgana reconhecia que se criara entre eles um elo profundo e potente que ameaçava a ordem de seus mundos organizados e com metas pré-definidas pelo destino. Quando seus olhos se encontraram, percebeu que David também reconhecia essa ligação misteriosa. Ainda seria possível evitar uma tragédia que os destruiria sem piedade?

Eles se afastavam lentamente da cidade. O rumor surdo ainda ecoava a distância mas já não se ouviam vozes. Glamorgan se calara como um animal ferido se imobiliza, tentando recuperar o fôlego após um encontro feroz e preparando-se para o pior que ainda está por vir.

## CAPÍTULO XII

As luzes acesas da mansão Montfort brilhavam na escuridão da noite como um farol indicando o caminho para os navegantes. Reconhecendo o trajeto, o garanhão negro relinchou, avisando o outro cavalo que o seguia placidamente.

Morgana conseguira resistir à exaustão durante a primeira hora da viagem de volta, agarrada à crina de sua pachorrenta montaria. Ela nem sequer percebeu o momento em que suas mãos perderam a força. David a viu oscilar sobre a sela e, com um movimento rápido, retirou-a do outro animal, colocando-a sentada à sua frente.

Uma sensação de aconchego e segurança invadiu Morgana no instante em que os braços do marquês a envolveram. Com a cabeça encostada no peito amplo de David, ela adormeceu, embalada pelo ritmo das batidas do coração dele junto ao seu rosto.

Os sons e os movimentos na cocheira apenas interromperam seu sono, mas não a despertaram por completo. Vultos indistintos os rodeavam e vozes diferentes se alternavam sem que suas palavras fizessem qualquer sentido. O marquês falou e alguém respondeu. Morgana percebia apenas que estava ainda nos braços dele, sendo carregada para algum lugar protegido do vento da noite.

— Morgana...

Ela tentou abrir os olhos mas foi vencida por uma profunda e agradável letargia.

— Hum?

— Nós chegamos. Lenore já foi preparar um banho e cuidará de você. Eu preciso falar com Sebastian.

— Hum.

O marquês sorriu diante da ironia do destino. Nunca se considerara um casanova mas o efeito que ele provocava naquela mulher era uma ducha de água fria em seu amor próprio. Morgana simplesmente não tomava conhecimento nem demonstrava qualquer reação com sua proximidade.

— Cuide da srta. Penrhys — disse para a criada.

— Sim, milorde. — Lenore fez uma reverência. — Às suas ordens, milorde.

David já não tinha esperanças de que Morgana, algum dia, o tratasse com tanta deferência. Mas, se fosse honesto, admitiria que não desejava uma mulher submissa à sua vontade. A rebelde professora de Gynfelin era um espírito livre, uma força da natureza, indomável como o fogo e o vento, como o brilho vibrante das estrelas. Ela nascera para estimular os sentidos de um homem e não para dar-lhe uma vida serena.

Certamente ele começava a desculpar a obstinação de Morgana pois já não sentia o incontrolável impulso de torcer-lhe o pescoço. Infelizmente, os outros desejos que o atormentavam não perdiam a intensidade.

Ao entrar na biblioteca, que deveria estar deserta, ele surpreendeu-se por encontrar Owen. O garoto estava muito pálido e nitidamente preocupado.

Sempre estóico, David preferia não admitir diante de ninguém o quanto estava exausto e com o corpo dolorido. Uma viga de madeira tinha caído sobre seus ombros enquanto tentava salvar Hugh Dawkins de um grupo de brutamontes que o surravam, com uma fúria assassina. Ele conseguira vencê-los sem nenhum ferimento grave, mas sentia-se alquebrado. Seu primeiro impulso foi mandar o garoto embora, prometendo que o castigaria quando recuperasse as forças.

— Está tudo bem, Owen — disse ele, surpreendendo-se com sua inesperada mudança de atitude. — A srta. Penrhys voltou para casa sã e salva.

A transformação nas feições de Owen chegava a ser comovente. Então o garoto controlou a emoção, comportando-se com uma dignidade que já prenunciava o homem íntegro que ele seria no futuro.

— Fiquei muito preocupado, milorde.



— E com toda a razão. Também eu fiquei. Mas agora é tarde e você está com uma aparência exausta. A srta. Penrhys dormirá aqui esta noite e poderá conversar com ela amanhã.

Agradecendo entusiasticamente, Owen encaminhou-se para a porta da biblioteca. Antes de sair, sorriu para o marquês, demonstrando uma adoração infantil. Depois dos acontecimentos sinistros em Glamorgan, o sorriso de Owen simbolizava a pureza, era um raio de sol atravessando a escuridão da noite.

David ainda estava se censurando por sua recente mania de fazer comparações poéticas quando Sebastian entrou na biblioteca.

— Está ferido, milorde? — perguntou ele, olhando delibera-damente para a mancha de carvão sobre os ombros do marquês.

— Não. Mas tenho certeza de que um uísque me ajudaria a recuperar as forças. Se não for lhe dar muito trabalho, é claro.

Ele percebia que seu tom de voz refletia uma profunda irritação mas não conseguia se controlar. Sebastian tinha o dom de demonstrar uma profunda desaprovação apenas com sua presença. Sem emitir um único som ou revelar qualquer mudança na expressão impassível, o velho criado transmitia a David o que pensava sobre seu comportamento.

— Já o coloquei na mesinha ao lado de sua poltrona, milorde.

— Você me mima demais.

— São suas palavras, milorde. Também mandei preparar um banho e um jantar leve. Deseja algo mais?

— Sim. Peça a um dos cavaleiros que procure uma mulher chamada Wynne Fergus. A sra. Mulroon a conhece e saberá seu endereço. Meu mensageiro deve avisá-la que seu irmão foi levemente ferido e está sendo trazido para a casa dela. Quero que ele permaneça escondido enquanto decido qual será o próximo passo a ser dado.

— Às suas ordens, milorde. É uma situação decididamente desagradável.

— Que tende a piorar. — David tomou um gole de uísque, sentindo o calor da bebida relaxar seus músculos tensos. — A srta. Penrhys ficará aqui esta noite.

— Sem dúvida, milorde.

— Não lhe ocorre nenhum outro comentário, Sebastian?

O mordomo demorou alguns instantes para responder, preocupado em disfarçar um sorriso.

— Eu poderia dizer que considero a srta. Penrhys uma jovem bastante diferente mas admirável. Todos nós temos uma opinião muito lisonjeira sobre ela.

— Pois há poucas horas, eu teria prazerosamente estrangulado a admirável e diferente srta. Penrhys!

Sebastian já não conseguia disfarçar o sorriso.

— Eu posso entender que a srta. Penrhys provoque esse efeito nas pessoas, milorde. Entretanto, ela tem bom coração e a coragem nascida de suas convicções. São duas qualidades sem preço.

— Ela é espinhosa demais — resmungou David, terminando de tomar o uísque.

— A senhora sua mãe gostava muito de rosas mas exigia que fossem retirados todos os espinhos antes de as flores serem colocadas nos vasos. Eu nunca me manifestei a esse respeito porque não me cabia dar opiniões, mas sempre achei que as rosas sem espinhos adquirem um perfume pesado e doce demais em contraste com o aroma sedutor das mesmas flores em seu estado natural.

O marquês levantou-se da cadeira, sentindo a sala girar ao seu redor. Bebera muito pouco, mas a exaustão o tornava mais suscetível ao álcool. Ele realmente precisava descansar!

— Acho que, depois de tantos anos de convivência, você devia sentir-se à vontade para emitir suas opiniões, Sebastian. Não seja tão reticente.

— Suponho que esteja sendo sarcástico, milorde.  
— Pelo menos, estou me esforçando ao máximo.  
— O senhor precisa de repouso. Permite que eu o ajude, milorde?  
— Não. Eu não permito mesmo! Certifique-se que o jantar seja servido em meu quarto, envie o cavalição com o recado da sra. Fergus e... suma da minha frente. Preciso pensar sem ninguém observando os meus menores movimentos... por cima de meus ombros!

Depois da saída do mordomo, David preparou mais uma dose de uísque e levou o copo para seus aposentos. A lareira estava acesa, o banho pronto e o jantar fora colocado na mesa junto à janela.

Sons abafados chegavam do apartamento ao lado do seu. Lenore devia estar se ocupando com as tarefas de uma criada de quarto, que sempre haviam sido um mistério para ele. Entretanto, era bem mais fácil saber o que a jovem pensava naquele momento. Deliberadamente, David colocara Morgana na suíte azul, ligada a seus aposentos por uma porta de comunicação.

Ele permaneceu com os olhos fixos na porta enquanto tomava banho, durante o jantar, que devorou com um inesperado apetite, e ainda não desviara o olhar quando Sebastian entrou no quarto para retirar as bandejas.

— Deseja algo mais, milorde?

David virou o rosto e as chamas da lareira iluminaram seu rosto.

— Amanhã bem cedo, envie uma mensagem para o mordomo da casa de Londres. Nós iremos para lá nos próximos dias.

Os olhos do marquês voltaram a se fixar na porta de comunicação entre os dois quartos. A intensidade de seu olhar despertou a curiosidade de Sebastian, que quase se esqueceu de sua impecável discrição. Ele controlou-se e não perguntou a quem exatamente David se referira ao usar o pronome no plural.

— Eu lhe devo minha vida — declarou Hugh Dawkins, pouco à vontade diante do marquês.

O sol da manhã iluminava a mesa do desjejum, aumentando o encanto daquela saleta íntima e aconchegante. O ambiente, porém, continuava tenso.

— E como pretende pagar essa dívida?

David estava de péssimo humor. Ele descobrira, durante a noite, que a honra é uma péssima companheira e não aquece o sangue de um homem.

Dawkins hesitou diante da estranha pergunta do marquês. Apesar das manchas roxas e do corte na face direita, ele estava em melhores condições do que se poderia supor, após os conflitos violentos do dia anterior. Só continuava vivo porque aquele homem de aparência intimidante o salvara mas, ao fazê-lo, criara problemas que ele ainda não sabia como resolver.

— Não entendi bem o que quis dizer, senhor.

— Sente-se. — David apontou uma cadeira à sua frente com um gesto impaciente. — Já tomou o café da manhã?

— Minha irmã não me deixaria em paz se eu não comesse antes de sair da casa dela. — Respirando fundo, Dawkins voltou a insistir no assunto. — Como já lhe disse, devo-lhe muito e o movimento também. Quanto a um pagamento...

— Movimento? Está se referindo àquele bando desorganizado que participou da confusão de ontem? Dois perderam a vida e pelo menos doze foram feridos. Aliás, o número de vítimas teria sido bem maior se seus companheiros não corressem como coelhos velozes!

Dawkins deu um sorriso desapontado. Ele não tinha sabido das duas mortes, mas não estava surpreso. Seria impossível enfrentar forças tão poderosas sem que muitos mineiros perdessem as vidas por um ideal. Entretanto, como afirmara o marquês, a situação poderia ser muito pior!

— Todos nós sabíamos que o preço seria alto. Mesmo assim, nos decidimos pela greve. É claro que ninguém quer morrer mas, na verdade, nenhum dos mineiros está realmente vivendo. Quando um homem não tem nada a perder, arrisca tudo.

Ele esperava que o marquês retrucasse com a habitual mordacidade, mas suas palavras provocaram um inesperado silêncio.

— É verdade — disse David, após alguns instantes. — Você tem razão.

Pressentindo que aquele homem distante finalmente baixava a guarda, Dawkins aproveitou a oportunidade de estabelecer um diálogo mais pessoal.

— O senhor fala como se tivesse experiência nesse tipo de situação.

— Eu estive na Criméia. Cometeram-se erros grotescos nessa guerra infame mas houve pelo menos uma decisão certa. Recebi ordens para colocar meu regimento em uma posição que não poderia ser defendida. Era uma manobra sem qualquer objetivo, não serviria nem mesmo para defender ou reforçar uma ação em outro ponto do combate. Se a intenção fosse o efeito moral, seria um fracasso porque todos os meus homens morreriam.

Dawkins não disfarçava seu interesse no assunto. Estava descobrindo que a responsabilidade de liderar homens podia ser arrasadora.

— O que fez, senhor?

— Analisei a situação e cheguei à conclusão de que, como você afirmou, não tinha nada a perder e arrisquei tudo. Recusei-me a obedecer a ordem.

— E o que aconteceu?

— Meus homens continuaram vivos.

Aquelas palavras deviam ser suficientes para Hugh Dawkins. David ainda não se sentia pronto para falar do furor provocado por sua desobediência. A reação fora de tal intensidade que um homem mais fraco teria sucumbido ou sido completamente destruído.

Na verdade, o alto comando preferiu não insistir no assunto porque admitia, secretamente, que ele tomara a única decisão certa. Também tinham plena consciência de que o marquês de Mont-fort não aceitaria uma punição injusta e não hesitaria em defender sua posição diante da opinião pública. David ameaçara, sem fazer rodeios, que derrubaria o gabinete se tentassem culpá-lo por um erro que não cometera. Os políticos que o conheciam, o julgavam capaz de desestabilizar o governo e retiraram as acusações.

Agora Dawkins via a situação por um novo ângulo. O marquês não era apenas um nobre bem-intencionado que decidira ajudá-los por um capricho momentâneo. Esse homem conhecia a violência do poder muito mais a fundo do que os mineiros galeses.

— Como quer que eu lhe pague, senhor?

— Só peço a sua paciência. Continue escondido, não chame atenção sobre si. Pode ficar em minha casa ou com sua irmã. O importante é que Farr ignore seu paradeiro. Avise seus companheiros de luta para se manterem calmos e não provocarem distúrbios. Peça-lhes para retornarem ao trabalho enquanto esperam.

— E qual é o objetivo desse recuo? Não posso mandar meus homens de volta ao inferno sem lhes dar um bom motivo.

— Diga-lhes que estão lutando contra o inimigo errado. A guerra não deve ser dirigida contra Farr e seus capangas. O mundo tem uma verdadeira multidão de arruaceiros que se julgam poderosos porque alguma autoridade mais alta os convenceu de sua importância. O problema real é Westerley.

— Ele está muito além de nosso alcance.

O marquês deu um sorriso de profunda satisfação.

— Mas não está além do meu...

— Do seu o quê? — perguntou Morgana, curiosa.

Ela havia entrado na sala sem que nenhum dos dois se apercebesse de sua aproximação. Tinha permanecido por alguns instantes do lado de fora, tentando criar

coragem para enfrentar o marquês, mas ouvira algumas palavras e não resistira ao impulso de saber mais. Morgana não ignorava que ambos iriam se ressentir com sua intromissão em uma conversa de natureza privada. Entretanto, se julgava com o direito de ser informada e não pretendia fingir desinteresse.

— Do meu alcance — disse David, demonstrando que se esforçava para não perder a paciência.

Aliás, também seria preciso um esforço sobre-humano para desviar os olhos da jovem fascinante que permanecia parada à porta. Lenore descobrira, em um dos incontáveis baús guardados no sótão, um vestido de organdi branco que realçava o tom perolado da pele de Morgana e acentuava o rubro dourado de seus cabelos que caíam sobre os ombros numa profusão de cachos rebeldes. Ela ainda tinha o ar sonolento de uma criança recém-desperta, determinada a participar de uma reunião de adultos.

— Bom dia, sr. Dawkins. Fico feliz por saber que está são e salvo.

— Graças à sua intervenção, senhorita — declarou ele, enquanto se levantava. — E também devo agradecer à pronta participação do marquês, que me salvou a vida. Seguirei seu conselho, senhor. Ficarei em casa de minha irmã mas, se a situação piorar, aceitarei humildemente a hospitalidade que me ofereceu.

— Não se preocupe com formalidades e venha no instante em que julgar necessário, Dawkins. Sebastian cuidará de você.

O mordomo estava entrando na saleta com o desjejum de Morgana quando ouviu seu nome.

— Sim, milorde?

— Talvez o sr. Dawkins precise ficar aqui enquanto nós estivermos em Londres. Se isso realmente acontecer, você deverá tomar todas as providências necessárias para seu conforto e segurança.

— Perfeitamente, milorde.

Enquanto servia o café, Sebastian examinou Hugh Dawkins, um homem de físico frágil mas movido por um idealismo que lhe fornecia forças. Depois olhou para o marquês, reconhecendo o poder de sua determinação. Finalmente analisou a srta. Penrhys. Jovem e vibrante, ela tentava demonstrar formalidade, mas era traída pelo brilho de seus magníficos olhos verdes.

— Então eu devo ficar em Gynfelin, milorde?

— Sim, não há nada que possa fazer em Londres. Sempre impassível, Sebastian teve dificuldades em disfarçar a surpresa. A maioria dos cavalheiros de tão alta nobreza quanto o marquês de Montfort jamais se conformava em dar um passo sem estar rodeado de criados, e muito menos viajaria sozinho para a cidade mais sofisticada do mundo!

Havia um grupo de criados que mantinha a ordem na casa de Londres, mas eram poucos e não estavam à altura dos padrões exigentes do marquês. Sebastian, o mordomo perfeito, não dava palpites nem fazia perguntas, porém, a curiosidade permanecia.

A quem exatamente o marquês se referia ao usar o pronome no plural?

— Para onde? — exclamou Morgana, atônita.

O desjejum terminara há quase uma hora, os pratos haviam sido retirados e Morgana só não partira porque o marquês tinha decidido que ela não estava em condições de trabalhar naquela manhã.

Com a condescendência de um verdadeiro senhor feudal, ele comunicou que havia enviado um recado para o reverendo Arm-bruster, pedindo-lhe que se encarregasse da escola naquele dia. A srta. Penrhys sofrerá um choque debilitante e precisava de repouso absoluto.

— Para Londres — respondeu David, calmamente. — Sei que você preferiria ir a Paris mas, no momento, Londres é considerada a cidade mais vibrante da Europa. Além disso, tenho assuntos importantes a resolver por lá.

— Então quer que eu vá com você para Londres... Talvez, se ela repetisse até cansar essas palavras sem sentido, acabaria conseguindo entendê-las. Já não havia problemas demais em sua vida? Seria necessário provocar novas catástrofes?

David a fitava com a expressão complacente de quem está discutindo detalhes insignificantes do clima.

— Você é uma mulher honesta.

— Por que eu tenho a desagradável sensação de que a minha presumível honestidade será considerada um grave defeito?

— Porque você é uma pessoa desconfiada demais. Eu não a censuro. Reconheço que a vida nos ensina a suspeitar de tudo. Mas voltemos à essência do problema. Pode me afirmar, com toda a sua comprovada honestidade, que nunca sentiu o desejo insensato de sair dos limites restritos de sua existência para viver um sonho, ainda que por muito pouco tempo?

— Talvez...

O bom senso de Morgana a alertava a não prosseguir naquela direção perigosa, a fugir de uma conversa que só poderia acarretar problemas graves. Na verdade, ela sentira uma necessidade instintiva de sair correndo da sala mas, inexplicavelmente, sentia-se presa à cadeira e incapaz de dar um passo. A luz que brilhava nos olhos prateados do marquês era tentadora demais. Por que não se conceder alguns minutos de indulgência? Que mal faria se ficasse um pouco mais na sala?

— O lado positivo dessa aventura fantasiosa teria de ser comparado com os efeitos negativos de uma fuga da realidade. A minha honestidade me obriga a confessar que as conseqüências de um passo tão insensato seriam desastrosamente graves.

— Tem certeza absoluta? Vamos analisar todos os aspectos do problema juntos. O que realmente aconteceria se você fosse comigo para Londres?

— Provavelmente não seria mais possível voltar para Gyn-felin. Os bons cidadãos da aldeia me condenariam ao pelourinho, talvez me expulsassem se eu tentasse pôr os pés na escola.

— Você está dramatizando demais uma situação bastante simples. Ninguém precisa saber de sua viagem a Londres.

Morgana o fitou, a cada instante mais confusa. Que brincadeira era aquela?

— Ninguém?

— As pessoas ficarão sabendo que você está em minha casa se recuperando do choque provocado pelos tumultos em Glamorgan.

Para resguardar a sua reputação, seriam informadas de que eu não me encontro presente, tendo ido a Londres para tratar de negócios.

— Mas seria mentira.

David deu de ombros, esperando que Morgana não insistisse muito nesse detalhe. Sem dúvida, tratava-se de uma mentira sem nenhuma importância. O essencial era saber se ela realmente desejava viver um sonho.

— Poderíamos dizer que é apenas... um subterfúgio. Um pequeno desvio que lhe permitirá realizar o seu maior desejo.

Ele percebeu, satisfeito, o rubor no rosto de Morgana. Talvez seus pensamentos não fossem tão divergentes quanto imaginara. Tinha acreditado que seria muito difícil convencê-la mas, aparentemente, descobrira seu ponto fraco.

— E qual seria o meu maior desejo? — perguntou ela, sem disfarçar a tensão.

— Viver alguns momentos de completa liberdade. Deixar vir à tona aquela parte de sua alma que não se conforma com a rigidez de um comportamento obrigatório. A sociedade a reprime, mas as restrições que você se impõe são ainda mais severas.

— Então estamos discutindo a minha consciência? Os meus princípios morais?

— Não, de modo algum. Eu não pretendo afetar a paz de sua consciência nem abalar seus princípios morais. Se eu tivesse más intenções, não lhe daria a minha palavra

que me comportarei como se fôssemos apenas bons amigos, se você for comigo para Londres.

Ele sorriu ao perceber que Morgana não conseguia disfarçar a incredulidade.

— Eu estaria mentindo se dissesse que a vejo de uma forma fraternal. Até um cego perceberia que você é uma mulher bonita e desejável, mas a minha intenção, no momento, tem raízes muito diversas. Gostaria de levá-la a descobrir o mundo que existe além dos limites desta aldeia perdida no interior de Gales e das restrições de sua vida. Para proporcionar-lhe essa aventura, juro que cuidarei de sua proteção sob todos os aspectos.

Morgana permaneceu em silêncio por um longo tempo. Quando finalmente voltou a falar, sua voz era muito baixa, quase um sussurro.

— Francamente... Deve ter algum parentesco com o demônio. David deu uma gargalhada, sem se ofender.

— A que demônio está se referindo? Certamente não deve ser daquela infeliz caricatura que carrega sempre um tridente e se veste de vermelho como se fosse participar de um baile à fantasia. Eu me cansei de procurar esse personagem em todas as batalhas e juro que não o encontrei. Mas a sua ausência não é de causar surpresa porque ele é uma criação humana muito recente, como deve saber.

David não tirava os olhos de Morgana, ansioso por detectar as mais insignificantes expressões do rosto sempre tão transparente em suas emoções.

— Acredito que esteja se referindo à um personagem mais antigo. O demônio de nossos ancestrais nunca desejou nada além de tocar sua flauta e dançar à luz da lua cheia. Ele certamente não merece a condenação que recebe da sociedade atual.

— Eu nunca encontrei ninguém que falasse sobre esses assuntos além de minha mãe, e talvez uma ou duas pessoas ligadas às antigas tradições. Acho curioso o seu interesse, embora tenha notado muitos livros sobre esse tema em sua biblioteca. Entretanto, está se afastando do ponto que realmente importa. O seu dançarino que cultua a luz da lua é tão fantasioso quanto o pobre tolo com o tridente. A realidade sempre foi muito diferente das lendas, muito mais poderosa e ameaçadora. Nada mudou no mundo e os nossos temores continuam válidos.

Morgana virou a cabeça para não ver David. Naquele momento, ambos tinham despertado imagens potentes do passado e ela sentia medo de encontrar no rosto dele a força primitiva que simbolizava a fertilidade da terra, a outra metade de si mesma, sem a qual a vida acabaria por desaparecer.

Mais uma vez, forçou-se a controlar sua imaginação fértil demais. David Harrell era apenas um homem. Excepcionalmente esperto e quase diabólico, mas apenas um homem!

— Está mesmo me dando a sua palavra de honra? — perguntou ela, já sem forças para resistir à tentação.

— É uma promessa solene. — Estendeu-lhe a mão para que selassem o compromisso. — Prometo que nunca farei nada que possa magoá-la, Morgana Penrhys.

Ela viu os olhos prateados brilharem. Talvez estivesse cometendo o erro mais grave de sua vida, mas acreditava em David Harrell.

## CAPÍTULO XIII

"Quando um homem se cansa de Londres é por que está cansado da vida," tinha escrito Samuel Johnson. Morgana, que acabava de entrar na cidade em meio a um congestionamento de carruagens, pedestres e carroças, estava mais propensa a concordar com Shelley, que comparara a capital do império britânico ao inferno, também populoso demais e cheio de fumaça. Talvez mais tarde ela pudesse analisar dois pontos de vista tão radicalmente opostos mas, no momento, sentia-se no limiar de um mundo perturbador demais e sem condições de pensar em qualquer assunto, a não ser em sua chegada.

Ela praticamente se pendurara para fora da janela da carruagem para observar melhor os imponentes edifícios e as pessoas que viviam naquela cidade assustadora e fascinante. Teria existido, na história da humanidade, tanta ousadia e tanta sordidez? Londres. Durante toda a sua vida Morgana lera, estudara e sonhara com essa cidade onde se desenrolara a história da Inglaterra. Agora, ao vê-la pela primeira vez, admitia que seus conhecimentos eram mínimos e de nada lhe serviriam. Qual seria exatamente seu tamanho? Quantos milhões de pessoas a consideravam seu lar? O que acontecia em suas alamedas, ruas e vielas que pareciam guardar segredos insondáveis? Todas as perguntas perdiam o significado diante dessa cidade que causava impacto apenas porque existia e agora se oferecia a Morgana com toda a sedução, desafio e magnificência.

— É inacreditável! — exclamou ela, finalmente voltando a acomodar-se no banco da carruagem como uma dama bem educada.

Na verdade, Morgana apenas pretendia interromper sua observação por alguns instantes mas, ao afastar-se da janela, foi obrigada a encarar o homem que acompanhava cada um de seus movimentos com um sorriso malicioso.

Não podia culpá-lo por se divertir tanto com o que via. Seus cabelos, sempre rebeldes, estavam ainda mais desordenados. Seu rosto já não perdia o rubor e os olhos, brilhantes e fascinados, refletiam uma euforia incontida diante das incontáveis maravilhas da cidade.

Era preciso admitir que David Harrell sabia se comportar como um perfeito cavalheiro. Essa estranha sensação que a dominava e ela preferia não analisar só podia ser de alívio. Acreditara na palavra do marquês e essa confiança se justificava. Como não admirar princípios morais elevados como os dele? Sem dúvida, Morgana não podia estar se ressentindo porque ele fora capaz de manter-se distante!

— Você dormiu bem? — perguntou ele, com impecável cortesia.

Na noite anterior, eles haviam parado em uma hospedaria, a menos rústica ao longo da estrada que cruzava os campos ingleses. Morgana não poderia dar uma opinião sobre a qualidade da estalagem porque fora conduzida ao quarto por uma escada lateral, uma criada lhe levava o jantar e, na manhã seguinte, a mesma jovem tímida tinha ido lhe servir o café da manhã. O marquês de Montfort demonstrava, além de suas Outras qualidades admiráveis, apreço pela descrição.

— Dormi muito bem — mentiu Morgana que raramente evitava falar a verdade.

Ela já não se lembrava de horas seguidas de sono tranquilo e sonhos agradáveis dos quais nunca se recordava. Certamente não tinham a menor semelhança com os pensamentos perturbadores que a mantinham desperta até quase de madrugada ou com os desejos desconhecidos que haviam se tornado seus companheiros de todas as noites.

— E você? — perguntou mais por curiosidade do que por educação.

— Dormi como uma criança. O ar do campo sempre tem esse efeito sobre mim.

David estaria dizendo que dormia pior quando estava na cidade? Morgana forçou-se a não se perder em devaneios condenáveis porque aquele assunto não deveria, decididamente, despertar seu interesse. Como e onde ele dormia ou com quem passava

as noites não era da conta de Morgana Penrhys, uma professora que tirara férias de sua existência rotineira.

— Você acha que, com a prática, as pessoas aprendem a mentir melhor?

— É bem possível — respondeu David, intrigado.

O que teria provocado aquela pergunta tão fora de contexto? Morgana se inquietara com a sugestão de espalhar em Gynfelin a informação de que ela permanecia na mansão enquanto o marquês viajava.

— Por que me fez essa pergunta?

— Por nenhum motivo importante — respondeu Morgana, disposta a não entrar naquele assunto perigoso. Além disso, a paisagem merecia toda a sua atenção naquele momento.

Mayfair foi uma revelação inesperada. O bairro tranqüilo se assemelhava a um oásis de calma e suntuosidade com magníficas mansões de mármore, jardins impecáveis e praças graciosas. A calma e a limpeza das ruas contrastavam de modo gritante com o labirinto sujo e tumultuado que o cercava.

A carruagem parou diante de uma casa de três andares que se destacava das outras por uma elegância ímpar, criada pela graciosa harmonia de suas linhas. A porta se abriu antes mesmo do cocheiro deixar de lado as rédeas e um criado de libré desceu correndo a escadaria de mármore a fim de recebê-los.

David ajudou Morgana a descer da carruagem e, segurando-a pelo braço, conduziu-a para dentro da casa. Foi tudo tão rápido que ela não teve tempo de pensar na imprudência de sua aventura.

Logo ao entrar, Morgana teve a sensação de que a beleza e o luxo da mansão de Gynfelin tinham sido condensados e apurados para se adequar àquela residência menor, mas de um fausto igualmente intimidante. O chão de mármore brilhava como um espelho, as paredes eram forradas de seda ou cobertas por lambris dourados, os candelabros de cristal e prata pendiam de tetos artisticamente pintados, os móveis preciosos e as obras de arte se combinavam, criando a impressão de uma riqueza sem tamanho para proporcionar um conforto sem limites.

E os criados... Havia uma pequena multidão, todos curvando-se em reverências diante do marquês. A longa fila era encabeçada pelo mordomo, de fraque e expressão severa, seguido por três valetes de libré, entre eles o jovem que correria para recebê-los. Depois vinha a cozinheira cujas formas avantajadas serviam para comprovar seu talento culinário, e finalmente as duas jovens criadas de quarto, de uniforme azul e toucas de renda.

— Esta é a srta. Penrhys — o marquês se dirigia ao mordomo e, por extensão, a todos os criados que a serviriam. — O quarto azul já foi preparado, Fenwith?

O mordomo, chamado Norman Fenwith, era primo distante de Sebastian Levander e quase tão eficiente quanto seu parente.

— Assim que recebemos sua comunicação, milorde. — Fenwith deu um passo à frente, fazendo um gesto quase imperceptível para uma das criadas de quarto. — Por favor, acompanhe-me, senhorita.

David deu um passo para trás, abrindo espaço para Morgana passar. Com uma sensação de profunda irrealidade, ela o seguiu, como se estivesse participando de um intrincado minuetto em que o senhor da mansão recuava, o mordomo avançava, todos sempre sorrindo e curvando a cabeça.

Morgana ainda não sabia que o quarto azul sempre fora o aposento reservado a hóspedes de honra. Há algumas décadas, o herdeiro do trono o ocupara por uma noite, depois de um jantar farto e muitas doses de vinho, seguido por um jogo de cartas excessivamente longo, em uma madrugada chuvosa demais.

Como em algumas das mais famosas mansões da aristocracia inglesa, a permanência de um membro da família real em um de seus quartos santificava o



aposento. O quarto azul da residência dos Montfort só era preparado para hóspedes cuja posição social superior à da maioria dos mortais os colocava acima de qualquer censura.

Pelo menos, os criados raciocinavam dessa forma. Em termos mais práticos e realistas, eles reconheciam sua boa sorte em terem conseguido empregos excepcionais onde recebiam um salário acima da média, além de serem tratados com justiça e educação. As decisões de Sua Excelência, como trazer consigo uma jovem do interior de Gales, não lhes diziam respeito. A visitante seria rodeada de cortesia e atenção, mas todos fingiriam que ela era invisível.

O comportamento de remota distância dos criados convinha a Morgana. Deixara a vida real em Gynfelin e sua temporada em Londres seria um interlúdio de fantasia, uma oportunidade que jamais se repetiria. Ela sentia-se perfeitamente à vontade flutuando sem laços que a prendessem a qualquer rotina.

A viagem fora mais cansativa do que ela previra e, depois de um banho relaxante e de um delicioso chá, Morgana aceitou a sugestão da criada e deitou-se para descansar. Com as pálpebras pesadas de sono, examinou o quarto que, na verdade, era verde.

Ela tentou imaginar o quarto decorado em tons de azul como certamente o fora no passado, até que alguma das marquesas de Montfort, num capricho, decidira mudar a cor do aposento de hóspedes. Mas o sono venceu e, quando Morgana acordou com a criada batendo à porta, a noite caíra e era hora de vestir-se para o jantar.

Morgana desceu as escadas com uma lentidão fora de seus hábitos por dois motivos bastante importantes. O primeiro era a situação que exigia cuidados extremos, e o segundo, o vestido que estava usando.

A criada chegara para despertá-la e trouxera consigo um luxuoso vestido de seda e rendas num tom de verde idêntico ao de seus olhos. A cor só poderia ser uma incrível coincidência, pois o traje fora encomendado a uma costureira através da mesma carta que notificara o mordomo da iminente chegada de seu senhor.

Ela nunca havia visto um vestido tão encantador, tão delicado e feminino. Na verdade, a beleza insinuante daquela peça de alta costura a obrigava a não se esquecer do tipo de mulher perfeita para usá-la... o tipo que Morgana Penrhys não podia ser.

Sua primeira reação fora não aceitar o vestido. Contudo, os escrúpulos que, em outra ocasião seriam até louváveis, nessas circunstâncias lhe pareceram o cúmulo da hipocrisia. Ela concordara, sem nenhuma coação, em participar de um jogo perigoso. Deixara de ser a srta. Penrhys, a professora solteirona de princípios rígidos. Agora era simplesmente Morgana, uma mulher que existiria apenas por um breve período no tempo, com todo o mistério e a ousadia de sua ancestral, a sacerdotisa do fogo e da terra.

Ao terminar de descer as escadas, Morgana sentiu o frio do mármore do chão através de seus delicados sapatos de cetim, do mesmo tom do vestido. Do outro lado do vestíbulo iluminado por dezenas de velas, as portas da sala estavam entreabertas. Ela ouviu o crepitar convidativo das achas na lareira e pressentiu que, em algum lugar do aposento, estava seu anfitrião. Impulsivamente, foi ao encontro dos dois.

O marquês jamais confessaria que estava nervoso. Talvez admitisse uma ansiedade pouco normal mas, na verdade, sentia-se tenso e inquieto. Queria agradar Morgana e essa tarefa não seria fácil. Precisaria controlar seus próprios desejos enquanto a incentivava a liberar as fantasias que ela guardava em seu íntimo.

Fora ele quem criara aquela situação difícil e faria o impossível para ter sucesso. Só não estava preparado para a visão que se apresentou aos seus olhos, iluminada pelas velas do vestíbulo.

Morgana, a feiticeira do reino encantado de Camelot, estava viva e orgulhosa de sua beleza.

David estremeceu ao recordar com inquietante nitidez a doçura daqueles lábios que beijara apenas uma vez. Não se enganara ao pressentir que mulher alguma podia ser comparada a Morgana. Também acertara ao tramar um plano tão audacioso para tê-la

bem perto por alguns dias encantados... a qualquer custo. Mas o único a pagar um alto preço pelos momentos de fantasia seria ele ao manter sua palavra de não tomar nenhuma atitude que a magoasse.

Só Morgana poderia mudar o rumo dos acontecimentos de sua própria vontade.

— Venha para mais perto do fogo — disse ele, tentando agir como um anfitrião descontraído. — Você está linda.

— Obrigada.

A expressão de Morgana refletia a formalidade polida de uma jovem dama bem comportada mas, por uma fração de segundo, seus olhos brilharam como os de uma mulher ardente que revela ao homem a intensidade de seu desejo.

— Fenwith achou que ficaríamos mais à vontade jantando no jardim de inverno — murmurou David, desviando o olhar de Morgana. — É um cômodo bem menos frio e menor.

Uma mesa redonda fora colocada junto à lareira, acesa para afastar o frio de Londres no início da primavera. As labaredas intensificavam o brilho da toalha de damasco que caía em pregas pesadas sobre o tapete oriental e transformava os cristais em cintilantes peças lapidadas. Duas velas em um castiçal de prata trabalhada iluminavam a porcelana de uma fragilidade quase transparente e os talheres de desenho antigo, talvez pertencentes a um Montfort dos tempos medievais.

— Ele teve uma ótima idéia. — Perturbada, Morgana sentia a suavidade da seda sobre sua pele. — E... tenho de lhe agradecer pelo vestido. É lindo mas desnecessário.

— Como minha santa mãe teria dito, se eu tivesse uma santa mãe, a sua companhia é pagamento mais do que suficiente por um presente tão banal.

— Como era a sua mãe?

Morgana sentou-se na cadeira que David segurava para ela, percebendo que não havia nenhum criado à vista. Os pratos estavam em réchauds, que os manteriam quentes sobre um carrinho de chá, ao lado da mesa. A idéia de Fenwith lhes permitiria jantar sem interrupções em uma situação de perigosa intimidade.

— Eu não tenho a menor idéia — declarou David, servindo o vinho, um Chablis dourado e saboroso.

— Não tem idéia?! — repetiu Morgana, tentando disfarçar o choque.

— Eu só a via entre um compromisso social e outro, chegando de um almoço ou saindo para um jantar. É bastante difícil formar uma opinião sobre alguém que se encontra apenas nessas circunstâncias, concorda?

Em seu íntimo, Morgana achava extremamente fácil tirar uma conclusão sobre esse tipo de mãe. Na verdade, ela formara uma opinião radical e imediata a esse respeito, que teve o bom senso de não expressar.

Experimentou o vinho e decidiu não tomar mais nenhum gole. Jamais provara uma bebida tão deliciosa e pretendia manter a lucidez.

— Você estava realmente falando a verdade quando disse que manteria a sua palavra? — perguntou ela, encarando-o com firmeza.

— Se você não tivesse acreditado, estaria sentada aqui, agora?

— Claro que não, mas começo a duvidar até do que ouvi. A situação me parece tão absurda, fora da realidade.

— Tem razão, Morgana. Talvez tenha chegado a hora de lhe confessar que existe um motivo. — David deu uma risada descontraída. — Quer experimentar o salmão?

— O quê?

— O salmão com molho de ervas. É excepcional... — Sem esperar pela resposta, ele a serviu de uma generosa porção. — Eu a trouxe comigo para Londres para me manter na linha.

Morgana experimentou delicado peixe defumado e, mais uma vez, teve certeza de que nunca provara nada tão delicioso.

— Eu gostaria que me explicasse melhor essa sua afirmação sobre a existência de um motivo para minha vinda a Londres.

— Eu pretendia mesmo abordar esse assunto. Vim para Londres para enfrentar lorde Westerley em seu covil e, como não sou um homem paciente nem me julgo capaz de muita persistência, achei que seria prudente trazer comigo uma espécie de lembrete. Com você ao meu lado, será difícil esquecer Gynfelin e minhas responsabilidades em relação aos mineiros.

— Compreendo — murmurou Morgana, baixando os olhos. — Sou um lembrete para a sua consciência... me vê como um par de algemas, talvez?

Os olhos de David brilharam.

— Eu poderia passar horas falando sobre como você me mantém cativo, mas, por ser um cavalheiro, não tocarei nesse assunto perigoso.

— Concordo plenamente — declarou ela, espetando um pedaço de salmão com mais força do que o necessário. — O molho de ervas é delicioso...

— O que você sabe a respeito de lorde Westerley, Morgana?

— Apenas o que me contou, que é um jogador e um bêbado contumaz.

— São suas duas únicas atividades e ele demonstra uma total incompetência em ambas.

— Apesar disso, tem poder e dinheiro.

— Deveria ter — corrigiu David —, mas está gastando rapidamente a fortuna que herdou. Sem o dinheiro, o poder se acaba também. As suas dívidas se acumulam e, apesar da pressão dos credores, Westerley se recusa a vender as minas, considerando, com razão, que são a sua única fonte de renda. Ele usa suas propriedades de Glamorgan para iludir as pessoas a quem deve fortunas incalculáveis.

Embaraçada, Morgana comeu o último pedaço de salmão. Ela não entendia por que a presença de David sempre aumentava seu apetite!

— E como pretende forçá-lo a mudar de idéia a respeito da posse das minas?

— Pretendo levá-lo à bancarrota. — David sorria como se a situação fosse absolutamente normal. — Quer um pouco de salada?

— Aceito, obrigada. Você consegue muito bem.

— Consigo o quê?

— Dispensar a presença dos criados. Eu tinha a impressão de que você era incapaz de dar um passo ou tomar um simples copo de água sem alguém para servi-lo.

— Como pôde constatar, enganou-se a esse respeito — disse ele, secamente. — Sou perfeitamente capaz de sobreviver sem estar rodeado por criados, quando as circunstâncias exigem.

— E aprendeu a ser auto-suficiente na Criméia? Morgana admitia que estava sendo ousada e impertinente. David sempre evitava tocar naquele assunto penoso.

— Não.

Ele pretendia encerrar de vez o assunto, mas uma inexplicável necessidade o impeliu a contar sobre sua infância a Morgana.

— Passei a maior parte dos primeiros anos de minha vida longe de meus pais. Ou eu estava na escola ou em alguma de nossas inúmeras residências desocupadas por eles. Logo aprendi que os criados podem se transformar em nossos senhores, se nos mostrarmos incapazes de sobreviver sem sua ajuda. Sebastian sempre cuidou de mim e também me ajudou a não depender de ninguém.

Horrorizada com o relato de uma infância tão triste, Morgana não pensou antes de falar o que realmente pensava.

— Sinto muito.

— Por quê?

— É que... a sua infância foi tão pobre, comparada com a minha.

— Que tolice! Não disse que sua mãe lutava com dificuldades terríveis e precisava contar cada centavo?

— Eu cresci sem ter noção de que éramos pobres. Levando em consideração o salário exíguo de meu pai, mamãe realizou um verdadeiro milagre. Muito mais tarde, quando fiquei sabendo das dificuldades de nossa vida, ainda me senti rica de amor e de lembranças agradáveis. Nós participávamos juntos de todas as atividades...

— Que atividades? — perguntou o marquês, ansioso por conhecer experiências tão diversas das suas.

— Nós cozinávamos, fazíamos nossas próprias roupas, cuidávamos dos irmãos menores... enfim, todas as tarefas a que as mulheres costumam se dedicar.

— E você não se entediava?

Morgana sorriu, sentindo pena da criança que crescera entre pessoas incapazes de abrir os braços para as verdadeiras e melhores experiências da vida.

— Não, eu não me entediava. Na verdade, acho terrível imaginar uma existência sem essas ocupações familiares. São esses detalhes que lhe dão o verdadeiro significado à vida.

— Entendo — declarou ele, mudando deliberadamente de assunto. — O que você gostaria de fazer amanhã?

— Como não conheço Londres, acho quase impossível escolher. Não saberia nem por onde começar...

— Gostaria de fazer compras? Londres é conhecida por ter as melhores e mais variadas lojas do mundo.

— Já encomendamos tudo o que era necessário para a escola e não sinto o menor interesse por outro tipo de compra.

— Então podemos visitar os museus. Existem dezenas e com obras de arte de todas as épocas.

— Tenho certeza que seria maravilhoso mas... lembrei-me de algo e... — ela hesitou, sem saber se devia prosseguir. — Talvez seja banal demais para você.

— Por que não me diz o que é?

— Eu adoraria fazer um passeio de barco pelo Tâmis. É o coração da cidade e deve ser o melhor meio de realmente conhecer Londres.

— É verdade, mas talvez não seja tão agradável quanto você pensa.

— Por que não?

— Tudo que existe em Londres acaba no rio...

— Oh, eu sei disso! Sempre foi assim, certo? Durante os anos seguintes à conquista normanda, os peixes pescados no Tâmis eram excepcionalmente gordos porque se alimentavam dos corpos que flutuavam no rio. Muitas pessoas se mataram, estavam desesperadas de medo.

David disfarçou um sorriso. Como pudera esquecer? Essa era a mulher que enfrentara Thomas Trelawney, que se envolvera nos tumultos de Glamorgan e que aceitara seu desafio, esquecendo-se de todas as noções de segurança e bom senso para viver uma fantasia. Sem dúvida, o rio não a chocaria.

— Então está combinado. Iremos passear no Tâmis amanhã. Eu lhe mostrarei onde a jovem Elizabeth Tudor desceu de um barco para ser encarcerada na Torre, o lugar em que sir Thomas More revelou a seu rei que não se uniria aos conspiradores que tramavam o divórcio real. Veremos o portão dos traidores e o antigo mercado de ostras, que os pescadores traziam desde o mar Mediterrâneo para vender aos habitantes de Londres.

— Você é o guia perfeito — declarou Morgana, sorrindo. Mas, naquele momento, Morgana não pensava em seu passeio da manhã seguinte. A luz das velas aumentava a irresistível sedução de David e dava asas a sua imaginação. Como reagiria se sentisse as mãos firmes e morenas tocando seu corpo?

Sim, o rio seria o lugar ideal para começar sua aventura no mundo da ilusão. Ali, no coração da Inglaterra, as águas buscavam o mar e sonhos mesclados à realidade flutuavam juntos sem que se pudesse descobrir a linha divisória entre a fantasia e a verdade.

## CAPÍTULO XIV

Um dia ensolarado, tão raro em Londres no início da primavera, aumentou o encanto do passeio pelo Tâmis que, apesar dos prognósticos de David, foi perfeito. O barqueiro, contratado para conduzi-los, orgulhava-se de ser descendente de uma família que começara a ganhar a vida no rio, desde a época de Guilherme, o conquistador.

— Os meus antepassados já estavam aqui quando ele chegou. Naqueles dias, Londres era uma pequena fortificação dos saxões. Guilherme construiu a Torre Branca, dominou a região e depois acabou com as revoltas em todo o país. Muitos os seguiram, outros não. — O barqueiro deu um sorriso sábio. — A minha família viu reis e plebeus chegarem e partirem, mas o rio sempre continua o mesmo, nunca muda.

— O que você acha da atual monarca? — perguntou David apenas para continuar a conversa.

O barqueiro hesitou, com medo de responder. O casal, embora vestido com simplicidade, não tinha nada em comum com os jovens trabalhadores que vinham passear no rio aos domingos. A mulher era de uma beleza delicada demais e o homem revelava uma força que só um tolo desafiaria. Entretanto, o interesse dele parecia genuíno.

— A rainha Vitória é uma grande dama — disse o barqueiro, finalmente. — E bem melhor do que os tios dela... todos Georges e todos loucos! Mas...

— Mas? — insistiu o marquês. — Ela certamente tem defeitos, não é?

— Bem, acho que a rainha podia prestar um pouco mais de atenção nos pobres. Sei que é difícil lembrar desses problemas quando se vive num palácio, rodeado de conforto e longe de todos os problemas, mas ela precisava saber que muitos não têm onde viver nem o que comer.

O barqueiro examinava a expressão dos dois passageiros com medo de tê-los ofendido com sua resposta. Entretanto, o homem continuava sorrindo e a mulher balançava a cabeça, aprovando suas palavras.

— Nós precisamos de um parlamento verdadeiramente representativo — disse ela, com entusiasmo. — É necessário dar à câmara dos comuns o poder de tomar decisões que até agora tem sido exclusividade da câmara dos lordes. E o direito ao voto deve ser universal, incluindo-se as mulheres.

Os dois homens, pertencentes a mundos diferentes, uniram-se diante da ousadia de Morgana. O voto feminino era um total absurdo!

— Acha mesmo que as mulheres devem votar? — perguntou David, incrédulo.

— Mas é claro! — exclamou Morgana. — As mulheres têm tanto direito quanto os homens de decidir os rumos da sociedade. Aliás, sua participação é ainda mais vital porque são elas que criam os filhos e as crianças representam o futuro da nação.

— Poder para a câmara dos comuns? — O barqueiro ateu-se a um assunto menos chocante, embora fosse inovador, revolucionário até. — Julga que os lordes aceitarão essa modificação que diminuirá sua força?

— Só se forem obrigados! — declarou ela, satisfeita com a polêmica que provocara.

Mas o barqueiro sabia que a atitude mais sábia era sempre a prudência e concentrou sua atenção em remar. Levou o barco para bem perto da margem, aproveitando o movimento da maré para descer o rio até as docas de srta. Catarina, um dos mais antigos ancoradouros do Tâmis, ao sul de Londres.

David e Morgana desceram do barco e continuaram seu passeio a pé. Pouco depois do meio dia, entraram em uma graciosa estalagem para almoçar. No fim da tarde, cansados e já sentindo o vento frio da noite que não tardava a cair, tomaram uma carruagem de aluguel de volta a Mayfair.

Os dois refletiam o bem-estar criado pelas horas de descontração e divertimento saudável. Uma leve camada de pólen dos crisântemos que começavam a florescer nos canteiros do Hyde Park salpicava o algodão translúcido do vestido de Morgana. David soltara a gravata e tirara o casaco, jogando-o displicentemente sobre o ombro. Seus traços, sempre severos, pareciam muito mais jovens e sedutores.

O passeio pelo rio conseguira afastar as imagens sombrias de Glamorgan, mas apenas temporariamente. Quando Morgana desceu para o jantar daquela noite, encontrou David com um impecável traje de noite, preparando-se para sair.

— Oh! Eu... — ela parou no último degrau da escada —, eu devia ter imaginado...

O homem que a fitava não era o seu agradável e comunicativo companheiro de passeio. O olhar distante e o comportamento formal o transformavam novamente no marquês de Montfort.

— Eu que sinto muito — desculpou-se ele, sempre polido. — Devia tê-la prevenido que ia sair hoje à noite.

— Não havia necessidade de me avisar — disse ela, tentando demonstrar a mesma calma de David. — Não acho que deva me fazer companhia todos os momentos do dia. — O sorriso de Morgana só enganaria quem não a conhecesse bem. — Desejo-lhe um bom divertimento... aonde quer que vá.

— Vou jogar cartas com lorde Westerley — explicou ele, friamente. — Garanto-lhe que não será nada divertido.

Morgana reconheceu que nunca antes tivera tanta necessidade de esconder seus verdadeiros sentimentos. Mas sentia-se extremamente aliviada e feliz por David não sair em busca de uma aventura. Diante de tantos divertimentos excitantes da noite londrina, ele iria desincumbir-se de uma tarefa penosa.

Os sentimentos de Morgana refletiam-se em seu rosto com tanta transparência que David não conteve uma gargalhada, assustando o laçao que se aproximara para abrir a porta e nunca ouvira o riso do marquês. Morgana também não resistiu e o som de sua risada cristalina ecoou no vestíbulo.

— Sinto muito — disse ela, quando finalmente conseguiu controlar o riso. — Comportei-me de uma forma censurável.

— Não, minha cara Morgana. Você foi apenas transparente demais. — David a fitou com malícia. — Agora jante direitinho e vá para a cama como uma menina bem-comportada.

Se ela estivesse em sua casa, teria encontrado algo para jogar em David! Enfurecida, Morgana olhou ao seu redor e avistou um delicado vaso de porcelana sobre o aparador mas o laçao, percebendo sua expressão, afastou-se da porta como se previsse o que poderia acontecer. O marquês, ainda rindo, saiu rapidamente, deixando os dois parados no centro do vestíbulo.

Morgana retirou-se cedo mas não conseguiu conciliar o sono. Embora Mayfair fosse um bairro calmo, ela ouvia o rumor surdo da cidade, um som de vibração e vida. Acordada no quarto azul que não tinha uma única peça nessa cor calmante, rememorou todos os acontecimentos que haviam transtornado sua vida. Lembrou-se de Owen, dos comentários maliciosos que visavam sua destruição, e foi obrigada a enfrentar a verdade.

Estava apaixonada por David Harrell, marquês de Montfort.

Essa constatação não lhe provocava nenhuma surpresa. Morgana percebera sinais alarmantes desde a primeira vez em que o vira e sempre fora honesta demais para se iludir ou ignorar suas próprias reações. A cada dia, o amor se apossara de mais um pedaço de seu coração e o resultado só podia ser uma paixão absoluta. Sua única dúvida era que atitude tomar diante do fato consumado.

Ele prometera se comportar como se fossem apenas bons amigos. Convidara-a a viver alguns momentos de completa liberdade, deixando vir à tona a parte de sua alma

que não se conformava com as restrições de seu comportamento rígido nem com as repressões da sociedade. Seria um período suspenso no tempo para viver um sonho. A realização de uma fantasia ou de algo muito mais importante.

Durante toda sua vida, Morgana fora prudente e cuidadosa. Talvez algumas pessoas considerassem suas atitudes muito ousadas, mas nunca se expusera a riscos que a ameaçassem. Sempre concentrara todas as suas forças para atingir os dois objetivos realmente importantes em sua vida: completar sua educação e transmitir aos outros os conhecimentos adquiridos. Em nenhum momento, desviara-se desse caminho e continuaria a lutar por essa meta.

Agora ela estava diante de uma situação radicalmente diferente, com riscos muito mais sérios do que jamais enfrentara antes.

Morgana não tinha dúvidas de que um envolvimento com David só lhe traria sofrimento e dor. Não possuía condições para resistir às pressões de uma sociedade repressora e o fim de seu romance impossível deixaria apenas lembranças amargas e desolação.

Mas se ela negasse seus sentimentos e recuasse por covardia, conseguiria suportar os longos anos de solidão sem se culpar? Acabaria se transformando em uma mulher cansada de viver, sem condições de se relacionar com os seres humanos porque renunciara à sua feminilidade? Já encontrara tantas solteironas com ódio de si mesmas e do mundo e não queria ter o mesmo destino.

Não, Morgana Penrhys não suportaria perder o amor pela vida e pelas crianças a quem jurara se dedicar.

Silenciosamente, ela saiu do quarto e desceu as escadas até o vestíbulo. À sua esquerda, ficava a saleta onde tinham tomado o café da manhã e agora estava vazia e escura. Encontrando um outro lance de escadas, Morgana conseguiu chegar à cozinha e sentiu-se envolvida pelo aroma gostoso de pão caseiro e pela claridade rosada das brasas que ainda queimavam no fogão a lenha.

O chá era o remédio ideal para qualquer perturbação e, encontrando um bule de cerâmica pesada, Morgana preparou uma bandeja para levar até a biblioteca. Ela não tivera tempo suficiente para explorar a casa mas conseguiu achar rapidamente o aposento preferido de David e preparou-se para esperar.

Acomodada no sofá de couro macio, ela ouviu o relógio do vestíbulo bater meia-noite. À uma da manhã, quando seus olhos começavam a se fechar de sono, uma chave girou na fechadura da porta da frente. Morgana ergueu a cabeça, tentando adivinhar a direção dos passos de David. Ao perceber que ele se dirigia para a escada, correu até a porta da biblioteca.

— David? Espere um momento...

— Morgana?! O que está fazendo acordada?

— Perdi o sono e decidi fazer um pouco de chá. Não quer tomar uma xícara?

Só então Morgana percebeu o absurdo de seu convite. O chá, preparado há mais de duas horas, devia estar gelado.

— Agradeço muito mas é um pouco tarde — disse ele, perplexo. — Você está bem?

— Estou ótima. Apenas pensei... Foi tudo bem com Westerley?

Finalmente David desistiu de lutar contra a tentação e observou Morgana. O robe de renda tinha a discricção de um vestido severo, mas sugeria uma intimidade perturbadora. Ele sabia que o tecido leve apenas cobria a nudez gloriosa de um corpo perfeito e maduro para o amor.

— Westerley? — repetiu ele, fascinado com os contornos suaves do corpo de Morgana.

— Sim. Você foi jogar cartas com ele, não?

— Oh! É claro que fui... e perdi.



— Não! — exclamou Morgana, desapontada.

Embora reconhecesse sua imprudência, David aproximou-se dela.

— Está tudo bem, Morgana. Eu tinha planejado perder esse jogo. Agora lorde Westerley me considera um péssimo jogador com uma carteira recheada de dinheiro! Em resumo, ele me vê como a vítima ideal. Nós voltaremos a nos encontrar hoje à noite. Pretendo aumentar muito as apostas.

— Você o está atraindo para uma armadilha...

— Exatamente. É uma das mais antigas e reverenciadas tradições da caça.

David colocou a ampla capa de lã negra sobre o corrimão da escada.

— Você me ofereceu uma xícara de chá?

— Sim, mas nem me lembro mais há quantas horas o preparei. Certamente está frio. Se esperar um minuto, farei...

— Não é necessário. Eu realmente prefiro tomar um conhaque. Você me acompanha?

Ela podia recusar. Podia dizer que estava cansada, dar-lhe boa noite. Podia...

— Obrigada. Eu também gostaria de tomar um conhaque. Os dois entraram juntos na biblioteca, iluminada apenas por uma pequena lamparina. David serviu a bebida em dois copos e aproximou-se dela.

— Você é muito linda, Morgana — ele disse de repente, a voz rouca de desejo.

— Eu...

David sorriu diante do embaraço de Morgana. Será que não imaginava seu poder de sedução?

— Não posso acreditar. Morgana Penrhys perdeu sua extraordinária capacidade de dar respostas prontas?

— Eu apenas estou surpresa demais, por isso não soube o que dizer. Nunca penso em minha aparência. — Ela franziu a testa, preocupada. — Acha que eu falo demais?

— Só às vezes...

Com gestos lentos, David colocou as mãos sobre os ombros de Morgana e a puxou para junto de si. Ela ficou tensa, mas não recuou.

— Tenho de lhe dizer algo muito importante...

— Sim? — sussurrou ela, sentindo que sua resistência se esvaía diante do brilho de intenso desejo que via nos olhos de David.

— Eu não menti quando disse que a respeitaria como se você fosse uma irmã ou uma amiga. Minhas intenções...

— Não entendo — interrompeu Morgana, confusa.

Ela só podia estar sonhando! Certamente adormecera enquanto o esperava; tudo o que estava acontecendo agora era produto de sua imaginação. David não dissera nada, não a tomara nos braços...

— Eu estava lhe falando sobre minhas intenções, Morgana. Quando a convidei a vir para Londres, comprometi-me a não magoá-la de forma alguma e falei sério. O ato de amor é sublime mas as consequências podem ser penosas. Já pensou nesse aspecto da situação?

— Sim — mentiu Morgana, incapaz de pensar em algo além da vontade imensa de ceder ao desejo. — Sempre fui prudente, até demais — confessou, criando coragem para expor suas emoções. — Não posso e não quero ignorar o que sinto por você.

David a fitou por um longo tempo e então deu um sorriso de plena felicidade.

— Ah, Morgana! Mal posso acreditar que me sentia vivo antes de conhecer você! Agora sei que estava vivendo em uma espécie de limbo, sem emoções. Mas, por favor, me ajude a solucionar o dilema... O que eu devo fazer com minhas boas intenções?

Morgana respirou fundo, consciente da gravidade daquele momento de decisão. David pedia-lhe que desse a palavra final, desobrigando-o de um juramento, e ela precisava de toda coragem para dar um passo irrevogável.

— Talvez — murmurou ela, com um sorriso de infinita ternura —, possa recorrer a um subterfúgio...

Com um suspiro de prazer antecipado, David apertou Morgana nos braços buscando os lábios que se entreabriam à espera do beijo.

Morgana entrelaçou os dedos nos cabelos de David, sentindo que o mundo ao redor deixava de existir. Apenas a possessividade do homem que a beijava com uma paixão devastadora tocava seus sentidos.

A jovem e inexperiente professora teria se assustado com a violência de um simples beijo, mas a mulher nos braços de David não era mais a intelectual solteirona de vestidos severos e botas de amarrar. Ela se transformara em outra Morgana.

Na sala iluminada apenas por uma débil lamparina, nascia uma mulher consciente de sua sensualidade, lutando para se liberar das repressões que a aprisionavam.

O desejo que a arrastava para o desconhecido superava as dúvidas e os temores. Morgana ousava retribuir o beijo, buscando a maciez e o calor da boca de David. Sentiu que as suas pernas já não mais a sustentavam e teria caído se os braços dele não a sustentassem.

David carregou-a para o quarto, onde Fenvvith deixara a lareira acesa. A cama, ampla e de madeira escura, pertencia a uma época mais austera, e a cômoda, igualmente desprovida de enfeites graciosos, completava a decoração quase espartana. Apenas uma tapeçaria que retratava uma mulher de gloriosos cabelos loiros estendendo as mãos para um unicórnio aliviava a severidade do ambiente.

Colocando-a no chão, David recuou para fitá-la.

— Tem certeza do passo que vai dar, Morgana?

Sem pronunciar uma palavra, Morgana começou a desabotoar a casaca de David. Com mãos trêmulas, tentou, em vão afastá-la.

Um gemido de desejo escapou dos lábios de David, que forçou-se a permanecer imóvel, oferecendo à Morgana a liberdade de ousar. Embora seus gestos fossem hesitantes, ela conseguiu desabotoar o colete e jogá-lo para junto da casaca. Então, desfez os laços que prendiam a camisa de seda e seus dedos tocaram o peito coberto de pêlos.

Morgana percebeu o próprio corpo reagir à excitação, ansiando por carícias que desconhecia. A intensidade das sensações que a assaltavam a chocou e, sem coragem de prosseguir, deixou que David terminasse de se despir.

Por que ninguém lhe dissera que a nudez masculina podia ser tão bela?

A expressão fascinada de Morgana abalou o controle de David. Incapaz de esperar mais, ele retirou o robe de renda e jogou-o para longe. Apenas a leveza da cambráia cobria o corpo perfeito, acentuando a sedução das curvas sensuais.

David pressentia a batalha íntima de Morgana. Nesse momento, precisava controlar a volúpia desenfreada para não assustar a virgem ingênua. Ela poderia ser uma mulher passional e de desejos primitivos, mas só se abandonaria aos sentidos se ele fosse gentil, se não a afugentasse com a violência de sua paixão.

— Eu quero que sua primeira experiência seja perfeita, querida. Mas não sei se conseguirei...

— Tenho certeza que será um momento inesquecível — interrompeu ela, sorrindo com timidez.

— Você não tem idéia... é muito difícil... Jamais desejei nenhuma mulher, em toda a minha vida, com tanta intensidade. Não sei se conseguirei me conter. Deus, não quero assustá-la!

— Nada irá diminuir o encanto desta noite, David.

Uma confiança inexplicável induzia Morgana a tomar todas as decisões. Sem desviar os olhos de David, ela soltou as alças da camisola e, sempre sorrindo, deixou-a escorregar para o chão.

Surpreso diante da beleza que se revelava aos seus olhos, David admirou o corpo de Morgana. A pele tinha a alvura do alabastro, contrastando fortemente com a cor viva da brilhante massa de cabelos.

Incapaz de se conter por mais tempo, David terminou de se despir. Então, livre das roupas, ele se aproximou de Morgana.

Ela se julgara preparada para enfrentar esse momento, mas não conseguiu afastar o súbito temor.

David percebeu a expressão assustada no rosto delicado e procurou acalmá-la.

— Por favor, confie em mim, Morgana. Sei que a intimidade entre nós a assusta, mas não farei nada que possa magoá-la.

Ele a conduziu para a cama, envolvendo-a nos braços com imensa ternura. Deslizou os dedos sem pressa pelos seios e, quando a ouviu gemer de prazer, prendeu o mamilo com os lábios, sugando-o com avidez.

Aos poucos, sob os carinhos delicados e provocantes de David, as inibições de Morgana foram desaparecendo. Mas só quando ele sentiu que ela se abandonava completamente à doce loucura da paixão, deitou sobre o corpo feminino e penetrou-a.

Um grito de prazer escapou de seus lábios no instante em que mergulhou em Morgana, mas moveu-se sem pressa até que suas vozes se fundiram no ardor da volúpia e se ergueram juntas num êxtase arrebatador.

As chamas iluminavam os corpos unidos num momento de absoluta entrega. O clarão rubro das labaredas diminuiu com o passar das horas mas, quando restavam apenas brasas na lareira, a paixão ainda os impelia a se descobrirem através do desejo que não se esgotava.

## CAPÍTULO XV

Um raio de sol infiltrando-se pela cortina entreaberta tocava os cabelos de Morgana, fazendo-os brilhar como chamas sobre o cetim alvo dos lençóis. Uma voz muito próxima murmurava em seu ouvido, interrompendo seus sonhos. Mas a cama estava tão macia e ela continuava com tanto sono!

— Acorde, preguiçosa.

A voz se aproximou mais e Morgana sentiu a respiração junto ao seu rosto.

— Vamos! Está na hora de levantar!

Inesperadamente, o lençol foi arrancado e a brisa fresca que entrava pela janela fez sua pele se arrepiar, despertando-a de vez.

— Como ousa me...

— Controle o seu temperamento, Morgana Penrhys — zombou David, encantado diante da beleza da nudez feminina.

Só então Morgana se deu conta de que ele lhe estendia o robe. Subitamente envergonhada, vestiu-o depressa.

— Você não é um cavalheiro — resmungou ela, disfarçando o embaraço.

— Então mudou de idéia desde ontem a noite, querida. — Ele a fitava com um olhar intenso. — Você afirmou, com bastante veemência, que eu fui muito delicado e gentil.

Morgana enrubesceu, sentindo uma profunda vergonha. Ela não suportava pensar em seu comportamento da noite anterior. A luz do sol, não existia mais a mulher apaixonada que se entregava com volúpia.

— David, nós precisamos...

— Não — interrompeu ele, com um sorriso malicioso. — Nada de conversas! Nós só começamos a nos entender com perfeição no momento em que paramos de falar, querida. Além disso, não temos tempo.

— Por que não? Ainda é cedo.

— Eu lhe explicarei tudo enquanto você se arruma — disse ele, empurrando-a em direção ao quarto de vestir. — Madame Chanon acordou muito mais cedo do que costuma apenas para recebê-la. Seria muita falta de polidez deixá-la esperando.

Ela parou, recusando-se a dar mais um passo.

— E quem poderia ser essa madame Chanon que costuma acordar tarde?

— Ela é a modista mais famosa de Londres.

— Ah, não! Eu me recuso a ir! Não existe nenhum motivo válido para que eu vá a uma costureira. Absolutamente nenhum!

— Peço-lhe licença para discordar, querida professora. Há um motivo bastante válido.

— E qual é?

— Se não for ao ateliê, o vestido que ela está fazendo para você poderá não servir com a perfeição desejada.

— Ela não fará nenhum vestido para mim, David. Não preciso de nada, já tenho roupas demais.

— Então pedirei a madame Chanon que venha até aqui.

— Não! Deixe de ser prepotente!

— Eu sabia que você acabaria por entender. Enviarei sua criada de quarto para ajudá-la a vestir-se mais depressa. Madame Chanon nos espera às nove horas, portanto, tem apenas quarenta minutos para ficar pronta.

Com um sorriso, David beijou a testa de Morgana e saiu do quarto. Ela permaneceu onde estava, controlando a raiva.

Maldito David! Ele era insuportavelmente autoritário, arrogante, imprevisível e... sem dúvida alguma, o homem mais fascinante e sensual da face da terra!

Sem olhar para a bacia de prata com água quente, trazida pela criada há poucos minutos, Morgana começou a lavar o rosto com a água fria. Precisava acordar e ficar alerta para enfrentar madame Chanon. Essa mulher devia ser uma francesa majestosa e altiva, acostumada a receber em seu salão de alta costura apenas a nata da aristocracia inglesa. Certamente estava aborrecida por ser obrigada a atender uma professora solteirona, vinda de um lugarejo perdido no interior de Gales.

Se madame Chanon pudesse saber o que se passava na cabeça de Morgana, teria concordado plenamente. Ela não se lembrava de ter acordado tão cedo para receber uma cliente em toda a sua vida! É evidente que não pensava nos dez anos em que trabalhara na cidade de Lyon, costurando para as obesas esposas dos comerciantes locais, pois preferia apagar esse período de seu passado.

Sua vida começava com sua chegada a Londres, quando deixara de ser a humilde Marie Blanc para se tornar madame Nina Chanon. Sua fama se estabelecera com espantosa rapidez e já não havia modista alguma na Inglaterra que pudesse se comparar a ela. Em resumo, se alguma mulher tivesse a pretensão de ser considerada elegante, precisava de seus vestidos ou não estaria na moda. E, logicamente, em sua lista de clientes só figuravam os nomes mais célebres da sociedade.

Ao receber a mensagem do marquês de Montfort, informando-a que ele chegaria às nove horas com uma jovem desconhecida, seu primeiro impulso tinha sido se recusar a atendê-los. Madame Chanon decidia quem queria receber em seu salão e a que horas estaria à disposição. Também preferia conceder a honra de sua atenção e não ser forçada a cumprir um compromisso. A a tentação de enviar-lhe uma resposta malcriada fora quase irresistível.

Então madame Chanon se lembrara quem era ele... David Harrell, o notório marquês de Montfort, dono de uma das maiores fortunas da Inglaterra, um homem que vivia de acordo com suas próprias leis, ignorava as convenções de uma sociedade repressiva e, acima de tudo, não aceitava muito bem respostas que contrariassem seus desejos.

Pelo menos, David Harrell não aceitaria uma resposta negativa de uma modista. Madame Chanon tinha a flexibilidade gaulesa diante de barreiras intransponíveis e só lhe restava se conformar. Se Sua Excelência decidira ser atendido em plena madrugada, acompanhado por uma jovem desconhecida e sem sobrenome famoso, quem era ela para discordar?

Uma de suas ajudantes foi designada para abrir o salão e receber os clientes madrugadores, mas ela não se fez esperar. Além de ser impossível resistir à curiosidade, tinha receio de despertar a cólera de um homem famoso por seu temperamento intransigente e autoritário.

Seu primeiro olhar foi para o marquês e, embora o examinasse rápida e disfarçadamente, madame Chanon concluiu que jamais encontrara um homem tão atraente antes. Então seu profissionalismo superou a curiosidade e ela voltou-se para a jovem que o acompanhava. Majestosamente vestida de veludo negro e renda espanhola, com as mãos na cintura em uma postura imperiosa, examinou Morgana da cabeça aos pés e franziu a testa, perplexa.

Quem era a protegida do marquês de Montfort? Bastara um olhar para que madame Chanon percebesse que não se tratava de uma cortesã ou uma mundana. Ela sempre reconhecia os sinais de desgaste e dissipação que nenhuma mulher dessa profissão consegue disfarçar, mesmo quando eram ainda muito jovens, excepcionalmente belas ou com uma esperteza acima da média. Todas tentavam disfarçar mas nenhuma escapava aos seu olhar penetrante.

Na verdade, madame Chanon não tinha esse tipo de preconceito e recebia as protegidas de muitos nobres que lhe pagavam essa cortesia a preço de ouro. Por que se importaria com um detalhe tão banal? Em sua opinião, todas as suas clientes eram cortesãs que haviam se vendido por dinheiro, prestígio ou poder.

— Monsieur... — ela cumprimentou o marquês com um leve curvar de lábios que desapareceu ao voltar-se para a jovem. — Mademoiselle...

— A srta. Penrhys precisa de um vestido de noite — disse ele, sem perda de tempo.

— Mas é claro!

Madame Chanon continuou a encará-los com as mãos na cintura, ignorando a atitude da jovem que não disfarçava a contrariedade diante da encomenda com a qual nitidamente não concordava.

— Para amanhã à noite — acrescentou o marquês.

Toda a boa vontade de madame Chanon desapareceu como por encanto. Aquele homem não estava falando a sério, só podia ter enlouquecido! Ela deu uma risada seca, demonstrando que considerava a afirmação do marquês uma piada de péssimo gosto.

— Deve estar brincando, Excelência. É absolutamente impossível.

Ele não tomara o menor conhecimento de suas palavras, a atenção voltada para a jovem de gloriosa cabeleira ruiva que permanecia imóvel no meio do salão. Madame Chanon não tinha idéia de quem pudesse ser a srta. Penrhys, mas notou que seus olhos de um verde raro começavam a brilhar de interesse.

E por que não se fascinaria como todas as demais mulheres? Madame Chanon se orgulhava de possuir a mais rica coleção de tecidos finos de toda a cidade de Londres, que era o centro do comércio de todo o mundo. Não seria possível encontrar uma seda mais leve e de cores tão intensas, nem cetins com tanto brilho ou brocados de trama mais perfeita.

Na verdade, seria bastante fácil comprá-los por uma ninharia se a pessoa estivesse inclinada a suportar uma entediante viagem ao Oriente, mas as suas clientes preferiam desperdiçar suas fortunas a se afastar dos divertimentos de Londres.

Madame Chanon finalmente sorriu. A ajudante, que a conhecia há alguns anos, poderia ter dito aos visitantes que aquela ocorrência era excepcionalmente rara, mas não se encontrava em condições de fazer qualquer comentário. Naquela manhã, uma sucessão de surpresas conspirara para tirar-lhe a fala. Em primeiro lugar, encantara-se com o marquês, o homem mais atraente e viril que ela já vira. Depois surpreendera-se com a jovem que, embora não fosse sofisticada ou seguisse a tirania da moda, era de uma beleza exótica, quase primitiva.

Mas, acima de tudo, a ajudante ficara perplexa com o comportamento de madame Chanon. A arrogante modista, segura de sua importância, costumava prender ainda mais os clientes, tratando-os com indiferença e deixando bem claro que deviam se considerar afortunados por merecerem alguns minutos de seu precioso tempo. Naquela espantosa manhã, a altiva dona do salão mais famoso de Londres estava se desdobrando em atenções e demonstrando uma rara polidez.

Entretanto, o sorriso incomum de madame Chanon, a sedução ímpar do homem e a beleza agreste da jovem não resolviam o problema da entrega do vestido no prazo estabelecido pelo marquês.

Disposta a impor sua vontade, madame Chanon estava decidida a recusar a encomenda. Então, ao erguer a cabeça para desfazer aquele impasse, notou que o marquês lhe fazia um sinal, pedindo que se aproximasse dele.

A mais célebre modista de Londres obedeceu de imediato. Qualquer mulher teria agido da mesma forma. Ambos viram que Mor-gana continuava extasiada, olhando para as peças de tecido como uma criança em uma loja de brinquedos.

O marquês mencionou uma quantia, em voz baixa. Num gesto instintivo, madame Chanon colocou a mão sobre o peito mas logo recuperou-se do susto e seu sorriso se acentuou.

— Está falando de libras esterlinas, Excelência?

— Não. A soma que mencionei é em guinéus.

Só os artigos de alto luxo tinham seu preço em guinéus, o que tornava a oferta ainda mais sedutora. O sorriso de madame Chanon se transformou em uma genuína manifestação de alegria.

— Fico muito feliz de conhecer um homem de gosto tão apurado como o seu, Excelência — murmurou a modista, encantada.

Silenciosamente, ela agradeceu aos deuses pela beleza da jovem protegida do marquês. Aquela jovem ruiva tinha uma cabeleira gloriosa que coroava um conjunto harmonioso. Seria uma modelo perfeita para uma de suas criações. O marquês pagaria a preço de ouro pelo vestido, mas madame Chanon sentiria um enorme prazer em ter uma cliente à altura de sua genialidade.

— Tome seu chá — insistiu David. — Garanto que se sentirá melhor.

— Não quero chá. Não vou tomar — declarou Morgana, balançando a cabeça.

— Deixe de agir como uma criança, querida. Não pode ter sido tão terrível assim!

— E como você saberia? Deixou-me sozinha. Foi embora sem olhar para trás e me abandonou nas mãos daquela... torturadora!

— Mas voltei para buscá-la, não é verdade?

— Duas horas mais tarde? Eu poderia estar morta! — ela estremeceu, horrorizada. — Ela me espetou com milhares de alfinetes, quase me sufocou debaixo de centenas de moldes, e, por pouco, não me deixou soterrada sob as peças de tecido. Sua adorável madame não parava de procurar o tecido “ideal” e os rolos de fazenda balançavam como se um terremoto estivesse abalando Londres. Só por sorte a pilha não desabou em cima de mim!

— Que experiência traumatizante — disse David, encantado com a beleza de Morgana.

Então ele notou as olheiras fundas e arrependeu-se de tê-la levado tão cedo à modista. Nenhum dos dois dormira naquela noite e Morgana precisava repor as energias.

— Duas horas provando um único vestido! — Com um sorriso de satisfação, ela acrescentou: — E você nem vai gostar!

— Por que não?

— O vestido é muito... muito... exagerado em tudo — declarou ela, desviando o olhar.

— Muito feminino?

— Sim.

— Muito revelador?

— Também.

— Muito ousado?

— Os detalhes não têm importância. O vestido é lindo, não combina comigo. Ele me transforma em uma mulher diferente com a qual não estou acostumada nem quero estar.

David a fitou com um olhar de superioridade que Morgana estava começando a conhecer e a detestar.

— Garanto-lhe que acabará se acostumando com essa nova mulher.

Como David podia ter tanta certeza de que ela se acostumaria ou não com mais uma das inúmeras mudanças em sua vida? Esse homem exasperante demonstrava uma profunda confiança a respeito dela e de tudo, enquanto Morgana já não se sentia mais segura de nada.

Quando David lhe perguntara o que ele deveria fazer com suas boas intenções, Morgana sugerira o uso de um subterfúgio, portanto, não podia reclamar da falta de definição entre eles. O assunto não fora mais discutido mas, muito em breve, a situação precisaria ser esclarecida. Se ao menos criasse coragem suficiente para falar!

— Você está precisando descansar, Morgana.

— Sinto-me perfeitamente bem. Madame Chanon não foi tão sem coração quanto eu dei a entender. Confesso que exagerei.

— Eu já havia chegado a essa conclusão. E também tenho certeza de que acabará se acostumando com ela.

— Não vejo a menor necessidade disso. Não pretendo encontrá-la mais.

David ignorou o comentário. Seria perda de tempo explicar a Morgana que madame Chanon iria pessoalmente até Gynfelin, disposta a fazer um guarda roupa completo para a srta. Penrhys se recebesse a mesma quantia paga por aquele vestido de noite.

— Venha, querida — murmurou ele, estendendo-lhe a mão. Morgana o fitou sem disfarçar o choque. Ainda não era meio-dia e os criados os veriam subir para o quarto. Ela sempre soubera que David pouco se importava com as convenções, mas estava indo longe demais.

— Não seja tola. — Ele se aproximou, apertando sua mão. — Eu apenas pretendo levá-la até seu quarto porque, queira ou não, terá de descansar um pouco.

— Não há necessidade de me conduzir. — Ela levantou-se num salto. — Posso ir sozinha.

— Como quiser.

Hesitante, Morgana parou à porta da biblioteca.

— Por favor, desculpe-me. Fui rude sem motivo mas... Como poderia se explicar a David? Diria que a situação estava escapando de seu controle? Confessaria que estava começando a se apavorar com as consequências imprevisíveis de seus atos? Admitiria que, ao lado dele, se transformava em uma outra mulher, uma desconhecida sem passado, sem moral e sem vontade própria? Não, nada disso podia ser confessado em voz alta e só lhe restava pedir novamente desculpas pela grosseria.

— Sinto muito, David.

Ele beijou-lhe ternamente a mão.

— Não se preocupe com tolices, querida. Você precisa descansar. O cansaço dificulta a compreensão da realidade.

Morgana saiu da sala e só olhou para trás depois de chegar ao alto da escadaria do vestíbulo. David continuava parado junto à porta da biblioteca, observando-a. Sua pele ainda guardava o calor do beijo de segundos atrás... mas até quando?

Tudo estava terminado. David recostou-se na poltrona de couro para acender um charuto. Do outro lado da mesa, lorde Philip Westerley tentava enxugar o suor da testa. Seu rosto rechonchu-do perdera a cor e ele contemplava para as cartas à sua frente com um olhar aterrorizado.

— Como eu...

— Basta me enviar um cheque — interrompeu David, secamente.

Westerley o fitou, desorientado.

— Cheque?

— Na quantia que você me deve. Não é necessário entregá-lo agora. Envie para o meu banco amanhã cedo.

— Eu não posso. Isto é... a quantia...

— Perdão, não estou entendendo, Westerley.

O salão de jogos do clube White estava cheio e um murmúrio ecoou na sala silenciosa. Um grande número de sócios se aproximara daquela mesa, atraídos pelas



vultosas apostas. Todos eram testemunhas involuntárias de que o marquês ganhara honestamente as partidas sucessivas.

Westerley apostara uma verdadeira fortuna e perdera, mas conhecia as regras. A mera sugestão de que não poderia pagar violava o código de honra dos jogadores de forma ofensiva, despertando uma reação de desprezo geral.

— Controle-se, Westerley — disse um dos sócios do clube. — Ele venceu sem trapaças.

— Sim mas...

— Nada de desculpas esfarrapadas — declarou um outro. — Você sabia o que estava fazendo.

— Mas eu ganhei o jogo ontem! Ele nem sabia o que fazer com as cartas! Como eu poderia adivinhar... — Apavorado, Westerley voltou a encarar o marquês que o fitava com um olhar desprovido de emoção. — Certamente poderemos resolver a situação como cavalheiros e adiar...

O sorriso de David não passava de um ligeiro mover de lábios que não alterava sua expressão dura. Os homens que o conheciam melhor se entreolharam, inquietos. A maioria, porém, apenas ouvira falar do marquês de Montfort, mas todos concordavam que ele era extremamente perigoso. Qualquer um ficaria aliviado se contasse com sua ajuda em uma situação difícil e nenhum gostaria de tê-lo por adversário.

— Sinto muito mas não considerarei nenhuma outra possibilidade — disse David. — Envie a quantia... o total para o meu banco amanhã cedo.

Com a respiração alterada, Westerley já não se preocupava mais em enxugar o suor que cobria seu rosto.

— Eu não posso! — exclamou ele, desesperado. Várias vozes se ergueram, indignadas.

— Francamente!

— É vergonhoso!

— Ele nunca devia se sentar em uma mesa de jogo!

— Esse episódio não será esquecido!

Sem trocar nenhuma palavra entre si, os homens voltaram as costas para Westerley e se afastaram da mesa. Um jogador que não honrava suas dívidas deixava de pertencer à comunidade. A partir daquele momento eles não mais o conheciam.

David apagou o charuto em um cinzeiro de cristal lapidado e encarou o homem desesperado à sua frente. Só quando já não havia mais nenhum dos observadores da cena por perto, ele começou a falar com Westerley, em voz baixa e sem pressa.

Morgana jamais teria usado um vestido cor de pêssego, mas madame Chanon afirmara que o tom era o ideal para realçar os cabelos ruivos.

Agora, ao olhar-se no enorme espelho do quarto azul, Morgana tinha de admitir que madame Chanon acertara a respeito desse detalhe e de muitos outros.

A famosa modista insistira em escolher um modelo muito simples, sem "os laços e babados tão apreciados por suas clientes. A pele de Morgana, de cor e textura suave, merecia ser realçada e não desaparecer sob o peso de enfeites excessivos.

A simplicidade no conceito de madame Chanon envolvia um toque de audácia, muito além das experiências de Morgana que nunca tivera vestido algum com um decote tão revelador. Talvez outras mulheres estivessem acostumadas a expor os seios, no entanto ela se sentia quase nua. Precisava resistir ao impulso de puxar a delicada renda que apenas cobria os mamilos numa tentativa de recuperar uma aparência de decoro.

Ela olhou-se novamente no espelho, tentando entender por que o vestido sugeria um erotismo perturbador. A seda macia moldava a cintura e os quadris para depois se abrir em pregas suaves. As mangas de renda começavam na altura do decote, deixando os ombros nus. Segundo madame Chanon, os homens perderiam a fala diante de tanta

provação. Morgana realmente não conseguia compreender a mente masculina, o que invalidava sua opinião sobre a magnífica criação da modista mais famosa de Londres.

David a esperava no vestíbulo, impecável em seus trajes de noite. Mais uma vez, ela se fascinou com sua figura imponente.

Ouvindo os passos na escada, ele se virou e sua expressão se transformou. Com o olhar, percorreu sem pressa o corpo de Morgana. Finalmente, um sorriso brotou em seu rosto.

— Madame Chanon se superou ao criar esse vestido.

— Foi o que ela afirmou. — Perturbada, Morgana recorreu ao sarcasmo para disfarçar seu embaraço. — Quando veio me entregar o vestido, perdeu um bom tempo elogiando a beleza de sua criação, apesar das circunstâncias adversas. Aparentemente, é preciso mais do que um dia para completar uma obra-prima como esta.

— Verdade?

— Eu não posso imaginar por que seria preciso mais tempo para completar um vestido tão reduzido.

— Certamente essas tirinhas de seda não serviriam de proteção em uma noite de chuva.

— Ainda bem que eu tenho uma velha e boa capa — resmungou Morgana, irritada.

Ainda antes de sair do quarto, ao examinar a profundidade do decote que colocava em evidência a inesperada amplidão de seus seios, Morgana achou que David sentiria ciúmes. Mas, evidentemente, ele pouco se importava se outros homens vissem seu corpo. Mais um sinal da insuportável arrogância do marquês de Montfort...

— Madame Chanon deixou algo mais para você.

A um gesto quase imperceptível do marquês, o mordomo surgiu das sombras do vestíbulo com uma capa de tafetá do mesmo verde intenso dos olhos de Morgana. David a colocou sobre os ombros dela, cobrindo suas formas tão sugestivamente delineadas pelo vestido. Mas a súbita sensação de segurança desapareceu no instante em que ela reconheceu o desejo nos olhos cinzentos.

— Muito obrigada — disse ela, tentando ignorar o renascer de um desejo intenso.

David não lhe dissera onde a levaria naquela noite especial que merecera um vestido tão luxuoso e Morgana se recusava a demonstrar curiosidade. Recostou-se no banco de veludo da magnífica carruagem laqueada de negro, disposta a ver cada detalhe das ruas de Londres, iluminadas por elegantes lâmpadas.

Quando a carruagem parou diante da Royal Opera House, os olhos de Morgana brilharam de alegria. Ela já havia lido sobre a magnífica sede da ópera em Londres, mas nunca imaginara subir a imponente escadaria de mármore, cruzar as portas de bronze e entrar no saguão onde se reunia a nata da elite do império britânico. E muito menos pensara que seria acompanhada por um homem cuja simples presença atraía todas as atenções.

Evidentemente, ninguém se atropelou para rodear o marquês de Montfort; a elite preferia o requinte da discrição. Mas os olhares não disfarçavam o interesse despertado e cavalheiros com fraques cobertos de condecorações cochichavam no ouvido de damas enfeitadas com jóias cintilantes.

Algumas pessoas se aproximaram de David, mas o cumprimentaram com uma certa timidez, como se tivessem medo de despertar sua irritação diante de uma familiaridade inoportuna. Poucos agiram com mais naturalidade e eram homens como ele, poderosos e com um verniz muito fino de civilização, encobrindo temperamentos de uma força primitiva e inquietante.

Morgana mal sentou-se na poltrona de veludo rosa do camarote que pertencia à família Montfort. Ela se apoiou no parapeito, extasiada com o espetáculo. O som, as

cores, e o movimento no palco a afastaram da realidade, transformando-a em parte do drama que se desenrolava diante de seus olhos.

David preferiu olhar Morgana a apreciar a ópera. Ela era o acontecimento mais fascinante de sua vida e irradiava uma vibração que possuía o dom de transformar uma noite comum em um evento inesquecível.

Quando as cortinas desceram para o intervalo, Morgana recostou-se na poltrona, suspirando.

— Foi lindo, maravilhoso!

David sorriu diante do entusiasmo espontâneo. Apesar do vestido sofisticado, Morgana era a imagem da inocência sem artifícios. Ela jamais conseguiria disfarçar suas paixões nem encarar o mundo com uma expressão de aristocrático tédio.

— O tenor é magnífico, não concorda? E a soprano? Mas eu fiquei realmente maravilhada com os cenários! Nunca pensei que se colocassem animais de verdade no palco! É tão real, tão...

Morgana calou-se, subitamente consciente de duas situações perturbadoras. David a fitava com um olhar de ternura e encantamento. Ela teria continuado a falar apenas para manter no rosto adorado aquela expressão de enlevo, mas também notou que ambos voltavam a ser o centro das atenções e perdeu a espontaneidade.

As luzes se apagaram para o segundo ato, devolvendo-lhe por algum tempo a tranquilidade. Porém, Morgana só se sentiu realmente segura quando o espetáculo terminou e os dois voltaram à solidão da carruagem. A julgar pela amostra daquela noite, preferia ficar em casa a descobrir as falsas maravilhas da sociedade londrina. Nem mesmo em Gynfelin as pessoas agiam com tanta grosseria! Talvez as terríveis megeras, madame Kennard e a sra. Armbruster, fossem maldosas e ferinas mas eram apenas duas e não uma multidão!

— Você ficou muito quieta de repente — comentou David, preocupado.

— Eu estava tentando descobrir por que as pessoas em Londres são...

— Excessivamente curiosas?

— Elas ultrapassam os limites da boa educação e chegam a ser rudes. — Criando coragem, Morgana prosseguiu: — Nasci em uma pequena aldeia no interior de Gales e passei os três últimos anos em um lugarejo ainda menor, mas tenho boas maneiras. Agora encontro-me em Londres, a cidade mais requintada da Inglaterra, e as pessoas que representam a aristocracia se comportam sem o menor refinamento. É inacreditável!

David nem tentou contestar as palavras de Morgana.

— Essas pessoas estavam simplesmente morrendo de curiosidade.

— Por quê? Não consigo imaginar o motivo.

— Você é uma mulher excepcionalmente bonita, Morgana. Todos queriam saber quem é essa jovem desconhecida que nunca freqüentou a sociedade londrina.

— Para esse tipo de gente, eu não sou ninguém. Embora o meu vestido seja realmente uma obra-prima da alta-costura, sei que a minha beleza não é tão grande a ponto de despertar tumultos. Acho que essas pessoas deviam ocupar suas mentes ociosas com algo mais importante.

— Precisa dizer isso à minha tia-avó. Tenho certeza de que ela concordará com você.

— Quem é a sua...

— A minha tia-avó — repetiu David com uma expressão de inocência. — Eu nunca a mencionei antes? Lady Penélope Harrell Lambert?

— Não — exclamou Morgana, pressentindo algo indefinidamente ameaçador.

— Que descuido imperdoável de minha parte. Pretendo me penitenciar imediatamente. Penélope está oferecendo um jantar hoje e jamais me perdoará se eu não comparecer.

A súbita preocupação de David por uma tia, que nunca havia mencionado antes, surpreendeu e alarmou Morgana. Ele certamente estava perdendo o juízo, pois provocaria uma situação embaraçosa se a levasse a uma reunião de família. Não se contentara em violar as convenções sociais, colocando-a em seu camarote na ópera?

— Você não deve desapontá-la. Eu preciso mesmo dormir cedo.

— Não seja tola. Você dormiu a tarde inteira. Além disso, eu não teria coragem de ir sem a sua companhia.

Morgana encarou-o com ceticismo.

— Pode me explicar a razão de sua estranha falta de coragem?

— À esta hora, ela já está sabendo que eu a levei à ópera. Penélope jamais me dará sossego enquanto não a conhecer, Morgana querida.

— Então foi deliberado? Você me levou à ópera apenas... Por quê?

— Você não queria conhecer Londres? A ópera é um evento importante, mas minha tia-avó se transformou em uma verdadeira instituição desta cidade. Tenho certeza de que irá se divertir. Ela é muito interessante.

Nunca a palavra interessante tivera um som tão ameaçador aos ouvidos de Morgana. Ela fechou os olhos, procurando reunir coragem. Só esperava não se transformar no bobo da corte, como acontecera na festa de madame Kennard.

## CAPÍTULO XVI

Morgana só percebeu que enfrentaria uma versão mais sofisticada das poderosas mulheres de Gynfelin quando se viu diante de lady Penélope.

Ela não imaginara encontrar uma senhora miúda, com brilhantes olhos cinzentos e cabelos castanhos, rodeada por dezenas de convidados que disputavam sua atenção. Um vestido esvoaçante de gaze dourada envolvia seu corpo de compleição delicada. Sentada em uma cadeira de encosto alto, que se assemelhava a um trono, ela ostentava um sorriso constante e alegre no rosto redondo. O som de sua risada era positivamente contagiante.

Com a mão pousada sobre o braço de David, Morgana se deteve, sem disfarçar o espanto. Depois de fitá-lo interrogativamente, voltou a olhar para a anfitriã e sacudiu a cabeça, desorientada.

— Você devia ter me prevenido, David.

— Confesso minha culpa — disse ele, sem demonstrar nenhum sinal de arrependimento. — Mas eu não queria perder esta cena por nada deste mundo!

Naquele momento, o olhar de lady Penélope pousou sobre eles. Quando o sorriso foi substituído por uma expressão especulativa, confirmou-se a impressão inicial de Morgana.

— Minha tia-avó é incrivelmente parecida com a nossa soberana, não acha?

Realmente, lady Penélope Harrell Lambert era uma versão menos jovem e bem mais descontraída da rainha da Inglaterra. Vitória ascendera ao trono quando ainda era uma garota bonita e de sorriso tímido, cuja seriedade compenetrada conquistou o coração de seus súditos. O país estava cansado de soberanos distantes e pouco dedicados ao direito divino de reinar sobre um povo assoberbado por problemas e a recebeu de braços abertos.

Depois de vinte anos cumprindo seus deveres de rainha, esposa e mãe, Vitória se transformara no símbolo vivo do respeito às convenções sociais. O peso da majestade apagara todos os traços da garota alegre que fora no passado.

A semelhança entre a rainha Vitória e lady Penélope se limitava à aparência física, porque a tia de David era nitidamente irreverente e livre de qualquer responsabilidade que lhe pesasse demais.

Na verdade, lady Penélope dava rédeas livres a seus impulsos e jamais resistia ao desejo de se rodear de pessoas alegres e interessantes. Infelizmente, os mesmos rostos entediantes se repetiam em todas as festas e recepções, menos o único que ela amava e tinha tão poucas oportunidades de rever. Ao avistar David, parado à porta de seu salão, ela teve certeza de que a noite seria inesquecível.

Quem seria sua companheira, uma jovem com extraordinários cabelos rui vos que só poderia ter saído de um jardim encantado das antigas lendas? Sem dúvida, aquela noite prometia ser divertida!

— Meu querido David! — exclamou ela, estendendo-lhe a mão. Ele se curvou para beijá-la com um sorriso igualmente feliz e genuíno.

— Você está com uma aparência magnífica, Penélope.

David sempre a chamara pelo nome, nunca de tia e muito menos de tia-avó, pois achava difícil acreditar que ambos não pertencessem à mesma geração. Embora ela não tivesse sido uma presença constante em sua vida, como Sebastian, estivera ao seu lado mais do que qualquer outro membro da família. Penélope surgia nos momentos mais imprevisíveis, adivinhando sempre o que ele mais desejava receber de presente e acenando-lhe com a excitante possibilidade de que a vida podia ser muito divertida.

Ela demonstrou, através de um olhar, que não acreditava nas palavras elogiosas do sobrinho mas as aceitava por admirar seu dom de lisonjear com convicção. Além disso, considerava-se merecedora de uma atenção especial.

— Como pode desaparecer tão completamente, David? Fugiu para os confins de Gales sem avisar ninguém! O barão e a baronesa de Wilhamshire ficaram arrasados com a sua partida súbita. Os queridos contavam com sua presença no baile à fantasia que ofereceram na abertura da temporada social.

— Não sei de onde eles tiraram essa idéia absurda — declarou David, com um sorriso irreverente e muito semelhante ao da tia-avó. — Eu os avisei que não costumo comparecer a esse tipo de festa.

Lady Penélope não prestou atenção na resposta do sobrinho. Seus olhos já haviam pousado em Morgana que, para sua surpresa, comportou-se com uma admirável dignidade durante a longa e minuciosa inspeção. Realmente, David tinha um talento único para escolher cavalos de raça pura e mulheres belas com temperamento forte.

— Talvez eu não tenha entendido bem o problema dos Wi-lhamshire, mas já me cansei desse assunto aborrecido. Quem é sua encantadora amiga?

David as apresentou e Morgana conseguiu fazer uma reverência diante de lady Penélope, apesar de suas pernas estarem trêmulas. Então, preparou-se para o inevitável constrangimento que se seguiria.

— Penrhys... — a anfitriã franziu a testa. — Penrhys? Eu não conheço seu sobrenome, querida. Chegou há pouco tempo em Londres?

— Há muito pouco tempo — disse Morgana, tentando disfarçar seu embaraço.

Com efeito, o deliberado desprezo de David pelas convenções sociais chegava às raias da irresponsabilidade. Ele a trouxera para uma reunião familiar, arriscando-se a provocar uma cena desagradável, e, certamente, expondo-a às censuras ferinas de parentes e amigos. O envolvimento entre eles, o tempo de viver um sonho de liberdade impossível, era um assunto pessoal e particular. Aos olhos do mundo, não passava de uma ligação ilícita como tantas outras e, por ter sido revelada em público, perderia o encanto para se tornar sórdida.

Notando um brilho de desespero nos olhos enormes de Morgana, a palidez e o tremor de seus lábios, lady Penélope quase chegou a sentir raiva do sobrinho. David nunca se importara em tomar atitudes que chocassem a sociedade, mas devia ter pensado na reputação daquela jovem. Talvez houvessem razões válidas, mas fora um absurdo trazê-la à sua casa sem uma dama de companhia.

— Vá buscar-nos um pouco de champanhe, David querido. — Ela apontou a cadeira ao seu lado. — Sente-se, srta. Penrhys. Adorei seu vestido. É uma criação de madame Chanon, não?

Morgana concordou com um gesto de cabeça, sem confiança na firmeza de sua própria voz. Sentou-se porque era mais fácil aceitar do que recusar o convite de lady Penélope e porque suas pernas estavam perigosamente trêmulas. David ainda hesitou alguns instantes antes de abandoná-la nas mãos da tia-avó mas, depois de fitá-las com um olhar atento, afastou-se com um sorriso.

Não. A culpa não era de David. Ela fora imprudente e sem juízo! Entrara de livre e espontânea vontade no covil das feras; agora teria de pagar o preço de sua insensatez.

— O que você achou da formidável madame Chanon? — perguntou lady Penélope, procurando um assunto para iniciar a conversa. — Às vezes ela é temperamental demais para o meu gosto.

— Ela me deixou desorientada — admitiu Morgana, convencendo-se de que tudo não passava de um pesadelo que logo terminaria.

Em Gynfelin, Morgana enfrentara duas feras, madame Ken-nard e sra. Armbruster, sem muito sucesso. O melhor seria usar a mesma tática de honestidade e coragem, rezando para que desta vez desse certo.

— Não costumo freqüentar modistas, de renome ou não. David foi muito bondoso e pagou por este vestido, que é inegavelmente lindo. Só que considero desnecessário tanto tempo e trabalho perdidos em um simples traje.

Lady Penélope tinha sobrancelhas escuras e arqueadas, que sempre se recusara a depilar de acordo com a moda. Considerava-as o traço mais marcante de seu rosto e as usava como um recurso de expressão. Naquele momento, ela as transformara em uma veemente interrogação.

— Bondoso? Talvez... Ele realmente foi uma criança afetuosa mas, a bem da verdade, não tenho notado nenhum sinal dessa característica nos últimos anos. David enfrentou um período muito difícil e a vida o tornou duro.

Decididamente, Morgana não esperava esse tipo de comentário. Resolvera mencionar quem pagara pelo vestido a fim de esclarecer, sem sombra de dúvida, a sua posição e evitar um interrogatório penoso a respeito de seu verdadeiro relacionamento com o marquês. Mas lady Penélope recusara-se a morder a isca. Tomando um rumo inesperado, a velha senhora dirigira a conversa para um assunto diferente e sem qualquer relação com o problema. David não era o único Harrell cheio de surpresas!

— Ele também foi muito bondoso com outras pessoas, além de mim — acrescentou Morgana. — Evitou que uma criança de Gales fosse condenada a trabalhar nas minas, dando-lhe uma chance única de ter uma vida melhor com sua ajuda. O marquês está tentando resolver alguns problemas graves que existem há séculos e talvez seja bem-sucedido.

— Verdade? E como você sabe de todas essas atitudes magnânimas de David, querida?

Ela respirou fundo antes de falar. Sua situação era delicada e não podia se arriscar a uma indiscrição. Mas aquela velha senhora, de rosto carismático e sorriso contagiante, demonstrava uma afeição tão genuína por David que Morgana não conseguia deixar de responder.

— Eu sou de Gales — disse finalmente. — Foi lá que conheci o marquês.

— Ah! Entendo...

Lady Penélope realmente começava a compreender bem demais a situação. Morgana era uma bela mulher, nascida e criada em um vilarejo do interior de Gales, vinda de uma família sem posses ou sobrenome... fascinada com um marquês que só queria seduzi-la? Seu sobrinho estaria demonstrando uma falha de caráter que ela nunca se percebera antes?

— Desculpe a indiscrição de uma velha, minha querida. O que você faz em Gales?

— Dou aulas na escola de uma pequena aldeia. — Diante da expressão chocada de lady Penélope, Morgana apressou-se em prosseguir: — Imagino que nunca tenha conversado com uma mulher que exerça essa profissão, mas orgulho-me de ser uma professora eficiente e dedicada. Na verdade, o magistério sempre foi a minha vida, até muito recentemente. Agora... tudo está confuso demais.

— Posso imaginar — declarou lady Penélope, com uma expressão combativa.

Desta vez, o seu querido sobrinho tinha ultrapassado todos os limites permissíveis! Ele repudiara a sociedade, desprezando todas as convenções, mas se esquecera da existência de pessoas em posições mais vulneráveis que não podiam tomar essa mesma atitude. Era evidente que aquela jovem amava seu trabalho da mesma forma que amava David. A pobre criança estava presa entre dois mundos irreconciliáveis.

Ao retornar com as duas taças de champanhe, David notou o olhar gélido da tia. A reação hostil apenas aumentou sua satisfação. Penélope nunca resistira à quixotesca mania de defender os desprotegidos da sorte. Aliás, fora exatamente por esse motivo que decidira lhe apresentar Morgana.

— A srta. Penrhys estava me falando sobre a escola — disse ela, aceitando a taça de champanhe que o sobrinho lhe oferecia. — O magistério é uma profissão nobre. Todos nós devíamos nos espelhar no exemplo dessas criaturas abnegadas que se sacrificam pelo bem da geração futura. Seria imperdoável aproveitar-se de pessoas com tanta capacidade de se doar. Não concorda comigo, David?

— Plenamente, Penélope. — Ele sorriu para Morgana que mantinha os olhos fixos na taça de champanhe intocada. — A srta. Penrhys ensina seus alunos a aceitarem a realidade e, ao mesmo tempo, a lutarem para transformar o mundo. É uma reformista, quase uma visionária, mas não hesita em violar todas as convenções ou em desafiar a sociedade.

— Foi o que eu percebi — declarou lady Penélope secamente.

— Por favor! — interrompeu Morgana, aborrecida com o rumo da conversa.

Ela se sentira mal sendo objeto de discussão dos dois como se não estivesse presente, mas considerava indesculpável o fato de David ter se referido à sua situação de repúdio às normas sociais, fato que só podia provocar rejeição e censura. A decisão lhe pertencia e seria a única a arcar com as conseqüências de sua aventura.

— Não permita que David a perturbe, minha querida. — A velha senhora segurou carinhosamente a mão de Morgana. — E também não leve a sério nada do que ele diz! Na verdade, meu sobrinho teve uma idéia maravilhosa ao decidir trazê-la à minha casa. Embora ele continue incapaz de respeitar a mais insignificante das regras sociais, apurou seu gosto.

— Gosto? — repetiu Morgana, completamente confusa.

— Na escolha de mulheres. Por favor, não fique tão chocada, querida. Na época de minha juventude, nós éramos mais honestas e não nos recusávamos a admitir a existência de sexos opostos.

Lady Penélope deu uma gargalhada zombeteira.

— A moralidade dos dias de hoje é entediante e ridícula! Somos obrigados a respeitar as repressões mais frustrantes por causa de Albert, o príncipe consorte, que transformou Vitória em uma matrona puritana que se orgulha de defender princípios de uma rigidez intolerável. Desculpe a minha digressão, queria apenas dizer que apoio incondicionalmente as atitudes de meu sobrinho. Nunca achei que David devesse aceitar uma das incontáveis garotas insípidas que as mães ambiciosas colocavam em seu caminho. Pensei que, depois do episódio lamentável na Criméia, elas fossem desistir de caçá-lo para marido de suas preciosas filhinhas, mas as armadilhas casamenteiras se multiplicaram.

David tentou sem sucesso interromper o monólogo da tia-avó. Lady Penélope ignorava deliberadamente seus olhares de apelo.

— Como você sabe, David enfrentou aqueles pavorosos militares incompetentes! Na verdade, ninguém de nós sabia quem havia colocado esses velhos arcaicos em posições tão importantes para que se ganhasse a guerra. — Ela sorriu satisfeita. — Quando meu querido sobrinho retornou, tinha se transformado em um herói com uma excitante pitada de rebeldia para aumentar seu prestígio entre as mulheres.

Finalmente Lady Penélope se interrompeu, a fim de tomar seu champanhe. Esvaziou a taça e deu um suspiro de prazer diante da qualidade da bebida.

— E, por falar nesse assunto, espero que você não tenha perdido a prática, querido. Já percebi que dezenas de mães ambiciosas estão de olho em você e são apenas as mais rápidas; muitas outras vão aparecer quando se espalhar a notícia de sua presença em Londres.

— Conto com sua proteção, Penélope.

Ele não demonstrava a menor preocupação com a possibilidade de ser abordado por dezenas de mães de debutantes. Com um sorriso satisfeito, estendeu a mão para Morgana.



— Gostaria de dançar?

Morgana controlou o impulso de dar uma resposta atrevida. Só um tolo inconsciente podia imaginar que ela sentiria prazer em desfilar diante dos olhares de todos, transformando-se no espetáculo da noite!

— Não.

A risada de lady Penélope era mesmo irresistível. Ela tocou a mão de Morgana com a ponta do leque, forçando-a a sorrir para não ser grosseira.

— Não seja tola, querida. Aproveite a música e vá dançar. Eu tomarei conta de tudo enquanto vocês dois se divertem.

Não havia outra saída a não ser aceitar a sugestão de lady Penélope ou demonstrar uma descortesia com a velha senhora que a tratara com tanta gentileza. Do meio do salão, Morgana sorriu para a anfitriã, que fora novamente rodeada por uma multidão de convidados.

David dançava divinamente bem. Em seus braços, Morgana sentia-se leve, flutuando em nuvens, livre das restrições terrenas.

Em uma das voltas pelo salão, ela notou que Penélope os fitava. A velha senhora acenou alegremente e depois se dirigiu ao grupo que a rodeava e recomeçou a falar. Todos a escutavam com atenção.

— Ela deve estar discorrendo sobre um assunto muito interessante — comentou Morgana, curiosa. — As pessoas se curvam para ouvi-la melhor.

— Sem dúvida Penélope está contando algum mexerico social. Ela sempre foi uma artista brilhante nesse tipo de conversa superficial. Eu ficava horas ouvindo-a falar quando era criança e tenho a impressão de que apurou ainda mais o seu talento. Sempre sabe a hora de informar e a de se calar, possui o dom de sugerir, de insinuar e de se permitir uma ligeira mas deliberada indiscrição.

O sorriso de David despertou um brilho malicioso em seus olhos prateados.

— Nesse momento, ela está contando a todos que você é uma jovem encantadora, de uma família ótima e de muito destaque... em Gales — disse, imitando com perfeição a voz de Penélope e seus maneirismos. — Mas não conhecem os Penrhys? São grandes intelectuais, vêm de gerações de estudiosos! A garota não frequenta muito a sociedade e por isso continua tímida e prefere não chamar a atenção sobre si. David dispôs-se a mostrar-lhe a vida social de Londres e eu não me surpreenderia... bem, acho melhor não dizer nada. O meu querido sobrinho jamais age de forma previsível.

— Você está zombando de mim! — exclamou Morgana, rindo. — Não pode saber qual é o assunto da conversa.

— Não seria possível — admitiu ele, contrito. — Mas posso arriscar um palpite. Conhecendo-a tão bem, acredito não estar muito longe da verdade. Penélope jamais deixaria passar uma oportunidade rara como essa.

Subitamente, Morgana se deixou levar pela contagiante alegria de Penélope e pela beleza da noite e da música. O vestido flutuava ao seu redor, com um brilho quase mágico, transportando-a para um mundo livre de preocupações. A valsa era fascinante, a primavera começava e a brisa noturna negava a existência de problemas.

Estava nos braços de David, presa ao calor de seu olhar. Seu mundo se restringia ao prazer e à felicidade desse momento. Os olhares curiosos, os murmúrios talvez ferinos já não podiam atingi-la. Protegida pela força do homem amado e pela afetuosidade de Penélope, Morgana desabrochava como uma flor beijada pelo calor do sol.

Por falta de conhecimento dos hábitos da sociedade londrina, ela não percebeu que nenhum outro homem tentou tirá-la para dançar. Muitos sentiram desejo de tomá-la nos braços, atraídos pela beleza irradiante da jovem de cabelos de fogo, mas desistiram por medo.

O marquês de Montfort era um homem perigoso que ninguém ousava desafiar. Bastava ver o que acontecera com Westerley! A jovem, encantadora e de uma sensualidade à flor da pele, pertencia a David Harrell. Todos ansiavam por conhecê-la, mas preferiam continuar vivos.

— É uma garota adorável — comentou Penélope, depois de tomar mais um gole de champanhe. — E meu querido David é tão fascinante.

Num momento de nostalgia, ela deixou-se envolver por imagens do passado. Lembrou-se do menino solitário e sem afeto a quem, apesar de muito amar, podia ter ajudado mais com sua presença. Lembrou-se da mão pequenina que procurava a sua e sentiu uma tristeza infinita diante da oportunidade perdida.

Talvez, se Deus fosse realmente amoroso, ela tivesse uma segunda chance. Mas Penélope não costumava chorar pelos erros do passado e, ouvindo a risada alegre de Morgana que girava pelo salão nos braços de David, pensou no futuro. A vida ainda lhe reservava muitas surpresas e certamente seriam agradáveis.

Ela ergueu a taça de champanhe, brindando, a distância, o jovem casal. O futuro lhes pertencia, mas precisariam pressentir a direção da felicidade e ter forças para agarrá-la nas mãos.

— Para viver um grande amor, é preciso ter coragem... — sentenciou Penélope. As palavras saíram de seus lábios com a reverência de uma prece.

## CAPÍTULO XVII

Na tarde seguinte, dezenas de convites chegaram às mãos de Da-vid, trazidos por um laçao de lady Penélope. Ela não enviou nenhuma mensagem ao sobrinho explicando por que as pessoas tinham ficado com a impressão de que Morgana estava hospedada em casa dela.

Eram convites para almoços, jantares, bailes e recepções de gala, às quais, segundo lady Penélope, a adorável srta. Penrhys, de tradicional família de intelectuais, adoraria comparecer.

— Prefiro ser queimada em fogo lento a comparecer! — exclamou Morgana ao saber dos convites. — Qualquer tortura é menos terrível do que enfrentar essas festas intimidantes.

David sentiu-se extremamente aliviado. Sempre detestara a temporada social em Londres, que só lhe provocava um profundo tédio. Dobrando uma carta que recebera de seu banco, ele sorriu.

— A primavera realmente chegou. É um dia perfeito para irmos até Epping, fazer um piquenique.

No passado, Epping tinha sido uma reserva de caça pertencente à família real e refúgio para os moradores da cidade durante as epidemias de praga que costumavam assolar Londres. Com o correr dos anos, os antigos bosques haviam se transformado em campos arrendados a pequenos proprietários, com algumas áreas livres onde o povo relaxava das tensões e da agitação urbana.

O lugar mais popular era uma hospedaria junto a Epping Road, com mesas no amplo jardim. Os visitantes passavam horas aproveitando o calor do sol de primavera enquanto tomavam incontáveis canecas de cerveja.

Evidentemente, esse local foi evitado por David e Morgana, que preferiam encontrar um recanto isolado para ficar a sós com a natureza. Eles deixaram a carruagem na estrada, aos cuidados do cocheiro, e se embrenharam pelas trilhas estreitas, até descobrirem um lago quase oculto por imensos salgueiros, cujos galhos tocavam a água.

David colocou a toalha sobre a relva enquanto Morgana abria a cesta de piquenique. Ela se lembrou de passeios semelhantes com sua família e sentiu uma profunda nostalgia da época em que seus problemas eram simples de ser resolvidos. A cada dia que passava, tornava-se mais próximo o momento de acordar de seu sonho e mais difícil afastar a realidade que ameaçava sua vida de fantasia.

O vinho ainda estava gelado, mas David colocou a garrafa por alguns minutos nas águas do lago antes de servir Morgana. Ela tomou apenas um gole. Bastava a beleza do dia para provocar-lhe uma embriagadora sensação de felicidade. Não havia uma nuvem no céu e os raios de sol despertavam o vigor da natureza.

Ela sentou-se sobre a relva macia, as costas apoiadas no tronco de um salgueiro. Os galhos formavam uma cortina de brotos de um verde muito claro e roçavam levemente a superfície do lago. A quietude era completa e até os animais sentiam-se livres de presenças ameaçadoras. Um pequeno rebanho de carneiros pastava junto às margens, uma lebre arisca espreitava entre as moitas antes de se aproximar da água e duas magníficas garças reais recolhiam os gravetos para fazerem seu ninho.

David se deitara com a cabeça no colo de Morgana. A brisa perfumada agitava seus cabelos enquanto relaxava adormecido.

Ela não se lembrava de ter visto aquele rosto de traços perfeitos com uma expressão tão serena. David parecia mais jovem, menos distante e profundamente indefeso. Uma intensa onda de ternura a envolveu ao pensar que o homem forte e capaz de atos corajosos podia ser vulnerável. Num impulso, beijou-lhe a testa.

Suspenso entre o sonho e a consciência, David entreabriu os olhos, assustado com a sensação desconhecida que o invadira quando ainda dormia. Não era paixão, embora fosse uma emoção também intensa, nem desejo, apesar de ser familiar. Um leve roçar de lábios em sua testa, o suave perfume de lavanda e a certeza de que o mundo estava em perfeita harmonia haviam despertado um sentimento que ele não conseguia definir.

— Morgana, eu te desejo muito...

A cortina verde dos galhos os isolava do mundo e a relva macia substituiria os lençóis de cetim. Sem conter a avidez de tocar o corpo que estremecia ao seu toque, David desabotoou a blusa de Morgana, uma peça austera que mal disfarçava a forma perfeita dos seios grandes.

Morgana jamais esqueceria do abandono com que se entregara a David. Ainda não se reconciliara com a mulher de sensualidade sem freios que existia em seu íntimo. E agora reconhecia que sua coragem para desafiar as convenções não se estendia aos momentos de intimidade. Eles estavam em pleno campo, abrigados apenas pela vegetação que não os protegeria de olhares de outros casais que procuravam um recanto solitário para se entregar à paixão.

— Por favor, David... não podemos...

Incapaz de conter o desejo, ele afastou a fina cambraia e mergulhou o rosto nos seios de Morgana. Ela sentiu os lábios percorrendo sua pele e cedeu à volúpia.

Esquecendo-se de tudo, David afastou a saia, as anáguas e finalmente tocou o laço que prendia a recatada calça de algodão, longa e com babados. Ele já a possuía entre lençóis macios no aconchego de um quarto mas, inexplicavelmente, sentia que aquele ato de amor seria mais intenso.

Ele perdera a conta das mulheres que haviam passado por sua cama. Prostitutas hábeis em despertar prazeres proibidos e em provocar o delírio dos sentidos, jovens de educação puritana e de sensualidade primitiva, fascinadas com sua virilidade e com o perigo de uma ligação ilícita e cortesãs que se dedicavam ao refinamento dos prazeres físicos.

Só em Morgana a paixão e a volúpia perduravam após a satisfação dos sentidos e David, consciente apenas da violência de seus instintos, queria que a mulher em seus braços correspondesse com igual intensidade.

Finalmente as inibições de Morgana foram vencidas pelo desejo que a impelia a tocar David com avidez, buscando o delírio que já conhecia. Ao ouvi-lo gemer de excitação, ela ousou intensificar suas carícias, descobrindo os segredos do corpo masculino.

David estava prestes a perder o controle mas queria que Morgana se sentisse livre para decidir o momento da posse. Envolvida por um desejo intenso, ela o guiou para dentro de seu corpo.

Seus gemidos de prazer se mesclaram, rompendo o silêncio da natureza. David já não precisava mais conter a impetuosidade para respeitar o corpo virgem de Morgana e seus movimentos se aceleraram em busca do êxtase.

As mãos de Morgana se crisparam nos ombros de David no momento do prazer final e ela ouviu seu grito, o grito de uma mulher realizada nos braços do único homem a quem amaria.

Mais tarde, eles terminaram o vinho que ficara esquecido entre as águas frias do lago e, abraçados, acompanharam o cair da tarde. O rebanho de carneiros partira em busca de abrigo para a noite, os pássaros já estavam em seus ninhos e nuvens cobriam o sol próximo à linha do horizonte.

A brisa se transformara em um vento frio e eles retornaram à carruagem, relutantes em encerrar aquele dia especial. A noite caiu antes de chegarem à cidade e as luzes da casa em Mayfair estavam acesas, dando-lhes boas-vindas.

O vestido de Morgana tinha manchas verdes e duas ou três sar-das salpicavam seu rosto. David desabotoara a camisa e seus finos sapatos de camurça estavam sujos de barro, pois ele os enfiara no lago para colher a flor que continuava presa entre os cachos ruivos. Para Fenwith, que viera recebê-los à porta, os dois pareciam um casal de adolescentes apaixonados que se amara sobre a grama do parque.

— Teve uma tarde agradável no campo, milorde? — perguntou ele, mantendo a fisionomia impassível.

— Uma tarde perfeita — afirmou David, disfarçando um sorriso. — Só estamos precisando de muita água quente para um bom banho.

— Tomarei as providências necessárias, milorde. Seu banco lhe enviou alguns papéis, no início da tarde. Coloquei-os sobre a escrivaninha.

— Tratarei disso imediatamente.

Morgana sorriu para ele, antes de subir as escadas correndo como uma criança indisciplinada. O prazer daquelas horas mágicas ainda a mantinha em seu mundo de sonho, do qual não queria acordar. Fora um dia de paixão perfeito, um dia que permaneceria para sempre em sua mente e seria talvez a sua lembrança mais preciosa.

O sabão perfumado lavava de sua pele o aroma do sol, da grama e do amor, mas ela ainda revivia aqueles momentos únicos, recusando-se a pensar nos dias que viriam.

Os dias de ilusão estavam chegando ao fim com a velocidade das novas locomotivas a vapor que começavam a cruzar a Inglaterra. Fechando os olhos por um momento, Morgana ouviu o rumor surdo dessas máquinas assustadoras, mas logo percebeu que era o sangue correndo em suas veias. A vida e o mundo não deteriam sua marcha por mais que ela quisesse prolongar as horas de felicidade e encantamento.

Ela vestiu-se sem pressa e foi ao encontro de David, na biblioteca. O homem que a esperava, elegante e impassível, não era o mesmo que a amara sobre a relva à sombra de um salgueiro. Não era mais indefeso como o amante que repousara a cabeça em seu colo. Suas feições tinham recuperado a frieza distante. O brilho alerta de seus olhos assustou-a. Ela sentiu um impulso incontro-lável de sair daquela sala, de correr para muito longe e fugir do que fatalmente aconteceria.

— Morgana — murmurou ele com uma expressão quase sombria. — Nós precisamos...

Precisariam conversar? Ou amar? Ou decidir? Morgana não conseguia imaginar o que David pretendia lhe dizer. O som de passos apressados e vozes alteradas chegou até a biblioteca, distraindo-lhes a atenção.

Inexplicavelmente, ambos pressentiram que aquela interrupção simbolizava o fim do período de liberdade e ilusão. Em apenas uma fração de segundo, o que parecia ser eterno se rompera em mil pedaços e as palavras de David perdiam a importância diante de uma mensagem ainda ignorada.

A mensagem que provocaria a separação não poderia ser boa.

Eles viajaram na escuna de um amigo de David, chamada Lady Mary. Esse companheiro de infância, que também estivera na Criméia, não hesitara em emprestar-lhes seu magnífico iate ao receber uma nota escrita às pressas sobre o aparador do vestíbulo.

Não houvera tempo para preparativos e eles partiram com a roupa do corpo e algumas peças escolhidas rapidamente pelos criados. Morgana não se lembrava com nitidez dos momentos que se seguiram à chegada da notícia. Recordava-se apenas dos criados que corriam para tomar as providências necessárias enquanto David, aparentemente calmo, permanecia imóvel em meio à agitação geral.

Quinze mineiros haviam morrido e não se sabia o número de feridos. O mensageiro lhes dera a notícia chorando e seus olhos vermelhos retratavam a tragédia do povo de Gales. Ele era esguio, de pele clara e cabelos escuros como os antigos habitantes de Cymru, que haviam se refugiado nas montanhas após a invasão dos loiros

ingleses. Amavam a terra que fora rasgada para trazer à luz a riqueza do carvão e compreendiam a revolta das colinas e vales violados pela ganância dos homens.

A explosão dentro da mina ocorrera uma hora depois que o turno da manhã havia se iniciado. Os poucos sobreviventes que tinham conseguido chegar à superfície não sabiam dizer por que o acidente acontecera. A atmosfera dos túneis estava pesada, carregada de poeira de carvão, mas isso não era novidade. Todos previam um desastre desse tipo, porém não esperavam a tragédia.

Por que acontecera justamente nesse dia? Por que naquela mina em especial? Por que haviam sido escolhidas aquelas famílias?

As perguntas se multiplicavam sem resposta. A lua ainda não nascera, nuvens cobriam as estrelas, a noite estava escura e silenciosa. À meia-noite, o vigia do cais de Southwark anunciou a virada da maré e a tripulação do Lady Mary apressou-se em partir.

O iate afastou-se veloz e silenciosamente de Londres e a lua, enfim surgindo no horizonte, iluminava o mar sereno. Morgana continuava no convés. A natureza; o mundo e até Deus pareciam indiferentes ao sofrimento dos seres humanos. Essa injustiça a revoltava e não conteve as lágrimas de raiva.

Ela desceu as escadas e procurou o camarote onde haviam sido colocadas a sua mala e a de David. Morgana não se perturbou com o fato de partilhar com ele um quarto diminuto. Pelo contrário, queria aproveitar o pouco tempo que lhes restava para ficarem juntos.

David estava de costas, olhando através da escotilha para a silhueta da cidade que desaparecia a distância. A rigidez de seus ombros indicava tensão.

— David...

— É o meu povo... — disse ele em voz baixa —, o meu povo está morrendo...

Morgana se deteve, atônita.

— O que você está dizendo?

— Ganhei as minas de Westerley. — Ele deu uma gargalhada amarga. — Aqueles papéis que estavam na biblioteca, quando chegamos de Epping, eram os documentos legais de transferência de posse.

— Você ganhou...

Se David tivesse dito que comprara as minas, Morgana não teria se chocado tanto. Propriedades eram negociadas há séculos e as vidas dos homens e das mulheres freqüentemente também mudavam de dono. Mas ganhá-las num jogo de cartas, numa aposta circunstancial, num capricho do destino, chegava a ser obsceno!

— Não existia outra escolha — explicou David. — Westerley jamais as venderia.

Ela sabia que David estava falando a verdade. O lorde inglês dependia das minas para sobreviver e continuar financiando as extravagâncias de seu vício. Ironicamente, ele perdera o que mais prezava justamente na mesa de jogo.

— Não houve tempo de mudar nada. — Ela tocou o braço de David num gesto de conforto. — Você não tem culpa do que aconteceu.

— Eu sei.

Mas de nada adiantava esse consolo. David passara a considerar os mineiros seus dependentes no instante em que ganhara o jogo. Como acontecera com seus homens na Criméia, assumira a responsabilidade de cuidar de suas vidas. Ele já sentira o mesmo desespero após uma batalha em que perdera muitos soldados de seu regimento e era uma sensação de culpa angustiante.

— Vá descansar um pouco, Morgana. Precisarás de suas energias.

— Você também.

— Eu descansarei daqui a pouco.

Morgana acomodou-se na cama estreita, certa de que não conseguiria dormir, mas o ritmo cadenciado e dolente das ondas acabou vencendo-a. Quando ela acordou,

sem saber quantas horas depois, o camarote estava vazio. Tateando na escuridão, procurou os sapatos e os calçou antes de subir as escadas para o convés.

David estava apoiado na amurada, o olhar perdido no horizonte. A lua, surgindo momentaneamente das nuvens, iluminou seu rosto de traços fortes. Morgana pressentiu que seus pensamentos não estavam mais no iate gracioso singrando o mar com rapidez, e sim nas colinas, onde seu povo chorava a tragédia.

Ele dissera meu povo e não minhas minas. Nos tempos antigos, os chefes dos clãs tinham se comprometido da mesma forma, compreendendo que o privilégio trazia a responsabilidade. Governavam nas épocas de paz e, na guerra, ofereciam sacrifícios em seus altares primitivos. E era o sangue dos líderes que devia ser derramado para aplacar os deuses em cólera.

Um arrepio de sinistro pressentimento percorreu o corpo de Morgana. Ela tentou se controlar, convencendo-se que deixara se influenciar pela imaginação. Afinal, eles estavam no século dezenove, uma época de progresso, modernidade e racionalismo. Sacrifícios, deuses em cólera e revolta da terra violada eram idéias acalentadas num passado remoto.

— Vinte e dois homens estão mortos — relatou Sebastian. — Mas, quando reunimos os mineiros hoje de manhã, faltavam cinquenta e sete. Só pude concluir que ainda estão nas galerias, mi-lorde. É impossível saber se ainda vivem ou...

David olhou na direção da entrada da mina. Ele e Morgana haviam chegado no início da tarde e ido diretamente para o escritório do capataz, um casebre malcuidado que os lampiões iluminavam precariamente. Do lado de fora, uma multidão se aglomerara, carregando tochas que brilhavam contra o céu coberto de fumaça e poeira.

— Recebeu mais alguma informação sobre o que possa ter causado a explosão?

— Ninguém sabe de detalhes específicos. Acredita-se que tenha sido a poeira do carvão, milorde. A ventilação das galerias é extremamente precária. Era pela reforma desse sistema, entre outras, que o sr. Dawkins e seus homens lutavam.

— Encontrou Hugh Dawkins?

Sebastian balançou a cabeça num gesto de derrota. Estava com os olhos vermelhos e o rosto sujo de carvão. Viera para Glamorgan no instante em que a notícia da tragédia chegara a Gynfelin, e permanecera nas minas, tentando organizar grupos de resgate. Os funcionários de lorde Westerley, profundamente indiferentes, não tinham se preocupado em tomar nenhuma medida de urgência.

Seu alívio diante da chegada do marquês era suplantado pela suspeita de que nem mesmo David Harreil conseguiria mudar uma situação sem saída.

— Infelizmente, não o encontrei, milorde. O sr. Dawkins está entre os homens que ficaram presos nas galerias subterrâneas.

Uma exclamação de horror escapou dos lábios de Morgana.

— Oh, meu Deus. Preciso avisar a irmã dele.

— Vá com ela para Gynfelin — disse David a Sebastian, dirigindo-se depois a Morgana. — Após falar com a sra. Fergus, procure todas as mulheres com quem tem bom relacionamento e peça que a ajudem. Organize uma cozinha para alimentar o povo de Glamorgan e compre tudo no armazém da aldeia, em meu nome. Além dos mantimentos, eu precisarei de remédios, ataduras e todas as pás disponíveis nas lojas e nas casas de família. Também serão necessários mil e quinhentos metros de corda e duas carroças de pranchas de madeira, que Charles Whitcomb saberá onde encontrar.

A expressão de David não se alterou quando ele finalmente revelou seus planos.

— Avisem Whitcomb que pretendo chegar até a galeria bloqueada pela explosão. Preciso de homens para estaquear o túnel improvisado.

Sebastian empalideceu e, por uma fração de segundo, hesitou como se pretendesse dissuadir o marquês.

— Suas ordens serão cumpridas, milorde.

— David... — murmurou Morgana dando um passo na direção dele.

— Não percam tempo. Vocês têm muito trabalho a fazer. A srta. Penrhys não costumava recuar diante de nenhum obstáculo. O plano de David era perigoso demais. Nobre, sem dúvida, e também com maiores riscos do que possibilidades de sucesso. Alguém precisava dizer o que todos pensavam e, diante do silêncio geral, ela assumiria essa responsabilidade.

— Talvez já seja tarde demais. Os homens podem estar mortos.

— Então eu trarei seus corpos. Esses homens que estão soterrados são meus dependentes e não os abandonarei. É o mínimo que posso prometer a suas famílias.

O marquês de Montfort repetiu essas mesmas palavras, meia hora depois, falando para as famílias dos mineiros do alto de uma carroça à luz das tochas. Todos o escutavam em silêncio, envolvidos demais naquela tragédia para demonstrar qualquer sinal de ânimo. Mas um murmúrio percorreu a multidão quando ele lhes revelou que era o novo proprietário das minas de Westerley. E quando pediu que todos os homens capazes se reunissem à sua esquerda para começarem a cavar o túnel, a resposta foi imediata.

Todos se moveram para o lado esquerdo, até os muito jovens e os velhos demais; ninguém se considerava incapaz. A ajuda seria um modo de agradecerem à providência por terem sido poupados. As pás foram distribuídas num piscar de olhos e David os liderava em direção à entrada da mina quando um homem bloqueou o seu caminho.

Embora não fosse tão alto quanto o marquês, o homem era corpulento e de aparência belicosa. David demorou alguns segundos até perceber que o desconhecido não pretendia sair de seu caminho. A julgar pelos punhos cerrados, estava disposto a provocar uma briga.

David suspirou, desanimado. Estava exausto, angustiado pelo mesmo senso de responsabilidade e impotência que o atormentara na Criméia, e lutando para reunir todas as suas energias e organizar uma equipe de resgate que já devia ter iniciado os trabalhos há muito tempo.

Agora se deparava com um desconhecido de expressão hostil e agressiva, um arruaceiro típico tentando bloquear sua passagem. Ele ouviu a respiração alterada dos homens que o seguiam, viu seus olhares amedrontados e chegou à única conclusão possível.

Aquele homem só podia ser Farr, o capataz da mina, que nunca mais teria a chance de aterrorizar os mineiros.

O marquês poderia dar a volta e ultrapassar o brutamontes que barrava seu caminho, mas outra alternativa mostrava-se mais satisfatória. Com um sorriso bem-humorado, ele largou a pá e, quase rindo, atingiu Farr com um soco no estômago.

Durante muito tempo os homens falariam desse sorriso comentando que fora absolutamente espontâneo e natural, como se Sua Excelência, o marquês, estivesse se divertindo com a situação. Todos concordavam que o novo proprietário da mina gostava de cumprir suas obrigações... quando esse trabalho significava destruir valentões do tipo de Jack Farr.

A agressão inesperada desorientou Farr que, cambaleante, tentou se equilibrar. Ele estava acostumado a espalhar o terror, a enfrentar homens desnutridos e sem qualquer habilidade com os punhos que eram sempre vencidos por sua violência.

Agora a situação era outra. Ele descobrira a diferença que colocava alguns homens à frente de seus semelhantes e os transformava em líderes.

Farr desabou na terra negra de Gales. Largado no chão, ele viu a multidão avançar com ímpeto, indiferente à sua presença e sem se importar com sua derrota.

Os mineiros, que haviam se movido quase por instinto, agora caminhavam com determinação e entusiasmo. Estavam seguindo o homem que acompanhariam sem medo através da escuridão e do perigo, até o inferno.



## CAPÍTULO XVIII

A madrugada logo chegaria. Centenas de homens, mulheres e crianças reunidos à entrada da mina não se davam conta da garoa fina que começara a cair. Morgana serviu sopa a um menino que segurava a caneca com mãos azuladas de frio e logo correu para junto da mãe. Só então ela percebeu o quanto suas costas doíam.

Durante toda a noite, rumores haviam chegado até a cozinha improvisada. O grupo de resgate conseguira alcançar a galeria principal e o estaqueamento do túnel que abriam continuava firme. A destruição fora maior do que eles esperavam e ainda não havia sinal dos homens desaparecidos em alguma das dezenas de passagens das minas.

Morgana permanecia ao lado do fogão rudimentar, cuidando do enorme caldeirão de sopa e atenta a todas as notícias que vinham da mina. A chuva aumentara e ela tentou rezar, mas não conseguia se concentrar. Frustrada, começou a descascar uma pilha de batatas e cebolas. O resultado daquela missão de resgate demoraria a ser conhecido e, enquanto esperavam, seria preciso alimentar centenas de pessoas.

Ajoelhada ao seu lado, Wynne Fergus colocava mais lenha entre as pedras que formavam o fogão improvisado, olhando para o céu carregado, de nuvens cinzentas.

— Maldito tempo — resmungou ela.

— Poderia ser pior.

— Mas também poderia ser melhor.

Wynne levantou-se e limpou as mãos no avental já sujo da sempre presente poeira de carvão.

— Você não devia trabalhar tanto. Ainda está se recuperando e não tem forças suficientes.

— Eu estou me recuperando? — repetiu Morgana, confusa.

— Dos tumultos provocados pela greve. Soubemos que você ficaria na mansão até recuperar-se completamente do choque.

Morgana virou a cabeça, embaraçada. O calor do fogo e o vapor do caldeirão de sopa poderiam justificar o rubor de seu rosto.

— E... souberam através de quem?

— Daquele mordomo que mais parece um general e da sra. Gareth. Eles contaram para todos na aldeia. Como pode imaginar, madame Kennard ficou furiosa e começou a procurar as pessoas para insistir que você não devia mais continuar na escola. Mas o povo de Gynfelin está cansado de agüentar a conversa dessa emproada!

Então, Sebastian e a sra. Gareth tinham mentido para evitar que sua reputação fosse irremediavelmente destruída! Os dois prezavam a honestidade e, mesmo assim, haviam ido contra seus princípios para defendê-la, enquanto ela se divertia em Londres com um homem que não era seu marido. Morgana nunca se sentira tão envergonhada em toda a sua vida; só agora percebia que sua insensatez afetara a vida de duas pessoas íntegras.

— Eu... estive todo esse tempo em Londres... com David... com o marquês.

Wynne a encarou, boquiaberta. Olhou atentamente sua amiga, a professora solteirona de Gynfelin, e caiu na gargalhada.

— Deus meu! Você tem o toque! Por todos os santos e anjos, tem mesmo!

— Que toque? — Morgana ainda estava em choque diante do inesperado impulso que a levava a revelar seu segredo.

— É uma crença muito antiga da qual se fala muito pouco nos dias de hoje. Nossos avós acreditavam que certas pessoas tinham o toque mágico e lhes bastaria roçar os dedos em um metal qualquer para transformá-lo em ouro. Eu não tenho a menor dúvida de que você é uma dessas afortunadas criaturas, Morgana Penrrys! Não mudou a vida de nossas crianças, oferecendo-lhes condições de estudo muito além da imaginação

de todos nós? Não conseguiu despertar o espírito e a coragem desse povo que agora está reunido em torno da mina?

— Não tenha ilusões que só poderão decepcioná-la, Wynne. Está me atribuindo poderes que eu não possuo.

Sem tomar conhecimento das palavras de Morgana, Wynne voltou ao trabalho. As últimas horas da noite passavam lentamente e a esperança se avolumava, morria e voltava a renascer.

Só de madrugada, Morgana cedeu seu lugar na cozinha a uma das outras mulheres para descansar um pouco na tenda de lona que Wynne havia improvisado para servir de abrigo durante a chuva. Sentada sobre um caixote, ela aquecia as mãos na xícara de chá bem quente quando ouviu gritos na entrada da mina.

Junto com as outras mulheres, Morgana correu e foi a primeira a encontrar Charles Whitcomb, que acabara de sair do túnel. Seu rosto estava imundo e refletia o mesmo esgotamento físico e nervoso de todos que haviam permanecido a noite toda em vigília. Mas seu sorriso era de alívio e satisfação.

— Eles estão vivos! — gritou Whitcomb. — Conseguimos afundar o nosso túnel até bem perto e ouvimos suas vozes!

— Quantos ainda vivem? — perguntou uma voz na multidão.

— Cinquenta e sete. Foi o que o sr. Dawkins disse e é justamente o número dos homens desaparecidos, certo? Alguns estão feridos e não se sabe por quanto tempo o ar estará respirável. Pelo menos agora existe uma chance de podermos tirá-los daquele buraco.

Uma chance... nada além de uma tênue possibilidade. Os sobreviventes estavam a quase trezentos metros abaixo do chão, abrigados em uma pequena passagem entre as galerias que, por sorte, tinham conseguido alcançar logo após o desabamento. No momento, era seu santuário, mas poderia facilmente se transformar em seu túmulo. O ar estava ficando rarefeito com alarmante rapidez e poderia haver uma nova explosão que destruiria as demais galerias, bloqueando todas as saídas.

A tensão das centenas de pessoas que não haviam se afastado da mina durante uma noite infundável atingiu o limite do desespero. Apenas um pequeno grupo de homens cabia no túnel estreito que continuava sendo aberto mas com exasperante lentidão. Poucos cavavam porque não havia espaço; só alguns descarregavam a madeira para estaquear as paredes de terra. O restante tinha de ficar do lado de fora, impotente e ansioso por ajudar.

As mulheres, imóveis como estátuas, pálidas e com os filhos nos braços, esperavam para saber se haviam ficado viúvas ou órfãs.

Os mais velhos, reunidos num grupo compacto, rezavam, pedindo a Deus que lhes devolvesse seus filhos com vida.

Entre a multidão, circulava um homem baixo, de ombros curvados e uma expressão de bondade reconfortante. O reverendo Armbruster, como quase todos os habitantes de Gynfelin, viera para Glamorgan assim que recebera a notícia da tragédia. Logo ao chegar, ele permanecera afastado, sentindo dificuldades para apreender as dimensões do desastre. Sua querida Winnifred o acompanhara, afirmando a quem quisesse ouvir, que pretendia "tomar nos braços as pobres criaturas arrasadas pela calamidade".

Entretanto, quando os dois chegaram à mina, já não havia necessidade de seus serviços. A cozinha estava em pleno funcionamento, fornecendo comida e o chá essencial nos momentos de tensão, todos tinham recebido cobertores e o grupo de resgate começara a cavar o túnel há várias horas. A querida esposa do reverendo não disfarçou sua surpresa contrariada, seguida por uma crise de raiva quando avistou a jovem ruiva desdobrando-se para servir e preparar chá para a multidão.

— Eu devia ter adivinhado! — exclamara ela, rubra de cólera. — Essa vagabunda sempre se intromete em assuntos que não são da sua conta! Julga-se importante demais!

O reverendo estremeceu ao constatar o ódio refletido no olhar da esposa. Ele passara os últimos dias fazendo um exame de consciência e ficara profundamente chocado consigo mesmo.

— Francamente, Winnifred! Precisa usar uma palavra tão ofensiva para se referir à srta. Penrhys?

— Sou uma mulher honesta e recuso-me a fechar os olhos para a verdade. Eles foram vistos juntos! Madame Kennard deixou bem claro...

— Madame Kennard deixa excessivamente claro até fatos que nunca aconteceram! — Ele assustou-se com a própria ousadia mas prosseguiu: — Se quer saber minha opinião, ela fala demais e suas palavras negam qualquer noção de caridade cristã.

O reverendo jamais tivera coragem de enfrentar Winnifred e, subitamente, percebia que não era tão difícil nem impossível fazer valer seu ponto de vista. Olhou sorrindo para a jovem esguia que servia sopa a uma criança. -

— Nós somos pessoas simples e viemos até aqui apenas para ajudar, oferecendo nosso trabalho. Lembre-se de Marta, a serva do Senhor.

Winnifred abriu a boca para protestar mas não conseguiu encontrar a voz. Satisfeito com o efeito de suas palavras, o reverendo afastou-se, decidido a encontrar uma atividade útil.

Ele se juntou ao grupo que carregava água. Baldes e baldes eram transportados do poço até a entrada do túnel para impedir que os homens ficassem desidratados e para jogar no chão e nas paredes, a fim de evitar a poeira. Seu estudo nos arquivos da igreja de Gynfelin não o preparara para um trabalho tão pesado, mas o reverendo não desistiu da tarefa exaustiva. Estava fazendo tão pouco enquanto outros arriscavam a vida!

Num momento de descanso, ele avistou Owen, também ocupado em carregar os baldes até a entrada do túnel. Ao seu redor, reconheceu inúmeras fisionomias familiares, vindas de Gynfelin, e muitos desconhecidos de Glamorgan e das aldeias vizinhas. Todos trabalhavam juntos e em silêncio, numa perfeita comunhão de propósitos, durante a longa noite e a madrugada.

Grandes quantidades de madeira chegavam e eram levadas para o túnel, mais água precisava ser fornecida, mais comida preparada, mais força e energia eram gastas enquanto o sol surgia e subia no horizonte. Mas a esperança e o medo também cresciam com o passar do tempo.

O reverendo Armbruster se ergueu, estonteado de fadiga. A paisagem se movia diante de seus olhos cansados e um rumor surdo soava em seus ouvidos como se ele estivesse prestes a desmaiar.

— Acho que estou ficando velho demais — resmungou ele, secando o suor do rosto.

Então, o chão se moveu sob seus pés. Ele estendeu a mão para apoiar-se em alguém e avistou uma velha de xale negro que corria para a entrada da mina, gritando desesperadamente.

Morgana ouviu o som antes de sentir o abalo no chão. Era um rumor surdo, que vinha do centro da terra, através do túnel, e se expandiu no ar como um rugido de cólera. Ela correu sem pensar no perigo de se aproximar da mina.

Uma nuvem de pó e fumaça saía do túnel que o grupo de resgate havia cavado. O terror apossou-se de Morgana, que abriu caminho entre a multidão até alcançar a entrada.

— David!

Sua voz desesperada juntou-se às outras que também gritavam os nomes de seus filhos, pais e maridos. Todos se acotovelavam para chegar até a entrada do túnel, procurando fazer algo, ajudar de alguma forma e reverter o ato final da tragédia.

— Olhem! — gritou o reverendo Armbruster, apontando para uma coluna de fumaça que se erguia a poucos metros da entrada. — A explosão foi numa galeria secundária! — Procurou por Morgana, que se aproximou. — O que faremos agora? A explosão deve ter abalado o túnel principal e o grupo de resgate pode estar preso e sem condições de seguir adiante ou voltar. Precisamos tomar alguma providência!

Morgana hesitou, procurando entre os rostos da multidão que se voltara para ela, à espera de uma solução. Viu Charles Whit-comb, o jovem arquiteto que se esforçara para abrir o túnel e agora a fitava com um olhar de sombria desesperança. Então percebeu que homens, mulheres e crianças refletiam derrota e resignação.

A terra que tanto amavam se transformara subitamente em inimiga. Diante dessa rejeição brutal, rompiam-se todos os laços que os prendiam à realidade e todos permaneciam passivos e apáticos, pressentindo a desgraça final e sem saber como enfrentar o fim da última esperança.

Mas Morgana sabia. Em suas veias corria o sangue de incontáveis gerações de mulheres que haviam visto seus homens privados de liberdade, seus filhos condenados à servidão e seu povo derrotado porém capaz de se reerguer e lutar. Naquele instante, a sua voz refletia a revolta desafiante de todas essas vozes que o tempo não calara.

— Nós vamos cavar! Por Deus! Cavaremos com as mãos e arrancaremos os nossos homens das entranhas da terra! A mina não será seu túmulo!

Um rugido ecoou na colina como o estrondo da terra em cólera. A multidão avançou, ajoelhando-se na entrada do túnel, engasgando-se com a fumaça e a poeira. Morgana os liderava com o reverendo ao seu lado, igualmente frenético e cavando com as mãos habituadas a lidar com delicados pergaminhos.

Logo ficou evidente o efeito da explosão da galeria secundária. Uma das paredes do túnel ruíra com o abalo, bloqueando a entrada e aprisionando o grupo de resgate.

Mas o caminho seria aberto com as mãos que cavavam sem cessar, ganhando terreno centímetro a centímetro. Formou-se uma corrente humana de homens, mulheres e crianças que trabalhava freneticamente. A terra era retirada em baldes, em aventais, em tudo que pudesse conter a lama negra e letal.

Morgana terminava de encher um balde e o entregava a uma das crianças que lhe entregava um vazio. Seus lábios também se moviam sem cessar, implorando a Deus que poupasse David. Os homens tinham de estar vivos... eles tinham de chegar em tempo...

Ela enfiou a mão na terra para ganhar mais um centímetro e seus dedos não encontraram nada. Eles haviam conseguido furar a parede de terra que bloqueava a entrada do túnel! Era apenas um orifício diminuto mas fora restabelecida a ligação. Encostando o rosto no chão negro de carvão, Morgana queria ver o rosto amado ou ouvir sua voz.

— David!

Não houve nenhum som na escuridão. Nenhuma esperança.

— David!

Não era possível. Ela amava desesperadamente esse homem e teria sentido se o perdesse para sempre. Faria qualquer promessa, daria tudo em troca da vida de David. Deus não poderia lhe negar essa súplica!

Um ponto de luz penetrou na escuridão. Envolvido pelas trevas e semiconsciente, David se moveu. Ele sentia uma força irresistível puxando-o para um amplo espaço de paz e serenidade. Esse lugar irradiava uma luz muito forte, que o atraía e o chamava...

Mas aquele diminuto ponto de luz perturbava a paz que o arrastava para longe. Era muito mais fraco que a claridade irradiante e no entanto...

— David!

A voz o envolveu, prendendo-o em uma teia frágil que o impedia de ir embora em busca da paz. O espaço de luz e a perfeita felicidade ainda estavam ao seu alcance, bem perto. Se não resistisse, ele encontraria o aconchego.

Mas a voz também o chamava e prometia algo muito intenso, forte e irradiante como a luz que o atraía.

*Morgana.*

O pensamento se formou em sua mente até se apossar de sua consciência. Ele tentou respirar, sentiu-se sufocado, encheu os pulmões de ar, enquanto seus olhos permaneciam fixos no pequeno ponto de luz.

*Morgana.*

A entrada da mina foi reaberta no início da tarde e recomeçou o trabalho de resgate. Um pouco antes da noite descer, a passagem onde os sobreviventes da explosão haviam se refugiado foi finalmente alcançada.

Quatro homens haviam morrido e nesse número estava incluído Thomas Trelawney. O reverendo Armbruster permaneceu ao lado de Owen, com o braço em seus ombros frágeis enquanto o menino olhava para o pai com uma expressão de tristeza e resignação.

Os homens foram chegando, um a um, à superfície, no momento glorioso do crepúsculo. Seus rostos se voltavam para o céu que haviam acreditado nunca mais ver. Então eram envolvidos por suas famílias que, em seus abraços, lhes devolviam a sensação de realidade.

Hugh Dawkins estava entre os sobreviventes e entre o grupo silencioso que acompanhou o senhor de Montfort de volta ao lar através das colinas pela longa e estreita estrada de terra. Os homens caminhavam ao lado da carroça onde o marquês fora colocado sobre um colchão de palha.

David saíra da mina ainda consciente, mas desmaiara de dor com o primeiro solavanco da carroça na estrada esburacada. Ajoelhada ao lado dele e segurando suas mãos inertes, Morgana não tirava os olhos do rosto lívido, preocupada com a sua respiração irregular. Pelo menos ele não sentiria mais nenhuma dor durante aquela viagem interminável até Gynfelin.

Já havia escurecido quando eles ultrapassaram a aldeia, seguindo pela estrada que levava a Montfort. O grupo que conduzia o marquês já não caminhava sozinho através de campos desertos pois, homens, mulheres e crianças formavam uma muralha de corpos ao longo da estrada.

Sob o céu estrelado, brilhavam as tochas dos caminhantes que haviam vindo de Glamorgan. Os homens tiravam os chapéus, as mulheres rezavam e as crianças se agarravam às saias das mães para ver passar o marquês de Montfort. Todos diziam que ele era um senhor autêntico, como os senhores dos tempos antigos, capaz de derramar seu sangue em defesa de seu povo.

Finalmente, entraram na alameda de cascalho branco que conduzia à mansão. As portas estavam abertas e as luzes acesas das janelas iluminavam o jardim. Os criados esperavam no pórtico de entrada, menos Sebastian, que viera com seu senhor de Glamorgan e agora assumia o comando da casa.

Hugh e mais três homens carregaram a maca improvisada e subiram a escada atrás do mordomo, que lhes indicava o caminho até o quarto do marquês. David foi colocado em sua cama e soltou um gemido antes de perder novamente a consciência.

Morgana tentou controlar os soluços. Ela continuava segurando as mãos de David, que não largara nem mesmo enquanto o conduziam pela escada e pelos corredores da mansão. Sentir o calor das mãos dele era sua única certeza de que não o perdera.

Um médico de Glamorgan tinha enfaixado as costelas de David e, depois de ouvir a respiração dele, não disfarçara a preocupação.

— Um dos pulmões foi atingido e é absolutamente impossível saber se houve uma hemorragia interna. O estado dele é grave, mas não há nada que se possa fazer além de deixá-lo repousar. Agora está tudo nas mãos de Deus.

Ajoelhando-se ao lado da cama, Morgana lembrou-se da opinião depreciativa de David a respeito dos médicos e de sua habilidade para cuidar de ferimentos. Se ao menos ele recuperasse a consciência e pudesse ajudar a si mesmo!

— Nós precisamos fazer algo! — disse ela, entrando em pânico diante da imobilidade anormal de David.

— Não há nada que se possa fazer, senhorita. — Sebastian pousou a mão sobre o ombro dela num gesto de conforto. — Só nos resta esperar.

Morgana ergueu a cabeça e o encarou. Sebastian era um homem corajoso, que enfrentara crises e tragédias. No entanto, assustou-se quando viu a dor estampada nos olhos muito verdes de Morgana.

— Como você consegue aceitar a situação com tanta calma? — explodiu ela, perdendo o controle. — David pode morrer, e nós permanecemos ao seu lado sem agir! Não consigo suportar isso.

Finalmente Morgana cedeu ao desespero. Encostando a cabeça na mão de David, deu vazão às lágrimas. Ela chorou por um longo tempo até não ter mais forças sequer para soluçar.

Sebastian a fitava com profunda compaixão. Gostaria de poder tranquilizá-la, mas não existia nenhuma forma de conforto possível. David Harrell estava em um estado desesperador, oscilando entre a vida e a morte. Só a mulher de cabelos cor de fogo e temperamento indomável o mantinha preso à terra, impedindo-o de desistir da luta para ficar vivo.

Desde que a vira pela primeira vez, ele pressentira a força íntima de Morgana Penrhys. Tinha certeza de que a jovem combativa não perderia aquela batalha, salvaria seu amor.

Ele saiu do quarto sem que Morgana percebesse e retornou pouco depois com uma bacia de água, roupas limpas e um prato do delicioso e nutritivo caldo da sra. Mulroon.

Secando os olhos, Morgana conseguiu dar um sorriso. Sebastian poderia ter delegado aquela tarefa a qualquer um dos criados, a Lenore ou até mesmo a sra. Gareth. O fato de vir pessoalmente demonstrava sua profunda sensibilidade.

Ela saiu do lado apenas durante o tempo necessário para lavar o rosto e colocar as roupas limpas. Não foi possível fazer jus à bondade e ao talento culinário da sra. Mulroon. O caldo estava ótimo, mas seu estômago não aceitava qualquer alimento.

Durante a longa e interminável noite, Morgana permaneceu ao lado da cama de David. Limpou a poeira de carvão de seu rosto, afastou os cabelos que insistiam em cair sobre a testa e acalmou-o nos momentos de dor e agitação.

A voz de Morgana atravessava a barreira da dor e chegava até sua mente como um bálsamo milagroso, afastando o medo e devolvendo-lhe as forças. Então ele voltava a adormecer, segurando-lhe a mão para garantir mais algum tempo de sono repousante.

O único a dormir alguns momentos naquela longa noite foi o marquês de Montfort. Dentro e fora da mansão, todos permaneceram acordados.

Os homens, que tinham vindo de Glamorgan, com visível relutância retornaram à sua aldeia para cuidar dos feridos e confortar os que haviam perdido um ente querido. Mas a maioria dos moradores de Gynfelin não se afastou da mansão. Eles se sentaram no majestoso pátio de entrada, com os olhos voltados para uma janela no primeiro andar, o quarto do marquês de Montfort. Ficaram porque se sentiam mais seguros perto do

senhor de suas terras e porque consideravam seu direito permanecer no lugar que passara a lhes pertencer.

Existia uma reciprocidade entre o governante e os governados, um juramento não formulado em palavras que unia o protetor e os protegidos. Há muitas gerações, Gynfelin vivia sem a presença de um líder e não comprovava a verdade e a força desse elo que sempre ligara seus antepassados aos senhores da terra. Finalmente havia chegado um homem que não exigia apenas os privilégios do poder, mas também assumia as responsabilidades.

Dentro da casa, os criados andavam na ponta dos pés, murmurando em voz baixa. Todos já haviam ultrapassado os limites da simples exaustão, mas seus pensamentos se voltavam para o quarto no primeiro andar, onde um homem oscilava entre a vida e a morte.

Para a maioria dos criados, o senhor de Montfort tinha sido um desconhecido até muito recentemente. Agora a situação mudara. Como acontecia com a multidão que se postara junto à casa, eles também tinham aprendido a reconhecer o valor do marquês. Sob a luz prateada da lua, Gynfelin permanecia acordada e alerta para que a morte não chegasse enquanto dormiam e lhes roubasse seu senhor.

Finalmente a claridade rosada da aurora iluminou o horizonte. Uma brisa perfumada, vinda do oeste, agitou as cortinas e os cabelos de Morgana. Suas mãos estavam formigando, os joelhos doíam de encontro ao chão duro e, apesar do intenso desconforto, ela sentiu uma inesperada sensação de alívio e felicidade.

Ao erguer a cabeça, seus olhos se encheram de lágrimas de alegria. David a fitava com uma expressão de infinita ternura.

Ele continuava muito abatido e a barba por fazer aumentava sua palidez. O rosto magro ainda retratava a luta árdua contra a morte, mas a voz estava firme quando ele pronunciou o nome de Morgana e lhe tocou a face para enxugar as lágrimas que corriam sem cessar.

## CAPÍTULO XIX

Nem mesmo as doenças infantis tinham conseguido prender David ao leito por mais de algumas horas. Uma saúde excepcional e a energia transbordante ajudaram a apressar sua recuperação física, que foi quase milagrosa, mas também provocaram uma extrema irritação diante da inatividade forçada. A partir do momento em que as dores deixaram de atormentá-lo, permitindo-lhe sentar-se na cama, ele se transformou em um convalescente difícil, cuja expressão carregada assustava até os criados mais devotados.

Sebastian, o mais antigo e leal de todos, conhecia bem demais o seu senhor e encontrou uma saída perfeita para evitar constantes atritos. Ele simplesmente não entrava no quarto do marquês, a não ser em casos de extrema necessidade.

Sem qualquer peso na consciência, relegou à eficiente srta. Penrhys a espinhosa tarefa de cuidar de um paciente mal-humorado. Tinha plena certeza de que David estava em ótimas mãos.

Certamente David preferiria que essas mãos fossem mais gentis. Depois dos dois primeiros dias de preocupação e espera ansiosa, Morgana convenceu-se de que ele não mais estava em perigo de vida e passou a tratá-lo com a ternura autoritária de uma velha babá que se recusa a ceder aos caprichos e súbitas mudanças de humor de uma criança mimada.

— Não seja infantil — declarou ela com firmeza diante da recusa de David em almoçar. — A sra. Mulroon esmerou-se para preparar seus pratos favoritos e você não tem motivo algum para não comer.

— Eu não quero — replicou ele, desafiando-a a insistir. Morgana ignorava as tentativas de intimidação. Já descobrira que o lado autoritário desse homem, acostumado a dar ordens e não a recebê-las, apenas escondia uma grande vulnerabilidade. Também já percebera que a aparência era bem mais assustadora do que a realidade, e não pretendia ser coagida.

Ela ainda se sentia profundamente grata pelo milagre de não ter perdido David e considerava preciosos os momentos que partilhavam. Apaixonava-se um pouco mais a cada dia que passava, mas não se submeteria a suportar maus modos!

— Você me surpreende, David. Devia estar feliz por ter sobrevivido a um acidente tão grave em vez de ceder à essa constante irritação... que é absolutamente sem motivo.

— É evidente que estou muito feliz — resmungou ele. — Mas já não agüento mais ficar preso nesta maldita cama! Se ao menos você não insistisse em me considerar ainda às portas da morte e viesse me fazer companhia. Na minha opinião, a sua impertinência é que não tem absolutamente nenhum motivo!

Disfarçando um sorriso, Morgana continuou a fitar o rosto atraente de David, num momento em que as emoções se refletiam claramente em sua fisionomia sempre controlada. A cada dia que passava sua respiração ficava mais fácil e a dor nas costelas diminuía. As forças dele retornavam com surpreendente rapidez.

Muito em breve, David teria se recuperado plenamente. Muito em breve, não existiria nenhum motivo que justificasse sua permanência na mansão Montfort.

Pela primeira vez em muitos dias, Morgana se conscientizou que o momento da separação inevitável não tardaria. Ela virou o rosto, enquanto lutava para recuperar o controle. Quando se voltou, David a fitava com um olhar preocupado.

— Há algo de errado, Morgana?

— É claro que não — disfarçou ela. — Estou apenas cansada.

A expressão de David se transformou. Esquecendo-se da postura arrogante, demonstrou uma intensa preocupação e arrependimento.



— Por favor, desculpe-me, Morgana. Tenho sido imperdoavelmente egoísta, pensando apenas em mim, sem agradecer sua dedicação. Você permaneceu ao meu lado dia e noite e eu nunca lhe disse, uma única vez, que se não fosse a sua...

— Não continue, David. — Morgana calou-o tocando-lhe docemente os lábios com a ponta dos dedos. — Talvez você tenha razão e precise de alguma atividade para aliviar seu tédio. O que acha de se apoiar em mim, para ir até a janela? Poderia sentar-se e apreciar a vista.

— Não. Eu poderia ir até o jardim. — Erguendo a mão para evitar que Morgana o interrompesse, ele prosseguiu: — Acho que minha sugestão é bastante razoável, portanto, uma prova de minha vontade de cooperar. Se você tiver juízo, concordará comigo.

David conseguia esgotar a paciência de um santo!

Subitamente, Morgana decidiu usar uma tática nova. De nada adiantaria ficar discutindo com alguém que nunca cedia diante de seus argumentos. O melhor método de provar o quanto ele estava errado era concordar com a sugestão absurda.

— Está bem. Vamos até o jardim, mas não me culpe se o esforço for maior do que você imagina.

David não reclamou nenhuma vez enquanto Morgana tentava vesti-lo. Depois de alguns minutos de luta para colocar-lhe as calças, ela chegou à conclusão de que seus esforços estavam sendo deliberadamente sabotados. Não podia ser tão difícil assim ou os homens perderiam horas todas as manhãs!

Quando Morgana finalmente terminou a árdua tarefa, estava com o rosto vermelho, os cabelos em desalinho e sem a menor paciência. Se David continuasse a sorrir como se nunca tivesse se divertido tanto em toda sua vida, ela seria capaz de empurrá-lo de volta para a cama!

— Vou chamar Sebastian — declarou ela, ríspida. — Você precisará de ajuda para chegar até o jardim.

— De modo algum! — exclamou David, confiante. — Tenho certeza de que conseguirei sozinho. Precisarei apenas me apoiar um pouco em você mas...

Logo ela percebeu que a palavra "pouco" simplesmente não descrevia a situação. Ele simplesmente deixou todo o peso de seu corpo cair sobre o ombro dela, e Morgana mal conseguia manter-se em pé antes de darem o primeiro passo. David devia estar ainda mais sem forças do que imaginara ou não se apoiaria como se suas pernas mal o suportassem. Esforçou-se para cruzar o quarto, já se preparando para enfrentar o terrível obstáculo das escadas.

Eles levaram quase meia hora para chegar até o jardim. Deliciada, Morgana respirou o ar fresco. Também não saíra de casa desde o dia do acidente, há uma semana, e se esquecera do encanto único da primavera em Gales.

O céu de um azul intenso e sem nuvens contrastava com o verde vívido dos gramados e o tom mais suave das folhas, que brotavam nos galhos dos carvalhos.

Próximo à mansão havia uma fonte rodeada por bancos de mármore. Morgana aproximou-se de um deles.

— Vamos sentar — disse ela, quase sem fôlego.

— Já? — perguntou David, surpreso. — Há algo de errado com você, Morgana? Está tão pálida.

— Estou ótima — mentiu ela, tentando acalmar a respiração ofegante.

David a fitava com um sorriso misterioso. Era a imagem da saúde, o rosto corado e os olhos brilhantes.

— Teria sido imperdoável ficar preso entre quatro paredes -\*—declarou ele, olhando o jardim à sua volta. — O dia está lindo.

A beleza e a tranquilidade da tarde acabaram por influenciar Morgana. Era delicioso sentar-se ao lado de David, ouvindo o ruído melodioso da fonte e conversando

sobre banalidades como se estivessem participando de uma festa em um jardim de Londres. A paixão dolorosamente intensa dos momentos de intimidade e o horror da tragédia de Glamorgan pareciam ter acontecido há anos, já pertencendo ao passado.

E, no entanto, o sereno encanto daquela tarde também provocava uma profunda melancolia. Cada segundo junto com David a conscientizava da situação insustentável do relacionamento entre eles. A decisão de viverem momentos de paixão havia sido sua e não se arrependia de ter desafiado as convenções sociais para descobrir o amor. Morgana só não previra até onde o caminho escolhido iria conduzi-la e agora sabia que o sofrimento seria infinito.

— Olhe! — David chamou-lhe a atenção, apontando um canteiro de tulipas.

Uma lebre os espreitava entre as flores, imóvel e pronta para fugir ao menor movimento. A voz de David alertou o pequeno animal, que desapareceu com a rapidez de um raio.

Morgana sorriu. As experiências difíceis poderiam ter destruído a capacidade de David se emocionar com a natureza. Mas à sua força e coragem, somava-se uma grande sensibilidade. Como gostaria de tê-lo como companheiro de vida! Como gostaria que formassem um lar! Ele seria um pai maravilhoso...

A dor de saber que esse era um sonho impossível deixou-a transtornada. Respirando fundo, controlou-se para não cair no pranto.

Um suor frio cobriu seu rosto e, embora tentasse, ela não conseguiu reprimir um tremor.

— Você está com frio? — perguntou David, preocupado. Ele se divertira em fingir que continuava sem forças apenas para colar seu corpo ao de Morgana. Não imaginara que sua brincadeira pudesse afetá-la tanto. Sem dúvida era o responsável pela extrema palidez do rosto delicado!

Sem esperar pela resposta, David começou a tirar seu casaco, uma ação extremamente desaconselhável e dolorosa para quem quebrara algumas costelas há tão pouco tempo. Embora fosse assaltado por uma dor aguda, não se deteve.

— Pare, David! — pediu Morgana, aflita. — Vai tirar as costelas do lugar...

— Então teremos de voltar para casa.

— Não será necessário. — Ela sorriu para acalmá-lo. — O dia está lindo demais para ficarmos fechados entre quatro paredes, como você mesmo disse. E eu lhe garanto que não sinto frio.

David realmente estava sentindo necessidade de respirar o ar puro do campo, mas também precisava andar mais. Depois de uma semana na cama, seu corpo se ressentia da falta de exercício físico. Ele jamais suportara a inatividade.

— Vamos — disse ele no tom autoritário que aprendera a usar desde a infância.

Levantando-se do banco, ele estendeu a mão para Morgana. Ela permaneceu imóvel, com uma expressão de suspeita no rosto ainda pálido.

— Você ficou muito mais ágil... tão de repente...

— Não lhe disse que bastaria um pouco de exercício para recuperar minhas energias? Eu só precisava sair daquele quarto de doente.

A resposta de David não afastou as suspeitas de Morgana. Mesmo assim, aceitou o convite para acompanhá-lo no passeio pelo jardim.

Seguiram pela aléia de cascalho muito alvo, em direção a um pequeno lago orlado por salgueiros. Cisnes majestosos flutuavam na água cristalina. Ali a realidade deixava de existir e Morgana sentia-se novamente tentada a se deixar envolver pela magia. Mas não podia. Não iria mais partilhar momentos de paixão com David como em Epping...

Morgana cobriu os olhos como se o brilho radiante do sol a incomodasse. Na verdade, tentava esconder as lágrimas.

Tola! Fora muito tola! Desde o início soubera que o envolvimento entre eles seria breve, sem futuro. Aceitara um convite sedutor para viver um sonho, achando que depois poderia viver sem desejar prolongar esse sonho.

Ela sentiu o braço de David apertar-se em torno de sua cintura e não resistiu quando percebeu que seria beijada. Os lábios se tocaram, despertando todo o ardor do desejo. Morgana se entregou à carícia, libertando-se de todas as barreiras que a prendiam à realidade por um último momento de paixão.

Nenhum dos dois rompeu o silêncio enquanto retornavam sem pressa para casa, na beleza serena do crepúsculo que tingia de rubro o céu sem uma única nuvem. David estava surpreso e quase inquieto com o mutismo pouco natural de Morgana e pelo conflito de emoções que se refletiam na expressão dessa jovem que nunca aprenderia a fingir.

Entretanto, o exercício daquela tarde fora excessivo e, após a euforia inicial, David estava se sentindo esgotado. O cansaço se abatera sobre ele subitamente, conscientizando-o de que ainda não se recuperara por completo.

Seus olhos estavam praticamente se fechando quando ele se deitou na cama e, sentindo o toque suave da mão de Morgana, adormeceu.

David pressentiu que algo mudara de uma forma irremediável quando acordou na manhã seguinte. Um silêncio estranho pairava sobre a casa. Embora ele não conseguisse explicar, teve a certeza de que sua vida tomara um rumo diferente. Então viu que Morgana não estava em seu quarto...

— Onde está a srta. Penrhys? — perguntou quando Sebastian entrou em seu quarto com o café da manhã.

— Ela foi embora, milorde. Voltou para sua casa.

— E por quê?

— A srta. Penrhys não deu nenhuma explicação, milorde.

Era simplesmente espantosa a capacidade de Sebastian em expressar uma infinidade de sentimentos apenas através da palavra milorde. Homens a serviço da igreja declamavam por horas nos púlpitos sem ser tão claros em suas mensagens!

— A julgar pelo seu tom de voz, devo deduzir que esteja me culpando de alguma forma pela partida da srta. Penrhys, Sebastian?

— Não, milorde. — A expressão de Sebastian desmentia a afirmação. — Pelo menos, não o culpo diretamente. Mas, se alguém tem culpa de haver trazido a srta. Penrhys para esta casa é o senhor. Portanto, só pode ser responsável, pelo menos em parte, por sua partida.

— Apesar do seu raciocínio ser bastante tortuoso, acho que compreendo... Disse que ela voltou para a cabana?

— Na minha opinião, a srta. Penrhys está na escola. O reverendo Armbruster revelou uma surpreendente vocação para o magistério, mas certamente ficará muito aliviado com a volta dela. — Sebastian fez uma breve pausa antes de usar sua arma mais forte. — Ainda que seja temporária...

— O que está querendo dizer, Sebastian? — perguntou David com uma expressão tempestuosa.

— Apenas o que eu disse, milorde. Entretanto, não me será penoso explicar melhor esse ponto.

Na verdade, ninguém conseguiria impedir Sebastian de deixar bem clara a sua opinião. Embora o marquês estivesse ainda na mais santa ignorância, a situação de sua casa assemelhava-se a de um motim a bordo, pois a srta. Penrhys se transformara em um verdadeiro ídolo para todos.

— A srta. Penrhys tem uma inteligência e um refinamento acima do normal, além de ser bastante realista. E ela se encontra em uma situação... digamos apenas que sua

situação é muito irregular, milorde. Uma jovem tão excepcional acabará tirando conclusões próprias.

David queria negar as palavras do velho mordomo, entretanto reconhecia que seria uma atitude irracional. Embora lhe custasse admitir, suspeitava que Sebastian estivesse certo. Morgana Penrhys era uma intelectual e, apesar de adorável e meiga, tinha a determinação quase cega de uma reformista decidida a mudar o mundo. Uma mulher capaz de enfrentar um bêbado violento, de cavar com as próprias mãos a entrada de uma mina e enfrentar um marquês autoritário e arrogante não hesitaria em tirar conclusões e tomar atitudes extremas.

— Você não acha que... — David lançou um olhar de apelo a Sebastian — ela seria capaz de ir embora de vez, não é?

— As palavras são suas, milorde — respondeu Sebastian, implacável.

— Por Deus! Ela é capaz de tudo!

Aquela feiticeira de cabelos cor de fogo não hesitaria em partir sem sequer se despedir dele. Desapareceria de sua vida tão repentina e misteriosamente quanto surgira.

Surpreso com sua própria calma, David conseguiu devolver a bandeja a Sebastian sem derrubar nada. Mas essa foi sua última atitude controlada. Levantando-se bruscamente da cama, começou a puxar as bandagens que cobriam seu peito.

— Ajude-me a tirar essas malditas ataduras! — ordenou, já vestindo as calças. — Onde estão minhas botas?

— Estão aqui, milorde — disse Sebastian, entregando-as ao marquês. — Vista-as enquanto vou buscar uma tesoura para cortar as bandagens.

— E aproveite para mandar alguém selar meu cavalo.

— Cavalo, milorde? Não acha mais aconselhável usar a carruagem?

— O cavalo, Sebastian! E imediatamente, entendeu? Já perdi tempo demais!

— Não concordo, milorde. — O velho mordomo deu um sorriso afetuoso. — Afinal, estive muito perto da morte e, nessas ocasiões, não é possível tomar decisões. Mas agora que está praticamente recuperado...

— Mais tarde pode me passar quantos sermões desejar, Sebastian. Agora, por favor, se apresse!

— Às suas ordens, milorde.

Aquelas palavras retratavam com perfeição o tipo de atitude que as pessoas tinham em relação a ele. Seus desejos sempre foram respeitados e obedecidos por todos, sem exceção. Até Sebastian, que gozava das liberdades de um criado a seu serviço desde a mais tenra infância, sabia se calar e cumprir suas ordens no momento certo.

Mas Morgana não se encaixava nos padrões aos quais ele se acostumara. A jovem impetuosa não tinha a menor noção da palavra obediência e não hesitava em enfrentá-lo, sem recuar diante de desafios e provocações. Esse seu jeito de ser sempre o enfurecera mas, para sua surpresa, só podia pensar na terrível possibilidade de perdê-la. Sem sua adorável professora, a vida não mereceria ser vivida!

No dia da explosão da mina, David fora movido pela necessidade urgente de salvar as vidas de outros homens. Agora estava lutando pela própria sobrevivência!

O imponente garanhão negro já estava preparado e à sua espera quando ele chegou ao pátio de entrada. Um cavaliço correu para ajudá-lo a montar.

David não tomou conhecimento do criado que estava em seu caminho nem da dor intensa nas costelas e saltou para cima do cavalo.

Sebastian permaneceu junto ao pórtico, observando o galope do magnífico garanhão que se afastava com a velocidade do vento. Ele evocou a lembrança de um garotinho sem amor que, ao crescer, se transformara em um homem duro e solitário. Então apagou essa imagem da mente para sempre. Com um sorriso de felicidade nos lábios, entrou na mansão dos Montfort.

## CAPÍTULO XX

Um profundo silêncio envolvia a escola. A aula terminara e as crianças haviam partido, acompanhadas pelo bondoso reverendo. Os únicos sons eram o tique-taque do novo relógio de parede e os passos de Morgana, andando pela sala.

Arrumando mais uma fileira de livros na estante reluzente, ela acariciou as lombadas e releu os títulos. Como seria fascinante estar presente quando as crianças descobrissem as maravilhas de todas aquelas obras-primas que ainda não tinham sido abertas!

A lousa ainda estava coberta com a letra do reverendo e ela foi buscar um balde de água no velho poço ao lado da porta. Depois de lavar até o último traço de giz, começou a varrer a sala. Estava determinada a deixar a escola impecavelmente limpa e em ordem antes de ir embora.

Sem controlar as lágrimas, ela olhou ao redor e sentiu uma tristeza dilacerante. No fundo, censurava-se por ser tão sentimental. O que mais poderia ter esperado? Envolver-se com um homem de irresistível sedução como David Harrell, acreditando que não iria sofrer era o cúmulo da insensatez! No momento em que seus caminhos haviam se cruzado, o mundo de Morgana se transformara irremediavelmente e nunca mais seria o mesmo.

Ela precisava partir. O desespero que sentira quando David ficara soterrado na mina voltou a envolvê-la. Naquele dia, teria dado sua própria vida para salvá-lo. Deus fora misericordioso e poupou a ambos. Entretanto, nem mesmo o poder divino poderia evitar que ela não pagasse o preço de sua loucura.

O amor, o mais sublime de todos os sentimentos, não merecia ser rotulado de loucura, mas sempre tinha um preço e nada nem ninguém a salvaria do sofrimento. Ela teria de pagar agora e no momento da inevitável partida.

As lágrimas corriam pelo rosto de Morgana, que continuava a varrer a sala. Sempre se esforçara para ensinar seus alunos a não terem medo, a enfrentarem a realidade, e chegara a hora de pôr em prática as próprias lições. Mas o seu mundo se transformaria em um deserto hostil, povoado por sombras. Lembranças dos momentos felizes não seriam suficientes para preencher o interminável futuro à sua frente. Fosse como fosse, ela teria de se conformar.

A instintiva capacidade de sobrevivência a forçou a tomar atitudes práticas para não ceder ao desespero inútil. Ela terminaria de limpar a escola e voltaria para a cabana, a fim de fazer as malas. Poderia ficar na casa de sua irmã casada, em Abergavenny, enquanto readquiriria equilíbrio emocional para decidir um novo rumo para sua vida.

Havia a possibilidade de se candidatar a um cargo de professora em uma das colônias do império britânico, como a Índia ou a Austrália. Milhares de quilômetros de distância não diminuiriam seu sofrimento mas, ao menos, lhe dariam a sensação de que sua vida podia recomeçar. Ela sempre evitara fugir da realidade recorrendo à ilusão mas, às vezes, só restava esse recurso para não preferir a morte.

Finalmente, Morgana guardou a vassoura, depois de ter varrido a sala mais de uma vez. Sua mesa estava limpa e sem papéis nas gavetas, os livros arrumados nas estantes. Pela janela por onde entrava a brisa perfumada da primavera, avistava-se o local da nova escola que serviria a gerações de crianças de Gynfelin. Seu sonho se transformaria em realidade, mas ela nunca daria aulas nas salas arejadas e claras nem veria o sorriso de felicidade de seus alunos.

Ainda restava um livro fora de alinhamento em uma das pilhas junto à parede. Morgana o folheou, reencontrando a profunda melancolia dos poemas de Milton. Era uma obra-prima e as crianças precisavam conhecê-lo, embora nunca apreciasse a tristeza

resignada desse autor clássico. Estava recolocando-o no lugar quando um som perturbou o silêncio absoluto da escola.

A porta se abriu, deixando entrar o cheiro agreste dos campos e ela avistou nuvens cinzentas no céu. Fora da escola, a natureza se preparava para uma tormenta. Dentro da sala, já não havia mais serenidade.

— Vi que havia alguém na sala de aula e tive certeza absoluta de que era você.

A voz e a expressão de madame Kennard refletiam uma profunda desaprovação. Ela ergueu a barra da saia como se desejasse evitar um contato desagradável e fitou Morgana com um olhar maldoso.

— A sua presença na escola significa que você finalmente se lembrou de cumprir seus deveres? Ou esperava que o nosso querido amigo, o reverendo Armbruster, fosse assumir as suas funções até algum dia impreciso no futuro?

— Eu não esperava nada — disse Morgana, sem elevar a voz.

Ela não encontrara madame Kennard desde o dia da festa da primavera, e certamente poderia passar o resto da vida sem vê-la, mas não se surpreendia com aquela visita. Pelo contrário, a súbita aparição era mais um sinal de que sua estadia em Gynfelin chegava ao fim. Completava-se um ciclo.

— O reverendo foi muito amável e compreensivo — prosseguiu Morgana, mantendo a dignidade. — Como deve saber, foram dias muito difíceis...

— Sei muito mais do que pode imaginar ou gostar, professora Penrhys. — Rosalind Kennard fitava Morgana com um olhar de profundo desprezo. — Pensa que conseguiu iludir a todos em Gynfelin, induzindo-os a cobri-la de elogios, mas engana-se. Um pequeno grupo formado pelas pessoas que realmente contam, não se deixou envolver por seu fingimento.

Desanimada, Morgana disfarçou um suspiro de resignação. As palavras ofensivas de madame Kennard deviam despertar sua raiva, mas estava cansada de lutas desnecessárias. Além disso, os problemas que haviam surgido em sua vida nos últimos dias tornavam a intromissão de uma megera ferina em um fato insignificante e sem a menor importância.

— Sinto muito se algum de meus atos a irritou. — Deu um passo em direção a porta. — Agora, desculpe-me, mas preciso ir...

— Como ousa me tratar com tanta arrogância? — Rosalind

Kennard colocou-se diante da porta, bloqueando a saída de Morgana. — Ainda não terminei de falar e não lhe dei licença para se retirar, srta. Penrhys! Julga que o fato de ter ocupado a cama de um nobre a coloca em uma situação de destaque, acima de todos nós? Pois está redondamente enganada. Garanto-lhe que os privilégios obtidos através do pecado e da vergonha terão a brevidade do interesse do marquês por uma professorinha simplória! Quando ele se cansar de prazeres libertinos, o que não tardará a acontecer, você ficará sem nada. Ouviu bem o que eu disse? Sem nada!

Morgana lutou para não perder o controle. Embora sua vontade fosse ignorar a violência ferina da acusação de madame Kennard, não era possível fugir da realidade. Aquelas palavras tinham um fundo de verdade profundamente penoso para ela.

— Com licença... — murmurou Morgana, colocando a mão sobre a maçaneta da porta.

Com um grito de raiva, madame Kennard não se conteve e agarrou o braço de Morgana.

— Vagabunda!

Morgana estava preparada para enfrentar as palavras duras, acusações injustas e insinuações venenosas que constituíam as armas habituais de mulheres do tipo de madame Kennard, mas não previra um contato físico. Pessoas com aspirações a um comportamento semelhante ao da aristocracia evitavam tocar, até com a ponta dos

dedos, qualquer representante das classes sociais inferiores, como se uma mancha indelével de pobreza pudesse maculá-los para sempre.

Mas considerações tão abstratas estavam além da capacidade de madame Kennard. Seus olhos refletiam um ódio mortal e suas mãos apertavam o braço de Morgana com uma violência crescente.

— Você não passa de uma hipócrita, uma prostituta! Divertiu-se contando ao marquês sobre a falta de dinheiro de sua preciosa escola? Divertiu-se dirigindo a cólera do senhor de Montfort sobre a cabeça de meu marido? Pois agora chegou a hora de pagar, vagabunda! Será expulsa de Gynfelin, coberta de vergonha. Moverei céus e terra a fim de enviá-la para o inferno. Nenhuma aldeia de Gales a contratará como professora e só lhe restará retornar para o lugar de onde nunca deveria ter saído... a sarjeta, vendendo seu corpo infame nas calçadas de algum bairro sórdido!

— Chega! — explodiu Morgana, perdendo finalmente a paciência.

Ela decidira ignorar os insultos de madame Kennard porque não os considerava importantes. No entanto, havia um limite de aceitação até mesmo no estado de apatia emocional em que se encontrava. Morgana conseguiu soltar seu braço e encarou sua adversária, novamente combativa.

— Você e seu ganancioso marido roubaram as crianças de Gynfelin por muitos anos. Vocês os privaram de uma educação à qual tinham direito. Cometeram esse crime imperdoável contra a infância e a juventude desta aldeia por egoísmo e por desejarem viver com o luxo pretensioso de quem almeja pertencer a uma aristocracia muito além de suas possibilidades. Se alguma de nós vai para o inferno, garanto-lhe que não serei eu!

Morgana teve a profunda satisfação de ver o rosto rubro de cólera perder a cor e adquirir uma tonalidade quase esverdeada. Madame Kennard recuou, chocada com a violência da reação da professora que jamais deveria ter ousado responder às suas acusações. Estava acostumada a ser a agressora não a agredida mas, embora as palavras fossem ofensivamente verdadeiras, não conseguiriam impedi-la de prosseguir.

Rosalind Kennard ainda não dera vazão à toda raiva nem esgotara sua capacidade de luta.

— Víbora! Desencaminhadora de menores! Tremo ao pensar que durante tanto tempo tenhamos aceitado em nosso meio uma mulher como você, indecente, sem moral, incapaz de sentir vergonha!

— Eu jamais me rebaixaria a falar sobre decência com uma pessoa que ignora o significado dessa palavra. Quanto a vergonha, não tenho do que me envergonhar. Não cometi nenhum ato imoral ou condenável. — Deixando de lado a prudência, Morgana prosseguiu: — Não existe desonra ou culpa em amar um homem digno e honrado como eu amei. Você e as megeras que a rodeiam nunca conseguirão me convencer de que cometi um pecado por amar demais.

Completamente concentradas na discussão, nem Morgana nem Rosalind Kennard notaram o magnífico cavalo negro que parara à frente da escola ou ouviram seu resfolegar provocado por um galope desenfreado. Também não perceberam a aproximação do homem de trajes escuros que saltou da sela e caminhou resolutamente em direção à porta da sala de aula.

Mas ele não poderia ignorar o confronto das duas mulheres. Embora reconhecesse a infâmia de escutar conversas alheias às escondidas, permaneceu imóvel, ouvindo a última parte da discussão. Se David tivesse chegado um minuto antes, não teria sido capaz de controlar a raiva diante das ofensas de madame Kennard.

O marquês de Montfort, que jamais se rebaixaria a ouvir conversas atrás da porta, não resistiu à felicidade de saber que Morgana não se envergonhava de seus atos e não se considerava culpada por ter amado demais. Então ela o considerava um homem digno e honrado?

De qualquer forma, não seria prudente permitir que a discussão acalorada prosseguisse. Ele encerrou-a apenas entrando na sala de aula, sem pronunciar uma só palavra.

Madame Kennard empalideceu. Morgana corou.

— Você... — murmurou ela, atônita. — O que está fazendo aqui?

David sorriu, encantado com a beleza de Morgana. Ela certamente ficava ainda mais fascinante quando se encolerizava!

— Perdi algo que me pertencia — disse ele, com enganadora suavidade. — Algo importante que eu precisava recuperar.

O rubor de Morgana se intensificou e ela teve a vertiginosa sensação de que o mundo acelerara seu ritmo e tudo escapava de seu controle. David teria ouvido suas palavras sobre amar demais? Sim. Sem dúvida ele chegara em tempo de escutar suas últimas palavras pois o brilho de vitória nos olhos cinzentos era uma prova incontestável!

Morgana estremeceu, dividida entre o desespero e a raiva. Nunca se sentira tão exposta e vulnerável. Maldito David!

E maldita megera Kennard!

— Esta escola ainda é minha responsabilidade e meu território — declarou ela, enfrentando Rosalind Kennard. — Ainda tenho direito de decidir quem pode ou não entrar em minha sala de aula. Peço-lhe que se retire, madame.

Rosalind Kennard não conseguia acreditar no que ouvira. Queria continuar defendendo sua posição mas, inacreditavelmente, perdera a voz. Seu bom senso, apesar de reduzido, a alertava a desistir ou se arrependeria pelo resto da vida. Enfrentar o marquês seria fatal mas, para sua surpresa, estava com medo daquela professora que não recuava diante de uma luta.

Subitamente, Rosalind Kennard -percebia uma força assustadora em Morgana Penrhys. Não saberia definir de onde vinha o poder daquela jovem, mas reconhecia seu pavor, uma sensação primitiva de pânico.

Pela primeira vez na vida, madame Kennard retirou-se do campo de batalha antes do final da guerra. Tropeçando no degrau da porta, ela correu para a carruagem sem olhar para trás.

— Que mulher insuportável! — resmungou Morgana, dando as costas a David para arrumar os últimos livros na estante. Talvez ele entendesse suas palavras e também a deixasse em paz.

Seria mais provável esperar que o sol não mais nascesse após o fim da noite!

David não tomou conhecimento das palavras de Morgana. Segurando-a com delicadeza pelos ombros, forçou-a a virar-se para ele.

— Você está com problemas sérios, Morgana.

Ele falava com tanta calma que Morgana o fitou, perplexa. A presença dominadora de David e seu olhar carregado não combinavam com a tranquilidade de sua voz.

— Por que foi embora de Montfort sem se despedir nem falar comigo?

Entre as incontáveis virtudes de Morgana Penrhys sempre faltara uma das mais importantes, a prudência. E, naquele momento, ela esqueceu-se também do instinto de auto-preservação e o encarou com fúria.

— Não lhe devo satisfações. O que faço é da minha conta e de mais ninguém!

A expressão de David refletia sua luta para manter o controle.

Seus olhos frios percorreram Morgana da cabeça aos pés. Ela se conscientizou de sua aparência desalinhada. Seu vestido estava coberto de poeira, os cabelos na costureira desordem de cachos que não permaneciam presos em penteado algum. Até seu rosto tinha manchas de sujeira.

— Peço-lhe desculpas pela cena que presenciou — disse, esforçando-se para manter a dignidade. — Agora devo ir porque eu estava saindo quando você chegou...



David retirou as mãos dos ombros de Morgana mas não saiu do lugar. Alto e poderoso, ele permanecia imóvel, como o sombrio senhor de todos os vales e colinas de Gynfelin diante de um súdito que lhe deve explicações. Seus olhos ainda deixavam transparecer o impacto causado pela proximidade da morte mas também brilhavam com a lembrança da vida representada pela mulher que lhe despertara uma paixão intensa.

O senhor de Montfort viera reclamar o que lhe pertencia.

Morgana empalideceu tão subitamente que David tomou-a nos braços.

— O que houve? Está se sentindo bem?

— Não houve nada — declarou ela, angustiada.

O olhar implacável de David anulava todas as suas defesas e, mais uma vez, Morgana sentiu-se desarmada. Como sempre acontecera em sua vida, só lhe restava a honestidade e ela revelou o desespero que a atormentara durante sete longos dias.

— Tive tanto medo que você morresse.

Depois de um longo silêncio, David teve uma reação que Morgana jamais poderia prever. Ele piscou algumas vezes... e um brilho de lágrimas cintilou em seus olhos prateados.

— Eu também tive medo, Morgana, mas não perdi essa batalha. Descobri que precisava vencer porque tinha um motivo precioso para viver.

Ela não acreditava em seus próprios olhos. O rosto que tanto amava refletia emoções que não podiam ser verdadeiras. No entanto...

Inconsciente de seu próprio movimento, Morgana tocou, com a ponta dos dedos, a boca que a inebriava com carícias delirantes. Os lábios se entreabriram, beijando a mão frágil com uma ternura infinita.

— Oh... eu não devia...

O riso de David espalhou-se no ar. Morgana também riu, contagiada pela alegria fugaz do momento. Seus cabelos de um rubro cintilante envolviam a mão que lhe tocava o rosto e os olhos, de um verde profundo como o mar nas costas de Cymru, brilhavam de felicidade.

O desejo de David se avolumou diante da vibração daquela mulher que o fascinava com sua personalidade mutante. Não queria viver apenas a paixão que ela despertava. Precisava também da alma de uma pureza singular, do riso espontâneo e sem artifícios e da alma idealista e rebelde.

— Morgana... — murmurou ele, novamente sério. Chegara o momento da verdade. Em sua vida nunca houvera amor, carinho ou afeição e os acontecimentos sempre o tinham impedido de criar raízes. Até encontrar essa mulher que simbolizava a realidade e o impelia a enfrentar a vida e a lutar pela felicidade.

— Precisamos conversar, Morgana.

— Sobre o quê?

Ela realmente não queria falar sobre nada que ameaçasse aqueles instantes de felicidade plena. Palavras só trariam de volta problemas insolúveis.

Mas David sorriu como se soubesse exatamente o que Morgana pensava.

— Lembra-se de minhas boas intenções?

— O quê? Claro que sim mas...

— Achou que eu simplesmente tivesse me esquecido de algo tão importante?

— Não achei nada, não pensei sobre isso.

A perplexidade de Morgana aumentava. Sobre o que David estaria falando? Ela realmente não esperava uma menção às suas boas intenções!

— Era o que eu temia — murmurou ele, tentando inutilmente disfarçar uma crescente inquietação.

— Você temia?

— É apenas um modo de falar. Não sinto receio de nada. O tom de voz de David negava sua afirmação e Morgana subitamente também sentiu medo.

— David, sobre o que exatamente você está falando? — Assustada com o silêncio dele, Morgana insistiu: — Por que disse que precisamos conversar? É evidente que se trata de algo sério, mas eu não consigo atinar com o motivo de sua preocupação.

— Você achou que eu estava mentindo quando lhe falei sobre minhas boas intenções.

— Não pensei que fosse uma mentira deliberada — declarou Morgana ainda mais perplexa com o rumo da conversa.

Onde David pretendia chegar?

— Mas acreditou que fosse apenas conversa fiada, imaginou que eu estivesse dizendo o que você queria ouvir com o intuito de seduzi-la mais facilmente. Confesse! Não foi o que pensou?

David já não disfarçava a raiva e Morgana não se preocupou com a possibilidade de enfurecê-lo ainda mais. Surpresa, admitiu que nunca poderia sentir medo dele. Erguendo o queixo, fitou-o sem desviar os olhos.

— Sim. Foi exatamente isso que pensei.

— Eu agradeço a sua confiança em minha honestidade! — esbravejou ele, prestes a perder o controle. — Acreditou que eu fosse um homem de péssimo caráter!

— Se acreditasse que você era um canalha, não o teria acompanhado a Londres, David — salientou ela, com a costumeira sensatez.

— Entretanto, não julgou que eu estivesse falando a verdade, certo?

— Eu simplesmente não sabia sobre o que você estava falando. O que realmente significam "boas intenções"? Jurou que nunca me magoaria e cumpriu sua promessa.

Morgana jamais culparia David pela dor que sentia. Sempre soubera da impossibilidade de amar um homem inacessível. Se perdera o coração, tinha que assumir essa responsabilidade.

A expressão de David se suavizou. Aquela mulher rara esperava tão pouco quando tinha o direito de exigir tudo. A vida a ensinara a não alimentar grandes expectativas e ela não se revoltava com a realidade. Simplesmente prosseguia com sua vida, traçando seu próprio caminho, vendo apenas o lado bom dos acontecimentos.

Nesse momento, David se conscientizou do quanto Morgana Penrhys era independente. Sentiu a primeira e inquietante dúvida. E se sua oferta fosse recusada? Prestes a entrar em pânico, forçou-se a ignorar essa possibilidade.

— Eu também lhe disse que o ato do amor era sublime, mas as conseqüências podiam ser penosas. Chegou a pensar sobre esse assunto?

Na verdade, Morgana preferira deixar de lado a realidade durante seus momentos de sonho. Agora, contudo, era tempo de pensar nos resultados de um romance apaixonado e sem futuro. A única conseqüência realmente importante era a possibilidade de uma gravidez. Os olhos dela brilharam ao pensar que talvez estivesse esperando um filho de David.

Se essa possibilidade deveria provocar pânico em uma professora solteirona, em Morgana despertou uma reação de intensa felicidade. David viu a emoção que transformava o rosto delicado e percebeu a suave oscilação do corpo sensual, maduro para a paixão e para a maternidade.

— Querida... — murmurou ele, tomando-a nos braços.

O corpo que se amoldava ao seu logo se transformaria, adquirindo os contornos gloriosos da mulher que carrega em seu ventre o filho do homem amado. Morgana era uma mulher maravilhosa, uma amante ardente e insaciável, e possuía qualidades para ser uma mãe perfeita. E lhe pertenceria para sempre.

— Quando um homem fala de suas boas intenções — explicou ele, como se fosse um professor diante de um aluno pouco aplicado —, geralmente está se referindo a casamento.

Os olhos verdes de Morgana agora refletiam a fúria de uma tempestade sobre o mar. Com gestos bruscos, ela o empurrou, tentando soltar-se dos braços que a prendiam.

— Solte-me!

Tomado de surpresa, David quase a deixou escapar. Mas o instinto guerreiro dos Montfort veio à tona com a costumeira rapidez e ele a prendeu com mais força entre os braços.

— Por que essa reação absurda?

Recuando para fugir do contato de seus corpos, ela o fitou transtornada.

— Talvez você se divirta com esse tipo de brincadeira, mas eu não acho a menor graça! Agora, solte-me!

Disposta a enfatizar seu ponto de vista sobre aquela situação cruel, Morgana pisou no pé de David, ao mesmo tempo tentando passar por baixo dos braços dele.

David era um lutador de reflexos rápidos. Esquecendo-se da dor, ergueu Morgana do chão. Mantendo-a presa de encontro ao peito, começou a caminhar para fora da sala de aula.

— O que está fazendo? Ponha-me no chão! — exigiu ela, sem controlar a raiva.

— Não pode me forçar... não pode...

— Fique quieta. Você está perturbando a paz dos vizinhos. Morgana pouco se importava com os vizinhos. Que seus gritos alcançassem as colinas de Glamorgan! Se aquele prepotente autoritário julgava que podia... Debatendo-se sem parar, ela tentou acertar-lhe um tapa, mas David desviou-se do golpe, sem se deter.

— Comporte-se, Morgana. Você foi avisada. Não adianta fingir que está surpresa.

— Surpresa com o quê? Como pode ser tão cruel? É claro que estou furiosa com uma brincadeira tão idiota!

David suspirou com a resignação dos homens incompreendidos pelas mulheres.

— Não existe crueldade alguma e não se trata de uma brincadeira — ele falava com uma calma deliberadamente exagerada. — Eu pretendo me casar com você e não a teria levado para minha cama se não me sentisse seguro de minhas intenções. Também não a estaria arrastando para o mesmo lugar agora se não julgasse necessário convencê-la a acreditar em mim!

Aquela explicação teve o insólito efeito de provocar o silêncio de Morgana que não mais abriu a boca durante o percurso até sua casa. Depois de trancar a porta, David colocou-a no chão, soltando-a com receio. Mas ela já não sentia mais raiva, apenas uma profunda angústia.

— Por que você está agindo dessa forma, David?

Essa pergunta, feita por qualquer outra mulher, poderia significar insegurança ou falta de auto-estima. No caso de Morgana, era diferente. Ela simplesmente sentia necessidade de compreender uma realidade inaceitável. Em seu universo, aprendera a reconhecer um abismo intransponível entre as classe sociais, a desconfiar de qualquer forma de poder e autoridade e a acreditar que marqueses jamais se casam com professoras.

Ao perceber que Morgana se acalmara, David começou a tirar a camisa. Vira a banheira de madeira junto ao fogão a lenha e os dois estavam precisando de um banho. Suas costelas doíam e talvez ela as massageasse antes de irem para a cama. Só precisava convencê-la a aceitar as duas atividades de uma intimidade pouco condizente com a situação do momento.

— Você não teria a coragem de negar que nós dois nos completamos muito bem

— disse ele, rindo da expressão obstinada de Morgana.

Ela não respondeu, perturbada demais com David que se despia à sua frente e com a súbita alteração da sua realidade. Era desculpável viver alguns dias de ilusão e magia, mas a vida exigia compromissos sérios também com a sociedade.

— Por favor, David — murmurou ela, recuando para junto da parede mas sem desviar o olhar. — Você não pode se casar comigo.

David parou no meio da sala, soltando o botão da calça.

— Não mesmo?

— É claro que não. Nós somos muito diferentes, viemos de mundos distantes e irreconciliáveis. Temos aspirações fundamentalmente opostas. Compreenda, existe um abismo entre nós. Você precisa de uma mulher que se encaixe em sua vida, uma esposa que seja uma anfitriã perfeita... um bibelô para enfeitar sua mansão. Eu só lhe traria problemas.

O silêncio se prolongou por tanto tempo que Morgana se inquietou. Levantando a cabeça, voltou a encarar David e o que viu não diminuiu suas preocupações. Ele a fitava com uma expressão de completa incredulidade.

— Você é uma tola, Morgana Penrhys! Uma doce, bela e adorada tolinha, com a cabeça repleta de teorias e absolutamente nenhuma noção dos sentimentos de um homem. Acredita mesmo no que acabou de dizer? Acha que, depois de provar a paixão devastadora de nosso envolvimento, eu hesitaria em usar de todos os artifícios para prendê-la ao meu lado?

David balançou a cabeça, ainda sem disfarçar sua perplexidade.

— Admito que você tem uma parcela de razão. Acertou plenamente ao dizer que só me traria problemas. Mas estou começando a me acostumar e até a gostar de ver minha vida convulsionada pelas situações mais estranhas e inesperadas! Não pode me pedir que volte de boa vontade para uma existência en-tediante e aceite a monotonia da ordem. Como eu sobreviveria sem garotinhos oprimidos para salvar, sem injustiças sociais para corrigir e sem assustar com minha carranca as megeras fofoqueiras? Ora... o que eu faria sem você, amor?

Morgana ia responder quando David ergueu a mão impedindo-a de falar.

— Chega de conversa, Morgana querida. Nós já constatamos que as palavras só dificultam nosso relacionamento e criam barreiras à nossa compreensão. Existem meios muito mais agradáveis para nos compreendermos. -

Com um gesto repleto de ternura, David começou a desabotoar o vestido de Morgana. Ela estremeceu, incapaz de disfarçar o desejo que a envolvia, afastando como sempre o mundo e a realidade que talvez não fosse mais ameaçadora.

Pela primeira vez desde o dia em que havia embarcado no Lady Mary, deixando Londres para trás, Morgana acreditou que o sonho era possível e a magia poderia se transformar em realidade.

— Esqueça-se de tudo, amor. Diga apenas que me ama — murmurou David, soltando o laço de cetim que prendia o corpete de cambraia.

Ela reconheceu a derrota. O arrogante e terno David Harrell novamente conseguia subjugar-lá.

— Você disse um dia que eu era uma feiticeira como a minha ancestral com mesmo nome. Mas, na verdade, qual de nós é o verdadeiro mágico que transforma sonhos em realidade?

— Talvez nós dois sejamos capazes de criar encantamentos, querida. Então, você me ama?

— Sim, David. Deus me ajude porque eu te amo demais. Ele prendeu as mãos de Morgana entre as suas e buscou os olhos verdes como o mar.

— Case-se comigo, Morgana de Gales, feiticeira de minha vida.

— Bem... — ela respirou fundo antes de dizer as palavras que mudariam sua vida para sempre:

— Eu não poderia negar um pedido tão importante ao senhor de Gynfelin.

David a tomou nos braços para juntos iniciarem uma longa e feliz jornada rumo ao futuro. A feiticeira dos cabelos de fogo, a filha orgulhosa da antiga Cymru, seria sua para sempre.

